

Acadêmicas Biografias

Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul



A Academia compõe-se de 40 membros titulares, de um número máximo de 20 membros jubilados, de igual número de sócias efetivas, de um número não limitado de sócias correspondentes, além de sócias/as beneméritas e honorárias.

Art.5º. Titulares são as Acadêmicas vitalícias, ocupantes de uma cadeira que tem como patrona uma escritora da literatura sul-rio-grandense ou nacional, a quem cabe pagar uma contribuição anual, fixada pela Diretoria, com direito de votar e ser votada para os cargos diretivos.

Delfina Benigna da Cunha

Cadeira Nº 01

Patrona



Nossa homenageada desempenhou um grande papel social. Iniciava sua carreira artística apropriando-se de um limitado conjunto de recursos. No entanto, fez de sua capacidade intelectual o seu escudo para vencer as barreiras dos campos de conflitos interiores.

Delfina, que não tinha maiores pendores para as lides domésticas, alfabetizou-se na forma possível às suas contingências e com 12 anos, em 1803, declamava seus versos, demonstrando seu talento, ao invés de portar-se como uma condenada em cativeiro, sem ter cometido delito algum. Dessa forma, também contribuiu para a profissionalização da mulher, que, embora

dependente, mostrava um pendor que foi desenvolvido.

Nela percebemos já uma qualificação da mulher para o trabalho, apresentando-se como pessoa capacitada, autêntica, vocacionada e redimensionada para a vida evolutiva em sociedade.

Nestes termos, Delfina Benigna da Cunha foi e será sempre um divisor de águas entre as mulheres capazes e as incapazes, as conscientes e as inconscientes, as autônomas e as dependentes, as produtivas e as consumistas de ideias, palavras e ações.

Dentre todos os escritores nacionais não foi, cronologicamente, a primeira a publicar versos, mas no Rio Grande do Sul foi a primeira mulher a publicar uma coletânea de versos, com várias dezenas de páginas, intitulada *Poesias*, que dedicou às senhoras rio-grandenses. Este livro, tornado público em 1834, há muito vinha sendo elaborado, tendo em vista a necessidade de revisões diferenciadas quanto à métrica, sonoridade e adequação à verdadeira inspiração da poetisa, cognominada “musa cega”.

Essa patrona cultivou os gêneros literários de epístolas, quadras, sonetos, glosas, liras. Apresentou metrificacão mais aprimorada do que seus

antecessores, dentre eles Lobo da Costa. Enfatizou a melancolia em toda a sua obra, porém, apresentando-a de forma graciosa. Foi, portanto, mulher dotada de invulgar tenacidade, venceu muitos preconceitos e inúmeras dificuldades como a ambientação em terras distantes da estância do Pontal, onde nasceu, a vida difícil em períodos de contendas civis no Rio Grande do Sul, além da pobreza e cegueira permanentes.

É atribuído a ela o primeiro movimento literário do Sul e quem primeiro utilizou dos pretos para a publicação de livro na Província do Rio Grande.

No conjunto de sua produção, faz o apreciador dos beletristas a perquerir posicionamentos de época e entenece a quantos aproximam-se de sua trajetória junto a um mundo adverso.

A emancipação dela na literatura está circunstanciada muito antes de suas publicações, devido ao fato de ter ficado órfã de pai em 1826, e de mãe, em 1833. O senso literário da autora desde então redobrou, aliado à força da necessidade de obtenção de ganhos para o próprio sustento.

Passou a ser conhecida, não por divulgações esparsas, em jornais e folhetins, mas por uma série de livros editados.

Era uma autora agradecida e generosa, pois dedicava uma poesia a cada pessoa que colabora para a realização de suas obras. Assim também dedicou um soneto, num dos natalícios de D. Pedro I, em 12 de outubro de 1846, como consta de seu último e pequeno livro, mas espesso, no qual, à página 15, assim se refere:

“Ao Natalício de S. Majestade /
O Senhor D. Pedro I

Teus feitos, ó gram Rei d’eterna fama.
Te erguem padrões e estatuas permanentes,
Canta tuas acções alti-potentes
A voz que pelo mundo se derrama.”

Dom Pedro I foi seu ídolo e grande protetor. Benigna foi não apenas um exemplo na literatura e no método de publicações, como na apresentação de prelo. Foi antes de tudo um exemplo de vida.

Um dos motivos que a levou ao Rio de Janeiro foi o de pedir refúgio em consequência da estrondosa luta entre revoltosos e imperialistas, em 1835.

Nesta ocasião, abrigou-se num asilo por pouco tempo. Voltou ao Rio

Grande do Sul e após, empreendeu novas viagens à Bahia e ao Rio de Janeiro.

Transcrevemos aqui um trecho da glosa em que Delfina Benigna, sempre loquaz, transborda sua desconformidade com a guerra civil, travada em seu rincão de origem, por Bento Gonçalves:

“A ti que de um punhal violento
Cravaste na pátria aflita,
A ti a quem sempre irrita
Da virtude o luzimento
A ti que dás o tormento
Dessas infernais moradas,
Que tens feito desgraçadas
As mil famílias de bem
Do alto do céu como ninguém
Maldições te sejam dadas.”

Portanto, na política, apresentava indignação contra os líderes separatistas e postava-se ardorosa defensora do império. Era assim solidária a quem tanto lhe dera amparo.

Tudo isso foi por possuir convicções próprias, personalidade fortalecida diante dos reveses, apesar da fragilidade que a falta de visão, em termos, impunha.

Conduziu-se como uma musa da justiça. Embora esta tenha por símbolo uma mulher de olhos vendados, sustentando em uma das mãos a balança e na outra a espada, vence quem está fortalecido pela razão. A justiça, por isenção de ânimo, não olha a quem agrada, mas oferece solução a quem a merece. Tudo isso manifesta que o verdadeiro entendimento não penetra pelos olhos físicos e sim pelos olhos da alma.

Perfil da Musa Rio-Grandense

A 17 de junho de 1991 completaram-se os 200 anos do nascimento da singela menina que por batismo recebeu o nome de Delfina Benigna. Chegou aos rincões de São José do Norte, a oitava entre nove irmãos, 66 anos após o estabelecimento do povoado, que iniciou em decorrência de um contrato comercial.

Faltavam poucos dias para a entrada do inverno de 1791. A filha do

casal Maria Francisca de Paula Cunha e Joaquim Francisco da Cunha havia chegado, justamente na época em que ainda ecoavam os sons da Independência dos Estados Unidos, da Queda da Bastilha, na França e da Inconfidência Mineira, trazidos por navios que aportavam no extremo sul português de então.

Vida bucólica ambientava seus primeiros passos. Seus momentos de brincadeiras alegres, desprendidas e exuberantes, em sintonia com a natureza, confundiam-se entre os matizes das flores do campo.

A poetisa é cognominada “A Cega”, porque desde os vinte meses de idade foi acometida de varíola que, irremediavelmente, arrebatou-lhe a visão. Mesmo assim, aos doze anos já compunha versos.

Por longos 64 anos, Delfina, privada da visão, deixou suas predileções infantis para adaptar-se, aos poucos, à evolução interior singular.

Em sua vida sopraram ventos frios do sul, mas obteve energias de clima ameno, em suas viagens realizadas ao Rio de Janeiro e a alguns estados do Nordeste, onde ampliou seu círculo de amizades.

Desenvolveu com agudeza de espírito e sagacidade crítica a poesia de seus anos 40. Persistente, arrebatou emoções ao mesmo tempo em que sensibilizou a caridade de seus contemporâneos. Foi agente e paciente de seu próprio destino, contraditório, aparentemente, mas demonstrativo da força interior, do potencial inesgotável do ser humano, em criatividade.

O Major Manoel Marques de Sousa, Conde de Porto Alegre, era a quem Delfina amava ocultamente. Teria sido fonte de inspiração para cantar seus sentimentos. Impossibilitada de revelar pelo olhar suas primeiras manifestações de alma amorosa, seus poemas líricos revelam esta circunstância que, sutilmente, transcendeu.

Foram justas as conquistas de Delfina para sobreviver e muito retribuiu do que recebeu. A verdadeira justiça não protege vendilhões, mas aos que trabalham de boa fé.

Ver, ouvir, sentir, expressar-se com arte poética, embora com predominância melancólica, foi decorrência do mundo cruel que não possuía conhecimentos necessários para salvá-la dos efeitos da varíola. No entanto, tudo isso fez de nossa Benigna a musa lírica que mostrou ao Rio Grande do Sul e ao Brasil o quanto um ser humano é capaz. Transformou uma pena de mágoa e condenação, embora inocente. Desejava viver em plenitude; numa parte soube, com as lides da pena, fazer os indiferentes preocuparem-se com o semelhante, que parece inútil, mas que é uma essência de vida.

Na cidade de São José do Norte, nossa escritora Delfina ofereceu sua força de trabalho, mais intelectual do que braçal, numa época em que

somente era permitido à mulher raciocinar para concordar e apoiar o chamado “sexo forte”.

Em seu profundo sentimento religioso venerou Nossa Senhora da Conceição, padroeira da justiça. A ela dedicou a página literária intitulada *A Virgem Santíssima Senhora da Conceição*.

Momento Literário da Vida da Poetisa

Delfina Benigna dedicou-se ao lirismo como é peculiar à poesia, que origina-se dos cantos acompanhados pelo instrumento musical grego, a lira. Até a Idade Média, as poesias eram feitas para serem cantadas, pois nesse gênero literário há sempre a predominância dos sentimentos, da subjetividade. Particularmente podemos dizer que Benigna teceu elegias, onde o canto lírico, de tons tristes, sempre está a revelar sentimentos de mágoas ou mortes.

Em algumas passagens, Delfina atinge a sátira, mostrando o ridículo de certas situações, através da forma de soneto, com catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Sua métrica nesse tema não foge à mais usual prática dos versos decassílabos e alexandrinos, com rima.

Nossa poetisa maior apresenta justamente o pré-romantismo na literatura nacional, eis que esse período de transição atinge as quatro primeiras décadas do século XIX, para em torno de 1836, estabelecer-se delineadamente o Romantismo nacional. Sobrepõem-se os valores sentimentais às leis das convenções sociais.

Benigna Cunha viveu no momento de transição literária que também refletiu as transformações sociais que lentamente vinham ocorrendo.

A Autora viveu ao tempo do final do Período Colonial, tendo recebido em sua formação cultural a influência da literatura portuguesa, tronco de nossas letras enraizadas nos movimentos literários franceses. Destacaram-se escritores baianos, pernambucanos, mineiros e cariocas.

Ao final do período Arcádico (Setecentismo), fortemente esteve presente ao tempo de transição literária, inclusive da época da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808. Justamente no início do século XIX, mais precisamente em 1803, Delfina contava com doze anos quando surpreendeu seus parentes e amigos dominando a arte da metrificação.

Na fase imperial da literatura brasileira de 1830/90, o Romantismo

apresentou suas nuances, peculiares ao cenário nacional.

Demonstrou seus anseios de alma de alma perceptiva às contingências da matéria. Suas elucubrações poéticas revelam o pioneirismo intelectual da mulher.

Precursora das mulheres letradas do Rio Grande do Sul, pois aos doze anos, cega, revelou pela vez primeira o fluir de sua aptidão na rima, na improvisação, no uso do vocabulário adequado à ocasião e na beleza transcendental de seu esforço para contribuir beneficentemente a um país que ainda delineava seu período de Ouro Literário, qual seja, o século XIX. Foi em 1803 que, dotada de capacidade incomum pairou pelos pagos rio-grandenses, mostrando a altivez de quem bem ao sul do país está sintonizada com nosso país e com nosso universo.

Delfina, assim, dirige-se a Imperatriz Viúva de D. Pedro I, nascida na Baviera:

“Ele, Senhora, às preces me acolhera
Nos meus amargos dias de desgraça,
A meu pesar e dores se mostrando
Um homem Deus que ampara o desgraçado”

Posteriormente, D. Pedro II continuou mantendo a pensão consignada anteriormente por seu pai e Delfina pôde manter sua existência, de muitas privações mas de infinitas bênçãos literárias, quantos são seus poemas publicados: *Florilégio da Infância, Selecta Brasileira, Parnaso Brasileiro, Musas Cegas*.

Sempre muito subjetiva, tanto ao expressar sua desdita de olhos que deixaram de ver, quanto ao falar de seus sentimentos mais íntimos e puros, no dizer de Guilhermino César:

...”recobra o lirismo de feição gonzagueana”, tão presente na produção dos poetas pós românticos:

“Josina bela,
Eu vou louvar-te
Ensaio a Lira
Para cantar-te.”

Suas expressivas obras publicadas são:

Poesias Oferecidas às Senhoras Rio-Grandenses –

1ª Ed. 1824, 148 p. – Tipografia Fonseca & Cia, Porto Alegre.

2ª Ed. 1838, 160 p. – Tipografia Austral, Rio de Janeiro.

A Tipografia que imprimiu a 1ª ed. foi a célula-mater da Livraria Editora Selbach.
3ª Ed. 1858, 156 p – Tipografia Imperial e Constitucional de J. Billeueve, RJ.

Tributos de Gratidão – Panfleto em versos
1ª Ed. sem data, 1 folha.
Tipografia Imparcial de F. Paula Brito, RJ.

Trata-se do agradecimento da Autora, feito por ocasião do festival em seu benefício em 26 de maio de 1840 no Teatro São Januário, RJ.

Coleção de Várias Poesias Dedicadas à Imperatriz Viúva –
1ª Ed. 1846, 191 p. – Tipografia Universal de Laemerts, RJ.

Villas-Boas, Pedro Leite. – Dicionário Bibliográfico Gaúcho.
Editora Est/Edigal, 1991, Porto Alegre.

Segundo a Enciclopédia Rio-Grandense, em 1846, dedicou a Imperatriz Viúva, a Coleção de poesias, com aproveitamento dos dois livros (1834 e 1838) que são poesias de influência clássica.

Seus livros de pequeno tamanho, fáceis de manusear e delicados para leitura das senhoras (livro de bolso). Costuma, em anexo, colocar o nome de seus patrocinadores.

Não conheceu, mas imaginou, dialogou com colegas poetas e principalmente com um, cego, no Rio de Janeiro, quase que por assim dizer complementando este universo da realidade interpessoal, tão peculiar a cada momento de sintonia energética, espiritual e intelectual.

A sabedoria popular registra que a vida começa aos quarenta anos porque antes sobrevivemos, convivemos, observando e adquirindo conhecimentos. Começamos a saber o que é a vida nas últimas dezenas da vida, em suas múltiplas dimensões. Nossa poetisa lisonjeada passou sua idade de ouro no Rio de Janeiro, onde aperfeiçoou sua maneira de pensar e poetar, fruto da maior convivência com a gama de intelectuais do seu tempo. A mulher é sempre uma educadora de sentimentos, quer em sua maternidade carnal ou espiritual. Delfina assim não deixou de também ser

mestra na arte de versejar e de refletir, pois isso constituiu o essencial de sua existência.

Em suas viagens ao Rio de Janeiro, Delfina Benigna esteve no porto de Parati, estendendo seus conhecimentos sobre aquele Estado.

Conclusões

Na análise da vida e obra de Delfina Benigna da Cunha, fazemos algumas ilações que entendemos necessárias.

Redobrado valor humano possui hoje seu vulto dadas as circunstâncias em que viveu. Embora alguns versos destemidos ao condenar os Farrapos no herói Bento Gonçalves, não deixou de revelar a sua capacidade profunda de usar também a arma ferina, qual seja a literatura de combate, além da arte satírica.

Digam os críticos e os historiadores e críticos literários o que bem entenderem. No entanto, jamais poderão deixar de render louvores à luminosa personalidade à radiante inteligência, peculiar entre os escritores todos, de norte a sul litorâneo ou mesmo entre aqueles que muito tiveram destaque entre as colinas mineiras ou sertões nordestinos.

Sua obra está presente entre nós, consagrada pela capacidade imaginativa, a redução de possibilidades para inferir, em situações da realidade concreta. Temos também nesse fato um início de profissionalização da mulher nas letras, embora não percebesse salário ou honorários por serviços de ordem social e cultural, fez jus, dignamente a uma remuneração que lhe deu condições de continuar produzindo intelectualmente, numa época em que era tão difícil de ser reconhecida à mulher a capacidade de pensar e agir socialmente, contribuindo para a prosperidade do povo brasileiro, que com lazer e cultura, assimilava os conselhos e conceitos por ela emanados.

A verdade é que perto da barra do Rio Grande, de onde ouvia estampidos de guerras, ou na Corte, onde desfrutava de horas mais amenas, Benigna sempre esteve acompanhando a política contemporânea, externa ao seu pequeno grande mundo interior, por onde viajava quando desperta ou quando adormecida. Podemos dizer, inclusive, que sua poesia revela uma espiritualidade que ultrapassou barreiras terrenas, esvoaçando pelo infinito a qualquer hora do dia ou da noite, eis que compunha de improviso porque seu grau de inspiração e inteligência foram muito elevados.

Delfina Benigna da Cunha, quando faleceu não imaginou que nos seus 200 anos de nascimento seria considerada a heroína da poesia brasileira, a pioneira dos prelos, bendita entre as platéias, desbravadora intelectual.

Há algum tempo, o dia 20 de maio vem comemorando o dia da Língua Nacional, o português, que Delfina sem método Braille conseguiu fazer chegar a nós seus estéticos pensamentos registrados pelas tipografias de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Ela é uma legítima representação da última Flor do Lácio. Não foi inculta, mas ilustrou a todos quantos nela doaram alguns minutos de sua vida para conhecer sua mensagem contundente de vida. Entre os romanos teria sido considerada uma Minerva, pois foi de sabedoria em sabedoria que conseguiu atingir o cume, os píncaros da glória, principalmente nas peculiares circunstâncias existenciais.

Sem poder ler, mas inteirando-se da sabedoria grega, foi uma Atena do sul do Brasil.

A literatura foi para Delfina da Cunha a amiga certa nas horas inesperadas de inspiração. Foi aquela companheira das horas da noite e do dia que nos surpreende fazendo-nos dialogar e refletir. Monologar ou dialogar com utensílios domésticos que nos mostram situações passadas, presentes e futuras de nosso cotidiano mas que fazem parte de nossas elucubrações, transformadas em textos literários, pelas antenas perceptivas como os poetas.

Recordou o encanto da idade fagueira, a sabedoria de seus anos de imaturidade, alcançou, sem saber, um lugar inigualável entre seus pares.

Nunca casou, mas mesmo assim cantou o amor e a vontade de aprofundar na convivência comum experiências e vivências terrenas que complementariam sua capacidade de transcender a matéria.

O homem, aquele complemento que mostra no olhar, no gesto, no som, na afeição e no raciocínio aquilo que sozinha não é completamente possível perceber, em manifestações eloqüentes e sutis, forte e amena que nos faz conhecer as possibilidades materiais e imateriais surpreendentemente.

Porto Alegre homenageou a grande poetisa gaúcha colocando seu nome em uma de suas ruas, localizada no Bairro Camaquã.

Maria Beatriz Cibils Becker

Lydia Giannoni Moschetti

Cadeira Nº 01

Fundadora e Presidente



Lydia Moschetti fundou a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em 12 de abril de 1943, em Porto Alegre. Convocou as intelectuais da Cidade e do Estado (Alzira Freitas Tacques, Aracy Foes, Aura Pereira Lemos, Aurora Nunes Wagner, Beatriz Regina Fortunatti e Stella S Brum), e criou uma Academia Feminina, “um lugar de maior realce entre os valores contemporâneos e o merecido culto entre as gerações futuras”.

Dessa maneira, ao reeditar o livro “Autobiografia” de Lydia Moschetti, a Academia cumpre seu objetivo principal de resgatar, perpetuar e divulgar a memória de suas acadêmicas. Neste caso específico de sua fundadora. Ao compartilhar seu legado a Academia fortalece e sedimenta a instalação do Memorial Feminino, um espaço cultural diferenciado na Cidade de Porto Alegre, criado através do Fundo Nacional de Cultura (Pronac Nº 06.8039) do Ministério da Cultura e pela Emenda Parlamentar apresentada pelo Dr. Alceu Collares.

Em 1907, com 17 anos, Lydia Moschetti chegou ao Brasil. Lecionava italiano no Rio de Janeiro durante o dia e estudava a noite. Com “voz de veludo”, segundo o professor de canto Provesi, lançou-se no teatro. Vida de brilho e dinheiro para ajudar no sustento da família.

Em 1917, conheceu o engenheiro Luiz Moschetti com quem casou-se quatro anos depois, na Igreja das Dores, em Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

Lydia era uma intelectual. Foi romancista, poetisa, memorialista, ativista social, promotora cultural e filantropa. Casada com um empresário, dono de uma próspera fábrica de papel, Lydia, integrou-se às campanhas beneficentes e as *senhoras de elite* logo lhe destinaram a parte obreira de angariar recursos. Iniciava ali sua trajetória de benemérita e realizadora de uma grande obra social e assistencial ainda hoje prestando serviços comunitários. No caso do Banco de Olhos uma referência nacional de qualidade no atendimento.

Lydia Moschetti foi uma mulher corajosa, lutadora e cidadã. A cidadania, cujo termo exprime historicamente a relação do indivíduo com sua cidade (a “polis” na Grécia Antiga). Hoje, muitos confundem cidadania com nacionalidade.

Lydia acreditou na utopia da luta para minimizar o sofrimento dos menos favorecidos, mas não menos cidadãos. Ela tinha a compreensão do verdadeiro sentido dos direitos humanos evocado em nosso dias, modernamente.

Ela foi um exemplo de luta pelos Direitos Humanos quando assumiu o compromisso de construir uma sociedade baseada na *não* discriminação.

Através da imprensa atingiu um número maior de pessoas e permitiu que elas internalizassem e socializassem conscientemente uma visão solidária e benemérita da vida para vencer o medo e a miséria. uma sociedade injusta compartilhando o acesso a alimentação, educação, saúde, cultura e atividades sociais.

Lydia Moschetti é, sem dúvida, um modelo de Direitos Humanos muito antes dessa expressão ser popularizada. Ela trabalhou arduamente na construção dos Direitos Humanos pela cidadania, da caridade à dignidade.

Reverenciar sua memória e sua obra num momento em que a sociedade carece de modelos com desapego aos objetos de consumo e com perfil diferente daquele exibido pela mídia e, sobretudo, pela sua obra cultural e social legada à cidade, mostrando que é possível ser solidário criando projetos consistentes e de abrangência a toda a sociedade, pois todos somos fonte de afeto e precisamos dar e receber, este é o princípio da democracia solidária.

Eloá Muniz

Marília Beatriz Cibilis Becker

Cadeira nº 01



Marília Beatriz Cibilis Becker, advogada e professora adjunta IV – Departamento de Sociologia – aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Sociologia Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Especialista em Metodologia do Ensino Superior e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Palestrante.

Quatro livros publicados sobre Agroindústria. Dissertação de Mestrado em Sociologia Industrial, PUCRS, 1990, Agroindústria de Alimentos e Mercado de Trabalho no Rio Grande do Sul. É sócia fundadora da SAMBRA/RS e UBE/RS.

Titular da cadeira nº 1 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Integrante de várias instituições culturais e jurídicas, em Porto Alegre.

Autora de livros sobre Lydia Moschetti e Delfina Benigna da Cunha. Especialista em Civismo, na UNISINOS.

Primeira Presidente Executiva da UBE/RS – 1984/88; reeleita Presidente Executiva – 1996/2001 e 3ª Gestão 2006-2009.

Ingressou em dezembro de 1999, como Membro do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. Dez medalhas e prêmio New York e Washington, 1960; duas medalhas “Casa do Poeta Esteiense” e uma medalha cultural “Casa do Poeta Rio-grandense”, Tesoureira da Academia Rio-grandense de Letras.

Julietta de Mello Monteiro

Cadeira Nº 02

Patrona



Julietta de Mello Monteiro, patrona da cadeira nº 2, nasceu em Porto Alegre a 21 de outubro de 1863. Menina, ainda, foi residir em Rio Grande na companhia dos pais João Corrêa de Mello e Revocata Figuerôa de Mello.

Aos dezenove anos publica sua primeira obra: *Prelúdios*, livro de versos prefaciado por Emílio Zaluar. Fugindo ao romantismo vigente, Julietta de Mello Monteiro adota a linha parnasiana no que ela tem de mais descritivo, buscando a forma perfeita e procurando manter-se impassível diante das próprias emoções.

No prefácio de seu segundo livro de sonetos, *Oscilantes*, publicado em 1892, escreve Luiz Guimarães: “São páginas que se recomendam por si próprias. São de um desenho tão fino, de uma vitalidade tão sincera, de uma construção tão despretençiosa e tão simples que positivamente seduzirão o leitor, da primeira à última estrofe”.

O prefaciador compara seus sonetos a aquarelas que poderiam ser assinadas por pintores como Henrique Bernardell: “Assobiando uma canção dolente/ Segue a passo na estrada um cavaleiro”/ ou a um Rembrandt: “Cai a chuva nas calçadas/ Ronca o trovão tenebroso,/ com horrísonas rajadas/ Sopra o vento impetuoso.”

Simples, descritivos e até mesmo ingênuos são os sonetos que compõem a primeira parte de *Oscilantes*, como os versos de *Antes do almoço*:

“Nenê brinca com as bonecas
Junto à janela entreaberta
No pátio em cãozinho alerta
Ladra avisando as marrecas”
Ou então desta *Cena doméstica*:
“Do guarda-roupa, a mucama,

tira um vestido azulado,
que vai depor sobre a cama
com todo o mimo e cuidado.”

E ainda numa *Cena do lar*:
“A Filha em frente ao espelho
Prega uma flor nos cabelos
Enquanto escuta um conselho
Do velho pai, seus desvelos.”

São pequenos quadros que deixam transparecer uma infância e uma juventude felizes, onde a poeta é alvo constante de amor e cuidados. Acarinhada pela mãe, a quem dedicou verdadeira veneração, refere-se a esta primeira fase de sua vida como “um tempo abençoado/ que me embalou docemente.”

Na figura paterna encontrou um espírito iluminado, inteligente, digno de sua admiração e respeito. No soneto *Em Família*, assim o retrata: “O pai de pé, junto à estante/ folheia um grosso alfarrábio./ Tendo no olhar penetrante/ A luz, os traços do sábio.”

Aos quatro irmãos consagrou grande amizade, dedicando-lhes vários de seus sonetos. João foi descrito como jovial e delicado, “De mediana estatura/ Claro, de leve rosado./ Tem o cabelo ondedado/ E a tez de viva frescura.” Octaviano Augusto era: “Alto, esguio, irrequieto/ Nervoso, sério, apressado.” Romeu, o mais cantado em seus versos, possuía “Barba loura, mãos compridas/ Estatura de gigante/ Porte altivo, ar arrogante/ Resoluções decididas.” E Revogata, única irmã, foi retratada como sua alma gêmea no soneto *Trinta e um de dezembro*:

“Somos dois corpos sim, porém uma alma apenas.
Temos o mesmo riso e sempre as mesmas penas,
Uma só vontade, um único desejo
Quanto almejas para mim é quanto a ti almejo,
Se sofres, sofro eu, se ris, também sorrio.”

Ao referir-se ao noivo e futuro esposo, o jornalista Francisco Guilherme Pinto Monteiro, Julieta deixa transparecer um relacionamento tranqüilo e amoroso: “Ela borda, o noivo pensa/ No futuro que os espera”. Mais adiante, já casados, descreve seu quarto em *A Alcova*: “Em frente ao tocador/ De flores enfeitado/ Um leito encantador/ Com alvo cortinado”.

Seus dias venturosos, porém, não durariam para sempre. Um a um,

Julieta foi perdendo seus entes mais queridos: os pais, os três irmãos homens, o marido. Sua vida dourada transforma-se em recordações do passado. Já na segunda parte de *Oscilantes*, apropriadamente intitulada *Dulias*, encontramos estrofes melancólicas, de dor, luto, desesperança e imensas saudades. A risonha e sonhadora poeta Julieta de Mello Monteiro escreve agora páginas, de quem “sonhou paraísos e despertou pisando espinhos”.

Dotada de um talento multiforme, prossegue sua trajetória literária publicando um livro de contos *Alma e Coração*: dois dramas, *Coração de Mãe* e *O Segredo de Marcial*, o primeiro em parceria com a irmã Revocata Heloisa de Mello, e um livro de prosa, *Berilos*, também escrito em parceria com a irmã.

Em seu último livro de poesias, *Terra Sáfara*, publicação póstuma, há menos convencionalismo que em seus trabalhos anteriores. Trata-se de uma coleção de versos, escritos entre 1924/28, doados ainda em vida à irmã Revocata, onde Julieta canta com elevada inspiração amigos que já partiram, fatos históricos e o belo da natureza, como nesta suave: *Tarde de Junho*. “Chove e faz frio, o inverno vem chegando,/ Traz como sempre um manto de neblinas,/ Deus recolhe as diáfanas cortinas/ E estende pelo céu nuvens em bando.”

O ecletismo de Julieta de Mello Monteiro foi além. Além do verso, além da prosa, além do conto, além do drama. Com a irmã Revocata fundou, aos 22 anos, o primeiro órgão literário da imprensa feminina, o periódico *Corymbo*, que circulou por mais de meio século. O primeiro número parece ter sido o de junho de 1885. Em formato tablóide, com quatro páginas e periodicidade variável (foi bimensal, mensal, quinzenal e até mesmo semanal) versava sobre assuntos literários, poesias e breves notas relativas à vida e à obra de pessoas ligadas à arte da palavra escrita. Nele, Julieta publicou a maior parte de sua abundante produção, colorida por discreto panteísmo.

Mesmo após a morte de Julieta, em 27 de novembro de 1928, o *Corymbo* continuou a circular na cidade de Rio Grande e em todos os estados do Brasil, extinguindo-se somente com a partida da segunda de suas fundadoras, ocorrida em 1944.

No Editorial do número 445, de 21 de outubro de 1939, a redatora Revocata recorda comovida o natalício da irmã, declarando: “Ela cansou em

meio a romagem, depondo a pena. Não lhe faltou o desassombro preciso, mas nem sempre a flor deixa de pender quando a rajada é desabrida”.

Apesar do porte franzino e delicado, Julieta de Mello Monteiro revelou-se uma mulher corajosa, idealista e empreendedora. Seu trabalho, publicado em vários órgãos de imprensa do Estado, tornou seu nome consagrado pelos maiores vultos: Emílio Zaluar, Luiz Guimarães, Lobo da Costa, Damasceno Ferreira. Vivendo numa atmosfera de amor, de poesia e de saudade, com seu estro Juliana de Mello Monteiro imortalizou seu nome e glorificou as letras rio-grandenses.

Iria Müller Poças

Aura Pereira Lemos

Cadeira nº 02

Fundadora



Aura Pereira Lemos

Filha do Gen. do Exército Hipólito das Chagas Pereira e de Preciliana Coelho de Souza Pereira, nasceu Aura das Chagas Pereira Lemos em Porto Alegre. Teve como irmãos o Cel. Gasipo das Chagas Pereira e a poetisa Jacy Pereira Xavier. De sua infância, recorda:

Meu saudoso pai guardava como relíquia, umas quadrinhas minhas, nas quais eu, com letras ainda imprecisas, invejava a sorte das flores que ornamentavam o corpo de minha amantíssima mãe, em sua câmara ardente, porque iam com ela baixar à campa, enquanto eu, pequenina ainda, ficaria na terra, coberta pelos crepes da orfandade.

Isto deve ter sido quando eu era muito pequena ainda, pois não tenho a menor lembrança de minha santa mãe (Entrevista a Stella Brum. (Atenéia, 1º trimestre/1951, p. 46).

Aura estudou música, pintura, escultura e poesia. Quando a família acompanhou o pai, lente da Escola de Guerra que se transferia para o Rio, Aura aí estudou piano, bandolim e Humanidades, em particular a literatura brasileira e a arte de fazer versos. Tornou-se contista, romancista e escultora. Como poetisa, apreciava Dante, Shakespeare e Bilac.

Em 1920 Aura casou com o intelectual Tarquínio de Queiroz Lemos, nascendo Lyris Lemos Coelho e os filhos Leocyr Pereira Lemos e Luís Pereira Lemos. Com apenas cinco anos de casamento, faleceu o esposo. Aura expressa assim a sua dor, poesia inserida em seu livro *Catedral de sonho*:

Noivado - Viuvez

Ontem...

*quanto carinho, amor, quantos esvelos,
quantos beijos trocados com loucura!...*

*Quão doce a tua voz, quanta ventura
ao te beijar os olhos e os cabelos!*

Hoje...

*quanta tristeza, amor, quanta margura,
quanta saudade e, que de estranhos zelos!
Que o bom Deus me dê forças para sofrê-los
já que a sorte levou tua ternura!...*

*Ontem e hoje... que fatal contraste,
eu era ontem a florinha na haste
que a saudade atroz hoje desfolhou.*

*Mas não sou tão sozinha nesta vida,
que aquele beijo dado em despedida,
foi a tua alma, amor, que me ficou! (Lemos,
1944, p. 55).*

Com o caçula, poeta e romancista, teve grande afinidade intelectual.

Viúva, Aura reiniciou estudos, com vistas a emprego para sustentar os três rebentos. Trabalhou nos Correios e Telégrafos de Porto Alegre desde 1926, somando intensa atividade intelectual. Em 1935 publica em Porto Alegre o poemeto *Ignez*, dedicado à amiga jornalista Ignez Soares de Carvalho.

Em 12 de abril de 1943 ocorreu o chamado da ativista social Lídia Moschetti, para fundar uma instituição que valorizasse a cultura e a intelectualidade da mulher: nasceu a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, hoje a mais antiga agremiação feminina do gênero. Aura escolheu por Patrona a poeta e jornalista Julieta de Melo Monteiro, do Corimbo de Rio Grande. Com orgulho, sediou em sua casa algumas reuniões da nascedoura Academia Feminina, ainda sem sede.

Em 1944, editou *Catedral de sonho*, pela Thurmman de Porto Alegre. Do exemplar extraio o soneto *Via crucis*, que reporta a um momento difícil na vida de Aura, quando vê seriamente enfermo seu filho caçula, poeta e romancista com quem teve grande afinidade:

Via Crucis

*Ah! quem me dera, filho meu amado,
Poder a mim chamar teu sofrimento,*

*E ver-te assim já livre do tormento
Que leio no teu rosto macerado!*

*Quão feliz eu seria no momento
Em que sentisse mesmo lacerado
Meu corpo, para ver-te enfim curado
De tão rude e cruel padecimento!*

*Mas eu me curvo humilde e respeitosa
À vontade divina de Jesus,
Que nos ampara na via dolorosa...*

*Minha amargura transformando em luz
É confiante, serena e esperançosa,
Vou levando ao calvário a minha cruz!*

Despede-se da mãe em verso, publicado em *Catedral de sonho*:

Morta Adorada

*Ó minha mãe, se eu pudesse
Trazer-te outra vez à vida,
Se eu pudesse, ó mãe querida,
Ter-te sempre junto de mim,
Ó que alegria sem fim!
Quão lindo seria o mundo,
Quão bela a vida seria,
Se eu te visse noite e dia,
Sempre... sempre, sem ter fim,
Ó ventura pra mim!*

Além de dezenas de contos publicados na imprensa do Rio Grande do Sul, afirma Bittencourt, Aura deixou inéditos os livros *Triângulo de dor* (poesia), *Orvalhadas* (poesia), *Turbilhão* (romance), *Miosótis* e *Antologia poética feminina* (compilação).

Dentre suas muitas poesias, destaca-se esta “despedida”, publicada em *Atenéia*, 2º trimestre/1951 (p. 27), que coincide com seu falecimento:

Sede De Luz

*Tenho sede de luz e a treva me rodeia,
tenho anseios de vida e a morte me procura,
e sigo pelo mundo assim com esta alma cheia
de uma contradição fatal que me tortura!
E bebo à luz do sonho a taça da amargura
entre espinhos mortais que a própria dor semeia...
E o sanguíneo prantear da minha desventura,
de meus olhos fugindo escorre pela areia.
E olhos fitos no azul da abóbada estrelada
guardo o ressurgir da límpida alvorada,
esperando gozar os beijos do arrebol.
As ilusões que tive ainda desejo tê-las,
numa taça de luz, cravejada de estrelas,
beber sofregamente a luz do próprio sol!*

Anita Ramos González

Cadeira Nº 2



Quando ecologia não passava de um vocábulo desconhecido e sem importância, Anita Ramos Gonzales bradava, em versos, seu amor à Terra, à Natureza e, em especial, às Árvores.

Escritora gaúcha, natural de Cruz Alta, Anita nasceu a 1º de agosto de 1900, tendo editado 14 livros. Deslumbramento, título de sua primeira publicação, sintetiza seu constante estado de espírito.

Em 1958 lança seu segundo livro de poesias, Meu Rio Grande do Sul onde, com magistral inspiração, traçou o perfil do habitante dos pagos:

“O guasca ama a terra e campereia,
sem tempo pra falaar da vida alheia.
É altivo, valente e oindomável,
e sabe ser também sereno e amável.
Não tem medo do tempo e da geada,
a cavalo, no campo ou pela estrada;
a coragem em tudo vai mostrando;
na guerra, como em paz, ou trabalhando”.

Seguindo a mesma linha poética, publicou, em 1954, A Querência. Dois anos depois, lançou o poema épico Anita Garibaldi, onde cantou o amor, a ternura e o heroísmo de sua homônima. A seguir, numa nova exaltação às coisas do pago e às vozes da terra, suas lendas e heróis maiores, surgiu Meu Rincão, cujo poema-título ressalta seu imenso orgulho pelo Rio Grande do Sul:

“Sou da terra da Lida e da Bravura,
onde os campos são de outo recamados,
pelo trigo que viça e traz fartura,
ao Trabalho de filhos dedicados”.

Dando curso a sua brilhante trajetória literária, Anita provou ser também contista vigorosa com *As Andanças de Zeca Pedro*, no dizer da autora, o “livro do seu coração”. Versando sobre a vida campeira, descreve com maestria as paisagens do pago, exaltando a glória da vida e as belezas do seu rincão, como quem coloca a alma nos olhos e o coração nas mãos.

Dotada de um talento multiforme, a telúrica Anita Ramos Gonzales, além de poeta e contista, consagrou-se na área do romance regional, com a obra *Marta Fritz*, retrato fiel do ruralismo gaúcho, revelando-se ainda brilhante conferencista e suave escritora de literatura infantil, em cujo gênero publicou: *Bicharada*, *As Andanças do Chiquinho* e, já com a avançada idade de 85 anos, *Lili e a Lua*, dedicado a crianças recém-alfabetizadas, e que termina numa comovente e singela oração:

“Faze, Papai do Céu, com que os homens amem as árvores e replantem as que já mataram. Defende a Fontezinha e doas as águas dos venenos e de todas as judiarias que se fazem. Não deixes a Terra morrer! Amém”.

As Árvores, seu trabalho de maior projeção, foi publicado em 1967 sob os auspícios da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, que reconheceu nesta obra uma vigorosa mensagem de incentivo ao reflorestamento e um primeiro e então solitário grito ecológico, como nesta PRECE:

*“Oh! Desperta, Senhor, a humanidade,
ao amor, gratidão e piedade,
à árvore que Deus ao mundo doa.
Que ela possa sorrir como uma estrela.
E feliz nós possamos vê-la,
qual santa mãe que sempre nos perdoa!”*

Tamanho era seu amor pelas árvores que, 10 anos após o lançamento deste livro, que ultrapassou as fronteiras do Estado e do País, Anita escreveu nova obra sobre o assunto, intitulando-a *Irmã Árvore*. Dedicada às crianças e aos jovens, contém sonetos que impressionam nossa sensibilidade, como este “Árvore Magnânima”:

*“Perdôo todo mal da humanidade,
esqueço os crimes, só lembrando o amor.
Não conheço a arrogância, amo a humildade,
nada entesouro ... nem a minha flor.
Se é preciso lutar, eu luto em vida,
se é preciso sofrer, sofro calada,
se é preciso abrigar, eu dou guarida,
se é preciso gritar, calo angustiada.
Se é preciso sossego, eu sou morada.*

Se há famintos, procuro alimentar ...
Se há morte, também sou enterrada ...
Se há berço estou para embalar,
Se há crimes, esqueço e vou perdendo ...
Se é preciso morrer, jamais eu corro ...
Se há ingratos, estou ignorando ...
Se é preciso matar, então ... eu morro.

Por sua obra em defesa do meio-ambiente e pelo intenso movimento ecológico que liderou ao longo de sua vida, num trabalho de conscientização popular, realizando conferências, promovendo cursos de Introdução à Ecologia nas escolas, fundando clubes Juveis de Proteção à Natureza, Anita Gonzales recebeu, em 1978, em Cruz Alta, o honroso e merecido título de Mulher-Atuação do Ano.

Fundação do CGT “Querência da Serra” e presidente da “Comissão Municipal de Proteção ao Meio-Ambiente”, ambos de Cruz Alta, Anita Gonzales teve uma vida atuante e profícua ao longo de seus 88 anos vividos com júbilo e encantamento.

À medida que me aprofundava na leitura de sua obra, minha admiração crescia e, como num passe de mágica, na garupa de seu cavalo percorri campos e coxilhas verdejantes, vi o gado pastando e a terra cultivada, ouvi o riso da cascata e o doce canto da passarada, senti o perfume das flores e o forte cheiro das matas. À noite, ao calor d fogueira e no emalo da viola, adormeci sob um céu de estrelas, sentindo imensa saudade. Saudade e pesar, por não haver conhecido pessoalmente esta gaúcha que soube vibrar no anseio de perfeição, sentindo sua alma fremir no fascínio da criação.

Inteligente, brilhante, sensível, deslumbrada com natureza, com o amor maior, com a VIDA, Anita Ramos Gonzales sobreviveu ao tempo, pois, para quem faz da arte de escrever a razão de sua existência, segundo suas próprias palavras.

“O caminho não finda, vai cantando ...
Cantando o céu e a terra e a amplidão!
Os páramos celestes, mundos ... astros ...
o teclado infinito das estrelas ...”

Iria Müller Poças

Iria Müller Poças
Cadeira nº 02



Iria Müller Poças, nasceu em Porto Alegre, cidade onde reside.

É professora, bacharel em jornalismo e escritora e editora.

Obteve quatro prêmios literários, sendo que em 1981 conquistou o 1º lugar no Concurso Prêmio Habitasul – Correio do Povo – Revelação Literária.

Tem 18 livros editados, destacando-se entre eles:

- O Vôo da Liberdade (2ª edição em 2001)
- Memórias de uma árvore nascida em Porto Alegre (1993)
- Um Gauchinho nas Missões (1995)
- Zerinho foge de casa (1997)
- É divertido adivinhar (Coleção com 3 volumes – 2000)
- Piadas e charadas (Coleção com 3 volumes – 2000)
- Marcelino, o sonho de um menino (1999)
- Gaúcho, feliz mistura de povos e culturas (2003)
- A mensagem do feiticeiro (2006)
- A ilha dos mistérios (2ª edição – 2007)

É presidente da IRIAR Editora desde 1993.

Prisciliana Duarte de Almeida

Cadeira Nº 03

Patrona



Nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, no dia 3 de junho de 1868. Junto com os seus familiares transferiu residência para São Paulo. Em 1892 contraiu matrimônio com o Dr. Silvio Almeida, filósofo, professor e poeta.

Cinco anos após fundou em São Paulo a revista *Mensagem*, dedicada ao intercâmbio cultural entre Brasil, Portugal, França, Argentina e outros países. Jornalista e professora, foi a única mulher que pertenceu à Academia Paulista de Letras, como membro fundador.

Teve várias poesias vertidas para o alemão, espanhol e francês.

Publicou inúmeros livros, entre eles: *Rumorejos*, *Sombras* e *Vetiver*, poesias. *Páginas Infantis* e *Livros das Aves*, didáticos, ambos adotados pelas escolas públicas de São Paulo. Faleceu em Campinas a 13 de junho de 1944, tendo sido seu corpo trasladado para a capital paulista e dado a sepultura no Cemitério de Araçá, ao lado de seu esposo.

À Prisciliana Duarte de Almeida muito deve a cultura do país, e, principalmente o estado de São Paulo, onde ela viveu a maior parte de sua existência e onde publicou, além de *Rumorejos*, o seu segundo livro de poesia, *Sombras*, honrado com um prefácio do insigne Conde de Afonso Celso, e que firmou a sua reputação de poetisa e assinalou, definitivamente, o seu lugar na literatura pátria. Conta, ainda, a ilustre brasileira, a glória de ter sido a única mulher que pertenceu à Academia Paulista de Letras, aos 34 anos de idade, tendo por patrona a grande poetisa mineira Bárbara Heliodora, esposa de Alvarenga Peixoto, o poeta da Inconfidência Mineira, de quem nossa homenageada era sobrinha bisneta.

Teve dois filhos, Leandro e Tales Duarte de Almeida, dois ilustres magistrados.

Distinguiu-se também no jornalismo, colaborando em inúmeros diários e periódicos de todo o país.

Em plena juventude, enquanto suas companheiras de idade borboleteavam nos saraus da época, Prisciliana, juntamente com sua prima e amiga Maria Clara da Cunha Santos, fundava uma pequena revista literária, à qual deu o nome de *Colibri*.

Há qualquer coisa de majestoso e eloqüente neste gesto da poetisa mineira, se considerarmos a falta absoluta de recursos da época na pequena cidade de Minas Gerais. A inexistência de uma tipografia foi o problema principal. Entretanto, não impediu a corajosa jovem de realizar seu intento. Fez circular pelas mais longínquas paragens do nosso Brasil as produções literárias de sua época. *Colibri*, com uma tiragem manuscrita, de 12 exemplares, durou quatro longos anos, sendo mensalmente distribuída nos meios literários, enviada para os mais afastados centros do Brasil onde existisse amor pela literatura, numa corrente fraterna, num intercâmbio de cultura, correndo entre diversas mãos.

Transferindo residência para São Paulo, consagrou grande entusiasmo às obras de arte e benemerência. A vida matrimonial trouxe para Prisciliana novas possibilidades criadoras e um mundo de realizações inéditas. Inteligente e dinâmica, trabalhando na direção de um grande estabelecimento escolar, assoberbada de serviço e responsabilidades, repartidas entre o lar e o trabalho, num exemplo maior de sadia vontade, encontrava tempo ainda para a literatura e para o jornalismo.

Em 1939, já com idade avançada, publicou *Vetiver*, seu último livro, contendo poesias de vários tempos.

Seu nome está ainda ligado à conhecida coletânea *Sonetos Brasileiros* de Laudelino Freire, à página 215, onde aparecem 500 sonetos brasileiros de rara beleza.

Sensibilidade artística de incomum raridade, Prisciliana encontrava nas mais insignificantes partículas do ambiente que a cercava, motivo para a objetivação dos seus sonhos.

Em *Contemplanção*, à página 169 de *Vetiver*; ela mesma o confessa:

“Eu costumava, quando pequenina,
levantar-me ao romper da madrugada
para fitar a deusa matutina,
a luz fulgente e doce da alvorada!”

Parecia mesmo sentir o suave magnetismo da saudade como ninguém o sentisse jamais, mas, mesmo assim, encontrava consolação, quando *Sozinha* murmurava:

“O céu derrama lágrimas de estrelas,
o jasmineiro pranto de jasmims,
e o eco de suspiros dolorosos
passa por almas frias ou ruins...

Sem as estrelas que do céu nos olham
e o jasmineiro que o jardim perfuma,
ficaríamos, quase, a vida inteira,
sem receber consolação alguma!”

No olhar das estrelas, no perfume dos jasmineiros, mais que na própria humanidade, ia ela buscar consolação. Sabia que “os corações dos poetas foram feitos para serem partidos como taças de cristal”.

As flores prediletas de Prisciliana eram os jasmims. Ela amava os jasmineiros como o próprio amor! Vários poemas teceu a grande sonhadora em homenagem às mimosas florinhas e por toda parte aonde ia, suas mãos fidalgas plantavam a flor predileta e dela cuidava com estranhado carinho.

Sentia um prazer quase infantil quando escrevia às amigas para contar-lhes os progressos de seu jasmineiro. Em 12 de março de 1939, de Capivari, em carta a uma amiga, ela assim se expressava:

“Escrevo-te em manhã radiosa, depois de haver ouvido missa e comungado! Encontrei florido o meu jasmineiro, criação minha. Aqui não havia; adquiri em São Paulo uma mudinha e quando estava fazendo arrancar alguns tijolos do quintal para plantar, li o pensamento dos que me rodeavam: “velho tem cada coisa”... Eu gozo a velhice! Tudo tem seu lado bom nesta vida! Hoje todos se deleitam com o jasmineiro! Nunca vi nenhum mais fértil! O chão vive atapetado de estrelinhas brancas, jasmims...”

Referia-se ela, então, ao jasmineiro que hoje também lhe cobre a sepultura e outrora plantado por suas mãos generosas, sobre a tumba do esposo, e que um dia lhe inspirara o belíssimo poema *Símbolo*:

“Eu vos cantei jasmims de aroma ideal,
em prova e verso,
mas, agora, jasmims eu vos decanto
qual símbolo perfeito do Universo!”

Blanca Bender Carpena de Menezes

Stella Brum
Cadeira nº 03
Fundadora e Presidente



Stella Brum (Evanoska Scheunemann) nasceu na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul, em 1915.

Foi jornalista, poetisa, romancista, declamadora e pintora. Filha de Frederico Cristiano Scheunemann e Maria Júlia de Almeida Scheunemann. Foi viúva do vereador Carlos Serafim de Brum. Coursou a Escola Normal e Educação Física.

Presidiu a União das Classes Femininas do Brasil, filial Porto Alegre, em 1940; Membro da ARI - Associação Rio-grandense de Imprensa, Co-fundadora da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, em 1943.

Recebeu o prêmio ARI de Jornalismo em 1975; Prêmio literário Érico Veríssimo da Câmara Municipal de Porto Alegre. È nome de rua em Porto Alegre.

Colaborou no Diário de Notícias, Correio do Povo e Folha da Tarde de Porto Alegre; redatora da revista Atenéia da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Participou na Coletânea de poetas sul-rio-grandenses, em 1952; Perfis de Musas, poetas e prosadores brasileiros, em 1956; A sombra do Arco Íris, em 1963; Trovadores do Rio Grande do Sul, em 1973; Belezas e maravilhas do céu, em 1974; Iconografia poética do índio do Rio Grande do Sul, em 1976; Livros que outros escreveram, em 1976.

Publicou livros de poesias em Porto Alegre, Papoulas, em 1943; Sinfonia de beijos, em 1945; Claridades, em 1948; Enquanto vive a esperança, em 1956; Terra tumultuada, em 1963 e Conflitos de ontem, em 1983.

Blanca Bender Carpena de Menezes

Cadeira 03



Blanca Bender Carpena de Menezes nasceu em uma fazenda do Uruguai, próximo à fronteira com o Brasil.

Estudou Humanidades em Montevidéu e, residindo em Pelotas, casou com o Procurador de Justiça Nuno Carpena de Menezes, já falecido.

Professora de Espanhol, lecionou no Colégio São José de Pelotas, no 1º ano clássico.

É membro da Associação de Jornalista e Escritoras do Brasil RS e da Academia Literária Feminina Hispânica, com sede em Montevidéu.

Poetista laureada no Torneio

Internacional de Poesia Crioula de Vacaria, Rio

Grande do Sul, canta em seus versos o amor e suas duas pátrias: o Uruguai, onde nasceu, e o Brasil, onde nasceram suas filhas Tânia Mara e Sarita, e que adotou para morar.

Participa em antologias, como Presença Literária, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

É autora de dois livros de poesia, ambos publicados em Porto Alegre: Peonçito de pátio, em 1982, e Barro & cristal (bilingüe, português e espanhol).

Clair Alves
Cadeira nº 03



Clair Alves, poeta e escritora, professora universitária, pós-graduada em Linguística Aplicada ao Português, Língua e Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou estudos no exterior: Pontifícia Universidade Católica de Chile - Santiago do Chile; Universidade Técnica de Lisboa - Portugal; Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa - Portugal; Universidade Católica de Buenos Aires - Argentina; Universidade Católica-Uruguaia - Montevideo; Universidade de Barcelona em Espanha.

Participou de estudos internacionais sobre atividades lúdicas, arte e cultura em: -Santiago do

Chile no *Primer Encuentro Internacional "Juego, Aprendizaje y Creatividad"*;

- Lisboa (Portugal) estudos de ludicidade e criatividade na *XIV Word Conference of IPA na Universidade Técnica de Lisboa (Portugal,)* e na *9ª International Conference of Play Libraries na Fundação Calouste Gulbenkian*.

-Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul

-Membro da Casa do Poeta do Rio Grande do Sul (CAPORI).

-Membro da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil

Recebeu títulos honoríficos:

Professora Emérita;

Medalha de Mérito Cultural;

Medalha Plácido de Castro;

Patronesse da 3ª Feira do Livro de São Gabriel;

Publicou :

Livros técnicos:

Arte de Falar Bem,

Arte de Escrever Bem,

Português Prático e Fácil,

Alguns Aspectos da Regência Verbal,

Nova Ortografia,
Dificuldades de Redação e Dúvidas de Português,
Estudos de Linguística e Semiótica,
Temas em Linguagem Empresarial,
Livros de poemas:
Poemar;
Cerejas Selvagens,
Em Flor,
Poemas em Rosas e Jasmins,
Poemas Entrevitrais,
Na Tarde em que as Janelas Batem,
Livro do Natal,
Atrás do vento,
Paixões Tardias.

Carmen Cinira

Cadeira Nº 04

Patrona



“A vida é um cárcere... A morte é a liberdade!...” Estas foram as últimas palavras, pronunciadas num quase arrebatamento, por Cinira do Carmo Bordini Cardoso ou, simplesmente, *Carmen Cinira*. Há divergências quanto à verdadeira data de seu nascimento: 1902 segundo uns e 1905 segundo outros. Natural do Rio de Janeiro, patrona da cadeira nº 4 na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, vitimada pela tuberculose em agosto de 1923, legou-nos inesquecível obra poética.

“Como posso evitar
este amor que me atrai e que me enleia
se a sua voz é a voz de uma sereia
que eu ouço dentro d’alma a cada instante?
Resistir-lhe, enfim, lutar para vencê-lo...
Como? Nem o tento sequer...
Que pode a nuvem à mercê do vento?”

O poeta Virgílio, na Eneida (canto IV, versos 569-570) numa situação de sonho em que aparece um avatar de Mercúrio: *Onnia Mercúrio similis vocemque coloremque et crines flavos...* usa a expressão latina: *Varium Et Mutabile Semper Feminina* – A mulher é sempre vária e mutável! *La donna é móbile ... Souvent femme varie...* Ou, como diz Eurípedes em *Ephigênia*: “a raça das mulheres é volúvel”...

Talvez inspirado nessa “tradição”, Humberto de Campos, em *A Morte da Libélula* nos conta que conheceu Carmen Cinira quase menina, numa tarde, na Academia Brasileira de Letras. E descreve: “Morena, grandes e profundos olhos turcos, de veludo negro, trazia nos traços e, nessa tarde, no vestuário, os atributos de uma jovem princesa oriental.

Toda ela era graça infantil e atordoada, de borboleta que acaba de sair da crisálida e penetra num rosal, tonta de sol e em luta com o vento da manhã primaveril.”

Tempos depois, continua ele, soube que Carmen Cinira estava separada do marido, e então faz esse comentário: “Havia lido os romancistas e o lar lhe parecera pequeno.”

Após tecer algumas considerações, o grande escritor adverte: “Ignorava Carmem Cinira, como centenas de outras mulheres ignoram hoje e milhares ignorarão amanhã, que a mulher é frágil demais para afrontar sozinha as tempestades da vida...”

Carmen Cinira tivera como esposo um atleta, notável jogador de futebol, que havia morrido tuberculoso quando contava apenas 20 anos.

Humberto de Campos escreve outra crônica, penitenciando-se: “A poetisa não tinha se divorciado, mas ficara viúva... viúva aos vinte anos! E contraíra a doença por ter sido a enfermeira dedicada de um esposo tísico...”

Carmen Cinira, em seus livros *Crisálidas*, *Primeiros Vôos*, *Grinalda de Violetas* e *Sensibilidade*, nos deixa perceber a força de seu pensamento, a maneira comovida e total como soube amar.

Alzira Freitas Tacques – uma das mais prodigiosas inteligências femininas do Rio Grande, em sua Antologia dos Escritores Brasileiros, refere-se a *Grinalda de Violetas*, onde Carmen Cinira em *Estranha Selva* desnuda sua alma de poeta:

“Alma que caminhaste ao lado de outras almas
 às quais fizeste tanto bem...
 - Onde estão teus amigos, quantas palmas
 colheste pelos teus devotamentos?
 E ela curvou a fronte desolada,
 e eu vi nada
 nem ninguém!...”

Alzira Freitas Tacques ressalta a preocupação da poetisa com as pecadoras, “aquelas que rolando pelo despenhadeiro dos vícios não devem, entanto, ser relegadas à condição de parias sociais, já que a própria cruz, de opróbios ou de espinhos, que aos ombros lhe pesa, não passa de uma conseqüência necessária, de regimes defeituosos, cujas falhas não deixarão de ser futuramente sanadas em países como o nosso, livres e conscientes, no esplêndido dealbar do mundo de pós-guerra, a ser reconstruído por homens e mulheres de boa vontade, que unidos cooperarão para a melhoria de situação de todos os que sofrem quer por apego ao erro, quer forçados pela incultura e ignorância, quer ainda premidos pela miséria ora imperante”.

Carmen Cinira preocupa-se com as pobres Madalenas e se entenece com o “exército beneditino das obreiras do progresso, daquelas que lutam, que trabalham, que se esfalfam por um lugar ao sol, no grande labirinto das competições, das reivindicações nobres e justas.”

No seu horizonte dos problemas literários, mesmo sendo poeta, porque não nasci com este dom, nada me impede de ver as coisas poeticamente, de sentir a presença da poesia, isso que se difunde como a luz das estrelas distantes, intangíveis, mas ao alcance de nossas almas.

Para homenagear minha patrona na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, registro o poema que mais reflete sua maneira de amar e viver, invocando o Evangelho, segundo Mateus versículo 6,21 quando diz “porque onde está o meu tesouro, aí estará também o meu coração”.

“Surges diante de mim com esse encanto
que há no teu sutilíssimo carinho,
quando mantenho entre os cabelos negros
alguns cabelos brancos... E no entanto
eu feliz e vaidosa me encaminho
para esse amor tão manso e singular,
como uma noiva para o altar!
Que sábios te ensinaram, meu amor,
para que compreendesses, tão sem custo,
os mistérios que trago, o sonho augusto
do meu eu interior?
A ânsia de ver-te e ouvir-te a cada instante
torna-me tão inquieta e palpitante,
fere o meu coração de tal maneira,
que eu mesma me surpreendo, não adivinho
como pude viver sem teu carinho,
como pude esperar-te a vida inteira?”

Apesar da passagem meteórica pela vida terrestre, plena de ingredientes para transformar-se numa tragédia, Carmen Cinira foi uma jovem arrojada para seu tempo.

Através de sua poesia e de sua conduta, desafiou o *status quo* que condenava a mulher a ruminar os sonhos de amor em silêncio.

Provou ser imortal, ter capacidade para pensar. Pensar e influir nos costumes sociais vigentes através de sua obra poética.

Mila Cauduro

Maria Alzira Castilhos Freitas Tacques
Cadeira Nº 04
Fundadora



Nasceu em São Borja, RS, no dia 08 de julho de 1913 e faleceu em Porto Alegre, RS no dia 13 de novembro de 1976. Filha de Carlos Cardoso de Oliveira Freitas, Oficial do Exército Brasileiro, e de Maria das Dores Castilhos Freitas. Funcionária Pública federal, poetisa e escritora.

A família Freitas fixou residência em Porto Alegre, onde Alzira alfabetizou-se com a mãe e depois estudou no Colégio Fernando Gomes, após o que foi pensionista no Colégio Bom Conselho, dirigido por Irmãs Franciscanas. Aprovada no exame de admissão, frequentou a então Escola Complementar (hoje Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha), para formação de professoras.

Quase ao término do curso, abandonou os estudos para ligar sua vida à do advogado Carlos Alberto Ribeiro Tacques, brilhante poeta, dramaturgo, ensaísta e político. Passou a chamar-se Maria Alzira Freitas Tacques.

Desta união nasceu uma única filha – Isis –, também escritora e poetisa de mérito e mãe de Sérgio Luiz e Carlos Alberto Tacques Py. Desde os mais tenros anos, Alzira demonstrou invulgar vocação para as letras, destacando-se na poesia.

Aos 14 anos, em 1927, concretizou seu sonho, com a publicação de Plenilúdio. Dona Maria das Dores, sua mãe e fada madrinha não poupou sacrifícios para realizá-lo.

Esse seu primeiro livro de poesias foi recebido com elogios pela crítica da Capital, representada por nomes como Zeferino Brasil, Darcy Azambuja, Eduardo Guimarães, Drs. Pedro e Luís Vergara, Mansueto Bernardi e outros, e no interior do Estado, por Átila Guterres Casses e Argeu Veiga, os primeiros a enaltecerem-na com crônicas brilhantes nos jornais “O Uruguai”, de São Borja, e “O Cidadão” de Quaraí. Silvino Olavo,

no Rio de Janeiro, louvou-a em página de relevo. Desde então, Alzira não mais parou de sonhar, versificar, oferecer sua maravilhosa arte, deslumbrando com seu talento.

Publicou uma série copiosa de obras consagradas pela crítica e admirada pelos leigos. Seus versos foram exaltados em nossa Pátria e além fronteiras. Seu nome tornou-se conhecido, fulgindo entre os mais respeitados e grandiosos na história da poesia brasileira.

Alzira pertenceu a várias entidades culturais, como a Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, do Ceará; a Associação de Intercâmbio Cultural de Guiratinga, de Mato Grosso; a Academia de Letras José de Alencar, de Curitiba; a Sociedade de Homens de Letras do Brasil; o Centro de Letras do Paraná; a Confraternité Universalle Balzacienne, de Montevidéo; o Círculo Interamericano de Difusión Literária Argentina; o Ateneo Universal Feminino de Alta Cultura y Confraternidad Espiritual de Buenos Aires e o Centro de Letras do Paraná.

Foi sócia fundadora da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, em 12 de abril de 1943, juntamente com meia dúzia de corajosas mulheres, atendendo a apelos de Lydia Moschetti.

Teve como paraninfa Carmen Cinira, Patrona da cadeira, nº 4, ocupada atualmente pela escritora Mila Cauduro.

Fez apreciação sobre os livros Alvorada, Gota d'Água e Alma Cigana, da poetisa baiana Seleneh de Medeiros.

No último trabalho, Perfis de Musas Poetas e Prosadores Brasileiros, Alzira cita o nome de centenas de autores brasileiros, trechos de seus trabalhos e uma apreciação sobre suas obras. A pesquisa e coleta de dados foi realizada durante oito anos de trabalho ininterrupto de correspondência trocada com pessoas e entidades culturais, públicas ou privadas, de vários Estados do Brasil. Isso exigiu, muita dedicação e persistência da autora, legítima idealista e entusiasta sincera das letras. A antologia é uma obra de 3.698 páginas organizada em cinco volumes. O dois primeiros volumes foram lançados em 1956, o terceiro volume em 1957 e os dois últimos em 1958, editados pela editora Thurmann. Foi uma publicação valiosa para o ensino, tendo sido adotada por escolas de vários Estados, como fonte de consulta para trabalhos escolares. Através dela, os estudantes tiveram oportunidade de encontrar autores que jamais teriam se tornados conhecidos sem a antologia.

O lançamento dos cinco volumes da Antologia ocorreu no dia 19 de junho de 1958, em sessão festiva da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da Estância da Poesia Crioula, no Centro de Tradições do 35, onde Alzira foi justamente homenageada, recebendo a Flor simbólica, a

mais alta distinção da mesma Academia conferida às suas sócias.

Alzira, jovem ainda, ingressou como fundionária na Agência Central dos Correios e Telégrafos em Porto Alegre. Seu Termo de Posse data de 31 de janeiro de 1948, nomeando-a para Auxiliar de Escritório VII. Sabe-se no entanto, que trabalhou por longo tempo na Secção de Protocolo, sendo funcionária exemplar: ativa, responsável e competente. Foi ótima colega, sempre pronta a colaborar, educada gentil e prestativa com todos. Aposentou-se na ECT em 1970, após 30 anos de serviços prestados. Na ocasião foi alvo de homenagens do Diretor Regional e dos colegas, tendo recebido um cartão de prata em agradecimento.

Não pertenceu a nenhum partido político, não praticou religião, porém seu vastíssimo círculo de amigos abrangia pessoas das mais variadas crenças e partidos. Todos admiravam e respeitavam sua inteligência e valor literário. Quando o alcance da cultura, na época, era difícil para a mulher, ela sobrepujou a discriminação do sexo. Foi uma autodidata em poesia e literaturas e pioneira em impor e demonstrar o potencial e capacidade feminina.

Mesmo não seguindo uma crença, Alzira demonstrava sensibilidade espiritual. Ela dizia: A verdadeira religião é a do coração e da consciência a de saber ser humana nas precisas ocasiões (Tacques, 1956, 17).

Gostava de animais, tinha dó dos cães e gatos abandonados. Recolhia-os e cuidava deles em sua residência, no bairro Partenon. Surgiu daí a grande amizade com a saudosa Palmira Gobbi, a “Protetora dos Animais”. Alzira, amiga que era dos irracionais, versejava também para pássaros, cães, gatos e cavalos.

A Câmara Municipal de Porto Alegre, RS, em sessão de 17 de novembro de 1980, aprovou o Projeto de Lei que desominou a Eua 1, da Vila Petrópolis, de Rua Alzira Freitas Tacques. Na placa denominativa Lê-se: “Alzira Freitas Tacques. Poetisa gaúcha” merecida distinção, pois Alzira muito cantou à Cidade Sorriso.

Eis alguns dos títulos com que foi designada por seus leitores e críticos: “A maior Poetisa gaúcha do Século XX”; “A Noiva da Inspiração”; “A Poesia feita Mulher” e ainda, a “Princesa da Poesia”.

OBRAS: Plenilúnio – Poesias (1927);

– Sombras – Poesias (1933);

– Rubis – Versos (1935);

- Mãos Prisioneiras – Poesias (1935);
 - Sob o Luar das Horas Mortas – Poesias (1942);
 - Sinfonia em Rubro Negro – Poema (1943);
 - Salomé – Poema (1943);
 - Marcha dos Beijos – Poemas (1944);
 - Torre Iluminada – Poemas (1944);
 - Poemas da Meia Noite (1947);
 - Rosas na Manhã de Sol – Poesia e Prosa (1951);
 - Perfil de Musa – Apreciação sobre poesias de Seleneh de Medeiros (1951);
 - Perfis de Musas, Prosadores, Poetas Brasileiros e Estrangeiros –
Antologia: 1º e 2º Vols., em 1956; 3º Vol., em 1957; 4º e 5º Vols., em 1958
- INÉDITAS:** O Canto do Cisne, Chão de Trevo, Há Pirlampos no Jardim e Um Fauno Sonha ao Luar.

Tinha a poetisa em preparo O Magistério e a Literatura – Estudo sobre personalidades de relevo do magistério sul-rio-grandense (Tacques, 1956, 1º vol. Contra Capa). Realmente foi uma grande perda literária que não tenham saído efetivamente do prelo, como era desejo da autora, suas últimas criações, como O Canto do Cisne, que bem merecia edição. Os originais em questão, encontram-se com Isis, a filha da autora.

Cândido Brasil

Mila Cauduro

Cadeira 04

Presidente



Mila Cauduro (Zulmira Guimarães Cauduro) nasceu em 1916 e reside em Porto Alegre. Política, romancista, contista, Roman-cista. Filha do genealogista João Pinto da Fonseca Guimarães e de Alice Tavares Guimarães. Viúva do Conselheiro do Tribunal de Contas Raul Cauduro (1910-1995). Cursou Normal, Francês e Inglês.

Presidiu a LBA em vários municípios do Rio Grande do Sul. Presidiu a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e a Associação Porto Alegrense de Cidadãs; membro da Comissão Estadual da Unesco, do Conselho Diretivo da Revista Rio Grande Cultura. Foi Vice-Presidente nacional do PDT no Rio Grande do Sul, Foi Secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul no período de 1991 a 1994 e Secretária Geral do Fórum de Secretários da Cultura do Brasil de 1992 a 1993.

Recebeu a Medalha da Academia Brasileira de História, em 1986; Medalha Cidade de Porto Alegre, em 1986; Medalha de Prata do Instituto Lourenço de Médiçi, Itália (primeira personalidade estrangeira agraciada). Colaborou no Diário de Notícias e Krônika. Participou em Vozes Femininas, em 1983; Presença Literária de 1987 a 1998; Palavras, em 1999, todas publicadas em Porto Alegre.

Publicou em Porto Alegre os livros, Chuva miúda, em 1957 (contos); Carta marcada, em 1958 (romance); Além do Silêncio, em 1968 (novela); Tempos depois, em 1972 (novela); O lar judaico, em 1976 (ensaio); A política é um dever, em 1977 (ensaio); Socialismo moreno, em 1983, Vida Partidária, em 1984 e A revolução feminina, em 2003.

Carmen Silvia Presotto

Cadeira nº 04



Carmen Silvia Presotto, nasceu em Sarandi, RS, em 1957. Casada, mãe de Carolina e Júlia. Professora Graduada em Língua Portuguesa e Literatura Clássica pelo Instituto de Letras da UFRGS.

Obteve formação psicanalítica junto a Escola Brasileira de Psicoanálise e Poesia Grupo Cero, onde exerceu atividades psicanalíticas até o ano de 2006.

Exerceu funções de professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Fernando Gomes e Escola Estadual Otávio de Sousa, Escola Estadual Imperatriz Leopoldina e no laboratório de Língua Portuguesa do Colégio Americano em Porto Alegre.

Obras Publicadas

Obras individuais:

- Dobras do Tempo - poesia – Ed. Alcance- 2003
- Encaixes – poesia – Organização e Projeto Gráfico da editoria Vidraguas e Editoração da Razão Bureau Editorial - 2006
- Postigos – poesia – 2010 - Editoria Vidraguas.

Publicações web de poemas, crônicas, photoPoemas e photoCrônicas no site www.vidraguas.com.br

Obras Coletivas:

- As palavras do século XXI - Coletâneas da Associação Artística e Literária, organização de Rozelia Scheifler Razia, 1998 e 1999.
- Lapidações – poesia e contos, coordenada por Berenice Sica Lamas, organização Hilda Hüber Flores, Ed. Evangraf - 2002.
- Cronicando – crônicas, organização Ivette Brandalise. Ed. Mais Que Nada – 2009.

Outras Realizações

Coordenadora do Projeto Cultural Vidraguas que já colocou no mundo, através da elaboração de Projeto Gráfico, os livros:

- “O Cavaleiro do Tempo” de Sérgio Luís Gallina; 2008
- “Memória Cultural Polonesa” de Tiago Halewicz; 2008
- “Viajando pela África com IBN Battuta”, organização de José Rivair Macedo, 2009.
- Minha Vida Meus Amores, Elma Neves de Moraes, 2009.

PhotoPoemas:

- Dois Amores ao Mesmo Tempo
- Imagine

PhotoCrônicas:

- Todo Dia é Dia de Livros e Bardos,
- Será que Mrs. Dalloway Passou por Aqui,
- Bufões D’Água,
- Nos passos de Mrs. Dalloway.

Vídeos:

- Entrevista com o poeta Ferreira Gullar
- O Banquete de Platão em parceria com o StudioClio, realização da Acorde Filmes.

Outras Participações

- Coordenação das atividades poéticas e do vídeo documentário: Uma Carta ao Presidente, apresentado no 5º Fórum Social Mundial em Porto Alegre, realização da Escola Brasileira de Poesia e Psicoanálise Grupo Cero.
- Integrante de Congressos Internacionais do Grupo Cero: 40 anos de Escritura Grupo Cero, em Madrid com o trabalho Blancas Páginas e com um Poema do livro La Mujer y Yo, no Congresso sobre a sexualidade segundo a poética do livro “La Mujer y Yo” de Miguel Oscar Menassa XIV, em Buenos Aires.

Cursos E Oficinas De Aperfeiçoamento

- Integrou as Oficinas Literárias Scrivere; Atelier da Palavra; Verbo Croniar; Grupo de Poesia Grupo Cero, Poesia com Fabrício Carpinejar, A Poesia em tempo de Internet com Edson Cruz, Oficinas de Memória Nar-

rativa com Luís Augusto Fischer, Paisagem e Cultura da Grécia Clássica com Francisco Marshall, no StudioClio; Ciclos de Filosofia Grega e Contemporânea com Donaldo Schüler.

- Participou do Curso de Poesia com o Poeta Ferreira Gullar no Pólo de Pensamento – RJ; Grupos de leituras sobre James Joyce com coordenação de Donaldo Schüler; Encontros e Conversas Literária com Armindo Trevisan, Nei Lisboa, Luís Antonio Assis Brasil, Ivan Isquierdo, Sergiuz Gonzaga no Espaço de Atividades Literárias Charles Kiefer; A Construção do Romance com Luis Antônio Assis Brasil no Espaço de Atividades Literárias Charles Kiefer, Curso sobre a Idade Média com Jose Rivair de Macedo, no StudioClio.

Outras Participações E Atividades

- Atuou como coordenadora de encontros poéticos Grupo Cero, onde também coordenou saraus e a Revista de Poesia Águaviva.
- Participou de uma Entrevista na UNITV pelo lançamento do livro Cronizando no Programa Nossas letras, coordenado por Luís Antônio Assis Brasil .
- Coordena, conjuntamente com Berenice Sica Lamas o Clube de Leitura “Rastros de um Livro”, com atividades mensais junto a ALF.
- Coordenadora Contextual do Site www.vidraguas.com.br, e do Atelier da Palavra à Poesia.
- Coordenadora, conjuntamente com Ricardo Hegenbart do Espaço Vidraguas, um Espaço Cultural na Internet e uma Editora que tem por objetivo possibilitar o estudo e a organização de escritos em geral para que os mesmos saiam das gavetas e ganhem corpo e alma para serem publicados. Identificando o foco do escritor, trabalha os textos tematicamente nos campos semântico, fonético e estilístico. Une criatividade com estilo individual da escrita que se apresenta, viabilizando uma conversa dos versos entre si, estruturando a escuta, a leitura em diálogo e o trabalho ligado ao desejo de ser publicado. Assim, cria pontes simbólicas entre o dizer e o sentir, traduzindo o imaginário de quem escreve para despertar os sentidos de quem lê. Daí surge a escrita visual:

“Com concretas palavras, cimentamos a VOZ do ESCRITOR e, feito pás de argamassa, selamos nossa língua junto aos dedos, momentos que, num pulsar de sangue, nos tornam elos, anéis, pontes de letras a palavras.

Lentes Concretas, canais de leituras, seremos a boca entre corações, e por aí vamos de Cantando na poeira, estrada e vida a outros olhares. Talvez,

queiramos que o gosto das sílabas sigam coladas a mais palavras, tintas além dos ritmos que no papel serão versos”

- Atualmente, participa de um Grupo de Leituras e Estudos de Filosofia Grega coordenado por Donaldo Schüller e do Seminário Noites Áticas, no StudioClio.
- Membro da União Brasileira dos Escritores e Decana do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba.

Luciana de Abreu
Cadeira N° 05
Patrona



“Minhas Senhoras:

(...) Nós temos sido vítimas dos prejuízos das preocupações do século; nós temos sido olhadas como seres à parte da grande obra de regeneração social. (...) Nós temos sido caluniadas, dizendo que somos incapazes dos grandes cometimentos; que somos de inteligência fraca, de perspicácia mesquinha e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniências do homem. (...) Nós temos sido condenadas à ignorância, privadas dos direitos do cidadãos e reduzidas a escravas dos caprichos políticos de legisladores egoístas. (...) Quererão que sejamos instruídas e sábias fechando-nos as Academias? (...) Quererão de nós os grandes cometimentos, as empresas arrojadas, quando se incumbem de pensar por nós e vendam-nos a todos os meios, quer materiais, que políticos ou morais?

Nós não somos somenos ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e atividade que a dele, e tanto a sensibilidade como a inteligência e liberdade participam o mesmo grau de desenvolvimento num e noutra sexo.

O que venho aqui em vosso nome altamente reclamar é, de parceria com a educação, a instrução superior a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que nossas aptidões nos levarem.”

São estes alguns aspectos da preleção sobre *A Educação das Mães de Família*, proferida no 6º Sarau do Partenon Literário por Luciana de Abreu e publicada em dezembro de 1873 em sua revista, com um comentário de Caldre e Fião onde frisava querer fazer “ouvir ao longe a palavra autorizada da ilustre rio-grandense, que elevando a tribuna do Partenon com a sua presença, elevou-se a si e a mulher brasileira”.

Nessa síntese ressalta de imediato o pioneirismo de Luciana de Abreu, primeira mulher brasileira a subir em uma tribuna e abordar temas sociais, como “A Emancipação da Mulher”, outra de suas conferências, pronunciada em 1875. Pioneirismo que deve ter-lhe custado caro, apesar dos momentos de glória que também lhe proporcionou, pois não se enfrenta

impunemente, ainda hoje, um mundo de homens, construído por homens, para homens, quanto mais há um século atrás. Pioneirismo muito mais valioso se levarmos em consideração que Luciana de Abreu não era nenhuma sinhazinha enfastiada e ociosa a empunhar a bandeira de uma idéia na moda. Era sim uma jovem mulher que, em uma noite fria de julho de 1847, foi colocada na Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia nunca se soube por quem.

Os frades de pedra, mudos como sempre e como sempre impassíveis, assistem à cena várias vezes repetida e já freqüente, pois dois dias antes ali fora deixado um menino, com poucas condições de sobrevivência, coitadinho, e na noite do dia dois, uma menina.

Esta é a terceira só em julho; outras virão. Logo a criança é retirada e, bem mais tarde, o registro é feito em caprichada caligrafia:

“MATRÍCULA Nº 255, 11 de julho de 1847: Às 6 e 1/2 horas da manhã expozerão huma menina recém nascida, branca, 1 coeiro de baeta encarnada, um pedaço de saia velha de baetilha da mesma cor servindo de mantilha, 1 camiza de paninho, 1 timão de chita de 2 qualidades, 1 dito de baeta encarnada, 1 lenço branco de orelha roxa, servindo de cinteiro, um dito de orelha encarnada, na cabeça uma touca de lamzinha roxa com forro azul, hum papel dizendo – Minha comadre: Quero que a minha afilhada chame Luciana Maria da Silva.”

É curta sua permanência ali, pois logo no dia seguinte é entregue à criadeira Justina Cândida da Silva, residente na Praça do Portão, com quem ficou até completar oito anos.

Mas é padrinho e pai adotivo, Gaspar Pereira Vianna, guarda-livros da casa comercial Porto & Irmãos que assume a verdadeira direção de sua vida, dando-lhe tudo o que é possível em sua modesta condição: alimenta-lhe o corpo por conta da Misericórdia e o espírito com livros dos mais variados gêneros, qualquer um que conseguisse emprestado. Sua madrinha, Clara Soares de Paiva, que com ele a batizara em 27 de dezembro de 1847 na capela da Santa Casa, a enche de mimos na mansão da família do comendador Israel Soares de Paiva. Nas concorridas festas e reuniões, assombra os presentes por sua memória, inteligência, personalidade, ao subir no banquinho como em um estrado e recitar poesias e discursos que antes lhe ensinam.

Não se descuidam também do intelecto: com sete anos freqüenta a

Escola Régia de d. Miguelina Ferrugem e, aos doze, completa a instrução primária na escola da prof^a. Henriqueta Andrade. Precisamente em 20 de dezembro de 1859, presta exame final perante a banca presidida pelo então Inspetor Geral de Instrução Pública Dr. José Antonio do Vale Caldre e Fião. Daquele momento em diante, ele jamais esqueceria a aluna brilhante que por mais dois anos permaneceu na escola em atividade não remunerada, auxiliando a antiga professora. Acompanhou sua trajetória e forneceu-lhe a escada para que pusesse ascender às culminâncias que nenhuma mulher conseguira ou quisera atingir na provinciana Porto Alegre de então.

Luciana prepara-se com afincos para o concurso à cadeira pública na rua Voluntários da Pátria, mas apesar de melhor classificada, deram-lhe apenas o papel de adjunta da 2ª aula do 1º Distrito e, ainda, precisou suportar a carga de inimizade e inveja da injustamente favorecida e seus “padrinhos”. Somente em 2 de maio de 1873 foi promovida na 2ª Cadeira Pública do 3º Distrito da Capital, contando com 25 alunas matriculadas. Tem a lamentar, no entanto, que o homem simples que a criara como um pai tivesse morrido de afecção hepática tempos antes e não pudesse dela se orgulhar.

Mais uma vez precisa agradecer a Caldre Fião, que por sua lembrança, na qualidade de presidente honorário do Partenon Literário, abriu-lhe as portas. Acolhe-a a entidade que congrega as inteligências mais vivas e a intelectualidade mais atuante da província. D. Luciana, como jovem inteligente e ilustrada, mãe e preceptora – indo mesmo contra alguns elementos céticos, literatos que dele fazem parte e que haviam dado um riso de mofa em resposta a essa lembrança.

E assim, em 20 de dezembro de 1873, Luciana sobe à tribuna do Partenon Literário e profere brilhante discurso. Foi a consagração, a glória.

No 7º Sarau do Partenon Literário, em 31 de janeiro de 1874, a ovação recebida durante a homenagem que lhe foi prestada, lhe assegurou o reconhecimento público. A esposa do Dr. Caldre e Fião, d. Mariz Isabel, coordena a subscrição para o presente que Apelles Porto Alegre lhe entrega em nome das mulheres a quem ela se dirige em suas preleções, uma primorosa escrivadinha de prata acompanhada de uma cara caneta de ouro, além de um álbum e um lindo ramallete de flores. A colega Maria José Coelho cria e declama um poema na oportunidade, exaltando-a. E, com orgulho, recebe em seu peito a cruz de ouro cravejada de brilhantes, a Cruz de Honra do Partenon Literário, que o 2º orador, escritor José Bernardino dos Santos, após brilhante alocução, lhe entrega em nome da entidade.

Mas a atividade de Luciana não se esgota no Partenon. Os diversos biógrafos que de sua vida se ocuparam, como José Antonio do Vale Caldre e

Fião, Múcio Teixeira, Andradina de Oliveira, Aquiles Porto Alegre, Dante de Laytano, apontam-na, além de portadora de grande talento, como “um tipo perfeito de mulher educada”, oradora brilhante, conferencista arrebatadora, poetisa e “romancista” (nome este com que suas amigas pretendiam ridicularizá-la, ao saber de sua intenção de escrever um romance, o que não chegou a se concretizar). Era também renomada preceptora, dona da aula mais freqüentada de Porto Alegre, ali na Rua da Ponte (atual Riachuelo), em um sobrado nos fundos do Theatro São Pedro.

Na verdade, a aula ou escola pública de Luciana, de acordo com os relatórios de sucessivos diretores de Instrução Pública da Província, possuía a maior freqüência em todo o Rio Grande do Sul, pois registrava 155 alunas em 1876, sendo que somente mais duas em Porto Alegre e duas no interior (Pelotas e São Lourenço) apresentavam matrícula com mais de cem alunas.

Era domingo, 13 de junho de 1880, quando morreu.

Os jornais da capital registram o pesar que se abateu sobre todos os que a conheceram e as numerosas pessoas que estiveram presentes ao sepultamento. O marido – por si e por seus filhos – agradeceu às senhoras que acompanharam Luciana durante sua longa enfermidade; aos facultativos que a atenderam sem receber remuneração e ao médico que até o último momento lutou para arrebatar das ações da morte uma vida imensamente preciosa à família; aos cavalheiros que pronunciaram orações fúnebres na igreja e no cemitério; às redações dos jornais da capital pelas palavras repassadas de sentimento.

No livro de registro do Cemitério da Irmandade de São Miguel e Almas, consta: - Luciana Maria de Abreu, falecida em 13 de junho de 1880 aos 32 anos, casada, cor branca, natural deste Estado, tísica pulmonar, inumada na Catacumba nº 179 da 1ª ordem.

O nome de Luciana de Abreu, apesar disso, vem vivendo através das épocas. De origem desconhecida – ela – entre todos os que a conheceram e com ela conviveram mais intimamente, foi a única a permanecer na memória da cidade. Ela pensava, e encontrou local e audiência para o seu pensar. De todos os que a cercaram, só ela teve consciência de sua transcendência como mulher e como ser humano, vencendo a temporalidade. Sem raízes e sem galhos, como solitária estrela brilha em um firmamento particular.

Maria Josepha Pisacco Motta

Eudóxia Assumpção Almeida
Cadeira 05



Em pesquisa

Maria Josepha Pisacco Motta

Cadeira 05

Presidente



Maria Josepha Pisacco Motta, filha de pais uruguaios, nasceu em Uruguaiana, RS, mas reside em Porto Alegre.

É licenciada em Pedagogia, com Especialização em Administração da Educação, tem pós-graduação em Antropologia Filosófica e é Mestre em Filosofia. Sua formação acadêmica inclui cursos de Ciências Sociais (incompleto), Biblioteconomia, Atendimento ao Superdotado entre outros.

De suas atividades profissionais constam o magistério em cursos de graduação e pós-graduação em universidades gaúchas, a Direção da Revista d Ensino, coordenação de cursos, painéis, equipes, concursos. Por mais de uma vez participou do júri do Prêmio Açorianos de Literatura; foi membro titular por duas vezes do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRGS, do Conselho Deliberativo da Associação de Técnicos em Educação, da FUNPROARTE.

Presidiu por duas vezes a Academia Literária Feminina do RS. Sócia fundadora da Associação de Administradores da Educação, que presidiu por três gestões, da Associação de Diplomadas Universitárias; da Associação de Ex-alunas do Colégio Nossa Senhora do Horto, entidade que presidiu.

Tem contos e poemas premiados, bem como publicados temas literários, culturais e educacionais em revistas, antologias, Jornais e boletins como:

Ensaaios

O mito da FC, Veritas, PUCRS, 1984; A importância da pesquisa para o planejamento educacional, Educação PUC, 1982; A linguagem da comunicação, RG Cultura, 1997; O mito nosso de cada dia, Veritas, PUCRS,

1981; Pelos caminhos de Lajeado, in: Turcato, Teresinha; O jardim das mandrágoras; O problema da ética da liberdade na obra “Lês mouches” de Jean Paul Sartre”, Veritas PUCRS, 1987; Ainda a poesia ... in Ajebianas de Sul a Norte, 1988; Dimensão do papel feminino hoje, in Vozes Femininas, 1983; Uruguaiana: predestinação histórica, in Molina, Vera Ione, org. Causos & Versos dos confins do Continente de São Pedro, 2006; Meios de Comunicação: violência e criança, Presença Literária, 1989; A Alfabetização de adultos, Revista do Ensino, 1971, Luciana de Abreu: pioneirismo e atualidade, Correio do Povo, 1977.

Contos

Libertação, CPRGS, 1987; Pequena história de Luciana, Presença Literária 2000; ainda em Presença Literária: Eletrodomésticos; Quase um encontro, 2005; Romy Scheneider dos pampas, 2006; Fuga, 2007.

Poemas

in Poetas Brasileiros de hoje: Peregrina, 1985; Receita de amar, 1986; Lamento, 1988. In. Presença Literária: Para Carlos Henrique, Onde?, 1988; Silêncio, 1994, Nunca se sabe, Andemos, 1998; Meus pobres versos, meu pai, Máscara, Construção, 2001.

Artigos

O que fazer com o superdotado?, Educação, PUCRS, 1991; O estudo da Filosofia através de seminários, Educação, PUCRS, 1987. Pesquisando a história da educação, Educação PUCRS, 1990; Conquistas, danos e perdas Presença Literária 1994; Academia: perspectiva histórica, Presença Literária 2002; Novo processo de ensino para classes de 1º ano, Revista do Ensino, 1966; Alfabetização: método em cores, Revista do Ensino 1968; A comunicação na relação professor-aluno, Revista do Ensino, 1971.

Co-autoria

Exercícios de gramática, 3º livro (para os Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo) 3 volumes.
Diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus (Doutrina e Interpretação) SEC-RS, 1972-1973, 4 volumes
Antologia – Comunicação e Expressão, Porto Alegre, Tabajara, 1973.
Momento de consolidar a educação no meio rural, Porto Alegre, SEC 1974
Habilitação em Administração Escolar. In. Profissionais da Educação: monografias das habilitações do curso de Pedagogia, Porto Alegre, PUCRS, 1981.

Amália dos Passos Figueroa

Cadeira Nº 06

Patrona



Bela, talentosa, melancólica, são adjetivos usados para qualificar a poetisa, cuja obra é sempre comentada. É difícil compreendê-la no seu tempo, mas é fascinante buscá-la, encontrar fragmentos nos fragmentos já reunidos de uma época em que a mulher como sempre pensou, mas em que não se reconhecia o que pensasse.

No Rio Grande do Sul, a imprensa surgiu em 1827; foi somente na década Farrroupilha que apareceu produção poética, sob a responsabilidade de representantes dos dois grupos políticos envolvidos no conflito. Entre os Farrroupilhas, Guilhermino César registra mais de uma dezena de nomes masculinos; entre os caramurus, destaca quatro nomes, sendo três de mulher: Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Maria Josefa da Fontoura.

Delfina, a cega, foi autora do primeiro livro impresso no Rio Grande do Sul; Ana Eurídice vai além da poesia, publicando conto e crônica; Maria Josefa, "...irrequieta, viril,...pouco fala de amor... Não se deixa contagiar pela exasperação romântica com que os farrapos lutam contra o poder central... brava mulher sempre quis competir com os homens... feminista avançada... poetisa medíocre."

Como no resto do Brasil, na Província eram escassas as ofertas culturais para as mulheres que, apesar de desempenharem diferentes papéis nos períodos de guerra, em geral permaneciam analfabetas. De alguma forma, no início do século XIX, alguns fulgores do Iluminismo alcançaram o Rio Grande; administradores, como Paulo da Gama, estão a reclamar da escassez e da precariedade do ensino; políticos, como Gonçalves Chaves, apontam os espantosos números da ignorância.

As mulheres incultas, escravas domésticas quase sempre

escondidas, foram observadas por viajantes estrangeiros; as exceções passaram despercebidas. Porque já foi visto que havia exceções.

Quando findou a Revolução Farroupilha, a capital da Província era pequena cidade, com prédios barrocos, muitas vezes de pau-a-pique; destacavam-se poucos prédios, como o Palácio do Governo, a Câmara, o solar do Visconde de São Leopoldo, a Santa Casa fora dos muros. Na Rua da Praia concentrava-se o comércio e estava recém concluído o edifício da Alfândega, próximo ao do Arsenal.

Pois nasceu Amália nessa Porto Alegre, no ano da pacificação da Província, precisamente em 31 de agosto de 1845, tendo sido batizada na Igreja Matriz:

“Aos vinte e quatro dias do mês de maio de 1846... o Reverendo Francisco Aurélio Martins Pinheiro batizou e pôs os santos óleos a Amália, filha legítima de Manuel dos Passos Figueroa e de d. Anna Cândida da Rocha Figueroa, o pai natural de Portugal, a mãe natural desta Província...”

Na pequena cidade com cerca de 12.000 habitantes, onde recém despontavam manifestações literárias, Amália teve o privilégio de nascer em família que tinha relação com as letras e, mais do que isso, relação com a vanguarda representada pelo inusitado da presença feminina. O pai era homem letrado, proprietário de jornal que circulara durante 1831. Provavelmente em 1834 publicou a *Epítome da Grammatica da Língua Nacional*; em 1834 e 35, foi redator de *Idade do Ouro*, “jornal político, agrícola e miscelâneo”, como se anunciava, e que defendia as idéias dos caramurus. Abeillard Barreto lembra que esse, além de Figueroa, tinha como redatora “a primeira mulher a exercer sua atividade na imprensa gaúcha”, ou seja, a incrível Maria Josefa, feminista avançada. Além de autor de livro didático e de jornalista nos agitados dias que precederam a Revolução Farroupilha, Figueroa teria sido proprietário da segunda tipografia instalada em Porto Alegre. Morreu septuagenário, deixando Amália órfã com apenas quatro anos; legou às filhas inclinação literária, pois Revocata também tornou-se poetisa reconhecida, membro do Partenon Literário.

Sacramento Blake afirma que a menina Amália, desde muito cedo, dedicou-se à poesia. A moça Amália vivera algum tempo no Rio de Janeiro, em companhia do irmão José, engenheiro e professor da Escola Politécnica. Foi ocasião de conviver com intelectuais da Corte, sendo reconhecida como poetisa, publicando no semanário *A Luz* e enviando trabalhos para a revista *Progresso Literário*, de Pelotas.

Em 1868 fundara-se a Sociedade do Partenon Literário que se perpetuou através da revista mensal. Evidenciou engajamento político,

vinculação ao romantismo e introdução do regionalismo na literatura rio-grandense. Amália fez parte do grupo do Partenon que tinha, entre seus objetivos, “educar em especial a mulher, determinando e valorizando seu papel social”. Em cerca de cem homens figuraram apenas quatro mulheres: as irmãs Figueroa, Luciana de Abreu e Luíza Azambuja. Apesar de pequena, a presença feminina surpreendeu os contemporâneos; o cronista Araré escrevia, em 1878, que “o Partenon elevou a mulher no meio da multidão pasma”.

O pensamento feminista da época manifestava-se na Sociedade. Luciana de Abreu combate a ignorância destinada às mulheres; denuncia injustiças contra elas cometidas, argumentando com a maternidade, de acordo com o pensamento iluminista: “...sem nós impossível seria à humanidade aperfeiçoar-se e progredir; porque somos mães... espalhamos o bem-estar... preparando o coração de nossos filhos para a virtude...” Em companhia de Amália vai mais além; consta em atas que as duas poetisas teriam perguntado: “Por que razão a mulher não goza da liberdade do homem?”

De 1871 a 1874 sucedem-se publicações de Amália no jornal *A Reforma* e na revista do Partenon. Em 1872 publicou o livro *Crepúsculos*, prefaciado por Apolinário Porto Alegre. Neste prefácio vem comentada a tristeza dos versos e a aflição que suscitam, mas são admirados pelo “aroma tão tênue e vaporoso, com colorido tão fino e delicado...” A moça tem efetivamente inspiração na tristeza, seus versos enquadram-se com perfeição no movimento romântico, cantando o amor desprezado, a inocência infantil, a morte na juventude. Acima de tudo, são versos que evidenciam solidão e melancolia. Escreve Zilberman: “Amália Figueiroa usa, como recurso de expressão, a natureza, o vento, o mar, os ciprestes, as sombras da tarde. São cantos tristes, lamentos de uma alma só, marcada pela desesperança”.

Realidade não é seu último trabalho poético, mas parece anunciar um próximo fim:

“A desdita enublou-me a existência
Que o maldito destino selou
Os ciprestes na sombra se alteiam
A miragem no céu se apagou!
Não me venhas falar desses sonhos
Que a procela ao passar derribou!”

Uma jovem mulher inclina-se à melancolia, parece desejar a morte. E morre em 25 de setembro de 1878. O vigário da Paróquia das Dores atesta o óbito: "...foi encomendado e dado à sepultura o cadáver de d. Amália Figueroa, idade 33 anos, natural d'esta Província, solteira, moléstia tísica pulmonar, sem sacramentos..."

Amália teria trabalhos publicados postumamente, como prova de reconhecimento ao valor de sua produção; entre 1882 e 1883, poesias são publicadas no *Almanaque de Lisboa*. Mas é a sua vida, à imitação da perfeita heroína romântica, que suscita comentários e discussões. Um mito começa a ser esboçado desde as notícias fúnebres. O *Álbum de Domingo*, em 29 de setembro de 1878, estampa:

"Mais uma fonte inspiradora abateu-se ao sopro rijo do vendaval dos túmulos... Mais um crânio predestinado, abundante de idéias... se parte na lájea fria dos túmulos, e se esconde no mundo tristonho dos mausoléus... Amália deveria viver e muito...para cantar aquelas doces melodias sentidas sempre com um gemido...eram queixumes,...ternos murmúrios de pesar...adivinrava o presentimento cruel que a torturava de uma morte prematura... Não morreu cantando porque há dois ou três anos emudecera, como as avezinhas à aproximação do inverno..."

A revista *Partenon*, em tom coloquial à defunta, registra: "...no luto da tua alma deixou de penetrar a luz da razão e morreste moralmente desventurada". Explica-se, então, a morte sem sacramentos.

O tardio romantismo cultuado no *Partenon* encontra na vida de Amélia os elementos para a construção de heroína perfeita: juventude, beleza, melancolia, tuberculose, loucura e morte. Múcio Teixeira, contemporâneo e amigo, abdica do elemento loucura, nega evidência, assim como omite informação sobre um grande amor que a poetisa dedicaria ao mestre Apolinário, assunto que Daisson transcreve de depoimento de S. Lauro: "Quando estudei em Porto Alegre soube que ela era bela e morreu louca, apaixonada por meu professor..." Já Spalding lembra comentários sobre "o noivado de Amália com o poeta Carlos Ferreira, que trocou o amor pela glória, seguindo para São Paulo com mesada do Imperador, a quem dedicara e recitava no São Pedro..." O noivo teria partido para sempre e a moça, "cansada de tanto esperar, entisicou e morreu."

Em *Serões de Inverno*, Aquiles Porto Alegre, amigo da poetisa, descreve-a como criatura extremamente delicada no físico e nas maneiras. Fora alta, franzina, insinuante; tinha negros os olhos e os cabelos, demonstrava sempre ar tristonho, como se sentimento profundo a torturasse.

Quando o Romantismo foi sendo substituído por outras correntes que pintavam a mulher com novas cores, a obra de Amália passou por releituras, continua sendo objeto de avaliações sob novos critérios. É obra que permanece. Descobre-se em publicação estrangeira o reconhecimento de “apreciável vocação poética”. Sabe-se que falava, escrevia e traduzia francês; percebe-se erudição na sua produção poética. É feita patrona da cadeira nº 6 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, quando de sua fundação em 1943. Trabalhos bem recentes destacam a qualidade de sua obra, como é o caso do de Zilberman, lembrando o significado revolucionário da escola romântica, isto é, o culto ao eu, o egotismo, ou a individualidade que é “a marca da sobrevivência de uma unidade, em um mundo que se apresenta caótico e fragmentado na sua complexidade”.

E era caótico o mundo de Amália, não só o mundo interior oprimido das mulheres de seu tempo, mas ainda o contexto histórico da Província em que viveu: vivenciou ampla mobilização que ocorreu durante a guerra da Tríplice Aliança; teve consciência da injustiça que se fazia a homens negros, pois acompanhou a campanha abolicionista no Partenon; lutou por direitos femininos junto com algumas poucas mulheres do seu tempo, sentiu as transformações da modernidade que se aproximava.

Nossos escritores românticos pouparam-se do egotismo que caracterizou o movimento; não permitiram que sua intimidade fosse devassada. Amália, entretanto, foi a única que abriu seu coração, “... em seus versos o eu lírico se revela...”

Há muito para buscar na poetisa, como personagem indicador de uma época, que permaneceu ao melhor círculo literário, que publicou no melhor estilo, que teve coragem de registrar os próprios sentimentos.

Núncia Santoro de Constantino

Aracy da Silva Froes Peres
Cadeira N° 06



Aracy da Silva Froes Peres nasceu em Porto Alegre em 1907 e faleceu no ano de 1977. Comerciarista e poetisa. Filha de Antônio da Silva Froes Junior e Elvira Coelho Froes.

Estudou em Porto Alegre. Foi membro do Instituto Rio-Grandense de Letras.

Colaborou em jornais de Porto Alegre como A Federação, Correio do Povo, Diário de Notícias, Jornal da Manhã, Jornal da Noite. Corimbo, em 1934, de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Publicou um livro de poesias com o título Fragmentos d'alma, 1936, em Porto Alegre.

Núncia Maria Santoro de Constantino

Cadeira 06



Núncia Maria Santoro de Constantino nasceu em Porto Alegre onde reside. Professora universitária e historiadora. Filha de Egypto Santoro e Cora Campello Santoro. Casada com o advogado João Constantino Filho.

Cursou história em 1974 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestrado em educação, em 1981, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul onde leciona e Doutorado em História Social, em 1990, na Universidade de São Paulo.

Membro da Academia Literária Feminina do rio Grande do Sul e do Comitê del

Émigracione Italiana, presidiu a Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul. Colaborou nas revistas Estudos Ibero-Americanos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Tempo do Rio de Janeiro, Insieme de São Paulo; Hoy es História de Montevideo; Daedalus e Emigrazione Regione Calábria da Itália.

Participou no I Ciclo de Palestras sobre a História do Rio Grande do Sul, 1986, em Porto Alegre; Presença Literária, 1988-94, Porto Alegre; Porto Alegre, História e Cultura, em 1987, Porto Alegre; A presença italiana no Brasil, 1990, Porto Alegre; La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile, 1991, Torino, Itália; Raízes de Gramado, 1992, Gramado, Rio Grande do Sul; 1893-95: a revolução dos Maragatos, 1993, Porto Alegre; Diversidade étnica e identidade gaúcha, 1994, Santa Cruz do Sul; Nós, os ítalo-gaúchos, 1996, Universidade Federal do rio Grande do Sul.

Publicações:

Santiago, RS: da concepção à maturidade em compasso brasileiro. 1984, Porto Alegre (monografia municipal);

- O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense, 1991, Porto Alegre (dissertação de mestrado).

Tania Rossi
Cadeira 06



Em pesquisa

Celina Martins
Cadeira Nº 07
Patrona



Nascida em Quarai, a 15 de dezembro de 1909, Celina Martins era filha de Horácio Martins e de Dona Regina Wagner Martins. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal e mais tarde cursou a Escola Normal em Porto Alegre, onde recebeu o diploma em 1929. Nomeada professora, foi exercer o magistério em Quarai.

A poetisa não publicou livro algum, divulgando suas poesias através da imprensa fronteiriça. Foi sócia correspondente do extinto Instituto Rio-Grandense de Letras.

Faleceu a 25 de agosto de 1946, aos 37 anos de idade.

Celina Martins era toda feita de bondade, de carinho, de afeição. Seu lindo e suave coração semelhava um templo acolhedor, aberto sempre para os que sofriam, para os que encontrava desgarrados a vaguear por estradas de lágrimas e cruces...

Espírito de luz, alma plasmada nos mais puros reflexos do luar que tanto amava, Celina passou por este mundo como a fada benfazeja da consolação a amaciar de paina as pedras e espinhos de alheias sendas, a orar pelos párias e transviados, a apontar aos seus alunos o roteiro do conhecimento e da verdade, e mais ainda, a semear as mancheias a Beleza, través as lascas de estrelas dos seus versos que até hoje fulguram aos refletores da Saudade, na memória dos seus amigos e admiradores do seu estro e das virtudes peregrinas que lhe ornavam o imáculo caráter.

Até no Amor sua delicadeza se revelava tanta que dir-se-ia o sussurro de um anjo ao ouvido da inocência, ao segredo transmitido de uma corola a outra corola pela linguagem da brisa enamorada:

“Mais do que orvalho bom das madrugada
no cálice ressequido de uma flor,
mais do que bálsamo suave das baladas
no bosque silencioso de um amor.

Mais que o encanto das noites consteladas
em que se expande e acalma a nossa dor,
tua carta de letras azuladas
foi para mim qual benção do Senhor

Dessa trama vibrátil do teu ser
em que às asas de luz de tantos sonhos
prendes o anseio de um feliz viver,

Desprendeu-se a centelha do carinho...
- Tua carta os dias meus tornou risonhos,
- Teu afeto floresce em meu caminho! ...”

Celina desapareceu dos planos materiais, mas continua a viver na reminiscência e carinho dos que a ela se afeioaram e a têm sempre presente através da doçura evocativa das suas lindas e melancólicas estrofes.

O consagrado escritor João Pereira da Silva escreveu no *Almanaque de Santana*, em 1946, a seguinte nota sobre a grande beletrista Celina Martins: “Há nove anos, por uma manhã gélida de agosto, a terra quaraiense abria o seio maternal, para receber o corpo inerte da maior poetisa nativa: Celina Wagner Martins.”

Poetisa de fina sensibilidade, coração amplamente generoso, culta e modesta, Celina Martins deixou atrás de si um rasto luminoso de realizações fecundas.

Professora diplomada, fez da arte de educar um verdadeiro sacerdócio.

Ela amou acendradamente a sua terra, cantando-a com aticismo nas rimas de seus versos dolentes e românticos. Por isso vive na admiração e na saudade da sua terra e da sua gente.

Alzira Freitas Tacques, em sua obra *Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros*, escreveu: “Numa de suas belas missivas a mim dirigidas, incluiu este soneto de sua autorias, que conservo como preciosa relíquia, como diamante de valor inestimável entre outras gemas mais de minha estima”:

“Ó Deusa da Bondade e da Harmonia
que vens turbar o meu sombrio viver,
cobre-me com veste luzidia
e este meu tear vazio deixa morrer!

Na alcova d'alma, silenciosa e fria.
Amor um manto veio a mim tecer...
jogou ao fogo minha fantasia,
e uma saudade vi então nascer.

Eleva aos ares teu clarim de glória!
Desenrolando os véus de ideais infindos
canta. Sereia a vida transitória!

Que para o gozo de minh'alma nua
eu tenho a seda dos teus versos lindos,
e a calidez dessa bondade tua.”

Colaboração de Acadêmicas

Beatriz Regina Fortunatti
Cadeira N° 07
Fundadora

Em pesquisa

Magda Costa

Cadeira 07



Magda Costa (Circe de Moraes Palma Monteiro) nasceu em Porto Alegre, em 1913 e faleceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1992.

Atriz, declamadora, radialista, poetisa, teatróloga, jornalista. Filha de Rafael Rodrigues Palma e Valentina de Moraes Palma. Foi casada com Manoel Monteiro. Estudou no Colégio Sevigné de Porto Alegre. Atriz de teatro de 1932 a 1935 e declamadora profissional.

Fundou o Correio Pelotense e dirigiu a revista O mundo escolar, em 1923, Rio de Janeiro. Trabalhou nas rádios Princesa do Sul, em 1962 e Cultura.

Fundou o Teatro Escolar Magda Costa. Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da Academia Sul-Brasileira de Letras.

Publicou *Ânsias*, em 1937, Porto Alegre (poesia); *A psicanálise e o homem*, em 1938, Rio de Janeiro (Conferência); *Ensaio de Filosofia*, em 1938, Rio de Janeiro (Conferência); *A pensão de Dona Leocádia*, em 1939 (Comédia encenada no Rio de Janeiro); *A casa dos solteiros*, em 1939, *As filhas de seu Tomé*, em 1939; *A ssetença*, em 1945 (Comédia musicada, encenada em Pelotas); *Palácio Hotel*, em 1945 (Comédia) e mais as peças radiofonizadas em Pelotas: *O assassinato de Dona Heloísa*, em 1942; *O inquilino do apartamento 17*, em 1942; *O crime da rua Buarque de Macedo*, em 1942; *O avião sinistro*, em 1942; *O detetive moribundo*, em 1943 (peça policial adaptada de Conan Doyle).

Marilice Costi

Cadeira 07



Marilice Costi nasceu em Passo Fundo e reside em Porto Alegre desde 1974.

Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Vale do Rio dos Sinos em 1981, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. É Mestre em Arquitetura (PROPAR - UFRGS). Devido às suas oficinas, fez Especialização em Arteterapia pela Faculdade Marechal Cândido Rondon, PR.

Atua como arteterapeuta, professora, arquiteta, consultora, artista plástica, oficinaira e contadora de histórias. Também organiza a produção de livros.

Tem experiência docente na Universidade de Passo Fundo (UPF) e Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC-RS) na área de Técnicas Construtivas, Conforto térmico e Avaliação Pós-ocupação e ministrou curso de extensão universitária na UNISINOS.

Ministra oficinas e workshops para grupos e de forma individual, dá palestras.

Criou a Oficina de Poesia: *A linguagem do poeta e a síntese interior* em 1995 e desde lá mantém oficinas em atelier e em áreas públicas. Suas oficinas de escrita e arteterapia tem o foco de desbloqueio e estímulo para a criatividade em diversas áreas artísticas.

Participou de várias antologias, entre elas: Contos de Oficina 3 (Oficina de produção literária do escritor Assis Brasil); Dança 50 (org. Berenice Sica Lamas), Poemas nos ônibus e Concursos Histórias de Trabalho (poesia, conto e vivências) em vários anos.

É comentarista do CONSUMIDOR-RS, colunista no Info-IAB-RS e Rede PSI-SP.

Atuação em Artes Gráficas

2007 out./nov. – Foi selecionada para a 5ª. EXPOARTE – Shopping da Lagoa, Tapes/RS. Arte gráfica “*Polaridades*”.

2007 out Participação no Projeto Renascer, Itália, com o Livro do artista: *Da l'Itália noi siamo partiti*, feito com materiais diversos.

2007 Organizadora do livro infantil *O Vento Peralta* de Suzete Poyastro.

2007 Capa livro Coleção Sempre Viva: Academia Literária Feminina do RS: minicontos.

2005 Criação gráfica da abertura e página principal do site

www.sanaarquitectura.org.br

2004 out./nov.- Participação da Exposição “*Dali por artistas daqui*” – Embaixada da Espanha no Brasil, Agência Espanhola de Cooperação Internacional e Centro Cultural Brasil-Espanha de Porto Alegre.

2004 Criação capas para Coleção Sempre Viva – Academia Literária Feminina.

2003 Criação logotipo da Academia Literária Feminina (apoio em software F. Gama)

2003 - 2004 - Aluna do Atelier Livre.

1999 Desenho capa Dança 50, de Berenice Sica Lamas (org.).

1998 Criação logomarca e material gráfico - Clínica de Neurologia

1993 Desenho da capa do livro Clichês Domésticos - Ed. Movimento.

Atuação em Arquitetura: Consultorias, Projetos, Reformas e Orientação Técnica; Conforto Ambiental (Iluminação, Conforto Térmico, Acessibilidade, Adaptação para Deficiente Físico e Mental); Manutenção, Fiscalização; Análise de Orçamentos e Compras; Usucapião e Regularização; Ouvidoria em Incorporadora; Patologia Construtiva, Correção e Acabamento em apartamentos ocupados; Áreas Falimentares; Patrimônio Histórico; Estabelecimentos de Saúde e outros ambientes.

Alguns trabalhos mais importantes:

2004 - Projeto de iluminação da Igreja Matriz N.Sra. da Conceição – Viamão. Edificação tombada. Primeira Igreja do RS. (aguarda execução);

2000 a 2002 - Proposta de revitalização Frigorífico Z.D.Costi & Cia. Ltda. 22 há de área e 14 mil metros de área construída, que resultou no artigo

Z.D.Costi & Cia. Ltda – História de um núcleo fabril - VII Encontro de Teoria e História da Arquitetura do RS. UPF – Passo Fundo – out. 2003,

também publicado no Portal VITRUVIUS.COM.BR.; 1982 a 2004 – Projetos de reforma em residências com Avaliação pós-ocupação e sustentabilidade,

além de participação em perícias, avaliação e correção de patologias construtivas, interiores, conforto ambiental, luz e cor, mobiliários e reformas em área residencial urbana e rural, comercial. Ouvidora da Píffero Incorporadora Ltda.

Atuou como arquiteta em área pública:

1984 a 1996 ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE - SSMA - Estado do RS, Responsável pela manutenção dos estabelecimentos de saúde da rede. Orientação, coordenação na execução de serviços de manutenção dos postos de saúde e unidades sanitárias, elaboração de cadastro dos imóveis e suas condições de habitabilidade. Projeto, execução e fiscalização dos serviços; projetos de reformas de manutenção e ampliação, área para imunobiológicos (câmaras frias), assessorias a Prefeituras Municipais do RS, fiscalização, laudos de vistorias, avaliação de imóveis, interiores. Avaliação Pós-Ocupação do Hospital Presidente Vargas.; 1982 a 1984 Patrimônio Histórico - Iphan E Sdo/Rs.

Atuação em Literatura

Premiações

2006 Prêmio Açorianos de Literatura para *Ressurgimento* – (poesia . v. 3 da Coleção Sempre Viva da Academia Literária Feminina do RS) – Secretaria de Cultura (PMPA-RS); 2005 *Concurso Histórias de Trabalho 12ª. ed.* – Lembranças e vivências - Prefeitura Municipal de Porto Alegre; 2005 *Prêmio Lila Ripoll de Poesias* – Assembléia Legislativa do RS; 2005 2º. Concurso de Poesias Biblioteca Leverdógil de Freitas - IPDAE – P. Alegre; 2000 *Concurso Poemas nos ônibus* - Prefeitura Municipal de Porto Alegre - 9 ed.; 1998 *Concurso Histórias de Trabalho* – Prefeitura Municipal de Porto Alegre - poesia - menção honrosa; 1996 *Concurso Histórias de Trabalho* – Prefeitura Municipal de Porto Alegre – conto - menção honrosa; 1994 *Concurso Poemas nos ônibus* – Prefeitura Municipal de Porto Alegre; 1993 *Concurso Poemas nos ônibus* – Prefeitura Municipal de Porto Alegre; 1985 *Concurso Mário Quintana* - Prêmio Petrobrás de Literatura – poesia; 1982 *Concurso Nacional Mário Quintana* – Alegrete – 1º lugar – conto.

Obras Publicadas

2005 - *Ressurgimento*. Porto Alegre: Evangraf, ALF. [Prêmio Açorianos 2006](#)
2002 - *A influência da luz e da cor na circulação hospitalar: o caso do corredor-espera*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
2001 - *Como controlar os lobos? Proteção para nossos filhos com problemas mentais*. Porto Alegre: AGE.
1994 - *Clichês Domésticos*. Porto Alegre: Ed. Movimento.
1985 - *Mulher Ponto Inicial*. Porto Alegre: Ed. Movimento.

www.sanaarquitectura.arq.br

Julia Lopes de Almeida

Cadeira Nº 08

Patrona



Filha do Ilustre educador Dr. Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Vicente, e da conhecida musicista Antonia Adelina Pereira. Nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862, passando grande parte da sua infância e adolescência em Campinas, Estado de São Paulo. Nesta cidade se revê-laram os seus pendores literários, onde lançou, em colaboração com a irmã Adelina, o seu primeiro livro *Contos Infantis*, que larga repercussão teve na época.

Julia Lopes colheu, logo, a consagração unânime da crítica, com o novo volume publicado *Traços e Iluminuras*, de crônicas leves, em que a delicadeza de sentimentos da autora se traduz na exaltação do Belo e da Bondade.

Ligou-se Julia Lopes pelos laços matrimoniais ao inspirado poeta Felinto de Almeida, saindo desse lar, para a maior grandeza das Letras e das Artes no Brasil, os seguintes filhos: - Afonso e Albano Lopes de Almeida, - o primeiro fino cultor das Musas, e o segundo, - desenhista e pintor; Lucia e Margarida Lopes de Almeida, sendo a última declamadora exímia.

As responsabilidades de família em nada prejudicaram a pena privilegiada de Júlia, que continuou a produzir e a brilhar, dando a lume *A Família Medeiros*, obra de fundo sociológico, anatematizando o trabalho escravo e tecendo encômios à liberdade de ação e autonomia no sentido de direção. Apareceram mais tarde *Correio da Roça*, *A Viúva Simões*, *Ânsia Eterna*, *O Livro das Damas e Donzelas* e ainda *A Árvore*, opúsculo em colaboração com Afonso Lopes de Almeida.

Julia Lopes de Almeida possui no seu estilo a limpidez, a cristalinidade dos diamantes, a simplicidade serena das paisagens banhadas de luar, e não se cansa de preconizar o amor em suas novelas, contos e romances, o amor – elevação, o amor que alia a um prisma de alta

moral e ternura, e a confiança, que perfazem os alicerces do lar, a solidez constitutiva de sadio afeto ao convívio comum obrigatório sob o mesmo teto construído sob a égide do respeito-mútuo do espírito e do coração.

Mulher culta, iluminada, de educação superior, realizou ela diversas viagens ao estrangeiro, trazendo seu nome mais ainda incensado, glorificado por legiões de admiradores sinceros.

Mereceu Julia Lopes de Almeida, de seu filho Afonso, um primoroso volume de poesias *Terra e Céu*, todas para ela escritas, sendo que a dedicatória inicial conclui por estes lapidares tercetos:

“Tudo me envolve num astral fulgor,
minha Mãe, minha Mestra, minha Amiga,
três vezes minha Mãe no meu AMOR!”

Ao fechar os olhos para sempre no sono da Eternidade, no dia 3 de maio de 1934, seu esposo poeta, num sentido soneto cheio de alma, exteriorizou a sua grande dor pela perda daquela que foi tudo na sua vida, de sagrado e magnânimo, suplicando que, quando também de sua morte, misturassem suas cinzas às da Bem-Amada imortal.

O texto transcrito abaixo é parte do capítulo intitulado *As Jóias*, que foi destacado da sua admirável obra *As Noivas*.

Julia Lopes de Almeida assim se expressa com elegância, singeleza e arte no grau máximo do termo:

“Talvez que uma das nossas manias características seja a das jóias. Neste formoso país do sol, onde as cintilações fervilham por toda parte, nas asas espalmadas das borboletas e nas asas inquietas dos colibris; nos besouros verdes, azuis, vermelhos, cor de bronze ou cor de ouro; nas águas serenas dos lagos, onde se reflete o verdor opulento dos montes, ou na água movediça do mar, onde nada se espelha; neste país em que a natureza parece um sonho de delícia e de encanto; onde por toda a parte há faíscas brilhantes que saltam sorridentes à nossa vista, aparecendo e desaparecendo, numa belíssima dança; nesse país... parece que deveria haver uma certa indiferença ou cansaço que não deixasse sentir grande enlevo pelas rutilações das pedrarias.

Entretanto...

Entretanto o nosso olhar não cansa nunca do fulgor das jóias. Há entre elas e a gente uma como que ligação magnética.

Fascinam-nos! Dominam-nos! Têm sobre nós o poder da beleza e da graça, de que abusam num despotismo feroz!

O primeiro brilhante! Que deleitoso encanto! Cai como uma lágrima de alegria em nossa mão. De onde veio aquela lágrima?

Do céu, talvez, de um lugar misterioso e divino, cheio de graça e cheio de luz!

Não supomos que coisa tão bonita tivesse vindo envolta nas areias pardas de um rio turvo.

O fundo do rio é lodacento, é frio; rolam nele os seixos grosseiros e as vegetações luminosas, entre as quais se esgueiram peixes sem escamas escorregadios e moles.

Ainda se os brilhantes viessem à luz, rolando alegremente, de cachoeira em cachoeira, já lapidados, refletindo o céu e o sol, na doída sinfonia de alacridade e da luz! Então seria outra coisa! A imaginação da menina não atribuiria o seu primeiro brilhante, esta cristalização ideal, ao fragmento de uma mina reluzente chispante, de um mundo desconhecido, esplendoroso e inacessível!

O primeiro brilhante! É afagado como um ser vivo, entra nos sonhos, interrompe o sono, atrai a todo instante, e torna-se assim, não só por vaidade, mas por uma imperativa tendência do organismo da moça, como que uma afeição.

A pérola, com toda sua poesia e graciosa tristeza, não seduz tanto! Entra mais tarde nas predileções da mulher, quando o seu espírito já não se deixa levar pelo efêmero, o vistoso e o ornamental, e penetra no mundo da poesia e de meditação.”

Colaboração de Acadêmicas

Sueli de Freitas Prunes

Cadeira Nº 08



Sueli de Freitas Prunes nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, em 1912 e faleceu em Porto Alegre no ano de 1968.

Foi teatróloga, cronista, prosadora. Filha de jornalista Cirino Tiellet e de Maria de Freitas Prunes.

Formada no secundário foi Oficial Administrativo da Imprensa Oficial do Rio Grande do Sul. Aposentou-se em 1968.

Obras publicadas

- Cumparcita, em 1968, Porto Alegre (co-média estreada no Teatro São Pedro);
- Menino Grande, em 1953 (conferência)

Taís Pinto de Lacerda Florinda
Cadeira Nº 08



Taís Pinto de Lacerda Florinda, nasceu no Rio de Janeiro.

Poetisa e trovadora. Filha de Antônio Pinto e Antônia Bento Pinto.

Participou em Co-poemas e poetas brasileiros; A música brasileira e seus intérpretes; A música brasileira e seus sinos.

Obras publicadas:

- Sonho de amor.
- Flores ao vento;
- Ramagem sombria;
- Amor, sempre amor (todos poetas); e,
- Alvorada de estrelas (trovas).

Dileta Aparecida Pereira Silveira Martins

Cadeira nº 08



Dileta Aparecida Pereira Silveira Martins, nasceu em Julio de Castilhos, Rio Grande do Sul, Brasil.

É mestre em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com a dissertação sob o título *As Faces Cambiantes da Crônica Moreyriana*, (1975-1977).

É doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com a tese sob o título *História e*

Tipologia da Crônica no Rio Grande do Sul, (1982 – 1985).

Foi Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil de 1975 a 2007 e Chefe do Departamento de Estudos Literários de 1985 a 2007. E Professora da Rede Estadual de Ensino, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil de 1970 a 1995.

Atuou nas áreas de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira Língua Portuguesa, Prática e Produção Lingüística, Pesquisa Científica. Participou em 40 Bancas de Mestrado e Doutorado e em 10 Qualificação de Doutorado. Fala bem os idiomas Francês e Espanhol e razoavelmente o Inglês.

Recebeu o título de Cidadã Emérita de Porto Alegre, na Câmara Municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul em 10 de outubro de 1991 e a Medalha Medalha Irmão Afonso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 28 de novembro de 2000.

Produção Bibliográfica

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira; ZILBERKNOPP, Lúbia Scliar. *Português Instrumental*. 26. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 470 p.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira; BINS, Patrícia (orgs). *Brasil. Receitas de Criar e Cozinhar*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998. 194 p.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira (org). *Cada um carrega o seu deserto*. Porto Alegre: IEL/EDIPUC/RS, 1995.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira. *O espaço artístico na poesia de Jayme Paviani*. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZILLES,

Urbano. (Org). Filosofia: Diálogos de Horizontes. Porto Alegre/Caxias do Sul, 2001, v. 1, p. 405-413.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira. In: DE, Assis Brasil, Luiz Antônio; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. (Org.). Pequeno dicionário de escritores sulinos. Porto Alegre, 1999, v. 1, p. 142-143.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira. A Teoria da Relevância como suporte para as aulas de Português no laboratório de línguas. In: LETRAS, Faculdade de. (Org.). Didática da Língua e da literatura. Coimbra, 1998, v. 1, p. 503-507.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira. Patrícia Bins. In: SANTOS, Volnyr; SANTOS, Walmor. (Org.). Antologia Crítica do Conto Gaúcho. Porto Alegre, 1998.

MARTINS, Dileta Aparecida Pereira Silveira. Alexandre Herculano. In: MASINA, Lea. (Org.). Guia de Leitura. 100 Autores que você precisa ler. Porto Alegre: LPM, 2007.

E-mail: diletasm@terra.com.br

Ana Cândica Alvim

Cadeira N° 09

Patrona



“Cidadezinha faceira
que se ergue sobranceira
Entre colinas formosas
Em negligente beleza
De arvoredos orbiculados
Semelha risonha fada
Dos bosques subindo airosa
Que banhada docemente
Por alvas ondas de prata
Gentilmente se retrata
No majestoso Uruguai.”

Ana Cândica Alvim nasceu em 1850 na cidade de Uruguaiana, tão poeticamente descrita por ela nos versos acima expostos.

Neste chão da fronteira começou a história desta poetisa, educadora e jornalista. Filha de José Cândido Alvim e de Ana Prado Alvim. Seus pais proporcionaram-lhe uma infância eivada de afeto, canções e cirandas. Aprendeu a ler com sua mãe, senhora culta, cantora e exímia pianista. Jamais frequentou escola e teve um professor de francês por seis meses apenas. Sua infância desenrolou-se em ambiente rico de calor humano e onde o assunto dominante era a já finda Revolução Farroupilha.

As crianças tinham para ouvir e se empolgar os mais variados lances da luta já passada e os mais ricos e extraordinários casos. Estes casos lhe povoam o espírito de fantasia e ao mesmo tempo admiração pelos feitos de seus antepassados.

Sendo Ana Cândica descendente de ilustre família rio-grandense e seu avô um dos fundadores da cidade de Uruguaiana, sua alma sensível ia lentamente absorvendo o que via e ouvia.

E assim foi solidificando-se o idealismo que norteou sua vida.

A profunda e indelével impressão causada pelas brilhantes narrativas da Epopéia Farroupilha inspirou-a a escrever o seguinte:

“Do nobre avô materno, fervoroso
Farroupilha que sempre tinha n’alma

Enlevada escutava os episódios
De luta decenal e celebrada
Que tanto enalteceu a plaga amada
E gravando se foi entre fulgores
Na calma juvenil entusiasta
A grandeza de idéia democrática
Inspirada nos mais belos princípios
Do direito que assiste a humanidade
De ser livre, mas tendo sempre n'alma
As normas do dever austero e nobre.”

Autodidata, Ana Cândida tinha um caráter disciplinado e vontade férrea. Sem esmorecimento trilhou o caminho a que se propôs sempre inspirada no direito e na liberdade. Conseguiu ver coroados de êxito seus esforços, quando ao prestar exame na Escola Normal de Porto Alegre obteve as melhores notas. Retornou à sua terra natal diplomada e disposta a exercer o magistério público estadual. Assim o fez. Como professora destacou-se por seus elevados dotes intelectuais e o idealismo que a envolvia contagiou várias gerações de educandos, insuflando na alma destes o culto pelos nossos heróis e nossas tradições. Gostava de organizar festas cívicas em seu colégio e tomava parte ativamente em todas as demonstrações patrióticas. Destaca-se a Conferência Literária realizada na noite de 7 de setembro de 1908 no Teatro Carlos Gomes de Uruguaiana, cujo tema foi “Pátria”.

“Pátria nome sublime e santo, guardado com doce carinho no sacrário d'alma, entre os nossos primeiros e indeléveis afetos.

Pátria, palavra mágica e divina que faz-nos pulsar o coração, em dulcíssimas vibrações de entusiasmo e amor.

Pátria é o berço amado dos nossos sentimentos mais belos e puros, das esperanças mais formosas, dos anelos dourados e santos; é o primeiro sonho, belo e divinal, que embalou-nos a alma no doce florir da existência.

Pátria, é o monte, o lago, o rio, o campo virente onde brincamos na infância; é o templo adorado, entre todos o mais formoso e santo, em que escutávamos o doce e melancólico tanger da

Ave Maria e onde íamos sorridentes, pela mão de nossos pais, ouvir sagrados salmos do levita do Senhor.

Pátria é o torrão amado onde esvoaçaram, como um lindo bando de pombos alvinitentes, os dias felizes e descuidosos da infância; é a casa paterna, palácio ou choça sempre querida, embalsamada dos maternais carinhos, falando-nos a alma, trazendo-nos a veneranda imagem de nossos pais, e tendo nas paredes, no teto, em cada canto gravado todo esse passado formoso e ridente, tão cheio de encantos e enlevos.”

... e continua neste ritmo a cantar a Pátria ao longo de vinte e oito páginas.

Ana Cândida, em sua juventude, foi abatida pelo destino inexorável, que arrebatou-lhe seu amado noivo. Sublimou sua dor escrevendo poemas plenos de lirismo nostálgico e romântico.

Esta pequena e frágil criatura teve como companheiro seu irmão José Cândido Alvim, também acometido por grandes provações e infortúnio. Quando estava com oitenta anos, este irmão faleceu e em meio à dura perda e em plena lucidez publicou um livro de poesias, *Grinalda de Saudades*, homenageando, pós-morte este estimado irmão.

Em 9 de maio de 1934 com 84 anos de idade extingue-se a chama de talento desta poetisa admirável que dizia:

“São poetas todos os que sabem verdadeiramente sentir e amar, porque a poesia nasce da luz e do amor.”

Gladis Menezes

Aurora Nunes Wagner
Cadeira nº 09
Fundadora e Presidente



Filha de Clarimundo Nunes e Edwiges Santos Nunes, há dúvida quanto ao nascimento de Aurora, ignorando-se se ocorreu em 1899. Criada pela avó, alfabetizou-se e cursou ginásio em Uruguaiana. Em Porto Alegre, estudou no tradicional Colégio Júlio de Castilhos. Concluiu Odontologia na Faculdade de Medicina, em 1919, com Especialização em Odontopediatria na Universidade do Brasil, Rio de Janeiro.

Em 1921, Aurora casou com o médico, professor universitário e funcionário do Banco Inglês, Efraim Wagner. Nasceu Hélio Nunes Wagner, único filho, mais tarde arquiteto pela UFRGS e casado com a poetisa Alice Schultz Loforte Gonçalves, neta da intelectual Berta Loforte Gonçalves, colega acadêmica de Aurora.

Em 1934, Aurora tentou uma vaga na Assembléia Legislativa do Estado, pela Ação Integralista Brasileira; em 1936 qualificou-se com honroso 1º lugar para a Livre Docência das cadeiras de Ortodontia e Odontopediatria na Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, tendo sido a primeira mulher, entre nós, a exercer o magistério universitário. Ingressara em campo “majoritariamente masculino”, segundo Dr. Mário Badan, da Universidade Fluminense, sendo reconhecida por seu “valor científico e erudição”.

Voltada para o aperfeiçoamento profissional, Dra. Aurora fazia cursos como o de 1950, na Universidade de Buenos Aires. Lente da Faculdade de Medicina de UFRGS, em 1965 representou a Faculdade de Odontologia da PUCRS no III Congresso Brasileiro de Odontopediatria de S. Paulo. Em 1970 a PUCRS concedeu-lhe a honrosa distinção de Professor Emérito.

Integrou entidades de classe, como o Sindicato dos Odontologistas do Rio Grande do Sul. Membro do Instituto de Cultura Americana e da

Confraternité Universelle Balzacienne de Montevideú. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Odontologia, no Rio, honraria significativa na época. É nome de rua em Porto Alegre.

As poesias de seu livro de estréia, *Prelúdios*, 1946, espelham “o amor ao lar, à pátria e às coisas belas”, no dizer de Iveta Ribeiro, sua amiga acadêmica. São emoções intimistas, conforme vivência de seu lar cristão. Dr. Ribeiro Tacques, da Academia Riograndense de Letras, ressalta “a inspiração e a nobreza de sentimentos, que correm paralelos com o bem acabado da forma”.

A temática religiosa está presente na poesia de Aurora. “Maria Madalena”, de conteúdo bíblico e dedicada aos bispos da Igreja Metodista, ocupa 12 páginas de seu livro. Mas o tema familiar tem precedência, como este soneto, dedicado ao filho:

Longe De Ti

*Longe, longe de ti, filho querido,
Invocando-te a todos os instantes,
Junto, bem junto de mim, tens percorrido
Essas imensas plagas tão distantes!*

*Teu meigo olhar eu vejo refletido
No lindo céu, nos pampas verdejantes,
Sobre as ondas do Prata tão luzido
E nos cumes olímpicos, gigantes.*

*Dos Andes portentosos, colossais...
Do Chile nas passagens aromais,
Do fulgor vivo do Valparaíso,*

*Sobre o engaste do mar azul turquesa...
Nos painéis da esplêndida beleza,
Teu semblante revejo num sorriso!* (Wagner, 1946, p. 14).

Aurora colaborou na *Ilustração Brasileira* e na revista *Rio-Grandense de Odontologia* de Porto Alegre. A revista *Atenéia* nascida sob sua presidência como órgão oficial da Academia Literária Feminina RS, teve sua colaboração assídua. Por 25 anos (1949-73), a revista foi intérprete do pensamento feminino, com colaborações literárias diversas, entrevistas, pesquisas, ensaios, informações...

Chamou atenção a “moderna e confortável casa de campo”, o bem-estar trazido pelo canto alvissareiro dos quero-queros, a serenidade e paz espiritual, a par do conforto da civilização – água cristalina e encanada, fria e quente, refrigerador, luz elétrica, rádio, eletrola e o calor brando e hospitaleiro do fogão gaúcho...

Convive com o copo de leite quentinho, recém ordenhado, gordo e espumoso; com jardim, horta, frondosas árvores, campos a perder de vista... a cabanha de animais selecionados, moinho, ferraria, açougue, a casa do capataz, o armazém, quartos e refeitório dos peões... As lides campeiras, a tosquia das ovelhas, o banho do gado, rodeio... A mesa farta com cardápios regionais... Os passeios a cavalo, excursão pelos matos, piqueniques, sesta na rede, ar oxigenado e sadio... Extensas plantações de arroz, milho, aveia, espigas de trigo ondulando ao vento... (*Atenéia* out.-dez./1954, p. 45-47).

Costumava a Academia Literária Feminina RS realizar caravanas culturais ao interior do Estado, apresentando-se em Rádios e em recitais públicos, com clubes lotados. De uma caravana a Bagé, em 1952, resultou este soneto de laudação aos hospedeiros, Miguel e Alayde Cazarré:

Adeus Bagé!

*Bagé, linda cidade e hospitaleira,
Terra de heróis, tribunos e idealistas.
Tens a graça e a finura dos artistas,
Da civilização és vanguardeira!*

*Atestas a nobreza verdadeira,
No labor de teus filhos progressistas,
E os brasões da cultura tu conquistas,
Sagrando-te “Rainha da Fronteira”*

*Adeus! Cidade lhana e cativante,
De amor e simpatia contagiante,
Onde a alegria em cânticos expande!*

*Eu levo na minha alma enternecida
A saudade pungente, comovida,
Deste amado rincão do meu Rio Grande!*

“A mulher e a cultura” é artigo com conceitual feminista de Aurora: o cultivo da inteligência torna o ser humano mais altruísta, clarividente e útil a seu semelhante. A mulher está inserida na concepção de dependência positivista, que a limita à atuação de educadora, no lar ou no magistério:

É (...) à mulher, como civilizadora dos povos e plasmadora dos caracteres, que cabe a missão de educar, instruir e orientar as gerações (...) É da atuação benfazeja da mulher como companheira e inspiradora do homem, que depende o futuro do homem e da sociedade. É assim que bem entendeu a III Conferência Interamericana Extraordinária realizada em Buenos Aires a 27.2.1967... (Atenéia, 1967, p. 73).

Aurora estava sempre pronta para conferências, congressos e eventos, especialmente os ligados à sua profissão de cirurgiã-dentista e professora catedrática, Deixou literatura especializada de sua profissão, hoje superada pelo progresso da ciência. Ressalte-se seu *Influência do flúor na profilaxia da cárie*. 1953 e *O medo do dentista*. Paralelo aos compromissos profissionais, desliza seu veio humanista de Aurora, sempre presente em momentos festivos e datas significativas. Na área literária produziu: *Prelúdios*. Porto Alegre: Thurmman, 1946, e *Ternura* e *Sorrisos de outono*, 1954, ambos poesia.

Consuelo Belloni

Cadeira N° 09



Consuelo Andrade Belloni nasceu em Porto Alegre em 1914. Era filha do advogado fundador do Jornal O Exemplo, Arthur Ferreira de Andrade e da cirurgiã-dentista Carmen Pinto de Azevedo Andrade.

Formou-se em Educação Física e lecionou por 15 anos. Aprovada em concurso, passou a desempenhar as suas atividades no DASP. Em 1955 transferiu residência para o Rio de Janeiro, onde se aposentou como Agente Fiscal de Tributos Federais.

Poetisa, trovadora, exímia conferencista, voltada para as letras, integrou inúmeras instituições culturais, como o Cenáculo Brasileiro de Artes e a União Brasileira de Trovadores,

ambos no Rio de Janeiro. Faleceu no Rio de Janeiro em 1989.

Integrou diversas obras coletivas

Perfis de musas;

Poetas e prosadores brasileiros 1956;

Trovadores do Brasil; Poesias de vários autores em 1972;

O Livro da Ajebiana em 1979;

Anuário da Academia de Letras do Rio de Janeiro;

Vozes Femininas da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, em 1983.

Obras publicadas (todas no Rio de Janeiro)

Gaivotas (1966)

Cigarras! (1967) - breviário

Transamazônica (1973)

Negritude (1974) – opúsculo de prosa e verso

Eu me deixei sonhar (1981)

Jacarandás em flor (1985) - poemas

Anna Luiza Thomaz
Cadeira N° 09

Em pesquisa

Francisca Pragner Fróes

Cadeira Nº 10

Patrona



Francisca Pragner Fróes, patrona da cadeira nº 10, encarna fielmente a figura notável da mulher corajosa, cheia de méritos, defensora dos direitos femininos, profissional eficiente, escritora e poetisa de grande sensibilidade emocional.

Nasceu em Cachoeira, Estado da Bahia, no ano de 1872. Filha do engenheiro de minas Henrique Pragner e de Francisca Barreto Pragner, pessoa inteligente de esmerada educação, cultivou e aprovou os sonhos de libertação da mulher, que naqueles tempos não podia ultrapassar o ambiente doméstico. Seus ideais foram transmitidos através do ambiente familiar favorável, à jovem Francisca, que mais tarde haveria de afirmar: “Sou feminista por herança”.

Educou-se ao lado de seu talentoso irmão, o bacharel Henrique Pragner e de seu colega e amigo o Dr. Antonio Barreto Pragner. Formou-se em medicina no ano de 1893 e casou-se logo após, com o Dr. João Américo Garcez Fróes, de cuja união teve dois filhos, Hélio e Heitor, que se tornaram, um químico industrial e outro, também médico.

Exercendo sua profissão, sendo ao mesmo tempo esposa e mãe dedicada, a Dra. Francisca Pragner Fróes demonstrou, já naquela época de fortes preconceitos, que nenhuma incompatibilidade existe, entre a mulher profissional e intelectual, com os deveres da casa e da família.

Francisca Pragner Fróes defendeu suas idéias feministas com o mesmo valor que a gaúcha Luciana de Abreu. Em companhia do marido esteve na Europa duas vezes em viagem de estudos. Enriqueceu o patrimônio da literatura médica com inúmeros trabalhos científicos, entre os quais citaremos: - *Estatística da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da Bahia*, em 1903. - *Propriedades Galatogências do Extrato do Algodoeiro*, em 1908. - *Secreção Láctea Suplementar*. - *Profilaxia Matrimonial*, apresentado, em 1923 durante a Semana Médica do Centenário da Bahia. - *Higiene e Maternidade*, em 1931, quando já se

encontrava gravemente enferma.

Mas era o feminismo o tema que mais a dominava e absorvia. Sobre este assunto respondeu um questionário que explicava as razões de sua campanha defendendo a participação das mulheres na vida pública, como imperativo de progresso mundial. Nesse trabalho declarou que o voto, o exame pré-nupcial, a igualdade dos direitos e deveres conjugais, deviam ser prerrogativas sagradas da mulher.

As Mulheres na Política foi o título de outra entrevista sua, bem como *O Feminismo*, um estudo sobre o voto feminino que naquela época ainda era negado ao nosso sexo. Deixou também esparsas algumas poesias.

A Dra. Francisca Prager Fróes não foi somente uma notável médica, mas também ardente defensora das mais avançadas idéias sobre a participação e os direitos da mulher na sociedade.

Qual não seria sua última satisfação se pudesse atualmente participar de todas as conquistas da mulher moderna, não de todo emancipada, mas já podendo elevar sua voz no mundo inteiro num clamor pela paz, pela justiça e pela verdadeira fraternidade universal.

Francisca Prager Fróes abriu largos caminhos entre as dificuldades de seu tempo e contribuiu para o desenvolvimento da ciência e cultivo da poesia.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 21 de novembro de 1931, legando-nos o valor de suas obras científicas e a cadência de seus belos versos.

Vida

“Vai a vida de manso esvaindo
Num vagar de doçuras e amargor;
Vem de um lado o prazer, de outro a dor
Cada qual com mais força resistindo...

Sempre a crer e a descrer, em pleno ardor,
Corações rara vez se vêem sorrindo.
Sempre o pranto a ventura destruindo,
Vencido sempre o riso pela dor.

Que os teus olhos tão puros, jovem crente,
Jamais vejam da vida a imagem rude,
Que tortura, que enerva, que nos mente...

Resiste à tentação que tanto ilude,
Apoiando o pensar no esteio ingente
Do trabalho tenaz e da virtude!”

Cely dal, Pai de Mello

Herma Beyer Schüller

Cadeira N° 10



Pouco se sabe dessa escritora européia, que viveu e produziu entre nós. Nasceu Herma na Alemanha, a 15 de outubro de 1894 e faleceu em data incerta de 1954. Sabe-se que foi casada com o comerciante Leopoldo Schüller, que teria falecido quatro anos antes dela.

Fez seus estudos na Alemanha, onde cursou, sem concluir, a Faculdade de Medicina na Universidade de Leipzig. Aos 19 anos – época de I Guerra Mundial – trabalhou em hospital de Paris, depois na Inglaterra e em Constantinopla. A França lhe concedeu Medalha de Mérito da Cruz Vermelha, por atuação durante essa

gigantesca Guerra.

Herma conheceu a Ásia Menor, a Pérsia, Grécia, Turquia (onde concitou jovens revolucionárias a se rebelarem contra o uso do véu, sendo presa por 10 dias).

Imigrou para o Brasil, com passagem por Recife, Amazonas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro – onde trabalhou na Cruz Vermelha, chegando a superiora do Sanatório de Grunewald. Residiu também em Curitiba e Santa Catarina, para então fixar-se em Porto Alegre.

Herma foi rádio-terapeuta, feminista, poetisa, contista e romancista. Sabe-se que o romance *Kismet*, publicado na Alemanha, lhe deu ingresso na Academia de Weimar. Em Porto Alegre ingressou na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, ocupando a Cadeira n° 10, escolhendo por patrona a intelectual Francisca Prager Fróes. A revista *Atenéia*, dessa Academia, lhe publicou as duas poesias, nos anos de 1950 e 1954 respetivamente:

O Destino Faz A Ronda

Hora por hora o Destino faz a ronda...

Os corações batem aceleradamente, ardentemente,

*Bebendo uma felicidade profunda...
Mas o Destino faz a ronda,
Arrebatando
Com a mão de ferro
O vôo celeste da felicidade;
Jogando-os em desespero, em amargura,
Num tempo que pode ser efêmero...*

*Hora por hora o Destino faz a ronda
De novo a alma estúá, vibra em seu vôo celeste
Acendendo novas e brilhantes luzes
No caminho ingente da esperança
Que fulgura magnífica
Em brilhos de oriente.*

*Era uma vez... uma pausa...
Um silêncio... uma hora suspensa
Para o Destino recomeçar sua ronda.*

Solidão

*Estou só! Muitos outros
estão sós...
Gemidos, soluços, melancolia...
Uns amanhecem para a vida da matéria –
Nascem!
Outros adormecem...
Acordam na eternidade!*

*Meus olhos vagueiam pelo quarto
em silêncio.
Pela janela aberta sobe o aroma das rosas.
As acácias douradas e os salgueiros
erguem os braços para o céu,
onde as estrelas salmodiam preces...*

*Meus pensamentos, qual fornalha ardente,
ao Deus supremo se fundem!
Olvido as leis do meu corpo
e a lanterna mágica do coração acendo.
Vem a paz... Desce a harmonia!
Suavemente... docemente... adormeço devagar.*

Cely Dal Pai de Melo

Cadeira N° 10



Cely (Carolina) Dal Pai de Melo nasceu em Veranópolis, Rio Grande do Sul, em 1923. Romancista, contista, poetisa, ensaísta, ufóloga. Filha de Rovílio Ângelo Dal Pai e Flora Salvaterra Dal Pai. Viúva do empresário e advogado José Júlio Rodrigues de Melo (1917-1972).

Co-fundadora da AJEB/RS, membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, onde dirigiu a revista *Atenéia* e do Centro Brasileiro de Pesquisas de OVNIS (pesquisa as origens da humanidade).

Participou em *Perfis de Musa*, O livro da *Ajebiana*, em 1979, Ceará; *Ajebianas do Paraná e do Brasil*, em 1981, Paraná; *Vozes Femininas*, em 1983; *Presença Literária*, em 1988 a 1998, todos em Porto Alegre; *Ajebianas de Sul a Norte*, em 1988; *Antologia*, em 1996, Porto Alegre e *Palavras*, em 1997 e 1999, Porto Alegre.

Publicou o livro *Policromia Serrana*, em 1958, São Paulo (novela); *Enfrentando o vendaval*, em 1961 (romance); *Eterna Presença*, em 1963 (Salmos); *A terra tem futuro?*, em 1978 (futurologia); *Livro de ouro*, em 1979 (Salmos), *Tempo de Vênus*, em 1981 (prosa poética); *Poemas sem limite*, em 1987 (poesias), todos em Porto Alegre.

Nilva Irene Schütz Ferraro

Cadeira nº 10



Nilva Ferraro é o nome usual de Nilva Irene Schütz Ferraro, que nasceu em Erechim, RS, formada em Direito, é poeta e artista plástica. Sempre amou as artes. Porém, somente pode dedicar-se às artes plásticas e à literatura quando se aposentou, pelo TRT da 4ª Região, onde fez carreira como funcionária concursada.

Em 1991 descobriu o haikai, forma poética que veio casar com suas duas paixões: a natureza e a fotografia. Eis que o haikai vem a ser uma fotografia com palavras. Assim, seu primeiro livro publicado foi Luzes de Outono, em 1992. Seguiram-se Fruto Maduro – centúria de haikais; Tatuagem de Amor – poemas de mãe para filho e de filho para mãe, que foi à finalíssima do Fumproarte em 2002; O Poema Nosso de Cada Dia – poemas para orar; Pulga Trapezista (haikais) e Mergulho na Mata - haikais; Oficina Natureza - haikais e A Eloquência do Bambu e do Fogo - haikais e MÁXIMAS & mínimas; Macaco Trapezista, com lançamento em 10.10.2012. "Celebrando a Vida - Haikais, em 2014; Celebrando a Vida 2 - Haikais, em 2015; Celebrando a Vida 3 - Haikais, em 2016.

Participou de exposições coletivas e individuais na Capital e no Interior do Estado. Destaca especialmente a do XII Salão de Inverno de Artes Plásticas de Livramento, em 2000, onde foi premiada com menção honrosa, na categoria Fotografia; a exposição individual Texturas e Memórias – fotografia e poesia, no Theatro São Pedro, em 2000 e em 2004, no mesmo local, a convite do Circuito Cultural Banco do Brasil.

Recebeu o Prêmio “Antonio Filoteo Omodei – Giulio Filoteo o Amadeo”, conferido pela Accademia Internazionale “Il Convivio” Comune di Castiglione di Sicilia, Itália (2004), 2º lugar na categoria Revista, pelo seu trabalho referente a exposição individual A Eloquência do Bambu – fotografia e poesia, Revista Porto e Vírgula, nº 42, de Porto Alegre.

Em 2004, foi classificada no Concurso de Haikais, promovido pelo Departamento de Difusão Cultural da UFRGS, tendo como prêmio a publicação do livro Haikais, pela UFRGS, Porto Alegre, em 2008, junto com os demais classificados.

Autografou o livro PULGA TRAPEZISTA na XIV BIENAL DO LIVRO RIO, no Rio de Janeiro, em 17.09.2009.

Em julho de 2010 teve seis livros seus vertidos para o Braille, pela Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, com entrega oficial em Sarau Poético realizado na Casa de Cultura Mario Quintana.

Em dezembro de 2010 recebeu o Prêmio AGEs Livro do Ano Infantil pelo seu livro Pulga Trapezista.

Em novembro de 2011 tomou posse na Cadeira nº 26 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves.

Em agosto de 2012 participou do Projeto Autor Presente, do Instituto Estadual do Livro, em Cacique Doble, RS.

Em setembro de 2012 recebeu da Nova Acrópole, Organização Internacional, o diploma por haver concluído seus estudos de primeiro nível, passando a membro dessa Casa de Estudos Filosóficos.

Em outubro de 2012 lançou o II vol. da Coleção Reino Animal, Macaco Trapezista.

Em abril de 2013 - Nilva Ferraro recebeu o Prêmio Mulheres Notáveis, Troféu Cecília Meireles, em Itabira, MG.

Em maio de 2013 - Nilva Ferraro recebeu medalha e título de Membro de Honra da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, no Palacete Julieta Serpa, Rio de Janeiro, RJ, cuja Presidente é a Embaixadora Diva Pavesi.

A partir de março até setembro de 2013, participa da exposição de Biblioteca Itinerante nas Escolas, como sócia da Associação de Escritores e Ilustradores de Livros Infante Juvenil - AEILIJ.

Em junho de 2013, participou do lançamento da Coletânea de Poesia Gaúcha Contemporânea, da Assembleia Legislativa, organizada por Dilan Camargo.

Em julho de 2013, participou do Projeto do Instituto Estadual do Livro - IEL e da Associação Gaúcha de Escritores - AGEs, Prosa na Estrada, lançado na Estação Rodoviária de Porto Alegre.

Em agosto de 2013, recebeu o Prêmio Destaque do Ano, Troféu Carlos Drummond de Andrade, em Itabira, MG.

Em novembro de 2014, Prêmio Excelência Cultural 2013 ABD, RJ. Lançou o livro Celebrando a Vida - Haikais, 2014.

Em outubro de 2015, premiada no VIII Concurso de Contos, Crônicas, Poesias e Histórias do INTER, FECL, Casa do Poeta Rio-Grandense e CAPOLAT.

Em dezembro de 2015, Prêmio Victoria, Destaque 2015,

Montevideo/Uruguai. Lançou o livro *Celebrando a Vida 2 - Haikais*, 2015.

Em maio de 2016 tomou posse na Cadeira 10 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul - ALFRS, em Porto Alegre. Lançou o livro *Celebrando a Vida 3 - haikais*, 2016.

Entidades a que pertence:

União Brasileira de Escritores, SP e RS; Casa do Poeta Rio-Grandense, CAPORI; Associação Gaúcha de Escritores, AGEs; Associação Lígia Averbuck, do Instituto Estadual do Livro, IEL; Associação Internacional Poetas; Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Cadeira 26; Associação Amigos do Museu de Arte do Estado do Rio Grande do Sul, AMMARGS; Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris/France; Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix Suisse/France; Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais do Rio Grande do Sul INBRACI-RS; Academia Literária Feminina do RS - ALFRS, Cadeira 10;

Andradina de Oliveira

Cadeira N° 11

Patrona



Andradina América de Andrade e Oliveira, patrona da cadeira n° 11, nasceu a 12 de junho de 1864, na cidade de Porto Alegre, e faleceu a 19 de junho de 1935, em São Paulo, com 71 anos de idade.

Andradina de Oliveira, biografada por sua filha, Lola de Oliveira, em duas obras: *Travessuras de Andradina* e *Minha Mãe!* foi um vulto que superou o modo de pensar das mulheres de sua época. Exerceu o Jornalismo, publicou sete livros e deixou alguns inéditos. Entre os livros publicados salientamos dois, *Cruz de Pérolas* (contos), que em 1908 recebeu o prêmio Medalha de Ouro, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, e a obra *O Divórcio?* (1912), que

mereceu do Deputado Floriano Britto uma carta elogiosa em que dizia:

“Houvesse dez mulheres com o talento, o preparo estético e o espírito liberal da eminente patricia e a nossa luminosa Cruzada se transformaria, em breve, numa vitória deslumbrante.

Não esmorecemos, porém, na refrega que bem n’o merece a causa e é certo o dia do triunfo.

Envio-lhe um exemplar da justificativa com que amparei na Câmara a apresentação do projeto.” 12 de outubro de 1912 (in *Minha Mãe!*, de Lola de Oliveira, p 111, 1958).

Esta obra rara *O Divórcio?* de Andradina, Livraria Universal, Porto Alegre, 1912, possui 234 páginas com Dedicatória à Carmen Dolores. Assim diz Andradina:

“À grande evangelizadora

À Carmen Dolores, àquele grande coração de mulher que compreendeu todas as dores e avaliou todas as lágrimas, àquele espírito superior que teve revolta santa para todas as injustiças:

àquela mentalidade soberba que glorificou o nosso sexo; àquela figura denodada que, na literatura brasileira, assinalou a sua passagem com um jorro de luz; - eu, franca batalhadora da mesma causa que as fulgurações da mais bela inteligência feminina contemporânea, que foi a sua...

Eu, sofredora campeão do Feminismo, aqui, neste pedaço pujante do Brasil, a minha terra! consagro este livro que, se não tem o valor das obras dos mestres, nem a pujança e bizarria de um estilo literário, como o seu, tem ao menos o mérito da sinceridade de uma alma bem irmã da sua.” Andradina

Este livro é todo escrito em estilo epistolar, são 26 cartas, cada qual com argumentos diferentes, todas, segundo seu próprio depoimento, traduzindo histórias reais de seu conhecimento. Seu tema não é só um libelo contra a suposta indissolubilidade do matrimônio, mas também uma pesada acusação contra a corrupção da sociedade de seu tempo, aferrada a preconceitos absurdos. Cada carta possui em epígrafe um depoimento de homens e mulheres da época, comprometidos com a causa do divórcio, cerca de 35 citações de Osório Duque Estrada, José do Patrocínio, Múcio Teixeira, Dr. Olinto de Oliveira, Dr. Joaquim Tibúrcio, Dr. Coelho Rodrigues, Senador Sá Freire, Dra. Mirthes de Campos, Carmen Dolores, Julia de Almeida e outros.

É Andradina quem nos apresenta no seu livro *O Divórcio?* O estado social e educativo em que se encontrava a mulher brasileira dessa época:

“Mas a culpa de nossa ignorância, do nosso atraso, não nos cabe a nós mulheres! Deu-nos a natureza todos os dons, inteligência, bondade, coragem, deu-nos tudo! E para Provar o valor da mulher brasileira temos milhares de belíssimos exemplos. Não fossem as injustiças dos códigos, não fossem as leis tiranas que nos esmagam, não fossem os preconceitos acanhados, rotineiros, a ingratidão de nossos homens, o esquecimento de nossos governos, e outra seria a situação da mulher brasileira.

Onde os conhecimentos de ensino superior gratuitos para ela?...Onde as escolas profissionais em que aprenda como homem um ofício, que a salvasse da miséria?...Onde os conservatórios, sem remuneração para o desenvolvimento de seu espírito artístico?...Onde as aulas de educação em que se prepare para ser mãe e esposa?...Onde os cursos em que se lhe ensine a higiene física e moral?...Onde os salões de ginástica, sem paga, para o seu desenvolvimento físico?...Onde os hospitais para mulheres?...Onde

os asilos para as sem família?...Onde os recolhimentos para as que se arrependem e se querem reabilitar pelo trabalho?...Onde as escolas maternais, as creches para os filhos das que lutam?...Onde as maternidades para as infelizes aguardarem a hora angustiosa do parto?... Onde as ligas de proteção aos órfãos, de freio ao tráfico de escravas brancas, de piedade para as expulsas da sociedade?... Onde?...

Nada, quase nada! Não feito os governos brasileiros em prol das suas mulheres! Quase nada! Quando tanto já poderia ter feito...E como há de ser grande um país, onde as mulheres sofrem tanto e são tão esquecidas? Um país não é grande só porque tem milhas e milhas de costas e léguas de campos despovoados sob um céu esplendorosamente azul. Por esta soberba pátria de José Bonifácio não imita o que há de bom nos outros grandes países? Por que não abre todas as suas portas como faz os EE.UU., às suas mulheres, para que trabalhem, para que se ilustrem, para que sejam iguais a seus homens com os mesmo direitos à vida?...

Eu não tenho esperanças de que o estado atual da sociedade mude tão cedo. É preciso tempo, muito tempo, para purificar tanta lama! É preciso que muitos anos decorram ainda, para que as filhas deste grandioso país conquistem todos os seus direitos. Até lá...quantas lágrimas e quanta miséria!..." (in *O Divórcio?*, pp. 135 a 137, carta de Anita a Clotilde).

Andradina de Oliveira estava absolutamente certa. Ela teve a coragem de desabafar todo o seu repúdio à hipócrita sociedade de seu tempo. E nós sabemos quão corajosa ela foi. E fez isto devido à sua têmpera forte. Desde pequenina, na escola da eminente educadora e escritora porto-alegrense Luciana de Abreu, ela se impôs e foi sempre a primeira da classe. Menina ainda, aos sete anos de idade ficara órfã de pai. Dr. Carlos Montezuma de Andrade falecera em Montenegro, médico dedicado, que lhe dera ao morrer verdadeiro exemplo de heroísmo e desprendimento, pois, na madrugada de sua morte, saíra para atender uma mulher em parto difícil. Salvou-a e, ao retornar, após um sono reparador, levanta e morre de pé, apóia-se à parede, senta-se em uma poltrona, rebentara o aneurisma cerebral. Andradina assiste à morte do pai. Antonio, seu irmão mais velho, recebe, nas últimas palavras, a incumbência do padrasto de cuidar da

educação da irmã, e a cumpriu carinhosa e dedicadamente. Sua mãe, d. Joaquina Pacheco de Andrade, natural de Rio Pardo, era casada em segundas núpcias com o pai de Andradina. Antonio era dentista e assumiu, após a morte do padrasto, a responsabilidade da casa. Andradina recebeu esmerada educação e a mais alta ilustração de sua época. Fez com brilhantismo o Curso Normal, na Escola Normal de Porto Alegre, hoje Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha.

Andradina casou com um oficial do exército brasileiro, do Estado da Paraíba, Augusto Martiniano de Oliveira. Teve um casal de filhos, Adalberon, que chegou a ingressar na Escola de Cadetes, mas faleceu em 1908, vítima da tuberculose, e uma filha, Lola, que dela herdou o talento literário e a alma de poetisa. Andradina exerceu o magistério público durante oito anos, tendo servido em Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre. Depois dedicou-se ao jornalismo, fundando em Bagé o jornal *Escrínio*, escreveu vários obras, e lecionou particularmente. Enviuvou muito cedo e mantinha o lar e a educação dos filhos, tudo às expensas de seu talento. Mãe extremosa, fanaticamente dedicada a seus dois filhos.

Após a morte de Adalberon, esperança de sua viuvez, ela sofreu muito e Lola foi sua força salvadora. Vencida a crise emocional e afetiva, Andradina esquece de si mesma e dedica-se a defender o direito à felicidade que têm direito as outras mulheres, porque o seu, ela sabia perdido. Não era batalha para ser vencida já, mas ela acreditava ser *O Divórcio?* o único meio de evitar grandes tragédias nos lares brasileiros. Percorreu o Brasil nessa cruzada. Conferencista brilhante, proferiu muitas palestras, como *A mulher não é inferior ao homem*, *A mulher através dos tempos* e outras. Visitou também o Uruguai, a Argentina e o Paraguai.

Dizem que sua última carta in *O Divórcio?* é autobiográfica. Dirige-se à Ruth e assina Ângela. Viúva aos dezessete anos, com um casal de filhos, a epistolante casa aos vinte com um tipo desclassificado, que a enganara, e revela-se um explorador de seu talento. Ângela suporta-o oito anos, depois expulsa-o de casa. Dois anos depois ele volta, exigindo seus direitos de marido. Ela o recusa e requer o desquite. Desde então recebe o escárnio da sociedade e passa a viver à míngua de recursos. À certa altura da carta ela diz: “Não esmoreceu, era de têmpera rija. Ela viera de uma raça forte, de uma família de que saíra um grande homem, que fizera a independência de um grande país.” Era a referência aos Andradas.

Foi exatamente essa vivência dolorosa de sua vida que justificou seu posicionamento perante *O Divórcio?*, e que a impulsionou à luta. Foi para São Paulo, onde viveu os últimos quinze anos de sua carreira literária (de 1920 a 1935).

Sendo católica, seu posicionamento deve ter sido fruto de muito sofrimento e amadurecimento, de mágoas profundas que a levaram a este desprendimento total, rompendo inclusive com suas tradições religiosas, ela que tivera como padrinho de batismo o Cônego Marcelino Vicente Zeferino Dias Lopes, que a batizou no dia 11 de maio de 1967, na igreja do Rosário (Cúria Metropolitana, L n° 4 de Batismo, p. 132).

Santa Inêze Domingos da Rocha

Ottília de Oliveira Chaves

Cadeira ° 11



Ottília de Oliveira Chaves é uma mulher sobre a qual se poderia falar e escrever muito sem ser possível esgotar os ensinamentos que ela nos legou através de seu testemunho inquebrantável de fé cristã.

Seu último livro "Itinerário de uma vida- Memórias de Ottília de Oliveira Chaves" transmite uma belíssima lição de amor. Um dos apreciadores desta obra, William Schisler Filho, diz: "Há autobiografias que são a história de amor de uma pessoa por si mesma. Amor profundo que procura no auto-retrato atrair para si a paixão do leitor (...). Mas há autobiografias que são a história do amor de uma pessoa pela Vida (com V maiúsculo) e as oportunidades de servir que a vida traz. Se William James disse que o grande sentido da vida é gastá-la em algo que sobreviva, Ottília Chaves, mostra como".

Sua vida revela o despertar da mulher brasileira dos primeiros três quartos do século XX. Ela nos escreve a obra supra-referida (duzentos e oitenta e cinco páginas) aos oitenta anos de idade, em 1977. Parte aos oitenta e seis anos, deixando-nos o testemunho de que a mulher para ser verdadeiramente mulher não precisa igualar-se ao homem naquilo que a sociedade permite, devido à liberdade que dela o homem usufrui; mas através da inteligência, da tenacidade, da capacidade de trabalho, da dedicação, podendo ao mesmo tempo, ser esposa, mãe, educadora e evangelizadora.

Casada com o Reverendo Derli Chaves, assumiu com o marido todas as atividades decorrentes de sua vida de pastor. Desde a sua primeira missão em São Borja/RS, soube com ele enfrentar todos os obstáculos. Com a organização do primeiro grupo de senhoras metodistas, sua dedicação à causa do Senhor foi exemplar. Depois seguiram para Santa Maria, onde nasceu sua filhinha Rute. Cachoeira do Sul foi a próxima missão; aí nasceram Derli Jr. e Paulo (o primeiro faleceu).

Natural de Minas Gerais, ela estudara Farmácia, na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Grambery (MG), mas não exerceu a profissão. Única mulher, numa turma de dez rapazes. Foi lá que conheceu o gaúcho

Derli Chaves, "o moço mais elegante que freqüentava o Grambery" (segundo seu próprio depoimento).

Para acompanhar o marido que ganhara uma bolsa de estudos, parte para a Universidade de Emory (USA). Foi o passo decisivo para o aprimoramento intelectual de Ottilia; o aprendizado da língua inglesa fez com que suas atividades crescessem. Lá nasceu Doris Emory (a última filha do casal).

O Reverendo Derli Chaves voltou para o Brasil, nomeado Reitor da Faculdade de Teologia do Grambery (MG). Foram doze anos em que Ottilia Chaves lecionou Sociologia e Psicologia e fez o curso de Educação Religiosa (1936), vindo a lecionar Educação Religiosa na Faculdade de Teologia, durante os últimos anos que lá estiveram.

Nesse período, em 1930, membro da Comissão Constituinte da Igreja Metodista do Brasil (autonomia proclamada a 02/09/1930, em São Paulo), foi a única mulher a fazer parte dessa comissão.

De 1930 a 1965, foi Delegada da Igreja Metodista a todos os Concílios Gerais da Igreja. Em 1932, Delegada da 11ª Convenção Internacional de Escolas Dominicais; Delegada nas 1ª, 3ª, 4ª e 5ª Convenção das Senhoras Metodistas Latino-Americanas, na Argentina, Uruguai, Peru e Rio de Janeiro.

Em 1949, Delegada da Assembléia Geral da Federação Mundial das Sociedades Metodistas de Senhoras, em Boston; ainda em 49, foi Delegada à Convenção da União das Senhoras da Igreja Evangélica, nos Estados Unidos.

De 1948 a 1952, Secretária Correspondente da Federação Mundial de Senhoras Metodistas.

De 1940 a 1950, foi professora de Educação Religiosa no Colégio Americano, em Porto Alegre.

Em 1949, vai à Universidade de Emory, onde seu genro Sady Machado da Silva estudava, na mesma Universidade onde estudara seu sogro. Ela foi levar os netos Derli e Túlio (da filha Rute, que era casada com o Reverendo Sady Machado da Silva). Ottilia decide aproveitar a viagem para fazer o curso de Mestrado em Educação Religiosa, no Scarnt College, onde chegou a lecionar a disciplina "Missões na América Latina", enquanto realizava seu Mestrado.

De 1949 a 1959, exerceu a função de Tradutora Oficial da Igreja Metodista do Brasil. Nesse mesmo período de 1954 a 1961, foi redatora da

Revista a Voz Missionária.

Em 1952, foi Delegada da Igreja Metodista do Brasil à Conferência Geral da Igreja Metodista, em São Francisco, Califórnia, e Delegada das Senhoras Metodistas à Convenção da Federação Mundial, em Baekelly, na Califórnia.

De 1952 a 1956, foi Presidente da Federação Mundial de Senhoras Metodistas.

Em 1958, em El Paso, Texas, foi eleita Presidente da Aliança de Mesas Redondas Pan-Americanas (associação internacional); em 1960, foi reeleita para o mesmo cargo, na Guatemala. Em 1962, nova Convenção da Aliança de Mesas Redondas Pan-Americanas, no México.

De 1960 a 1965, foi Presidente da Comissão de Legislação da Igreja Metodista do Brasil. Em 1965, foi Delegada ao Concílio Geral da Igreja Metodista, no Rio de Janeiro, Guanabara.

Em 26 de setembro de 1968, o casal festejou suas Bodas de Ouro. Na ocasião, seu genro Reverendo Sady Machado da Silva, dedicou-Ihes um discurso em forma poética "Poema das Vidas de Ouro" (do qual extraímos um excerto):

"Hoje é dia de festa!
Bodas de Ouro
Festa de Ouro
Festa das Vidas de Ouro!
E este é o Poema das Vidas de Ouro

Sáiram
Sonharam
Criaram
Amaram
Criaram... Viveram

Houve chuva e houve sol,
Houve tristeza e alegria
Houve nuvens e arrebol
Houve noite e houve dia

Que astro poderia cantar em versos
um poema bastante para dizer
desses verdadeiros monumentos
erguidos como sinais indicativos
para as gerações
e que os dias

não têm força para minimizar."

Ottília de Oliveira Chaves é uma figura ímpar de mulher na História da Igreja Metodista do Brasil e quiçá do Mundo, porque seu ideal de união, amor e paz era universal. Ela visitou em missão religiosa cerca de trinta e dois países. O conhecimento da língua inglesa abriu-lhe as portas para que a comunicação de sua mensagem cristã atingisse um número maior de fiéis e mesmo de ouvintes comuns.

No Congresso de Cultura Evangélica, no Rio de Janeiro (1947), ela fez importante comunicação, na qual assim se expressou:

"Entretanto, falar de educação religiosa no lar é abordar tema que mereceria a consideração dos líderes do pensamento e da cultura evangélica, não só no Brasil, mas em todo o mundo cristão. Porque falar em Educação Religiosa no lar implica toda uma questão sociológica, de grande atualidade; uma questão psicológica, ainda pouco difundida e uma questão eclesiástica muitíssimo complexa."

E mais adiante confronta "família e lar": "A família é mais importante do que o lar. A forma do lar tem mudado, através dos séculos, mas a família continua a mesma nas suas características essenciais. É a família a causa da existência do lar'.

No decorrer de sua explanação, ela diz: "Não é a família que está desaparecida, é o seu invólucro. Esta ainda está intacta e é para ela que devemos olhar com o máximo carinho e cuidado".

Interessante é o que Ottília Chaves, como educadora cristã, afirma logo a seguir:

"A atitude de qualquer pessoa na vida é determinada pela atmosfera reinante na família. É mais importante ser cultor da verdadeira cidadania em casa do que apenas um eleitor fiel no cumprimento de seu direito de voto. Os pensamentos, atos e atitudes cultivados na família é que fazem o cidadão".

Exemplificando as suas afirmações, considera que a vida do povo hebreu é o testemunho mais eloqüente do poder da família para manter as características marcantes de um caráter definido.

No trabalho realizado por esta educadora e evangelizadora, onde quer que se encontrasse, atuando como presidente, coordenadora, ou como simples membro de comissão, convenção ou concílio, ela nunca se desviou de sua principal finalidade: "criar no mundo uma atmosfera de fraternidade, paz e boa vontade".

Inclusive o problema racial, enfrentado nos Estados Unidos, não escapou ao trabalho junto à Federação Mundial das Associações das Senhoras Metodistas. Numa entrevista publicada na revista *Atenéia*, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, em 1956, feita pela Acadêmica Natércia Veloso, ela apresenta uma retrospectiva do problema nos Estados Unidos, desde 1926 a 1956 - quando a Suprema Corte declara a igualdade de todos os cidadãos perante a Lei. Ela, nesta oportunidade, afirma que há uma campanha educativa, que se faz de indivíduo a indivíduo, de grupo a grupo, especialmente, entre os dois milhões de senhoras metodistas, a fim de que o assunto seja resolvido em paz e abolida a segregação.

Sobre a questão do Divórcio, ela se pronunciou da seguinte maneira:

"Entendo que há dois aspectos relacionados com a questão em apreço que convém ressaltar de início:

1 - há, na sociedade humana, princípios eternos, permanentes, imutáveis, sobre os quais ela se assenta e sem os quais não poderá subsistir. A estes princípios, tais como: religião, família e política, que são imperativos da vida social, chamo instituições;

2 - para satisfazer a estes princípios eternos ou para dar expressão a essas instituições, os homens estabelecem leis ou organizações, tais como as leis civis e eclesiásticas e outras, que são variáveis.

Isto posto, direi que considero todas as organizações humanas passíveis de mudança. Ora, o casamento, quer civil ou religioso, é uma organização, logo não ter característica de imutabilidade e indestrutibilidade das instituições e, portanto, sua forma pode mudar com o tempo, se assim entenderem os homens, para o bem da própria instituição, que se pretende perpetuar, que é a família. A indissolubilidade do matrimônio não garante a indissolubilidade da família".

Concluo com o pensamento predileto de Ottilia de Oliveira Chaves "A única força que pode construir a paz duradoura é o AMOR, que no dizer do Apóstolo Paulo:

"É sofredor, é benigno, não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Santa Inêze da Rocha

Santa Inèze Da Rocha

Cadeira Nº 11

Presidente



Santa Inèze da Rocha (Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares) - Nasceu em Quaraí-RS, em 20 de janeiro de 1940, filha de Waldemar Vieira da Rocha e Aláides Domingues da Rocha. Casada com António Filipe Sampaio Neiva Soares, acrescentou os sobrenomes Neiva Soares.

Frequentou a escola primária e secundária em sua terra Natal. Em 1956 mudou-se para Santa Maria onde fez Magistério e Licenciatura em Letras. Em 1965, concluído o Curso de Letras, optou por exercer o magistério em Uruguaiiana, onde lecionou até 1977. Fez Especialização em Linguística Aplicada, na PUCRS(1968), em Porto Alegre; e Mestrado em Linguística Aplicada na mesma Universidade, tendo defendido Tese (DESEMPENHO LINGÜÍSTICO DE ALUNOS RECÉM-MATRICULADOS NO 2º. GRAU), em 1980 . Lecionou em todos os níveis de ensino.

Exerceu o Magistério Superior em Uruguaiiana (FAFIUR) e Alegrete(FAFIAL). Em Porto Alegre, a partir de 1977, passou a exercer suas funções de funcionário público estadual, na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul - SECRS, no Departamento de Assuntos Universitários, passando a atuar na Subsecretaria de Cultura, criada em 1983, onde se aposentou em 1986. Desde 1979, dedica-se ao Instituto Cultural Português, em Porto Alegre, instituição que estabelece intercâmbio com Portugal e desenvolve desde 1988, no Rio Grande do Sul, um projeto cultural de resgate da presença portuguesa no Estado, além de outras atividades.

Implantou, em 1991, nos municípios de origem açoriana as “Salas Açorianas”, convênio entre o município, o Instituto e o Governo da Região Autônoma dos Açores. A partir de então, tem lutado pela manutenção

desses núcleos culturais luso-açorianos, no Litoral Norte, Vale do Jacuí, Taquari e Rio Pardo, Porto Alegre e Grande Porto Alegre. Idealizou e fundou, em 2002, o Museu Açoriano Sul-Rio-Grandense, mantido pelo Instituto Cultural Português. Juntamente com António Soares, dirigem as Edições Caravela, onde desde 1989, têm procurado manter um jornal literário. Até 1996, o JORNAL RGS LETRAS, e a partir de 1999, passa a denominar-se RSLETRAS, onde exerce a função de Diretor. Especificamente do Instituto Cultural Português, criaram o Jornal Caravela, que em alguns períodos foi editado como jornal e em outros integrou o RGSLETRAS, hoje o RSLETRAS, como Suplemento CARAVELA.

Administrou os Cadernos Literários, criados por António Soares, de 1981 a 1990, publicação literária mensal, sob a égide do Departamento Editorial do ICP. Nessas publicações, além de apreciações críticas, participou como autora, tanto em poesia como em prosa. Participou do movimento trovadoresco nacional - Neotrovismo, desde 1985, quando esteve no V Seminário Nacional da Trova, lançando na ocasião o livro *Trovadores Brasileiros da Atualidade*, em Ed. Caravela. Organizou e participou das obras: *Trovadores dos Seminários Nacionais da Trova* e *Trovadores do VI Seminário Nacional da Trova*, respectivamente 1985 e 1986. Participou, ainda, de *Trovadores 86 e 87. Cadernos Literários*, 6 (1982), 16 (1983). Das obras coletivas: *Poesia Mulher I*, Ed. Dubus; (1983); *Uni-Verso* (1986), Ed. Caravela, com a plaquete “Poemas de amor e paz”; *Mulher Poesia Hoje* (1987); *Poetisas do Pantanal*, convidada especial (1985); *Autores Gaúchos 87 e Autores Gaúchos 96, Autores Gaúchos 2006, Uni-Verso* (1988), Edições Caravela, com a plaquete “Duende Verde”; nas antologias da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, de que é acadêmica titular, Cadeira 11, Patrona Andradina de Oliveira, desde 1990, *PRESENÇA LITERÁRIA*, 1990, 1991, 1993, 2000, 2003, 2005, 2006; 2007; da antologia da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, *Palavras 2006*. Integra a *Enciclopédia dos Municípios do Rio Grande do Sul*, com a MONOGRAFIA sobre QUARAÍ, da Academia de Letras dos Municípios do RS, da qual é Acadêmica desde 1986, Cadeira 005, Patrona Lilá Ripoll. Organizou e publicou em *Açorianos no Rio Grande do Sul - Brasil*, Ed. Escola Superior de Teologia e Edições Caravela (2005), vol. I; e Volume II (2007), em Edições Caravela. Escreveu, em 1982, a História dos dez anos do DAU - Departamento de Assuntos Universitários, 10 anos em busca da integração entre 1º., 2º.e 3º. Graus no Rio Grande do Sul, edição da SECRS.

Participou do II CONGRESSO DAS COMUNIDADES AÇORIANAS, organizado pelo Governo da Região Autônoma dos Açores, em 1986, III, em 1990, e IV, em 1996, tendo apresentado comunicação em todos

eles, trabalhos que foram publicados nos Anais dos respectivos Congressos, pelo Governo dos Açores. Em *Portugueses no Rio Grande do Sul*, org. por António Soares, em 1988, escreveu “COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL”, Pág. 160 a 172. Organizou e editou em Edições Caravela a obra *ORFEU - Repercussão na Crítica Especializada 1962 - 2006*, de Betty Brognoli Borges Fortes. Vem publicando na Revista CAOSÓTICA (trimestral), de Edições Caravela, a que pertence como integrante do Grupo 15 Renascidos, desde 2005, poesia e ensaios literários. Publicou, em 2007, os livros: *ENIGMA DE AMOR* (Poesia) e *DOIS ENSAIOS: Lilá Ripoll e Nilson Bertoline*. Exerceu a função de Conselheira de Cultura do Conselho Estadual de Cultura-RS, em duas gestões, de 1998 a 2002, e 2002 a 2004.

Recebeu, em 1989, do Governo da República Portuguesa, o título Honorífico de Comendadora da Ordem do Infante Dom Henrique, pelos serviços prestados à cultura portuguesa, no Instituto Cultural Português - RS-Brasil. Em 2006, recebeu o Troféu MULHER DESTAQUE - TURISMO 2006, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul - SETUR, pelo trabalho de intercâmbio entre Brasil e Portugal; em 2007, recebeu o Troféu Destaque Cultural - Cultura Açoriana, do Governo Municipal de General Câmara, na comemoração dos “255 Anos do Povoamento Açoriano do Rio Grande do Sul”.

Realizou palestras, em 2007, sobre os “255 Anos do Povoamento Açoriano no RS” e “Patrimônio Cultural - Resgate e sua transmissão às novas gerações”, em Santo Amaro do Sul; Taquari; Porto Alegre, no Dia Internacional dos Museus, no Museu Açoriano Sul-Rio-Grandense; e em Taquara, na Faculdade de Taquara, promoção do Governo do Município, através de sua Secretaria de Educação e Cultura, II Seminário de Historiadores do Mundo Novo.

Revocata Heloisa de Mello

Cadeira N° 12

Patrona



Filha de João Corrêa de Mello e de Revocata Figueirôa de Mello, a patrona da cadeira n° 12 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, poetisa Revocata Heloisa de Mello, nasceu em Porto Alegre a 31 de dezembro, não havendo certeza quanto ao ano de seu nascimento, mas ao que se presume, foi o de 1862. Presume-se porque ela mesma jamais o revelou e não há documento que o ateste. Não importa, entretanto, a cronologia exata, senão o que existiu para o enriquecimento de nossas letras e nossa poesia, a batalha das justas causas, a luta pelo abolicionismo e a conquista dos grandes ideais.

Irmã da também poetisa Julieta de Mello, com ela fundou o jornalzinho *Corymbo*, que circulou na cidade de Rio Grande durante 55 anos e só se extinguiu com a morte de sua diretora em 1944.

Poetisa, jornalista, dramaturga e oradora, foi grande abolicionista. Antes mesmo da Princesa Isabel haver assinado a Lei Áurea, Revocata Heloisa de Mello a havia assinado particularmente. Fazia conferências e, do produto dos ingressos, comprava escravos e lhes dava a liberdade. Podemos dizer que Revocata Heloisa de Mello foi a primeira abolicionista prática do Brasil, pois não só teoricamente lutava pela abolição, dentro de suas possibilidades, a mancha negra da escravidão de seres humanos nascidos com diferença de cor, mas dava-lhes, de presente, aquilo a que tinham direito: a liberdade.

Empunhando uma bandeira desfraldada, percorrendo ruas da cidade de Rio Grande a angariar donativos para os flagelados da seca do Ceará, Revocata dedicava a pujança de seu valor de mulher lutadora e idealista a todo o Brasil.

Damasceno Vieira, seu grande amigo escreveu:

“Em prol da Pátria a batalhar constante,
audaz, federalista, democrata,

na destra a pena, espada triunfante,
perfil de Revocata”.

Vinte palavras que valem por uma biografia.

Estava escrito que Revocata se dedicaria ao magistério e às letras. Seu avô paterno, Manuel Passos, procurador da Coroa, foi autor da primeira gramática portuguesa que se publicou no Rio Grande do Sul. A poetisa Amália Figueiroa, que fez parte do Partenon de Porto Alegre, era sua tia.

Aliava, ao seu caráter de lutadora corajosa, sua firmeza nas ações, a delicadeza que lhe vinha de sua ancestral, Marquesa de Figueirôa, de quem era bisneta.

Cumpridora de seus deveres e dos que espontaneamente tomava a seu cargo sem que lei alguma lhos houvesse imposto, tinha veneração por sua mãe, para quem compôs um soneto, ainda inédito, intitulado *Mães*.

“Mães, doces mães, sublimes criaturas
que dão vida, carinho, luz, amor,
messageiras de Deus nas desventuras,
nas dores consolando com fervor.

São divinas, calando amarguras,
transformando-as em risos de fulgor,
acalentando os filhos nas ternuras
que o coração lhe diz com tanto ardor.

Mães fiadeiras de um amor sem nome,
de um amor que a desgraça não consome
e a noite não consegue deslembrar.

Não há pincel de mestre ou lira de ouro
que possa retratar todo o tesouro
que a alma das mães desprende no seu lar.”

Entretanto, de sua grande bagagem poética, jamais publicou um livro de poesia individual e nunca se arrogou o título de poetisa. “Poetisa é Julieta”, dizia ela referindo-se à irmã de sangue, pensamentos e ideais, “eu faço versos”. Dedicava a Julieta um amor quase maternal, mimando-a com

flores às quais prendia despreziosas quadrinhas: Meu coração neste dia/ entoa cânticos de amor/ minh'alma é toda alegria,/ tu és do meu peito a flor”.

Além de Julieta e a mãe, outro grande amor havia em sua vida, o *Corymbo*, no qual colaboraram nomes como Olavo Bilac, Múcio Teixeira, Damasceno Ferreira, Lobo da Costa, Ana Castro, Ignês Sabino, Emilio Léo e Universina de Araújo Nunes, cuja cadeira na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, com seu desaparecimento, passou a ocupar.

Folhas errantes, Birilos e Coração de Mãe, Revocata Heloisa de Mello escreveu em colaboração com Julieta. Continuam inéditos: *Marinhas* (poesias) de colaboração com Emílio Léo assim como *Missal de Ternura* (diário de dor).

Gazeta de Santos publicou o retrato de Revocata ocupando toda a primeira página. Laudelino de Freitas a colocou entre os quinhentos melhores sonetos brasileiros. Ana Osório a destacou em sua publicação sobre “Mulheres Ilustres”. Ramiz Galvão fez a sua biografia em *Almanaque Literário. La Fonde*, órgão literário de Paris, publicou o retrato ilustrando uma biografia de Revocata Heloisa de Mello, apresentada como grande intelectual brasileira.

Foi fundadora do “Clube Beneficente de Senhoras” na cidade de Rio Grande, onde viveu a maior parte de sua vida e onde veio a falecer a 23 de fevereiro de 1944. O velório foi feito na loja maçônica “União Constante”. A sessão de pompas fúnebres teve lugar com a presença do Grão-Mestre do Rio Grande do Sul, desembargador Nésio de Almeida, após a qual o féretro foi retirado e iniciado o percurso até o cemitério, com enorme cortejo do qual faziam parte autoridades e elementos representativos da comunidade. Quando o caixão passou à frente do “Clube Beneficente de Senhoras”, usou da palavra o escritor Brasileiro Ferreira e, na necrópole, a figura da grande poetisa foi enaltecida pelo professor Luiz Emílio Léo.

Assim partiu o corpo, mas o espírito e as obras deixadas em vida continuam norteando os que aqui se encontram e nortearão os que virão a seguir.

Porto Alegre, sua cidade natal, homenageou Revocata Heloisa Mello, dando seu nome a uma de suas ruas.

Lydia Mombelli da Fonseca

Universina de Araújo Nunes
Cadeira N° 12



Em Pesquisa

Lydia Mombelli da Fonseca

Cadeira 12

Presidente



Lydia Mombelli da Fonseca, poetisa, declamadora, teatróloga, autora didática e tradutora que me antecedeu nesta cadeira número 12, compartilho o fato de ter nascido na mesma cidade: Guaporé. Não quero que este fato seja tomado apenas como uma informação. Um dado frio e objetivo da realidade. Descobrir que uma pessoa nasceu na mesma cidade que a gente, quando pensamos que esta cidade é tão pequena e distante, é um fato pleno de poesia. Cheio de significado. Nossa prática cultural dominante é contar as histórias de maneira linear, de tal modo, que nosso marco zero, o lugar de onde partimos, toma significado predominante, em que sempre podemos nos confrontar, olhando o que hoje somos em comparação com nosso ponto de partida, uma relação imprescindível no processo de auto conhecimento, de consciência de nossa identidade.

Lydia também é uma mulher de números surpreendentes. Publicou 39 livros, começando com as poesias de *As pedras do caminho*, em 1950 e finalizou com ensaios reunidos em *Não me toque*, em 1990. Nascida em 1912, filha de Guido e Adelina Mombelli e viúva de Vicente Petry da Fonseca, presidiu a Academia Literária Feminina entre 1968 e 1970 e foi membro da AJEB e do Centro de Cultura, Arte e Ciência de Felgueiras em Portugal. Foi premiado por seu trabalho com o título de Cidadã Taperense, o prêmio Érico Veríssimo da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o prêmio da ABL e da SEC do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Colaborou em vários jornais, entre os quais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*.

Entre os livros coletivos dos quais participou cabe citar *Antologia dos poetas passo-fundenses* (1968) e *Vozes femininas* (1983). Experimentou várias formas literárias: romance em *O velho casarão* (1958); crônicas em *A árvore azul* (1966); contos em *Do outro lado* (1967) e obras didáticas, a exemplo de *É fácil compor e corrigir* (1972). Por todos que a conheceram, Lydia é descrita por sua jovialidade e alegria constante. Eu só fico a imaginar, tão familiar que me é o mundo das imagens, que a mulher que

faleceu aos 88 anos, em 2000, mantinha na alma o espírito de uma menina, guaporense, a lhe soprar deliciosas e divertidas histórias, razão de ter escrito 13 livros de literatura infantil. Cito *O gato mimoso* (1985), *Rainha Zazá* (1986), *A minhoca voadora* (1986) e *Florisbela, a galinha amarela* (1987).

Por ocasião da II Feira de Livros Infantis em Santa Rosa, onde proferiu palestra no dia 12 de abril de 1989, Lydia deixou registrada a satisfação do encontro com os pequenos leitores:

Nada é mais agradável e gratificante, para nós que escrevemos para crianças também, do que estar no meio delas. Ver estes rostinhos ávidos de conhecimentos, essas mãozinhas levantadas na busca de livros que, de uma maneira agradável e divertida, lhes dão esses conhecimentos. (Presença Literária, 1989, p. 67).

E, também, manifestava em forma de questionamento, a responsabilidade de escrever para um público tão jovem: *É muito maior do que se pensa, a influência que a leitura infantil exerce na vida das crianças. Se uma palavra, um gesto, ouvida ou presenciada na infância, pode deixar marcas, boas ou más, no espírito das pessoas, que se poderá dizer de centenas de milhares de palavras, ligadas umas às outras, formando sentido até transformarem-se numa história completa? Uma história que será lida e relida, através dos anos, por milhares de pessoas?*

Fatimarlei Lunardelli

Cadeira 12



Fatimarlei Lunardelli nasceu em Guaporé, Rio Grande do Sul e reside em Porto Alegre.

Formação Acadêmica

- Doutorado em Ciências da Comunicação. Área de Comunicação e Estética do Audiovisual. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.
- Mestrado em Artes. Área de Cinema. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1995.
- Especialização em Estilo Jornalístico. Faculdade dos Meios de Comunicação Social. PUC. Porto Alegre. RS. 1985.
- Bacharelado em Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social. UFRGS. Porto Alegre. RS. 1983.

Atividades Profissionais

- Jornalista na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde fev. 2003. Coordenadora do Núcleo de Cinema e Comunicação
- Professora no Curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Áreas de Teorias do Audiovisual e Análise Fílmica. Desde Junho 2004.
- Programadora do Cinema Universitário. UFRGS. Porto Alegre. RS. 1989 a 2003.
- Crítica de cinema. Revista *Aplauso*. Porto Alegre. 2000 a 2004. Jornal *Pioneiro*. Caxias do Sul. 1995 a 1999; Jornal do Comércio. Porto Alegre. 1992/1993.
- Produtora e apresentadora do programa Cinema e Vídeo. *Rádio Bandeirantes Fm*. Porto Alegre. RS. 1993 a 1996.
- Colunista de vídeo. Jornal *Correio do Povo*. Porto Alegre. RS. 1986 a 1989.
- Redatora. Rádio Pampa. Porto Alegre. RS. 1984 a 1986.

- Editora de cultura. UFRGS. Rádio da Universidade. Porto Alegre. RS. 1984 a 1988.

Publicações

Pioneiras do cinema brasileiro in Presença literária 2006. Organização Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre : Academia Literária Feminina, 2006.

Uma casa onde se tecem letras in Presença literária 2004. Organização Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre : Academia Literária Feminina, 2004.

O cineclubismo e a centralidade do cinema: debate cultural em Porto Alegre na metade do década de 60 in Comunicação e práticas culturais. Organização Valdir José Morigi, Marica Benetti Machado. Porto Alegre : Editora da UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, 2004.

Vozes dos bastidores in Gramado: 30 anos de cinema brasileiro – história visual. Coordenação editorial Davide Quintans. Gramado: Cicsat, 2002.

Cinema e realismo in Jornalismo no cinema. Organização Christa Berger. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

Quando éramos jovens – História do Clube de Cinema de Porto Alegre. Editora da Universidade/UE Porto Alegre. 2000.

Enciclopédia do Cinema Brasileiro. Org. Fernão Ramos e Luiz Felipe Miranda. SP, Editora Senac, 2000. Autoria de seis verbetes.

Ô Psit! O cinema popular d'Os Trapalhões. Editora Artes & Ofícios. 1996.

Artigos sobre cinema nas revistas PORTO & VÍRGULA, CORREIO DA APPOA. UTOPIA & AÇÃO; CADERNOS PORTO & VÍRGULA. Org. Tuio Becker. Porto Alegre. UE Porto Alegre, nº 8, 1995.

e-mail: fatimarlei@terra.com.br

Cândida Fortes de Oliveira Brandão

Cadeira Nº 13

Patrona



Cândida Fortes Brandão nasceu a 23 de abril de 1862, em Porto Alegre, filha de Fidêncio Pereira Fortes, natural do Rio de Janeiro, e de Clarinda de Oliveira Fortes, natural de Santa Catarina. Diplomou-se pela antiga Escola Normal de Porto Alegre. Exerceu o magistério durante 37 anos. A 28 de outubro de 1901, contraiu matrimônio com Bel. Augusto Brandão, promotor público da Comarca de Cachoeira, onde o casal residiu vários anos. Veio a falecer no Rio de Janeiro, então capital do país, e não deixou descendência.

Além do magistério, Cândida Fortes Brandão teve atuação marcante como jornalista, prosadora e poetisa, tendo colaborado intensamente na imprensa, não só local como nacional. Embora exercesse o magistério com dedicação e entusiasmo, sua pena ágil, sensível e crítica não deixava de registrar qualquer acontecimento que interessasse à comunidade local, ou a envolvesse, ou mesmo, um fato de maior repercussão.

Seu livro *Fantasia*, em prosa e verso, publicado ainda em solteira, tornou-a conhecida em todo o país. Usava a escritora pseudônimos, como “Candeiflor” e “Marina”, no livro *Cantos à Minha Irmã*. Escritora fecunda e versátil, tanto na ficção (conto), como em crônicas (descrevendo quadros da realidade).

A revista *Escrínio* de 6 de novembro de 1909, ilustra sua capa com a fotografia de Cândida Fortes Brandão, dando-lhe o título de “Literata”. Sua produção literária chega a vinte e dois contos (ficção); *Clarindinha*, dedicado ao irmão Antonio, por quem sentia grande afeto, a *Cartas à Lúcia*, estilo epistolar, esparsas em jornais, são conselhos aos jovens que iniciam a luta pela vida. Temos aí a mestra e educadora, em atividades extra-classe, ainda a dirigir-se a juventude quem tanto se dedicava. Os livros *Última Prova*, *Um Destino* e *Joana* são escritos em linguagem escorreita e foram também publicados pelo jornal *O Comércio*, de Cachoeira, bem como aspectos didáticos de *Questões Gramaticais*.

Em 1912, durante uma cerimônia cívica, após ouvir a “Marselhesa” (Hino da França) e, na seqüência do espetáculo, chegando a vez do Brasil, tendo por fundo musical o nosso Hino Nacional, conchama a ilustre mestra com entusiasmo:

“Irmãs, cara irmãs, num preito unidas na solenidade deste momento, eu me envaideço e exulto:

.....

Pois bem, seja em prol do transcendente culto.

Da concórdia mundial empenhemos a Vida
Aqui firmemos um sólido convênio.

E para renovar o pacto, quando em quando
Que vos congregue sempre o Natal!

Um voto sele, por fim, este amor que no irmana
Seja o bem supremo a Paz, nesta plaga Americana.”

Quando em 1916 passou por Cachoeira (anos mais tarde, ser-lhe-ia acrescentado “do Sul”), em Cruzada Cívica, o grande e imortal Olavo Bilac, o Colégio Antonio Vicente da Fontoura engalanou-se de patriotismo para reverenciar o ilustre vate. Cândida Fortes Brandão aderiu com vigor e entusiasmo à Campanha Pró-Fundação Liga de Defesa Nacional, que além do respeito às tradições nacionais pregava também a concórdia Interamericana e a Paz entre os Povos.

Dotada a ilustre dama de espírito vibrante e sólida cultura, dela disse a escritora Julia Lopes de Almeida: “A Mãe Intelectual do Povo Cachoeirense”; e sempre que a cidade recebia personalidades proeminentes da literatura, era Cândida Fortes Brandão que os saudava com sua oratória vibrante, fluente e encantadora. Assim acontecendo com Coelho Netto e a própria poetisa carioca Julia Lopes de Almeida.

Cândida Fortes Brandão sobressaiu-se entre as mulheres do seu tempo pelo comprovado amor cívico, pela sua poesia toda ela encerrando sempre conceitos de ordem moral e filosófica, pela cristalinidade de seu caráter, que transparecia em estrofes borbulhantes de inspiração e emolduradas de nobreza, conforme o atesta *A Espada e o Arado*, poesia brotada de sua pena sem jaça:

“Ameaçadora passa a lâmina fulgente
que no gume cortante o extermínio conduz:
Evoca o espanar do rubro sangue quente
e o luto a soluçar em funerária cruz.

Santifica-lhe, entanto, o sinistro mister
essa defesa audaz que impávida, produz
e que no céu da Pátria uma nuvem sequer
não consente a empanar-lhe a puríssima luz.
Ei-lo o pródigo arado à faina redentora
rompendo o seio à terra onde a seiva dormente
acorda-se a nutrir o germe da fartura
E qual e do futuro a força amparadora!
- Aquela, a conquistar o direito à semente?...
- ou este, garantindo o alento da bravura?...”

Notícia *O Comércio*, em sua edição de 8 de novembro de 1922, jornal de que Cândida Fortes Brandão foi robusta pena e amiga incondicional pública:

“É ainda sob a emoção de uma profunda dor que pegamos na pena para transmitir aos nossos leitores a contristadora nova de que Cândida Fortes Brandão, ilustre conterrânea, excelsa poetisa e grande educacionista, já não mais existe entre os vivos.”

Colaboração de Acadêmicas

Natércia Cunha Veloso

Cadeira 13

Presidente



Nasceu em São Gabriel, RS, 24 de janeiro de 1892 e faleceu em Porto Alegre, RS, 09 de abril de 1975. Filha de Nataniel Cardoso da Cunha e Rita de Cássia Viana da Cunha. Professora estadual, poetisa e musicista. Morou em Rio Pardo, onde o pai foi Promotor Público, jornalista e professor da Escola Militar. Nesta cidade foi alfabetizada aos 5 anos e treinou jornalismo em dois folhetos estudantis: O Incentivo (1908) e o Rosicler (1909).

Diplomada professora com distinção pela Escola Normal de Porto Alegre, foi oradora das Formandas do Instituto de Educação, onde veio a lecionar depois de um estágio de magistério em Cachoeira do Sul.

Foi Fiscal de Pedagogia do colégio “Bom Conselho” e Diretora do Instituto “Estadual Flores da Cunha” e professora de Psicologia na UFRGS.

À semelhança da tia Virgínia, que outrora substituíra a mãe falecida, em 1921 casou com o juiz Leovegildo da Silveira Filho, dedicando-se aos enteados e ao marido, e com versatilidade profissional ensinou cinco disciplinas para as normalistas: Economia Doméstica, Português, História da Educação, Pedagogia e Prática Profissional. O secretário Coelho de Souza nomeou-a para missões oficiais e para a direção de educandário no decorrer da Segunda Guerra Mundial, quando estava proibido o uso de línguas estrangeiras.

Aposentada aos 32 anos de magistério, ingressou na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, instituição que lhe foi marco divisor, substituindo poesias cívicas que escrevia para seus alunos por livros de maior envergadura literária. Pertencia à ARI.

É Patronesse da cadeira nº 6 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre. É nome de rua no bairro Protásio Alves, em Porto Alegre.

OBRAS

- Brasil – poema cívico (1946);
Glorificação do Fogo Simbólico da Pátria – Dois poemas oferecidos à Liga de Defesa Nacional (1947);
- Chuva de Rosas e de Graças – Poesia e prosa (1948);
- Teia de Sonhos – Poesias (1950);
- Messe Outonal – Poemas (1952);
- As Minhas Jóias – Poema (1954);
- Bárbara Heliadora ou Variações Sobre o Tema da Inconfidência Mineira – Poemas (1961);
- Serenidade – Poesias (1963).

INÉDITAS:

- Cruz de Ametistas – Romance;
- Os Contos da Dinda – Histórias Infantis;
- Quatro Vidas – Novelas.

Nena Silva Saraiva de Almeida

Cadeira 13



Nena Silva Saraiva de Almeida nasceu em São Sepé, no dia 18 de agosto de 1927, no Rio Grande do Sul.

Seus pais Alfredo Luiz da Costa e Silva e Bárbara da Silveira e Silva.

Realizou seus primeiros estudos em Cachoeira do Sul, que complementou com estudos particulares de aperfeiçoamento.

Casou em primeiras núpcias com Victor Priebe, que veio a falecer três meses após. É uma autodidata. Fez sua própria “formação cultural”. Gostava de ler e lia muito.

Casou-se em segundas núpcias com Álvaro Saraiva de Almeida.

Romancista, publicou os seguintes livros: Roteiro do Destino, Tribunal do Tempo e Luzes Vedadas.

Tomou posse na Academia Literária Feminina em 22 de outubro e sua paraninfa dói a escritora Maria Isaura Medeiros Gameiro.

Faleceu em Cachoeira do Sul em 05 de fevereiro de 1999.

Clodia Maria Godoy Turra

Cadeira 13



Clodia Maria Godoy Turra nasceu em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul e reside em Porto Alegre.

Formou-se no Curso Normal Escola Nossa Senhora do Horto, Dom Pedrito, RS; Curso Pós Normal Instituto de Educação General Flores da Cunha, Porto Alegre; Licenciatura em Pedagogia com Habilitação Específica em Supervisão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Mestrado em Educação, Área de Concentração: Eusino pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; e Doutorado em Educação: Créditos concluídos: Área de

concentração: Avaliação. Projeto de Tese: Aprovado. Construção sob a direção da Universidade de Santiago de Compostela.

Cargos e Funções

- Professora do Ensino Primário em Escolas Públicas Estaduais (1954-1962);
- Professora do Ensino Normal no Colégio Sevigné, Porto Alegre, RS (1971);
- Professora dos Cursos de Licenciatura Plena nas disciplinas e Didática e Metodologia da Avaliação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1972-2002);
- Professora dos Cursos de Pós-Graduação na Fundação Para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, Porto Alegre, RS, em Avaliação Educacional (1984-1985); na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto Alegre, RS; na Fundação Vale do Jacuí, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Cachoeira do Sul, RS, em Supervisão Escolar e Supervisão Educacional (1983-1984)
- Auxiliar de Direção no Grupo Escolar Aristides Germani, em Caxias do Sul (1962);
- Diretora do Grupo Escolar Clemente Pinto, em Caxias do Sul (1963);
- Assessor Administrativo na Superintendência do Ensino Primário pela Secretaria de Educação, RS (1964);

- Assessor Administrativo de Superintendente na Superintendência do Ensino Primário na Secretaria de Educação, RS (1965-1967);
- Orientadora de Educação Primária, CPOE/SEC/RS (1968-1971);
- Supervisora do subprojeto de Treinamento e Habilitação de Professores Primários Não Titulados, Cachoeira do Sul (1971);
- Supervisora de educação Primária, CUT/SEC/RS (1971-1972)
- Assistente Técnico, DEF/SEC/RS, (1972-1975)
- Assistente Especial no exercício da Coordenação, Adjunta da Assessoria Técnica DEF/SEC/RS, (1975-1976)
- Assistente Administrativo no exercício da Coordenação da Assessoria Técnica do DEF/SEC/RS, (1976-1982);
- Vice Diretora da Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1985-1990);
- Pesquisadora em projetos educacionais desenvolvidos pela UFRGS/PUCRS; UFRJ/EC/RS; PUCRS;
- Fundadora e Primeira Presidente da Associação de Supervisores de Educação RS (1972-1973);
- Vice Presidente do Clube de Mães da Vila Assunção, Porto Alegre, eleita para a gestão 2005 e reeleita para a gestão 2006;
- Coordenadora Administrativa da Oficina de Literatura do Departamento Cultural (2002-2007) do Clube de Mães da Vila Assunção, Porto Alegre.

Oficinas pedagógicas

- Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção, Porto Alegre (2002-2007)
- Oficina de Desbloqueio para Escrita Criativa, coordenada pela escritora Valesca de Assis (ago-out/2007). Auxílio ao Tema Centro Cultural Pedagógico, orto Alegre.

Obras Publicadas

Co-autora em livros no âmbito do ensino. Autora de artigos sobre Educação publicados em revistas especializadas. Autora de contos publicados nos Jornais MP Produções, Porto Alegre e Sesmária Cultural, Dom Pedrito, RS. Textos de Oficina de 2004 a 2006 (Coletâneas), culminância das atividades desenvolvidas na Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção, em Porto Alegre.

Participou do Mancial II, Coletânea 2006 da Sesmaria Cultural, Dom Pedrito, RS; da Presneça Literária 2007, Coletânea ALFRS e da Amizade em Prosa & Verso, Coletânea Edições Alba 2007, Minas Gerais. Lançamento, em 2007, do livro A mão que move as peças, contos que resultam da parceria e da experiência das participantes da Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção, Porto Alegre, que integra.

Distinções

- Honra ao Mérito 200 anos do Champahnat, PUCRS, 1789-1989
- Cidadã Ilustre, Título conferido pela Prefeitura de Dom Pedrito, RS, 1991
- Medalha Irmão Afonso e Diploma como reconhecimento pelos serviços prestados à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS, Destaque 2004
- Soroptimist International, Destaques Soroptimistas 2004, Troféu Orientação e Liderança
- Diploma Menção Honrosa na categoria Poesia, no concurso Nacional Amizade em Prosa & Verso. Edições Alba e Grupo Sul-mineiro de Poesia, Varginha, MG, junho 2007-11-27
- Diploma de Honra ao Mérito da Editora Alcence pela Publicação do Livro A mão que move as peças, Porto Alegre, outubro 2007.
- Diploma de Membro Efetivo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, Cadeira 13.

Marinha Noronha

Cadeira Nº 14

Patrona



Marinha Noronha era filha do casal Joaquim Pinto Vieira e Priciliana Noronha Pinto Vieira. Nasceu em 9 de maio de 1865.

Formou-se em 1883. Portanto viveu, trabalhou, escreveu numa época em que a mulher pouco se sobressaia em nosso meio cultural.

A atividade da mulher era exclusivamente no lar e assim mesmo sem muito estudo, sem muito esclarecimento sobre a vida. Marinha Noronha sentiu, porém, que a sua vida precisava ser útil também fora do lar, junto aos seus alunos e aos seus leitores. Não foi fácil para ela numa época em que à mulher era dificultada qualquer atividade profissional. A inspiração, a fantasia, porém, foram mais fortes; a necessidade de comunicar a informação como uma tarefa, uma responsabilidade, fizeram com que vencesse as barreiras da cultura, e, então influísse sobre essa mesma cultura de maneira positiva, intelectual e feminina. Ela mudou os costumes com sua produtividade, com seu coração voltado para o bem fazer, com a firme convicção de que os tabus implantados não a impediriam de fazer o que estava decidido em seu íntimo, que era transmitir a cultura à criança, ao jovem e ao adulto e ao velho.

A sua sala de aula era o lugar sagrado, onde trabalhava voltada para os seus alunos, vendo em cada um o indivíduo com potencialidades a serem desenvolvidas. Com uma empatia tremenda, entendia os alunos, conseguindo se aproximar deles afetivamente, partindo daí o seu trabalho intelectual. A sua figura era respeitada no meio do magistério como uma autoridade, mas isso não a impedia de ser colega querida.

É verdade que Marinha Noronha teve em sua mãe uma incentivadora para seus trabalhos intelectuais e, portanto, soube entender os dotes da filha e o papel que poderia exercer no seu tempo.

Marinha Noronha gostava de escrever, apesar de nunca ter publicado livros porque não tinha dinheiro suficiente. Escrevia através da imprensa. O seu estilo era formoso e sempre dentro de um conceito doutrinário profundo. Assim, a imprensa escrita foi o veículo precioso de seus pensamentos, versando sobre os motivos mais variados que atingiam os sentimentos e os interesses dos leitores como *Bilhetes urbanos, Cartas a D. Zizi, Palavras de minha mãe, Deveres e qualidades morais dos professores, A sinceridade, A família, Valor, Contradição, De longe, Bondade, Altivez, Orgulho, O passado, O futuro, O dia, Matrimônio, Influência das palavras, O lar, Polidez...* e assim uma infinidade de outros artigos, atestando, com isto, uma visão larga da vida e um conhecimento profundo. Sua afetividade fazia-a a compreender os problemas humanos de maneira mais clara.

Marinha Noronha no seu artigo *O lar* faz e responde a perguntas:

- “Que é o lar?”.

- “É o fundamento, a base da honradez, é o trabalho, é uma virtude, em uma palavra, lar significa civilização”.

Ora, civilização quer dizer o ato ou o efeito de civilizar, que é tornar bem educado e cortês. É o conjunto de caracteres próprios da vida social, política, econômica e cultural de um país ou de uma região.

Então, a escritora viu claramente o papel da mulher dentro do lar com uma influência sobre os filhos, com uma prolongação na cultura, com uma independência para influir, agindo com sabedoria dentro e fora de casa.

Marinha Noronha não foi uma feminista, mas revelou um equilíbrio entre o seu trabalho no lar, na escola e na sociedade como literata. Vivendo no século passado e no início deste, tinha uma larga visão de todas essas situações.

Num de seus escritos, Marinha Noronha aborda a problemática da viuvez sem pecúlio. Neste escrito, ela se valeu de um artifício de linguagem, não usando um só verbo em toda sua composição e assim conseguiu vencer um concurso realizado pela Rádio Sociedade Gaúcha, onde concorreram 91 intelectuais.

Uma composição sem verbos

“Sem verbos... sem um só verbo... sem o elo amável entre o predicado e o sujeito! Oh! Difícil, extenuante *tour de force*, para a pretensiosa mestre de crianças.

...Ah! que espetáculo edificante e cheio de ensinamentos! eis um pássaro, pequeno e modesto, modelo dos pais previdentes... ei-lo, por entre

verdejante pomar de opulento palacete, à beira da estrada... silente e ativo, bico prescrutador, asas pelo chão, salto aqui, salto acolá, à procura da preciosa argila, compacta e úmida, para a construção do ninho, para abrigo dos filhos e da companheira estremecida. Que exemplo salutar para o homem, para o rei da criação, para o pai, o filho, o esposo, e também para a pobre mulher vacilante, sem apoio animador do marido, cercada de filhos, hoje alheios à desventura, por inocentes, amanhã desamparados.

Passarinho grácil e modesto - João de Barro – amigo sempre caro da criançada, alado operário construtor, a tua providência, o teu afeto à prole, o teu carinhoso pensamento, ou o instinto de amor, a pressa, o cuidado na formação do teu ninho, que lição tácita para a humanidade, sempre frívola, sempre desassombrada, inconsciente quase, ante a fragilidade da vida, ante a imutável sentença de morte!

Para o luto da viuvez, para a orfandade dos filhos desvalidos, para a queda de todos os sonhos da ventura almejada.

Para a serena impassibilidade da morte, para esse problema irreduzível e sempre ameaçador, eis a solução – um pecúlio – como lenitivo à dor da eterna ausência, como segurança de melhores dias, sem miséria, ao menos...”

Marinha Noronha já não era moça e foi, então, no entardecer da vida que veio amar e casar, trazendo para o seu lar a simpatia irradiante, a educação requintada, a voz terna e musical que eram características de sua pessoa. Sonhou os seus sonhos e os viveu da forma mais terna possível.

Yeda Roesch

Noemy Valle Rocha

Cadeira ° 14

Presidente



Nascida em 24 de novembro de 1889, filha única de José Luiz Corrêa Vasques do Valle e de Cândida Pereira do Valle, descendia da conhecida família Azevedo Valle. Seu tetravô, Francisco Silveira de Azevedo, o açoriano Chico Ilhéu, foi dos primeiros habitantes do então Porto de Viamão, origem de Porto Alegre. Também descendia dos Alves Branco, família que forneceu muitos cônegos, sacerdotes e religiosas.

Cedo, ficou órfã de pai e passou a ser assistida pelo tio, Feliciano Pereira do Valle, fiscal do imposto do consumo e elemento decisivo na sua formação. Noemy cursou o Colégio Sevigné, notabilizando-se pelos seus dotes musicais e facilidade no estudo das línguas. Em acordo com o pensamento da época, seu desejo de estudar Medicina encontrou forte oposição familiar.

Obediente, desistiu dos estudos e casou aos quinze anos de idade com um aluno da Escola Militar. Aos dezessete, ficou viúva do tenente Augusto de Mendonça Rocha. Dona, então, da própria vontade, dispôs-se a realizar o antigo sonho de ser médica. Após aprovação no exame de madureza, matriculou-se no primeiro ano do curso médico em 1912. Foi a segunda mulher a formar-se em Medicina na Faculdade de Porto Alegre e a primeira a exercer efetivamente a profissão. Isso ocorreu em 1917, na mesma turma em que se formou meu pai.

Noemy enfrentou resistências e preconceitos, ora expressos diretamente, ora disfarçados em brincadeiras de mau gosto. Apesar disso, foi uma acadêmica com ótimo aproveitamento e que logo conquistou a confiança e a admiração dos homens, colegas e professores. Com a tese Autovacinação em Ginecologia tornou-se doutora, aprovada com distinção. Passou a trabalhar em Clínica Geral, Ginecologia e Obstetrícia e teve seu batismo de fogo ao enfrentar galhardamente a gripe espanhola no seu primeiro ano como médica. Fez viagens de estudo e compareceu a vários congressos. Participou, por algum tempo, do corpo docente da Faculdade, na condição de assistente do Professor Pereira Filho, titular da cadeira de Microbiologia.

Entregando-se ao exercício da Medicina, sem medir sacrifícios ou

considerar a situação econômica dos pacientes, logo granjeou clínica numerosa e conceito entre os colegas. Comunicadora excepcional, jamais deixou de aproveitar as mais variadas ocasiões para divulgar conhecimentos médicos úteis à população. Falava em escolas, clubes de serviço, jornais e estações de rádio. Sobre as atividades médicas, dizia:

“Sou mulher, sexo frágil e também soldadinho raso em Medicina. Dócil, submissa, cordeirinho quando me tratam com modinhos de arminho. Mas, tendo individualidade, sou emotiva e, também, para que negá-lo, às vezes, impulsiva. Quando me fazem uma ofensa, abandono o posto de soldado e subo até o de general e vou lançando flores, mas metendo a espada. Fiquei sozinha para atender todos os encargos domésticos e sem poder abandonar o laboratório e a clínica. Olho para um armário de livros, avisto um livrinho de capa verde, era a minha tese de doutoramento. Tive infinita saudade daquele tempo tão feliz... Abri-a e começo a ler o prefácio: Chego agora ao fim do meu curso médico, vai esse meu modesto trabalho pôr-lhe um ponto final. Decorridos esses seis anos, eu confesso, não sem esmorecimentos, que não os maldigo, pelo contrário, abençoô. Como me foram salutares! Não enfraqueceram, mas repousaram, por momentos, minha coragem, para então torná-la mais forte, induzindo-me a prosseguir a luta no caminho da ciência, e da ciência a mais bela, a mais sublime, a Medicina! Então senti um grande entusiasmo, um apaziguamento d’alma e sobretudo um dever em afirmar, praticamente, o que dissera há tão longos anos. Dei ao tempo a elasticidade possível e consegui triunfar. Se as horas do dia não bastavam para realizar o meu desideratum, tinha, entretanto, as da noite ao meu dispor.”

Agregadora, liderava homens e mulheres no engajamento pela cultura e pela melhoria das condições de higiene e saúde da nossa gente. Filiou-se à campanha civilista que trouxe Olavo Bilac a Porto Alegre. Aliada à Federação pelo Progresso Feminino, foi sócia fundadora do Grêmio Anita Garibaldi, e preconizou comportamentos a serem seguidos pelas mulheres perante a bandeira nacional. Sentia a necessidade de lutar pela valorização do trabalho delas e foi uma feminista esclarecida, que buscava oportunidades para que as mulheres progredissem e se impusessem pelo conhecimento e pelo trabalho, lado a lado com o homem, sem hostilizá-lo. Escreveu: “E quando dizem que o homem é o sexo forte eu me rio, mostrando como o urso, que é o símbolo da força bruta, dança ao som do pandeiro de uma cigana, preso pelo focinho a uma tênue cadeia feminil.

Mas para que a mulher seja a digna inspiradora do homem, deve começar por não querer ser homem.”

Publicou contos e crônicas na imprensa. Concedeu importantes entrevistas ao *Correio do Povo* e ao *Diário de Notícias*, depondo sobre a socialização da Medicina, o sufrágio feminino, o ensino religioso nas escolas e o cinema nacional. Manteve polêmica com os senhores Egídio Itaqui e Teodomiro Tostes, na defesa do feminismo. Foi das primeiras mulheres a dirigir automóvel no Rio Grande do Sul e a sua carteira de motorista era a de número vinte e sete. Ao natural, ela foi tendo oportunidade de fazer literatura. Escrever sobre ficção e folclore do Rio Grande do Sul, passou a ser a sua nova paixão e firmou-se como grande conhecedora do linguajar e dos costumes das diferentes populações do Estado. Mormente na campanha, no pampa, foram de grande valor seus estudos e apêndices ortográficos, raros na época.

A sua conferência, *Conceitos Gerais sobre Folclore*, teve grande repercussão no Estado e fora dele. Sua produção literária inclui um livro de contos que foi muito bem acolhido pela crítica e pelos leitores em 1948, intitulado *Reflexos d'Alma*. Nele, dedica às companheiras de Academia Feminina um conjunto de contos onde transparece notável capacidade para observar e entender o homem.

Distribui situações dramáticas como no conto *Via-Crucis*, ambientado nos tempos da escravidão e dos costumes rígidos, com momentos de descontração, ironia e humor, como no texto de *Elogio aos Pés*, em que flagra a insatisfação com o uso das mãos e passa a valorizar os esquecidos e sobrecarregados pés. Em *Ciúme*, mistura conceitos médicos da época com aspectos literários, em que o *João-de-Barro* surge como o Otelo dos pássaros, capaz de emparedar a companheira infiel. *Crendices* dá vazão aos seus conhecimentos de folclore, apresentando, com humor e sensibilidade, trinta e quatro versões de práticas populares, tais como benzeduras e simpatias.

Criação, sensibilidade e amor perpassam as duzentos e oitenta páginas do livro. Conferencista consagrada, deixou coletânea de discursos acadêmicos no livro *Quatro Perfis Literários*. Ficaram ainda como de sua autoria: *Conceitos gerais sobre folclore* (1953),

A fraude no imposto de consumo, O sufrágio feminino, na imprensa de Porto Alegre; O beija-flor, crônica, Almanaque do *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1968; Higiene escolar, tese no Primeiro Congresso de professores Primários do RS, Porto Alegre, 1930; Vida e obra da Professora Jenny Seabra de Souza, conferência na Associação dos Amigos do Terceiro Distrito, P. Alegre, 14 de dezembro de 1968.

Participou, com todo entusiasmo, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Ao assumir sua cadeira, deu mostras de espírito in-

comum quando dedicou a sua patrona um texto composto apenas por verbos, nos mais diferentes tempos e modos. Isso ocorreu porque a homenageada, Marinha Noronha, notabilizara-se por ter elaborado um texto sem empregar verbos. Dizendo concordar com a professora poliglota e grande charadista, Noemy acrescentava:

“A trivialidade não é, de resto, o único escolha que devemos evitar: o desejo de elevar-nos, quando não é mais do que um desejo, e não o atestado de elevação natural, conduz inevitavelmente à ênfase. E a ênfase, por sua vez, ao ridículo. Os falsos sábios procuram deslumbrar, os verdadeiros buscam fazer-se entender; o pedantismo na linguagem pertence à extrema mocidade ou à extrema vaidade; a elegância na linguagem não é o emprego descabido de termos pomposos e rebuscados, mas sim a justa aplicação e o conhecimento do que é verdadeiro, que faz conhecer a sua oportunidade.”

A Dra. Noemy foi presidente da Academia Literária Feminina em dois mandatos e fê-la crescer de forma impressionante. Desenvolveu intenso programa de intercâmbio cultural com os países do Prata e com outros Estados da Federação. Divulgava nossa cultura através da revista *Atenéia* e de programas radiofônicos semanais em estações de rádio distribuídas pelo interior do Estado. Emissoras de Bagé, de Uruguaiana e de Santiago passaram a transmitir o programa *Sempre Mais Acima, Sempre Mais Além*, título-lema que encimava os exemplares da revista trimestral da Academia.

Aproveitava suas viagens ao interior para pesquisar sobre folclore e foi numa das suas idas à fronteira, que deu com os costados na estância de meu pai, seu colega de turma, em Lavras do Sul. Guri de colégio, jamais esquecerei sua aparição na fazenda. Primeiro desconcertou meu pai ao apresentar-se como uma paciente de Porto Alegre, que viera especialmente para consultá-lo. Não se viam há mais de trinta e cinco anos, e é claro que ele não a conheceu. A farsa terminou em grandes gargalhadas e com reminiscências que avançaram noite a dentro. Tanto um como o outro, por exemplo, tinham dúvidas quanto à autoria de famosa e deselegante brincadeira que muito incomodara a doutora, ao verificar o surgimento de um pênis de cadáver dentro de sua bolsa, quando participava das aulas de Anatomia.

Dessa forma, conheci através da protagonista, essa história de que ouvi muitas versões, pela vida a fora, e onde os diálogos bem atestam a criatividade humana. Noemy não descansava, tomando notas de tudo que dissesse respeito ao linguajar e aos costumes dos homens do campo, e meu pai foi um prato cheio para suas pesquisas. Voltaram a se encontrar nas come-

morações dos quarenta anos de formatura, em 1957, e outra vez eu estava presente, agora em Porto Alegre.

Pessoa simples, avessa a homenagens, Noemy Valle Rocha não a provaria, mas citarei algumas das distinções que recebeu na sua profícua existência: membro de honra da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul; ocupante da cadeira 11 da Academia Sul-Brasileira de Letras, sediada em Pelotas, passando a ser patrona da cadeira 45 após reformulação da Academia; membro da Casa Juvenal Galeno, Fortaleza, Ceará; miembro de la Confraternidad Universal Balzaquiana, Montevideú, Uruguai; academicum “Honores Causa”, da Academia Andronosófica da Republicae Santi Marini, Roma, Itália; Accadêmica Onorária de la Accademia Universale Inventori e Autori de Roma; miembro de Honor del Instituto de Cultura Americana, República Argentina; membro de honra da Associação Internacional de Imprensa, Seção do Paraná; secretaria general para el R.G.S. del Círculo Interamericano de Difusión Cultural (14 de Julho), Buenos Aires, Argentina; membro honorário da Casa Humberto de Campos, seção de Mato Grosso; membro honorário da Associação de Intercâmbio de Cultura de Quiratinga, Mato Grosso; membro honorário da União das Organizações Científicas, Pacifistas Latino-Indianas (Proposta do escritor Raymundo Maranhão Aires de Mato Grosso); sócia fundadora do Instituto Cultural Uruguayo-Brasileiro de Porto Alegre; sócia de honra do Instituto Panamericanista; colaboradora espiritual y miembro benemérito del Ateneo Universal Femenino Alta Cultura y Confraternidad Espiritual, Buenos Aires; hermana espiritual de la Sociedad Gaucha Jumare Rofole, Republica Oriental del Uruguay; sócia correspondente do Centro de Letras do Paraná; com voto de louvor por sua colaboração, méritos pessoais e intelectuais, em 1955; sócia corresponsal, en el Brasil, de la Asociación Cultural Latino-Americana, Buenos Aires.

Noemy Valle Rocha faleceu no dia primeiro de outubro de 1978, aos 89 anos, no Hospital Centenário, de São Leopoldo. Deixou uma filha de criação e legou à Academia Literária Feminina sua residência assobradada, que se transformou na sede da Academia, à Rua Sarmiento Leite, 933. Noemy Valle Rocha, médica, feminista, escritora e folclorista, foi um exemplo de determinação e de perseverança. Sua senda humanista, de amor e de crença nos valores superiores do homem tem servido de exemplo a todos os que nelas crêem.

Blau Souza

Fonte:

http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=svs_bio_bibliografias_notas&submenu=4&metodo=0&id=301

Yeda Roesch
Cadeira N° 14



Yeda Roesch nasceu em Cachoeira do Sul. É Psicóloga e psicopedagoga, com cursos de Livre Docência e Doutorado, professora universitária, ensaísta e contista.

Lecionou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade Luterana do Brasil. Tem consultório de Psicologia.

Foi colunista do jornal centenário Correio do Povo e colaborou em Zero Hora e Jornal do Comércio, todos de Porto Alegre.

Obras Publicadas

Ensaaios

- Nós e a criança (editado em Portugal sob o título Como educar nossos filhos; e,
- Puberdade e adolescência.

Novela

- Pés na Pedra

Crônicas selecionadas

- A dança dos sentimentos

Em 2003 foi agraciada com a Medalha Dr. Alberto Fabin, da Sociedade Cívica Cultural Brasileira de São Paulo.

Maria Pavão Von Bassewitz Cesar

Cadeira 15

Patrona



Carolina von Koseritz foi uma mulher à frente do seu tempo e isso se deve, muito, à convivência com o pai. Nascida em 23 de outubro de 1865, em Porto Alegre, desde cedo teve sua aptidão literária estimulada, numa época em que as mulheres não se destacavam na sociedade, há não ser por seus casamentos e filantropias. Falava, escrevia e traduzia várias línguas: alemão, inglês, francês, latim, espanhol.

Com o pai, Carolina engajou-se no movimento abolicionista, no estudo da filosofia espírita, no desenvolvimento cultural da Província e na divulgação dos ideais germanistas.

Sua produção literária é admirável. Com treze anos ganha seu primeiro concurso de poesias e passa a receber atenção privilegiada do pai, secretariando-o. Ainda na adolescência, traduziu e publicou vários contos dos clássicos alemães e ingleses. Aos 18 anos, em viagem ao Rio de Janeiro, traduziu e publicou “Réquiem”, um poema do poeta austríaco Dranmour, prefaciado por Sílvio Romero. A crítica da época aplaudiu a “quase menina”.

A partir daí, seguem-se várias publicações de contos próprios e traduções: *Hermann e Dorothea*, de Goethe; *Excelsion*, de Langfellow; *Relíquias Vivas*, de Turguenoff; *Manfredo*, *Oscar e Masera*, de Lord Byron; *O Grilo da Lareira*, de Charles Dickens.

São produções suas: *Uma dor de cabeça*; *A freira*; *Um perfil*; *Uma flor Fenecida*; *A vingança das Flores*; *Risos e Sorrisos*; *Antigualhas e Episódio Obscuro*.

A maior parte de suas produções está distribuída pelas páginas corróidas e amareladas dos jornais da época, como o *Jornal do Comércio*, *Koseritz Deutsche Zeitung e Mercantil* e escondidas sob pseudônimos. Alguns contos aparecem nas Revistas *Kodak e Norte-Sul*. Comenta-se que na Biblioteca Nacional existam livros seus.

Conforme descreve sua pesquisadora, Hilda Agnes Hübner Flores, Carolina von Koseritz “*pertence ao pequeno grupo de mulheres intelectuais que integraram o romantismo das últimas décadas do século XIX. Tradutora poliglota, enriqueceu o Brasil com literatura alternativa face à dominância do francesismo cultural.*”

O pioneirismo de Carolina revela-se na projeção da capacidade feminina além dos umbrais domésticos, em busca do lugar adequado que cabe à mulher na sociedade atual.”

Carolina Von Koseritz é nome de rua em Porto Alegre e patrona da cadeira nº. 15 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Silvia Kaercher

Hilda Agnes Hübner Flores

Cadeira Nº 15

Presidente



Hilda Agnes Hübner Flores, natural de Venâncio Aires, RS, reside em Porto Alegre. Casada com o historiador Moacyr Flores, é mãe da artista plástica Ana Flores, da fonoaudióloga Marcia Hübner Flores e de Marcos Hübner Flores, Delegado Estadual do INSS no Rio Grande do Norte. Dois netos: Luisa e Tales.

Cursou Serviço Social, Filosofia e Mestrado em História, todos pela PUCRS, onde lecionou e recebeu Medalha Irmão Afonso. É tradutora e ensaísta. Aposentada, dedica-se à pesquisa de assuntos imigratórios e temática de gênero. Foi diretora-presidente da Editora Nova Dimensão.

Presidiu em três gestões a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a primeira na década de 1980, quando promoveu cursos temáticos, gerindo recursos para a reforma da sede da instituição; instituiu, em 1986, a publicação anual *Presença Literária*. Presidiu por quatro vezes o Círculo de Pesquisas Literárias RS e foi vice-presidente da AJEB/RS; membro da Academia Internacional de Lexicografia, com sede em Divinópolis, MG, e do Instituto Histórico e Geográfico de S. Luiz Gonzaga, RS.

Tem colaborações na imprensa: *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *Zero Hora*, *RS-Cultura*, *AEBA* (Associação dos Ex-bolsistas da Alemanha); nas revistas da PUCRS *Veritas*, *Ibero-americana*, *Letras de Hoje* e *Mundo Jovem*; na revista *Notícia Bibliográfica e Histórica* da Universidade de Campinas, SP; na revista *Travessia 23* da UFSC; na revista *Hoy es Historia* de Montevidéu.

Participa de Anais resultantes de Seminários e Congressos. Está presente também em antologias. Dentre as editadas em Porto Alegre, temos:

Cultura sul-rio-grandense/1981; *Vozes Femininas*/1983; *Presença Literária*/ 1986-2006 (org.); *Porto Alegre: História e Cultura*/1987 (org.); *Ajebianas de sul a norte*/1988 (org.); *Anais do III Seminário Nacional Mulher e Literatura*/1989; *Gravataí: do êxodo à composição étnica*/1990; *1893-95: a Revolução dos Maragatos*/1993; *Revolução federalista*/1993

(org.); *50 Anos de Literatura: perfil das patronas*/1993; *Turismo no RS: 50 anos de pioneirismo no Brasil*/1993 (org.); *Vidas e costumes*/1994 (org.); *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*/1995; *Raízes de Gramado*/1995; *Correio do Povo: 100 anos*/1995 (org.); *Antologia*/1996 (AJEB); *Regionalismo sul-rio-grandense*/1996 (org.); *RS: cultura, história e literatura*/1996 (org.); *Raízes de Torres*/1996; *Nós, os teuto-gaúchos*/1996; *Continente Sul-Sul*/1996, IEL; *Palavras*/1997, 1999-2007 (org.); *Rádio-difusão no RS*/1997; *Mundo greco-romano: arte, mitologia e sociedade*/2000; *Cezimbra Jacques: passado e presente*/2000; *Século XX em retrospectiva*/2001 (org.); *Raízes de Veranópolis*/1998; *Educação e sua história*/1998; *Pequeno dicionário da literatura do RS*/1999, PUCRS; *Anais do V Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades teuto-brasileiras*/2001, Lajeado; *Etnias & carisma*/2001, PUCRS; *Século XX em retrospectiva*/2001; *RS: história, cultura e ciência*/2002; *Integração*/2002, 2003 e 2006, PUCRS (org.); *Raízes de Canela*/2003; *RS Modernidade: 1890-1930*/2003; *A era Vargas*/2003; *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*/2004; *Porto Alegre em destaque: história e cultura*/2004; *Erico e seu tempo*/2005; *O universo de Quintana e a obra de Vianna Moog*/2006; *Garibaldi: mito e realidade*/2007.

A nível de Estado participa em: *Fontes para a história da Revolução de 1893*/1983, Bagé; *6º Simpósio de história da imigração e colonização alemã*/1984, São Leopoldo; *Gravataí: história e cultura*/1987, Gravataí; *Biblos*/1995, FURG; *Ensaio de história do RS*/1996, FURG; *Presença, S. Luiz Gonzaga*/2006 e 2007; *XXIV Simpósio Nacional de História*/2007, UNISINOS.

Obras coletivas editadas no Brasil e estrangeiro:

Receitas de criar e cozinhar/1998 e 2000, Rio de Janeiro; *Anais do III Seminário Nacional Mulher e Literatura*, Florianópolis: UFSC, 1989; *IX Seminário Nacional Mulher & Literatura*/2001, UFMG, BH; *Actas do III Seminário Internacional: morte de Pe. Antônio Vieira*/1999, Lisboa; *Faces de Eva*/2000, Universidade Nova, Lisboa; *AJEB letras*/2003, Fortaleza, CE; *Ibero-americana Pragmática*/2003, Checoslováquia.

Publicou os livros, todos em Porto Alegre:

A participação popular e os princípios de desenvolvimento da comunidade no desenvolvimento econômico e social do Cone Sul/1966 (trad. do espanhol);

-
- Tristeza e Pe. Reus*/1979, ELAPE (monografia de bairro);
- Memórias de um imigrante boêmio*/1981, 2ª ed. 1997, EST (trad.: alemão x português);
- Canção dos imigrantes*/1983, EST (dissertação de Mestrado);
- O Papel da Mulher na Revolução Farroupilha*/1985, TCHÊ (5 ensaios premiados em concurso estadual);
- Sociedade, preconceitos e conquistas*/1989, Nova Dimensão (ensaio, prêmio Governo do Estado, esgotado);
- O ramalhetes*/1990, EDIPUCRS (estudo bio-bibliográfico de Ana Euridice de Barandas/1845); RS:
- Aspectos da Revolução de 1893*/1993, 2ª Ed. 1995 e 3ª ed. 2005, Martins Livreiro (ensaio, com Moacyr Flores);
- Turismo no RS - 50 anos de pioneirismo no Brasil* (org.). Porto Alegre: Edipucrs, 1993;
- O doutor maragato*/1994, 2ª ed. 1995, UFRGS (trad. do alemão, com notas);
- Alemães na Guerra dos Farrapos*/1995, PUCRS (ensaio, esgotado);
- Santa Clara: o combate federalista*/1995, Nova Dimensão (trad. do alemão, com notas);
- Picada Café*/1996, Nova Dimensão (monografia do município, com Moacyr Flores, esgotado);
- Memórias de Brummer*/1997, EST (tradução do alemão, com notas e bibliografia);
- Dicionário de mulheres* (autoras)/1999, Nova Dimensão (3.300 verbetes, prêmios UBE/RJ, AFEMIL, ALFRS, AJEB/1999, Ivan Lins da UBE e ACL/2000);
- História da imigração alemã no Rio Grande do Sul*/2004, EST (ensaio);
- Imigração alemã - 180 anos: história e cultura*/2004, CORAG (Prêmio Internacional de Literatura Brasil-América Hispânica da AFEMIL de BH);
- Imigração alemã 180 anos – história e cultura*. POA: Corag, 2004 (com Sílvio Rockenbach; 45 mil exemplares para distribuição);
- Anita Garibaldi: a criação do mito*/2007, EST (folheto);
- Divórcio?*/2007, Ediplat/Porto Alegre e Ed. Mulheres/ Florianópolis (org. e estudo bio-bibliográfico de Andradina de Oliveira).

IOLANDA LÍCIO RIZZO

Cadeira 16

Patrona



Iolanda Lício Rizzo, nascida a 20 de abril de 1925, na cidade de Limeira, Estado de São Paulo, era filha do Dr. Efraim Rizzo e Dona Áurea Lício Rizzo que, como crentes evangélicos, levaram-na a batizar-se na Igreja Presbiteriana de Caxambu, sul de Minas, a 26 de setembro de 1926, onde era pastor o seu próprio genitor.

Foi ela, aos quatro anos, matriculada no *Licée Français* - Jardim de Infância, onde dominava o idioma francês. No mesmo estabelecimento fez o Curso Primário e após, o Ginásio, e ainda o Curso Secundário, encerrando-o a 19 de dezembro de 1940. Iniciou o Curso Complementar do Colégio Universitário e, com a extinção deste, ultimou-o no Pedro II. Já cursando o segundo ano da Faculdade de Direito de que fora seu pai, o Dr. Efraim Rizzo, o idealizador e fundador, acometeu-a pertinaz enfermidade que, a 6 de agosto de 1945, contando com apenas 19 anos de idade, fê-la baixar às sombras do túmulo, após 28 dias de contínuo sofrimento.

Sua existência, embora efêmera como a dos lírios e das rosas, foi intensa como um sol a dardejar em pleno zênite. Distinguiu-se como primeira aluna do Curso de Enfermeiras Voluntárias Socorristas da Cruz Vermelha, mantida pela Associação Cristã de Moços, em 1942. Fez estudos de Arte Culinária, curso completo mantido pela *Société Anonyme de Gaz* do Rio de Janeiro, como também o Curso, igualmente completo de Taquigrafia, na Associação Telegráfica Paulista. Desde março de 1942, exercia o cargo de Fiel Tesoureiro da faculdade de Direito do Rio de Janeiro, lado a lado com seu genitor, a quem tocavam as responsabilidades da Tesouraria.

Iolanda, pela sua fé edificante, pela sua bondade, pelo seu talento, pelas suas prendas morais, mereceu ser biografada em belo volume com o seu nome, pelo Reverendo Antonio de Campos Gonçalves, que, como amigo

da família, assistiu-a, desde a infância e diariamente, durante breve período da grave moléstia que a prostrou.

Somado aos privilégios inúmeros de que foi dotado o seu espírito, figura o da arte sob seus três prismas magistrais: - o musical, o pictórico e o poético.

Primavera em flor, mocidade radiosa e sedutora linda como uma estampa de autor célebre, não poderia lhe faltar o dom de inspirar com o de ser inspirada. E esse dom transforma-a em citareda feliz, cantando em *Plenitude* a volúpia de viver, a sintonização perfeita com a aventura e a alegria:

"Eu quero que a ventura de minha alma
rebente em flores como a primavera,
Quero mostrar que a minha vida calma
nem um espinho, ao mesmo dilacera.

E a minha alma, sozinha, aberta espalma
toda a ventura que este mundo espera
Ela povoa o templo da minha alma
feito de sonhos, risos e quimera.

Sou feliz! E meu peito soam guisos,
brilham-me os olhos, vivem nos meus risos,
vão repicando pelo sonho meu.

Os seus arpejos enchem minha vida...
E eu digo alegre, jovem, fronte erguida:
- ninguém no mundo é mais feliz do que eu!..."

E em contraste a tanta exuberância de seiva e de ritmo e esplendor, justamente um ano antes de seu falecimento, como uma previsão do prematuro fim, escreveu as estrofes crepusculares deste estranho *Delírio*, repassado de dobres e finados, de adeuses de ângelus morrentes, de melancolia irremediável e profunda:

"Tanta vida em meu corpo,
tanta vida,
a extinguir-se breve como um sopro!

Tal agitação em meus dedos esguios,

tal agitação,
e vê-los hoje quietos, doentios!

Tal calor em meu cabelo,
tal calor
e senti-los úmidos de gelo!

Tal ruído em meu viver intenso,
tal ruído,
e hoje esse grande silêncio...este silêncio imenso!

Tanta promessa em meus dezoito anos,
tanta promessa,
e fenecer em tristes desenganos!

Tanto amor em meu peito,
tanto amor,
- um sonho mal nascido e já desfeito!

Tanta glória em meu destino,
tanta glória,
e me domina um mesquinho fado em desatinos!

Tal vigor em meu peito, latente,
tal vigor,
...e...hoje não ser mais que uma doente!"

Deixou Iolanda Lício Rizzo cerca de 290 páginas rimadas, versando os mais variados temas, sendo que veio a lume *Adolescência*, livro póstumo, contendo por sua própria mão selecionadas 250 poesias.

Déa Rodrigues Figueiredo

Déa Rodrigues De Figueiredo

Cadeira 16

Presidente



Déa Rodrigues de Figueiredo nasceu em Socorro, São Paulo, em 1920. Professora, poetisa e pintora. Filha do Dr. Benedicto Rodrigues de Andrade e da professora Ana Lourdes dos Santos. Viúva do professor Samuel Antônio de Figueiredo.

Cursou Normal em São Paulo, iniciou Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde 1940 dirigiu o Colégio Batista em Porto Alegre.

Presidiu a Academia Literária Feminina do rio Grande do Sul de 1966 a 1972, sócia da AGE, da AJEB.

Colaborou no Correio do Povo e Correio do Sul, na revista Atenéia, todos em Porto Alegre.

Participou em Vozes Femininas, 1983, em Porto Alegre; Presença Literária, 1987-1998, em Porto Alegre;

Obras Publicadas, todas poesias

- Velas ao mar, 1952;
- Nem a fonte nem a Rosa, 1966;
- Caminho do eterno, 1972;
- Aquarela gaúcha, 1987.

Adélia de Lourdes Klaus Einsfeldt
Cadeira Nº 16



Adélia de Lourdes Klaus Einsfeldt, nasceu em 13/04/1934, em Porto Alegre/RS, onde reside. É escritora, poeta e mãe de quatro filhos. Coursou o Técnico de Contabilidade no Ginásio Concórdia, de Porto Alegre/RS. Trabalhou em escritórios de empresas de Porto Alegre/RS. Atualmente aposentada.

Tem várias publicações como o livro de poesia infantil *Animais se Divertem* e o livro de poesia *Petálas*. Participou ainda com o poema *Náufrago* na *Anthology in Memoriam de Margareth*, Elizabeth Sangster – publicado nos Estados Unidos em 2013. Tem participações nas antologias da AJEB/RS, da AGEI/RS, dos Escritos VI e de Vozes do Partenon Literário/RS; Poemas à Flor da Pele/RS; Panorama Literário, Câmara Brasileira de Jovens Escritores/RJ; Antologia Prêmio Buriti/SP; Meninas Super Poéticas/SP; ALPAS 'A Palavra Século 21/RS'; Diamante Bruto/SP, virArte Santa Maria/RS; Movimento Casual Brasil Cultural/SE. Litteris/SP; Phoenix Editora/SP; entre outras. Tem publicações de poesia em jornais e revistas pelo Brasil e pelo mundo.

Pertence à diversas instituições literárias como Acadêmica Correspondente na Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências 'A Palavra do Século 21' ALPAS, cadeira 17 Glastone Osório Mársico. Membro efetivo da IWA International Writers and Artists Association/USA. É, também, Sócia efetiva da Sociedade Partenon Literário – Porto Alegre/RS. Escreve para o Portal CEN/Portugal. Membro efetivo da RD-InBrasCI/RS. Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais. Membro da Associação Internacional Poetas del Mundo. Sócia da AJEB Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil/RS. Sócia da AGEI Associação Gaúcha de Escritores Independentes/RS. Associada do IEL – Instituto Estadual do Livro/RS. Integrante do Coral da Totalidade na PUCRS. Integrante de grupos de poesia.

Autora premiada, Adélia, recebeu em 2008 – Histórias do Trabalho - Secretaria Municipal de Cultura e da Prefeitura de Porto Alegre/RS; 2012 – Medalha Honra ao Mérito Cultural – FECI - Sport Club Internacional em Porto Alegre/RS; 2012 -Medalha 5º lugar pelo Club Panamericano de Pelotas/RS; 2012- Medalha Honra ao Mérito 3º lugar Concurso Nac. de Poesia FEBAC/SP; 2013- Medalha de prata pela FECI – Sport Club Internacional-Porto Alegre/RS; 2013- Medalha 3º lugar Concurso Buriti/SP; 2014 - Medalha Honra ao Mérito Cult. pela FECI - Sport Club Inter. P.Alegre/RS; 2014- Medalha 2º lugar – Concurso Buriti/SP; Vários Certificados e Diplomas de participações com Destaque Cultural. Matéria publicada no jornal e revista da PUCRS sobre a classificação no Conc. Fragmentos Urbanos promovido pela CARRÍS-Porto Alegre/RS. com a distribuição de cartões postais com imagem e poema “Devaneios” em 2012. Destaque com homenagem pela AJEB (Assoc. de Jornalistas e Escritoras do Brasil/RS.2014; 2015 - Troféu Mulheres Notáveis - Cecilia Meireles em Itabira/MG dia 25/4/2015.

Tem prefácios e apresentação de livros para outros autores: Aba principal da coletânea “Palavras” 2014 da AJEB – Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil/RS; Aba principal do livro ”Uma história de amor - Romance Interativo” organizado pela Prof. Ilda Maria Costa Brasil & alunos do 3º Ano do Ensino; Médio do Colégio Conhecer - Porto Alegre/RS; Prefácio do Livro “Gritos Segredos” de Lérís Seintenfus - Porto Alegre/RS. Comentário de uma página no livro “Transparências” Evidências da vida e da Alma de Adão Wons - Cotiporã/RS. Apreciação crítica literária no livro “Tempos de Mim” de Emerson Maciel Santos, Aracaju/SE. Publicação na contracapa do poema “Eupoema I” no Bolsilivro Eupoema, da virArte de Santa Maria/RS. Entrevista publicada no Jornal “A RAZÃO” de Santa Maria/RS. sobre sessão de autógrafos do livro solo PÉTALAS em 2014. Participação na Antologia comemorativa aos 100 anos do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro em 30/4/2015, com uma placa com os nomes dos participantes, que será colocada no Museu do Forte de Copacabana/RJ. Oficinas literárias realizadas para aprimoramento: “Muita Prosa e Muito Verso”- PUCRS; “Poesia e performance”-Telma Scherer; “Scrivere” – Berenice Sica Lamas; “A poesia fora do poema”- Diego Petrarca; “Casa de Cultura Mario Quintana”- Mario Pirata; “Parque Ararigboia”- Lorenzo Ribas; “Centro Cultural Erico Veríssimo” – Lota Moncada entre outras. Encontros e congressos: Colóquio Internacional de Poesia Moderna – Jornada de Poesia Moderna – 5ª edição – III Encontro Luso – Afro-Brasileiro. As Mulheres e a Imprensa Periódica – Homenagem a Cecília Meireles de 03/11/2014 à 07/11/3014 em Porto Alegre/RS na PUCRS. Com

certificado de presença. Palestras com a psicóloga e escritora Berenice Sica Lamas no IEPP Instituto de Psicoterapia em Porto Alegre/RS e outros. Coordenação em oficinas e outras participações: Apresentação do livro de poesia Infantil *Animais se Divertem* na Ceprimoteca, Biblioteca para 30 crianças com autógrafos em 26/08/2014. Apresentação do livro de poesia *PÉTALAS*, na Ceprimoteca Biblioteca para senhoras da comunidade em 23/09/2014. Apresentação do livro de poesia *PÉTALAS* no sarau promovido pela escritora Ana Mello no Café do MARGS/RS. em 17/09/2014. Sarau “Roda de Leitura” promovido por Laura Rangel em 30/10/2014.

Participação em vários saraus poéticos com grupos de poesia e performance, na capital gaúcha, em escolas e outros locais tanto em Porto Alegre/RS quanto em outros municípios do interior do Estado do RGS. Na Penitenciária Madre Pelletier-Porto Alegre/RS. declamando poesia para as mulheres detentas na semana em homenagem à mulher, em 2013 e 2014. Apresentação de poesia na Feira do Livro de Porto Alegre/RS; na Câmara de Vereadores da capital gaúcha e no Centro Cultural Erico Veríssimo, com o Festival AEDO em 2014; apresentação de poesia no Teatro Renascença e Parque Ararigboia/RS; no Santander Cultural com o Grupo Vivapalavra, Convite da CAPOLAT – Porto Alegre/RS homenageando escritores.

Nísia Floresta Brasileira Augusta
Cadeira Nº 17
Patrona



Literata prodigiosa, usou o estranho pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta: Nísia, abreviatura do prenome paterno; Floresta, o sítio natal; Brasileira, afirmativa pessoal, à semelhança do pai, Dionísio Gonçalves Pinto, que anexou Lisboa para dar ciência de sua origem; Augusta, homenagem ao segundo marido.

Reminiscências de sua obra reportam à infância feliz no sítio Floresta, de serenos lagos, velhos bosques e pomar de saborosos frutos, prosperidade debilitada à dedicação indígena, raça mais tarde imortalizada na obra *Lágrimas de um Caeté* (Floresta, 1989, 96-97 e 150).

Induzida por interesses de família, Nísia casou aos 13 anos com Manoel Alexandre Seabra de Melo, vizinho de vastos domínios em Papari, de espírito tacanho, que não entendia os vãos intelectuais de sua estranha companheira.

Breve, Nísia abandonou o marido e retornou para casa. Em Pernambuco conheceu Manoel Augusto Faria Rocha, estudante de idéias avançadas da Faculdade de Direito de Olinda.

Fanatismo político levou ao assassinato paterno, em 1828.

Quatro anos mais tarde, Manoel Augusto se bacharelava em Direito, e Nísia publicou em Pernambuco uma ousada tradução feminista, feito repetido em 1833, em Porto Alegre para onde veio morar em companhia do marido, da filhinha Lívia, de mãe e das duas irmãs. O caçula, estudante de Direito, permaneceu em Olinda.

O cunhado Manoel Antonio Rocha Faria, juiz já radicado em Porto Alegre, facilitou o acesso à elite social e cultural. Na pacata capital provinciana de dez a doze mil almas, residiam um punhado de jornalistas, entre eles a proprietária de Belona, poetisa Maria Josefa Barreto Pinto, a poetisa cega Delfina Benigna da Cunha e, provavelmente na mesma rua Nova, atual Andrade Neves, a poetisa-cronista Ana Eurídice de Barandas, sua amiga e, como ela, casada com advogado, José Joaquim Pena Penalta.

A tradução feminista de 1833 atingiu em cheio velhos preceitos patriarcais; o silêncio da imprensa, aqui como no nordeste, parece dizer do repúdio masculino à sua ousadia.

A 12 de janeiro de 1833 nasceu augusto, que anexou *Américo*. Foi batizado a 4 de agosto, e no mesmo mês morria o marido de uma constipação. Nísia louvou sua memória pelo resto de seus dias. Para sustentar o casal de filhos, abriu uma escola de meninas.

Exceção fez o menino José Antonio Corrêa da Câmara, que acompanhava a irmã Rita de Assis às aulas e legou valioso depoimento acerca da pedagogia nisiana. Utilizava ela versos de sua autoria, *Máximas e Pensamentos*, criados sobre o berço terno da filha primogênita, a quem os dedicou. Serviam para cópia ou ditado aos educandos, que assimilavam a um só tempo lições de ortografia e de moral:

“Estuda por amor ao estudo

E não creias jamais que sabes tudo.” (Câmara, 382)

O cerco farroupilha à capital apontou para o exílio, entre 1836 e 1837. As intelectuais buscaram o Rio de Janeiro, onde Nísia abriu o Colégio Augusto, que dirigiu por 17 anos e que a sobreviveu até a década de 1890.

Nísia viajou para a Europa em 1849, e entrou em contato com celebridades que acabaram por cativar seu espírito perquiridor. Residiu na França por 28 anos, viajou pela Alemanha, Itália e até a Grécia, escreveu em francês e teve livro adotado em sala de aula em Piemonte. Faleceu em Ruan, França, a 24 de maio de 1885, aos 75 anos de idade.

Em meio a lendas que cercam sua memória, por haver transgredido preceitos tradicionais, recebeu traslado para sua terra natal, em 1956.

Por toda uma vida devotada à causa de educação, Nísia Floresta é hoje nome de rua e patrona da cadeira nº 17 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. E também nome de educandário nos municípios de Alvorada e Viamão.

A obra literária nisiana mostra a versatilidade dessa grande intelectual precursora do feminismo no Brasil, educadora de mão cheia, abolicionista e republicana. Dentre seus livros destacamos:

Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens

Tradução livre da obra da feminista inglesa Wollstonecraft, foi editada em Pernambuco em 1832 e no ano seguinte em Porto Alegre. A 4ª

edição, comentada por Constância Lima Duarte, é da Cortez de S. Paulo, 1989.

Estruturada a partir de vivências pessoais marcantes, como o assassinato paterno, o fracasso matrimonial e o acesso às idéias inovadoras do iluminismo europeu, Nísia propôs-se combater a ignóbil situação de ignorância e inferioridade em que era mantida a mulher brasileira.

Para isso prova a igualdade de inteligência entre os dois sexos e rejeita a tese de que o conhecimento depende do volume da caixa craniana. Demonstra que a mulher tem capacidade para administrar, para ocupar cargos públicos, para o ensino das ciências e até mesmo para exercer empregos militares. Faltam-lhe oportunidades. Reitera a absoluta necessidade de educação para a mulher, como forma de subtraí-la à submissão pela força bruta que lhe era imposta.

Conselhos à Minha Filha

É uma retomada das máximas pedagógicas que utilizou desde Porto Alegre e que, acrescidas, foram editadas em S.Paulo em 1842 e 1845. É a voz da mãe e da educadora, a indicar o lugar que de direito cabe à mulher educada, timoneira da sociedade oitocentista:

“Armas há poderosas, que a mulher
Deve empregar com ânimo bastante,
São a doce bondade, a paciência,
A modesta ternura, a fé constante.” (Câmara, 382)

Fany ou o Modelo das Donzelas

Conto de fundo moralista dirigido a suas educandas. Inédito até 1935, Fernando Osório inseriu-o em sua obra *Mulheres Farroupilhas*.

Tem como pano de fundo espírito ordeiro e belas chácaras periféricas carregadas de abundância, que ela conheceu, e viu a Revolução Farroupilha no seu afã patriótico a tudo devorar, levando de roldão a tranqüilidade, e colocando à prova a capacidade feminina para enfrentar novos papéis, como Fany, a personagem da narrativa, que procura suprir a ausência o pai tombado na guerra.

Opúsculo Humanitário

Editado em São Paulo em 1853, tem reedição comentada por Peggy Sharpe-Valadares, pela Cortez de S. Paulo, em 1989.

Conhecendo o Comte e seu positivismo, que eleva a mulher a rainha do lar, Nísia renega o feminismo extremado de direitos. Historia a posição da mulher através dos tempo, e relaciona sua felicidade ao espaço que ela

ocupa na sociedade, maior nas comunidades adiantadas. Denuncia a insuficiência de escolas no Brasil e condena os professores despreparados, estrangeiros na maioria. Prega a educação da mulher como caminho para a regeneração da sociedade, através do correto desempenho do papel de boa esposa e mãe educadora dos filhos.

Nísia foi uma mulher avançada para seu tempo. Feminista, defendeu a igualdade de direitos para os dois sexos e a necessidade de educação para a mulher como forma de liberá-la da opressão secular. Recuou sob a influência comtiana, circunscrevendo o mundo feminino às dimensões do lar. Abolicionista, via na escravidão um entrave à sua obra educacional; indigenista, defendia o estado de pureza do selvícola; republicana, como forma opcional de governo, poetisa e literata polêmica, publicou uma dúzia de obras, que somam dezenas se computarmos inéditos e reedições.

Colaboração de Acadêmicas

Jenny Seabra De Souza
Cadeira N° 17



Filha de Joaquim de Oliveira e Souza e de Francisca Bandeira de Souza, consta como porto-alegrense, embora seu batismo não tenha sido encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Coursou a Escola Normal de Porto Alegre, hoje Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha. Concursada, lecionou em Montenegro, zona de colonização alemã, e em Dom Pedrito, região da Campanha. Feminista, contista e poetisa adepta da métrica moderna, “a poesia branca que se concilia perfeitamente com a sua maneira de independência”. Foi autora didática.

O esposo, Saturnino Seabra de Souza, funcionário do Banco do Brasil, faleceu quando os filhos eram ainda pequenos. Em poesia, expressa sua jornada amorosa interrompida:

*Ante o altar florido e iluminado
nossas mãos um dia trêmulas se uniram,
e num doce enleio, numa leve prece
nossos lábios proferem a promessa
de, unidos, fazer de nossas vidas
um poema de puras alegrias.*

*Teus caminhos seriam meus caminhos...
Seriam os meus olhos tua luz...
Forrariamos de arminho nosso lar
todo conchego, todo amor, todo carinho.*

*Tu minha vida. Em ti todo o meu ser!
E assim seguiríamos descuidadamente
pela estrada larga da esperança,
sem rezear a luta, os desenganos
que a vida não se cansa de dar.*

*Depois veio uma fase mais real,
mais útil se tornou nossa existência...
Cada filho mais ventura nos trazia,*

mais afeto, mais encanto, mais ternura.

Breves anos durou todo esse enlevo!

Um dia tuas mãos, das minhas separadas,

brancas, muito brancas, sem tremer,

sobre o teu peito inerte vi cruzadas... (Tacques, 1956).

Jeny sustentou os filhos como diretora de Colégio em Pelotas, RS, onde em 1929 fundou a Associação Sul-Rio-Grandense de Professores, que em 1949 a teve como convidada de honra para comemorar as duas décadas de existência. No ano seguinte, organizou o I Congresso dos Professores, em Porto Alegre. Do programa constavam conferências sobre *Educação Física*, *Instituições escolares* e *Higiene escolar*. Ela própria, discípula da feminista Bertha Lutz, discorreu sobre *Os direitos da mulher no ensino primário*, reivindicando o acesso das professoras aos cargos de direção e de fiscal de ensino.

A palestra de Jeny motivou a reação de um professor “retógrada”, que repetia “bolorento e insípido refrão da decantada supremacia masculina”, de que a mulher deve permanecer no lar e no magistério primário. Jeny saiu fortalecida do debate.

Removida para Porto Alegre, lecionou História da América na Escola Normal onde se formou – matéria coerente com o modismo americanista em vigor, enunciado em 1923 pelo presidente James Monroe “a América para os americanos”. Aposentada, passou a produzir livros didáticos, inseridos nesse americanismo, que perpassou décadas no Brasil. Via o Continente americano como obra prima de Deus, ressaltando solo, riquezas, criação e elementos da natureza. Assim publicou: *Breves noções de agricultura*, com apelo ao ensino rural, e *Na roça*, leitura engajada para o 5º ano primário, com poesias como esta:

Nas Lindas Manhãs de Abril

Como eu gosto de fitar,

Debaixo do céu de anil,

A nossa terra sem par,

Nas lindas manhãs de abril!

Como é bom ir de um tirão,

Debaixo de um céu de anil,

Da coxilha ao lagoão,

Nas lindas manhãs de abril.

*É tão linda a nossa terra,
Coberta de um céu de anil,
Que até as mágoas desterra
Nas lindas manhãs de abril.*

*Oh! terra dos meus amores,
Coberta de céu de anil,
Esplendem os teus primores,
nas lindas manhãs de abril.*

Os filhos estudaram e se encaminharam: Mário tornou-se bancário em Pelotas; Fernando, funcionário do Tesouro do Estado; Ernani, Promotor Público, e Noemy, casada com Mário Massa, trabalhou no Instituto de Previdência do Estado.

Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, escolheu Nísia Floresta para Patrona da Cadeira 17, nordestina, professora em Porto Alegre na década de 1830, onde também publicou a tradução feminista *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*.

Jeny foi secretária e vice-presidente da Academia, integrou caravanas culturais e equipou de cadeiras a sede da instituição. Na direção da revista *Atenéia*, esmerou-se na consecução de recursos, nos editoriais e em poesias e ensaios assinados por ela. Sua colega Alzira Freitas Tacques, que acompanhou seu trabalho, a descreve:

Tão pequenino o seu vulto quão grande o seu talento, tão delicada no trato, tão meiga, tão simples, bondosa e compreensiva.

A Jeny Seabra, quem leva a palma no conversar com aquela sua voz doce como uma tâmara, e velada, cariciosa como o som de um violino em surdina à hora crepuscular da ave-maria? (Tacques, 1956, p. 59).

Jeny faleceu septuagenária, em sua residência no centro de Porto Alegre, vítima de “infarto do miocárdio”. Além dos trabalhos didáticos já citados, Jeny editou *O papel da mulher no ensino primário*, 1930, *Teia de sonhos*, 1950 (poesia) e *A vida continua* (romance sobre a revolução de 1930).

Miguy Noronha
Cadeira 17



Em pesquisa

Elaine Consoli Karam

Cadeira N° 17



Elaine Consoli Karam, nasceu em de Guaporé, Rio Grande do Sul. Reside em Porto Alegre e foi mentora do Espaço de Arte na PUC/RS. É integrante da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa.

Formou-se em Bacharel em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica/RS, em 1960. e Licenciatura em Ciências Sociais pela PUC/RS no mesmo ano. Coursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de Santa Cruz do Sul,RS, em 1974. Fez Pós Graduação em História Social e Política do Brasil PUC/RS, em 1980 e Ciência Política na PUCRS,

em 1992.

Exerceu as atividades profissionais de Professora de Ensino Médio e Curso Normal nas cadeiras de História e de Sociologia e Professora Primária e Advogada especializada em Direito de Família. Foi Membro atuante da Academia de Letras Municipais do Brasil, onde efetuou pesquisa sobre a História dos municípios de Guaporé, Dois Lajeados e São Valentin do Sul e Membro da Associação Porto-alegrense de cidadãs.

Artigos Publicados

A Mulher na Política – artigo – Revista Parlamento/POA/RS;

A verdadeira função do Tutor – artigo – Jornal do Comércio/RS;

Direito de Família, o que é? – artigo – Jornal do Comércio/RS;

A Prática do Pátrio Poder – artigo – Jornal do Comércio/RS;

Adoção e Legislação Adotiva – artigo – Jornal do Comércio/RS;

Legislação Adotiva – artigo – Jornal do Comércio/RS;

Posição do Marido e da Mulher no Âmbito da Família – artigo – Jornal do Comércio/RS;

Foi responsável pela coluna “Livros – Autores-Fatos” no Jornal RS Letras/POA/RS/durante o ano de 1990 e “Maior Transparência Parlamentar” – sugestões apresentadas no primeiro Seminário de Direito Elaeitoral, em 1990. Responsável, também, pela coluna “Conversa Semanal” ,que foi publicada durante o ano de 1992, no jornal “Tribuna da Serra”, no município de Guaporé, abordando temas pertinentes à Ciência política.

Livros Publicados

Uni-Verso III, poesias – 1989, Edições Caravela/POA.

Contos de Oficina – Editora Acadêmica – Antologia – 1989.

Sandálias Vermelhas – contos –Edições Caravela –1990.

Raízes da Colonização – Brasil- Rio Grande do Sul – Em destaque a Colônia Guaporé e Município de Dois Lajeados – 1992 – editora Corag.

1994 – segunda edição do livro acima citado.

Monografia do Município de Guaporé.

Monografia do Município de Dois Lajeados.

Participação em várias Antologias publicadas pela Academia Literária Feminina do RGS.

Publicação do livro “Esquizofrenia e Bipolaridade”, lançado na Feira do Livro de Porto Alegre em novembro de 2005.

É verbete

Agenda – Arte Brasil 2001 – SRR editor;

Cadastro Nacional de Cultura – 2000 -SRR editor;

Catálogo de Artistas Plásticos do RGS - Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa – 1999;

Dicionário Bibliográfico dos Escritores de Colonização Italiana no Nordeste do RGS/BRASIL.

Formação

Ateliê Livre da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre:

Cursos: Introdução às Artes Plásticas, com Virginia Quites;

Oficina de Desenho e Observação; com Ana Izabel Lovatto;

Oficina de Introdução ao Desenho; com Ana Izabel Lovatto;

Oficina Experimentando a Criação; com

Oficina de Iniciação à Pintura; Oficina de Pintura; com Vera Wildner

Oficinas de Arte e Reciclagem e de Processos Criativos, com Nina Moraes;

Desenho e Procedimento, com Augusto dos Santos Neto;

Temas de Arte Contemporânea, com Ricardo Basbaum e Eduardo Coimbra.

Curso Interdisciplinar Bloqueios Criativos, com Charles Watson (Rio de Janeiro);

Participou do Ciclo de Estudos sobre “Arte Brasileira em Vídeo”,

acompanhado de comentários da Professora Niúra Ribeiro;

Participou do VI Simpósio de Artes Plásticas com o tema “Linguagens Artísticas Contemporâneas”;

Com a artista Plástica Cloé Jacoboni estudou Técnicas de Pintura.

História da Arte, com Niura Ribeiro;

Seminários

Participou do “XI Festival de Arte Cidade de Porto Alegre” e do “VII Simpósio de Artes Plásticas sobre o tema “Arte, Fronteiras e Vizinhanças”, onde foram abordados a “Arte na Internet, Bienal do Mercosul e Arte e Psicanálise”;

Participou do ciclo de estudos “Conceitos e Pontos de Vista –Arte, Cinema e Psicanálise”;

Por ocasião da primeira Bienal do Mercosul participou dos Seminários Internacionais “Utopias Latino-americanas” e “América Latina Vista da Europa e dos Estados Unidos”.

Exposições Individuais

1996 – Salão Mourisco da Biblioteca Pública Estadual/rs (por ocasião do transcurso dos 125 anos da mesma), Porto Alegre;

1997 – Espaço de Arte Caixeiros Viajantes, Porto Alegre; e, Espaço de Arte Sociedade de Psicologia do RS;

1998 – Espaço de Arte Caixeiros Viajantes, Porto Alegre;

1999 – Espaço de Arte do Hotel Sheraton, em Buenos, Argentina;

Exposições Coletivas

1988 – Salão de Arte Aspaci & Petrobrás, realizada em Porto Alegre;

1996 – Exposição de esculturas promovida pelo Atelier Livre, na Sociedade Ginástica de Porto Alegre; Exposição do “Actual Grupo de Arte”, no Shopping DC Navegantes, Porto Alegre; e, Exposição promovida pela Academia de Letras Municipais do RS no Salão Mourisco da Biblioteca Pública / RS, em Porto Alegre;

1997 – Exposição de “Arte no Parque” no Clube Caixeiros Viajantes; e, Exposição do “Actual Grupo de Arte” no Shopping Iguatemi, Porto Alegre;

1998 – Exposição na Sala de Arte Caixeiros Viajantes;

2003 – Exposição organizada pela Associação de Arte Francisco Lisboa no Museu Hipólito José da Costa; e, Exposição de “Arte Brasil” na Usina do Gazômetro;

2004 – Exposição Internacional “Paráguas Intervenidos” no Museu de Ciência e Tecnologia da PUC/RS; (Foi uma das organizadoras).

2005 - Exposição de arte Intervenção Sobre Tijolos, na Sede da Associação de Arte Francisco Lisboa, em Porto Alegre; e, Exposição “Varal das Artes”, promovida pela Associação de Arte Francisco Lisboa;

Distinções e prêmios

Medalha “Dr. Ari Gomes Ferreira” conferida em consequência da obtenção de primeiro lugar durante todo o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais.

Medalha de prata conferida pela Aspaci & Petrobrás em premiação no primeiro Salão de Artes Plásticas/POA/RS.

Menção Honrosa, concurso Contos do Trabalho, Secretaria da Cultura/POA, com o conto “ O ascensorista”, cujo texto está arquivado junto ao setor cultural próprio da Usina do Gasômetro.

Antonieta Lisboa Saldanha Lins

Cadeira 18

Patrona



Nascida em Rio Pardo a 3 de agosto de 1893, Antonieta Lisboa Saldanha era filha de Henrique Saldanha de Figueiredo e de Dona Palmira Lisboa de Figueiredo. Fez os primeiros estudos com sua mãe, que era professora pública, freqüentando posteriormente o Colégio Amaral Lisboa, salientando-se sempre entre as melhores alunas. Aos quinze anos terminou o curso, passando a lecionar em sua cidade natal. Transferindo residência com sua família para as cidades de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, sucessivamente, também exerceu o magistério nessas localidades. Em 5 de janeiro de 1922 contraiu núpcias com o Dr. Hermenegildo de Barros Lins, natural de Alagoas. O novel casal foi residir no Ceará, onde nasceram seus dois filhos: um menino que faleceu aos 5 anos de idade e a menina Maria, hoje casada e residente no Rio de Janeiro, onde faleceu Antonieta Saldanha Lins, a 2 de novembro de 1949. *Rimas Sem Metro*, primeiro livro de versos de Antonieta, foi prefaciado por Zeferino Brasil, que teceu os mais calorosos elogios à poetisa. O segundo livro, *Flor dos Pampas*, ficou inédito porque seu esposo, cioso de guardá-lo, jamais permitiu que mãos profanas o tocassem. Antonieta descendia de família de homens ilustres como o Alm. Saldanha e Saldanha da Gama, e de intelectuais, como Maria Carlota, Zamira e Ana Aurora do Amaral Lisboa, suas tias, Sebastião Xavier, vibrante poeta farroupilha e outros. Era também irmã do poeta Henrique Lisboa Saldanha. Musicista, Antonieta tocava três instrumentos: bandolim, violino e violão. Jornalista, fundou em Rio Pardo o jornalzinho *O Incôndito*.

Sua inspiração é espontânea, fluente, lembrando as águas azuis de um regato deslizando aos raios prateados de um plenilúnio cálido de maio...

Esplêndido comprovante do brilho enfeitante de sua lira, é o soneto *Engano*, de sua lavra, nestas páginas transcrito:

“Disse-me alguém lembrando o mais perfeito
cavalheiro das eras medievais,

a entretecer bem raros madrigais:

- Ouvi, Senhora minha, tendes feito

de gelo coração, feito de pedra
custosa e rara, porém rija e fria
como o mármore, a rocha, a penedia
onde uma flor não viça o medra.

E eu que no meu peito amargurado
ouço o carpir... ái mísero precito,
vítima imbeli de inditoso fado;

sorri... sentindo-o em lágrimas desfeito:

- Ah! fosse ele de mármore, de granito,
não me pesara assim dentro do peito!...”

Colaboração de Acadêmicas

Carmem Cunha Vianna

Cadeira Nº 18



Carmem Cunha Vianna nasceu em Taquari em 27 de junho de 1920. Filha de Lauro Vianna e de Dona Santinha Canabarro Cunha Viana. Casou-se com o Senhor Arno Sudbrak. Teve três filhos: Bóris, Ivan e Leila.

Carmem Vianna iniciou o magistério em 1942, desde menina colaborou em jornais, com brilhante produção literária.

Palavras de sua madrinha Dra. Noemy Valle Rocha, por ocasião da posse: “Quem lê os poemas de Carmem Vianna, tem a impressão de que as musas se tornaram joalheiros de delicadas jóias filigranadas em requinte e arte”.

Minha antecessora ocupou a Cadeira no.18 na Academia Literária Feminina RGS, sob a égide da Poetisa Antonieta Lisboa Saldanha Lins, em 29 de abril de 1955. A posse teve lugar no Salão Nobre da Associação Riograndense de Imprensa.

Na capital, a professora Carmem Vianna desenvolveu amplo trabalho pela cultura Riograndense. Foi revisora literária e redatora na Revista do Globo, cronista no Diário de Notícias e do Jornal A Hora. Dramaturga e novelista, escreveu na década de 60 “O último raio de sol”, que alcançou expressivo sucesso na Escola de Belas-Artes. Fundou a Escola de Dicção e declamação. Ministrou cursos de dicção em Bento Gonçalves, Santa Rosa, Caxias do Sul, Ijuí, Montenegro, cidade onde logrou interesse pela boa pronúncia e pelo bom emprego da nossa língua. Manteve seus ensinamentos de dicção no Seminário Maior de Viamão: na Faculdade de Direito e de Odontologia da UFRGS e na Faculdade de Filosofia da PUC. Pertenceu ao Centro de Letras, Ciências e Artes Castro Alves. Projetou-se como poetisa em jornais e revistas do Rio Grande do Sul e São Paulo.

Dentre os belos poemas de Carmem Vianna, escolhi um do seu livro “Vento Verde”, editado em 1965. Vou ler o poema a seguir para homenagear com mais emoção o trabalho literário deste ilustre escritora que deixou marca indelével em todos que a conheceram, um lugar de supremo amor no coração de seus filhos, e será lembrada com carinho pelos amigos que desfrutaram

do seu convívio, e com respeito pelos trabalhos de alto nível que desenvolveu entre nós.

MORTE

Pela manhã
Colhi
Uma rosa
Para meu vaso.

À noite,
Sem um suspiro
A flor
Se despetalou...

Morrer
Será assim
O mesmo
Que não ter
Vivido?

Carmem, eu digo que não ao teu poema-pergunta. Digo sim, que valeu a pena teres vivido porque segundo o poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não for pequena”, e Carmem Vianna tinha a alma grande, iluminada, sensível, sacramentada em tudo que fez, pela herança literária que nos deixou.

A poetisa faleceu em 1998 e aqui, para comprovar o que acabo de dizer, está a prova, pois a rosa que ela colheu e colocou num vaso continua espalhando o perfume que agora sentimos, fruto de sua passagem proficiente por nossos caminhos, nossos jardins.

Ivanise Mantovani

Ivanise Thereza Mantovani

Cadeira nº 18



Ivanise Mantovani nasceu em Caxias do Sul e reside em Porto Alegre. Graduada em Administração de Empresas. Poeta e escritora. Ocupa a cadeira nº 18 de Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Prêmios recebidos

3º. Lugar c/o poema “Era do Sol”, concurso Clube Panvel Acontecido na Palavraria – Porto Alegre.

4º. Lugar no concurso Poetas da III idade. Promoção do Grêmio Literário Castro Alves. Poema: “Amanhecer na Estação das Flores”. Acontecido no Salão Mourisco da Biblioteca Pública. PoA.

3º. Lugar em Ilustração de textos na “Expoesia” Casa do Poeta Rio Grandense.

10º. Lugar no Concurso Mansueto Bernardi – Prefeitura Municipal de Veranópolis.

2º. Lugar – Categoria conto - no “VI Concurso Literário Pérola da Lagoa” pela Secretaria Municipal de São Lourenço.

2º. Lugar. Concurso de poemas, promoção Clube Panvel , c/ o poemas “Meu Direito de Voar”.

1º. Lugar c/Minicontos “As Novas do Mês” Simetria FCF – Portugal. C/No Luxo do Lixo.

9º. Edição Poemas No ônibus c/trabalho “Imagem”, prêmio do Centro Municipal de Cultura

Troféu de bronze pelas mãos da Acadêmica Nélida Niñon. Da Academia Brasileira de Letras. Texto longo “A Culpa de Ana Maria”.

Troféu “Prêmio Destaque em Literatura”, homenagem do Grêmio Literário Castro Alves. Festejos no Salão Morisco da Biblioteca Pública.

1º. Lugar “Expoesia” XXII Edição. CAPORI poesia ilustrada. Certificado e Troféu

Participação em concurso

Classificada com “Poemas no ônibus” Título do trabalho: “Disfarces”
Promoção da Secretaria Municipal de Cultura. –Porto Alegre.

Selecionada pelo Jornal Zero Hora na classificadora para antologia de poemas desse jornalista, Novembro/30. – Jornalista Antônio Goulart .

Classificada para Poemas No ônibus, promoção da Secretaria Municipal da Cultura.

1º. Lugar Concurso Talentos da Maturidade do Banco Real – Prêmio Recebido em São Paulo com grande festejo.

Concurso de Poemas em Tramandaí pela Associação Cristã de Moços. 2º. Lugar poema “Confissões ao Entardecer” e “3º. Lugar c/ poema “A Dança do Beijo”.

3º. Lugar em Talentos da Maturidade, concurso do Bco.Real. Texto “Uma Boca Voraz Suga meu Seio” prêmio recebido em São Paulo em 10.12.1999. Nas dependências do Bco.Real com grande pompa. Das mãos do escritor:

Recebi no Salão Morisco da Biblioteca Pública o prêmio de 3º. Lugar selecionado no II Concurso Literário Estadual Pérola da Lagoa – Centro de Escritores Lourencianos. Das mãos do poeta Sérgio Laforet Padinha, poema “Areias Movediças”.

Menção Honrosa

Menção Honrosa e participação em Imagens de Quintana promoção da CAPORI

Menção Honrosa por “Imagem de Quintana” poema “Homem Passarinho” e Medalha Amélia Oliveira, pela Casa do Poeta Rio Grandense.

Medalha de Honra ao Mérito, Medalha Iberê Camargo conferido pela Casa do Poeta Rio-Grandense, pelos feitos em Artes Plásticas.

Menção Honrosa pela ilustração “Taça” e Certificada da Casa do Poeta Rio Grandense.

Homensagens

.Homenagem recebida na Academia de Letras de Caxias, pelos feitos literários.

Homenagem Editora Alcance p/prêmio do Bco,Real por Rossyr Berny.

Homenagem da CAPIRI, Medalha Idalina Cotrim pelo Prêmio do Bco. Real Talentos da Maturidade.

Mensão Honrosa no Concurso de Poemas da Faculdade de Letras de Santa Maria. Texto: “Fala o Fauno”.

Obras publicadas

Um Leitor dos Infernos”, coleção Sempre Viva da Academia Literária Feminina. Ocorrido no Instituto Estadual do Livro.

Lançado 1º. Livro solo em poemas “O Vôo da Borboleta”, autografado no Shopping Iguatemi, Livraria Siciliano. Editora Unipron Trevisan.

Obras coletivas

53ª Feira do Livro de Porto Alegre. Participação e autógrafo da coletânea “Palavra” da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

53ª. Feira do Livro de Porto Alegre. Participação e autógrafo da coletânea “Presença Literária”.

52ª. Feira do livro. Participa na Antologia promoção da Sesmaria de Dom Pedrito. Poemas: Túnica e Estrada.

51ª. Feira do Livro. Participo como ilustradora do livro de poemas “O Ovo de Colombo” auto Dr. Joaquim Moncks.

51ª. Feira do Livro. Participo como capista do livro “Crônica dos Deuses” do escritor Baiano João Justiniado da Fonseca.

51ª. Setembro/11 - Feira do Livro. Participo e autografo “Palavra/2005” Antologia da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

51ª. Outubro/31. Feira do Livro PoA. Participo e autografo o livro dos 41 anos da Casa do Poeta Riograndense .

Participação na Antologia da Academia Literária Feminina c/poemas “Tempos Modernos “ e “Me canta um fado”.

Participação na Antologia “Paz, Um Sonho Possível” autografado nas Feiras do Livro de 2004 e 2005. Projeto do Escritor Armindo Trevisam e organização de Izabel Bellini Zielinsky e Dilan Camargo.

48ª. Feira do Livro PoA. Participação e autógrafo na Coletânea Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil

Participação e autógrafos na Antologia “Poetas Contemporâneos” por Dilan Camargo na Assembléia Legislativa - PoA.

Exposição de Arte

Exposição de quatros (solo) na Cafeteria Sabor e Arte.

Irene Ruperti
Cadeira 19
Patrona



Irene Ruperti era natural de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Levou-a a Parca em plena mocidade, impondo-lhe o destino a sentença amarga de, como a flor batida da soalheira, ir fenecendo aos poucos, devagarinho, na compreensão exata do seu fim...

A terrível moléstia branca que arrebatou Alvares de Azevedo e Castro Alves, também insidiosamente entrou a minar-lhe o organismo, paradoxalmente fortalecendo-lhe o espírito numa couraça misto de resignação e saudade antecipadamente de tudo o que assim tão cedo deixaria aqui na terra:

“Senhor, por que meu peito dilacera
este mal que consome lentamente?

Por que hei de ver o sol garrido e ardente
em explosões de luz beijando a terra ,
e prosseguir a sós e sem ventura
pela senda que leva à sepultura?...

Por que hei de ver os pássaros felizes
enchendo os ares com sonoros cantos
e sentir dentro de mim pesares tantos,
tormentos fundos de cruéis raízes?
Por que hei de ser a águia entristecida
que anseia a altura e tem a asa partida?

Por que, deixando os boninais galantes,
os maduros trigais de farta messe,
hei de volver em derradeira prece,
saudoso olhar às amplitudes distantes?

A Morte?... A Morte não me inspira medo!
Mas ouve, oh! Deus! por que há de vir tão cedo?

Foge-me a chama do viver, esquiva...
Fica-me apenas o calor doentio
de febre estranha que me causa frio,
e dentro d'alma o sofrimento aviva,
Vão-se-me as crenças... ambições de glória...
- Morre um poeta que não teve história

Aonde o sonho que nutre com jeito...
doce quimera que feriu-me os dias?
Entre os pavores de visões sombrias
ouço baixinho soluçar meu peito.
E por consolo, tal angústia assiste
sentido canto de uma lira triste.

Responde, - ó Céu que te conservas mudo,
de que me vale o coração artista
se amarga pena meu viver contrista,
se amores... crenças... me negaste, oh! tudo?
Talvez que ao bardo se reserve a sorte
morrer na vida... pra viver na morte!"

Seu livro *Quando Rosas se Desfolham* lembra uma custódia do mais fino ouro, contendo a história imácula, consagrada já pelas mãos negras da Fatalidade, que é o seu próprio coração dolorido e crucificado de renúncias, na consciência plena da ruptura lenta de suas fibras mais íntimas, a aproximá-lo dia a dia dos degraus tenebrosos e úmidos do túmulo:

“Coragem, meu Amor! Oh! não soluces
Aos decretos de Deus ninguém se esquiva!
e por que queres afinal que eu viva
na terra, se do céu também se ama
e com amor mais cândido, mais puro
do que a neve dos lírios e sacários,
mais casto que a nudez dos santuários,
maior que o grande amor nos inflama?...”

Amor e morte se entrelaçam delirantemente nos seus versos, numa simbiose dantesca, numa aliança dentálica como a das cruzes fúnebres sob os beijos nupciais dos plenilúnios de maio...

Irene Ruperti, romântica por natureza, comove pelo sentimento acrisolado de que filigraniza suas estrofes rorejadas, não raro, como os lírios dos jardins de inverno, de lágrimas silentes que nos falam da nostalgia do sol e do convívio de outros lírios libertos e felizes, seus irmãos.

Em *Ocaso* como que sua alma se acha já preparada para ingressar nas regiões do Além... nesse tateio inquieto dos que pressentem, da zona de sombra em que se encontram, os prenúncios da claridade próxima, o raiar de desconhecida aurora que lhes guiará os passos, através de um roteiro certo, para o Império, onde habita - quem sabe? - a figura esquiva e resplendente da Felicidade:

“Mais além... mais além... fala a voz da distância!
E eu tateio na sombra, a buscá-la com ânsia...
O que existe afinal, para além desse monte
e da mata que o segue? e da várzea florida,
e do azul que resplende em aquele horizonte?
O que existe afinal do *Outro lado da vida?*...”

Uma Pátria diversa... Um Oásis divino?...
Um bocado de glória desfeito num hino,
onde a *Paz* é mais doce... onde a vida é serena,
e o *Amor* entre as almas se veste de crença,
e não há dura lei de um destino que vença?
Pátria bela, ideal, que de longe me acena?

Ai, não tolhas, Amigo o meu passo cansado!
Eu desejo seguir esse sonho dourado!
Adivinho existir um segredo querido
que agasalha o sabor de mistério profundo!
Eis-me louca a buscar pelo *Desconhecido*
o que não encontrei no torpor deste mundo!...”

Colaboração de Acadêmicas

Maria Belmonte Rheindolf
Cadeira 19



Maria Belmonte Rheindolf nasceu em Porto Alegre no ano de 1912 e faleceu em 1986. Professora, tradutora, prosadora, poetisa, funcionária pública e pintora. Filha de Marçal Reindolf e Francisca Belmonte Reindolf.

Trabalhou na Viação Férrea, foi professora particular de Línguas, traduziu do inglês e grego. Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Colaborou com o Correio do Povo em 1969.

Publicou um livro de poesias no ano de 1961 com o título de Do cardo à flor.

Maria Fraga Dornelles Da Costa

Cadeira 19



Maria Fraga Dornelles da Costa é natural de Porto Alegre, filha de Teodoro e Albertina Dornelles da Costa.

Advogada, historiadora, poetisa premiada em concurso internacional, artística plástica e professora de Educação Artística. Genealogista. Membro do Instituto Genealógico do rio Grande do Sul, pesquisa origens açorianas, em especial a Família Fraga, tendo criado a Associação Ibero-Americana da Família Fraga, AIAFFRAGA.

Inativa do TRT da 4ª Região, onde criou coral dos servidores.

Membro da UBT de Porto Alegre; do Grêmio Literário Castro Alves, onde coordenou as caravanas culturais à Bahia; da Estância da Poesia Crioula, da Academia de Letras Municipais do rio Grande do Sul, da AJEB/RS, da Academia dos Trovadores de Uruguaiana, da Federação Brasileira de Trovadores e da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Foi Conselheira Municipal de Cultura de Porto Alegre, gestão de 2004-2005.

Além de participação nas antologias Rosa dos ventos, Presença Literária, Palavras e Recorrida.

Obras publicadas:

- Corpo de areia, em 1978;
- Quadrifonias, em 1986;
- Sabiá da praia, em 1991 (todos trovas); e,
- Viamão, berço da colonização gaúcha, 1991 (histórias)

Eunice Tavares

Cadeira 20

Patrona



Nascida em Porto Alegre, Eunice Tavares era filha de Cypriano Tavares e de Dona Hilda Utinguassu de Tavares. Descendente do Visconde de Cerro Alegre. Seu avô materno pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

Eunice iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, terminando-os na cidade de Salto, no Uruguai. Fez cursos completos de contabilidade e macanografia. Exercia o cargo de Secretária do Consulado Brasileiro em Salto.

Desenvolveu, no Uruguai, intensa atividade literária, cuidando, com especial carinho, de assuntos e motivos brasileiros, promovendo a divulgação de valores patrícos nos meios

uruguayos. Todos os anos, na data da Pátria, realizava palestras nas principais emissoras de rádio sobre a Independência do Brasil. Em outubro de 1941, no principal teatro de Concórdia, Argentina, pronunciou importante conferência sobre Olavo Bilac. Ainda na Argentina, em Concepción, realizou uma conferência sobre o tema *La mujer en la literatura del Brasil*. Em Gualeguaychú, Argentina, alcançou grande êxito com a conferência sobre Olavo Bilac, *su vida y su obra*. Publicou: *Ecos de la ciudad*, prosa social; *Yô, la mayor historia de la menor palabra*, estudo psicológico; *El eco enamorado*.

Jornalista brilhante, manteve a revista *Mensaje* em Monevidéo, onde residia, em cujas páginas estampara produções assinadas por nomes de relevo que sobremaneira engrandecem as Letras das duas Pátrias entrelaçadas. Distante embora dos pagos, seus olhos se achavam sempre voltados para cá, para esta terra que nunca esqueceu em sua efêmera existência.

Eunice Tavares foi Musa da Filosofia, descendo ao âmago das coisas, e a se librar também na amplidão sem nuvens, esmiuçando, analisando, decompondo, particularizando, procurando definir cada gota d'água que surpreendia nas corolas, cada grão de areia da praia bordada de conchas, cada fragmento de estrela, cada partícula de sol, numa ânsia de saber... de apreender... de captar, de aprofundar e atingir até onde a percepção humana às vezes não alcança!

Seu livro *Genesis* é disso uma prova concreta.

Enfuna suas estrofes um sopro oculto de tempestade... quando não a angústia de uma interrogação que, apesar de tudo, permanece sem resposta, já que a Verdade se compraz em ter sua morada além-distâncias... embuçada no silêncio e no mistério... indecifrável, sombria como a Esfinge.

Eunice Tavares escreveu com a espontaneidade mesma de quem reza... e a Deusa Marmórea dos Sepulcros não raro a preocupava na sua faina insana de destruir para recompor, de fazer ressurgir sob novas formas, cadáveres desfeitos nos laboratórios das trevas tumultares. Numa antevisão, quem sabe! do seu prematuro fim, ei-la a inquirir a insensatez dos vândalos que levantam mão iconoclasta sobre pequenos indefesos ídolos:

“Por qué
 por qué destrozás valores
 pensando que no dan vida?
 Por qué dudas de una esfina
 que te habla de una rosa?
 Por qué lloras en tu noches
 Si hay una luz que te espera
 tras la sombra más oscura?
 Por qué desprecias um gajo
 Que el viento sábio há partido,
 diciendo que a nadie sirve?”

oh!
 La vida donde se mira,
 valor de esperanza tiene!
 Y si las rimas muy verdes
 sostienen firmes en nido,
 de ramitas secas
 la hallarás construido.
 Que también la Muerte
 para mucho sirve!...”

Publicou Eunice Tavares, além do livro de poesias *Genesis*, o em prosa *Ecos de ciudad*, deixando inédito *El eco enamorado*.

Sobre sua personalidade seducente de escritora pronunciou o poeta José Villegas Recinos uma esplêndida conferência, em São Salvador, na América Central.

Pertencia Eunice Tavares à Associação de Escritores e Artistas Americanos de Havana, à Academia de Humberto Campos, de Curitiba, Paraná e à Academia de Letras Feminina do Rio Grande do Sul.

Colaboração de Acadêmicas

Heloísa Assumpção Nascimento

Cadeira 20



Heloísa Assumpção Nascimento nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1915. professora universitária, advogada, pesquisadora, poetisa, cronista e romancista. Filha de Arthur Augusto de Assumpção e Judith Assumpção. Viúva do Coronel Jonas Plínio do Nascimento.

Cursou Direito em Pelotas, em 1936.

Primeira professora de Direito, lecionou também Sociologia, Literatura Brasileira e História da Arte, na Faculdade Católica de Pelotas e na Universidade Federal de Pelotas.

Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, do Círculo de Pesquisas Literárias do Rio Grande do Sul.

Colaborou no Diário Popular de Pelotas, Diário de Notícias e Correio do Povo do Porto Alegre.

Participou das obras coletivas Presença Literária, 1990.

Obras publicadas

- Sonhos de uma noite de verão, 1930 (poesias);
- Rosas, 1930;
- Harmonia Excelsa, 1932 (romance);
- Três crônicas;
- História de mil ilusões, 1937, em Pelotas (contos, pseudônimo Flor de Lis);
- Dois sonetos e um poema, 1939;
- Tônia, 1941 (crônicas);
- Furna encantada, 1955 e 1970, Porto Alegre (narrativa);
- Praça da matriz, 1960, Porto Alegre (novela);
- Yolanda Pereira, Miss Universo: 1930-80, 1960, em Pelotas (documentário);
- A pintura em Pelotas no século XIX, 1962, em Pelotas (ensaio);

- Haraganos, 1967 (romance regionalista, 1º Prêmio do Clube do Livro e Associação de Escritores de São Paulo);
- Coletânea, 1978, Pelotas (crônica de viagem);
- Arcas de lembranças 1812-1912, 1982 em Porto Alegre (estudo da Irmandade do Sacramento e de São Francisco de Paula);
- Água do poço, 1983, São Paulo (romance histórico);
- Histórico da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1990;
- Rio dos perdões, 1996, em Florianópolis (romance)
- Histórico do Instituto Nossa Senhora da Conceição;
- Imperial Asilo.

Vivita Cartier

Cadeira 21

Patrona



Vivita Cartier nasceu em Porto Alegre, em 12 de abril de 1893, precisamente cinquenta anos antes da fundação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Realizou seus estudos em colégios particulares e revelou grande sensibilidade e gosto musical. Aos quatorze anos compôs a primeira quadra. Aos quinze anos surpreendia os pais com suas poesias e seu interesse pela música. Teve a infância normal de uma menina de classe média, na época.

Vivita assim se referiu ao seu local de nascimento:

“Nasci em Porto Alegre, a capital brilhante
Do Rio Grande do Sul, meu rincão amado,
Num bairro não muito distante,
Menino Deus chamado.”

Em 1909 foi convidada pelo amigo da família, Cel. Emílio Massot, para ser diretora artística, a fim de orientar a criação de carros alegóricos para o carnaval, na Sociedade “Venezianos” que em disputa com a “Esmeralda”, conseguiu a primeira vitória.

O tema escolhido foi “Pombal”. Vivita desfilava dentro do carro, em lugar de destaque, declamando versos, compostos por ela, e alusivos ao acontecimento. Seus familiares conservaram as quadrinhas compostas que foram escutadas pelos porto-alegrenses naquele ano:

“Aos Venezianos

Pombal

Reparem que lindo quadro

Orgulho da natureza -
Parece que Deus formou-a
D'un beijo - tudo pureza!

Quanta mãe tão carinhosa!
Quantos travessos filhinhos!
E quantos ternos amantes,
Unindo os róseos biquinhos.

Tem a graça de um arcanjo,
A pureza de uma flor.
Dois pombinhos se beijando
Representam o - Amor.”

Muito cedo ainda vitimou-a a tuberculose e aos vinte anos teve que viajar em busca de clima mais ameno.

Foi para Caxias e depois para Criúva. Nesta época compôs belíssimos sonetos e dava a impressão de que vivia porque versejava.

Vivita, profundamente sensível, sabia que sua enfermidade causava temores e prevenções. Assim desabafava:

“Como eu padeço do peito
Muitos me voltam horror:
É triste causar repulsa
Necessitando de amor.”

Aos dezenove anos, viveu seu único e grande amor. Apaixonara-se por um amigo da família, de 42 anos. Ele não percebeu o afeto de que era alvo. Via na menina esbelta e suave uma amiga, que vira nascer e crescer.

Escreveu belos versos cantando este amor.

Poesias da Autora: *Aitavos versos* - (referente a mágoa de não receber cartas do amado, que prometera escrever-lhe, quando viajou para a Europa); *Convalescente, Ignoto, Sofferenze* em língua italiana.

Vivita preparou seu epitáfio. Parte deste soneto foi gravado sobre a pedra que assinala a cova rasa, onde a mocinha, que trajava sempre de branco, se encontrou afinal com a terra do campo e nela se dissolveu para sempre.

“Aqui jazem os trágicos horrores
De decompor sinistro da matéria:
Não te detenhas, pois nesta miséria
Oh! não me deponhas sobra a lousa flores

Segue... é vazia esta mansão funérea;

Minh'alma paira além com seus fulgores,
Volve-te a ela, a ela manda flores
Através do pensar, com graça etérea.

Vai perscrutá-la em qualquer sitio lindo!
Ela é tão forte como o mar bramindo.
E tem a suave tepidez dos ninhos...

Aspira-a, pois, nas brisas cariciantes,
Desvenda-as nas estrelas cintilantes,
Evoca-a no cantar dos passarinhos.”

Ao sentir a morte, dirigiu-se ao médico e disse: “Estou sentindo uma coisa...se for a morte, que bom, meu Deus! ...Meus pais ...meus irmãos ...meus versos”.

Colaboração de Acadêmicas

Seleneh Medeiros

Cadeira 21



Seleneh Medeiros nasceu em Salvador, Bahia, no dia 26 de junho de 1914. Formou-se em Arte Dramática pelo Conservatório da Bahia.

Escritora, concertista, artista dramática, poliglota, poetisa e declamadora preocupava-se também com os problemas humanos e sociais, temas que constituem as pedras angulares de sua variada obra. Aos 11 anos fez o primeiro soneto. Em 21 de junho de 1938 casou-se com o escritor José Cruz Medeiros.

Como declamadora realizou inúmeros recitais poéticos nas principais cidades e capitais de estados brasileiros e também no exterior. Gravou disco “Poemas de Amor”. Atuou nos Estados Unidos, França, Inglaterra, União Soviética, Itália, Holanda, Polônia, Espanha, Tchecoslováquia, Israel e Portugal.

Em 1962, como hóspede da união de Escritores Soviéticos, realizou encontros com escritores em Leningrado e outras cidades. No mesmo ano, convidada pela União de escritores da Tchecoslováquia recitou em Praga.

No ano de 1967, com o patrocínio do Ministério da Cultura da Polônia, apresentou-se em Varsóvia e Cracóvia. Em 1973 recebeu o prêmio internacional Trullo d’Oro, na Itália, como reconhecimento a série de espetáculos realizados naquele país. Motivada pelo alcance e recurso de sua Poesia a Association for Poetry Therapy, dos Estados Unidos, considerou-a delegada brasileira para a Primeira Conferência Mundial de Terapia por Poesia, que se realizou, em Nova Iorque, em 1973.

Seleneh fez sua estréia nos Estados Unidos em 1976, em Carnegie Tecital Hall, Nova Iorque. Napoleão Teixeira divulgou as atividades de Seleneh naquele país em belo artigo intitulado “Poesia como meio de ajudar a cura de enfermos da mente?”, que foi publicado no Correio do Povo, desta Capital. Nesse artigo pede a Deus que abençoe Seleneh por ainda achar tempo, vaga e bondade para declamar e cantar para os enfermos da mente.

Obras publicadas

- Alvorada (1946)
- Canto do Silêncio (1948)
- Gota d'Água (1950)
- Alma Cigana (1952)
- Amanhã (1955)
- Canarana (1957)
- Possuída (1964)
- A Hora Seguinte (1967)
- Poema aos Cosmonautas (1969)
- New York Trio (1977)

Danci Caetano Ramos
Cadeira Nº 21



Em pesquisa

Lola De Oliveira

Cadeira 22

Patrona



Ao escrever mais um trabalho sobre esta figura singular que foi Lola de Oliveira, minha patrona na cadeira nº 22 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e, a quem aprendi a admirar, proponho-me a levar ao conhecimento público o perfil da mulher que foi Lola e as peculiaridades de seu viver poético. E ninguém melhor do que sua mestra e mãe para nos falar de Lola poetisa.

“Minha filha

O sucesso que alcançou o teu primeiro livros, *Ametistas*, com quatro edições sucessivas, tornou conhecido o teu nome. As apreciações entusiásticas que ele despertou, o juízo que dos teus versos fez pela seção-bibliografia, o ilustre crítico literário da notável folha: *O Estado de São Paulo* leva a crer que ficará mesmo o teu nome entre as nossas maiores poetisas, e quem sabe? se entre os nossos maiores poetas em geral.

A aceitação das tuas *Ametistas*, aqui, nessa gloriosa terra dos Andradas imortais, foi excepcional. É que as tuas *Ametistas* cristalizadas dentro do coração, eram verdadeiras, o seu brilho violáceo e doce devia enternecer os que as contemplam. Nascestes poetisa. Precocemente te revelaste. Cedo a tua alma de eleita vibrou à dor, à beleza, à piedade. A tua primeira inspiração foi Jesus. Terias cinco anos. E os teus olhos puros choraram com o suplício do Divino Mártir. Daí a tua compaixão pelos desgraçados... A tua bondade para com os humildes...O teu perdão para todas as injustiças.

A tua lira é branca. É a alma a cantar em meio a essas trevas de vícios e crimes. Em meio a esse pavoroso desmoronar das sociedades modernas em que o egoísmo, a inveja, a vaidade, ferozmente tripudiam.

Os teus olhos cândidos voltam-se para os céus primaveris, para os crepúsculos suavíssimos, para as manhãs róseas. E a tudo que é belo e santo te inspira.

Surge, agora, o teu segundo livro. Ontem as *Ametistas* hoje as *Esmeraldas*. Aquelas, pingos de saudade. Estas, bocados de esperança. Abri, assim, o cofre das tuas *Esmeraldas*, pedras que têm a cor das nossas florestas, do nosso pampa imenso, da nossa bandeira.

E elas transbordaram, cintilando e encantando os espíritos. E assim será agora, nessa edição e em outras que hão de vir, para o teu triunfo e dessa grande e conceituada oficina que é a Tipografia Paulista, onde mourejam homens de valor. Tenho disso a certeza porque a crítica honesta te fez justiça e o público que cimenta sempre a reputação do escritor, te acolheu com apreço admirativo que merece o teu formosíssimo talento, o teu caráter puro, a tua bondade suprema, a tua energia sã, a tua coragem de lutadora avançando pela estrada da vida, conquistando um nome brilhante e a independência real pelo trabalho e dando, assim, um exemplo luminoso de que a mulher não é apenas um “bibelô” de estante, uma flor de salão, uma planta de estufa, uma eterna menor, uma escrava de algemas de ouro, um animal só de procriação, um ser inferior de cabelos longos e idéias curtas, como a querem, mas uma poderosa força até agora ignorada.”

Andradina de Oliveira - 1924

(Texto recolhido do discurso de posse acadêmica do confrade Porphirio Rodrigues na Academia Brasileira de Trova/RJ).

Professor Modesto de Abreu, ilustre presidente da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e, pela mão de quem Lola deu os primeiros passos na sociedade cultural da então Capital da República, quando perde a mãe em São Paulo e, lá vai residir, assim se manifesta por ocasião de seu falecimento:

“Se eu quisesse fazer a Lola de Oliveira o elogio a que ela faz jus, porque seria a própria síntese de toda a sua vida, diria que nasceu predestinada para muito amar, fez da capacidade de amar o traço predominante de sua personalidade, e, pondo bem alto o amor como ideal inatingível, morreu, à maneira de Bilac, sem ter conhecido o amor. A predestinação oratória veio-lhe de berço, lá longe no extremo sul, numa querência do pampa, onde, a seguramente mais do que sete décadas, a embalou o carinho de uma grande mulher e grande mãe: a poetisa gaúcha Andradina de Oliveira.

Modesto de Abreu - *Revista do Teatro*, jun. 1965

Lola, minha madrinha!

Meu coração de poeta se abre em emoção quando me deparo com a obra de Lola de Oliveira. Não poderia eu, ter recebido na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, melhor madrinha. Tem sido Lola a grande presença em minha trajetória poética. A luminosidade de seu espírito aponta rumos e inspira-me novos caminhos.

Em 1985 percorri os caminhos trilhados por Lola, no Rio de Janeiro, num desejo incontido de refazer sua trajetória na terra. Descobri então, que o maior tesouro que deixara, ao partir, eram os amigos.

Lola vivia só em uma casa de cômodos da rua Haddock Lobo, ao lado da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, clube português que freqüentava. Era uma apaixonada por Portugal e lá nunca esteve. Trabalhava como secretária na SBAT - Sociedade Brasileira de Atores de Teatrais, onde entrou pela mão do jornalista Modesto de Abreu, amigo da família. Lecionou no Curso Chiquinha Gonzaga, fundado pela escritora e teatróloga gaúcha, Ecilda Clark. Detentora de sedimentada cultura, trabalhava também como tradutora da língua inglesa muito embora não possuísse curso superior.

Seu falecimento ocorreu em 20 de abril de 1965 e os dados que recolhi no cemitério de Inhaúma, na cidade do Rio de Janeiro, dizem o seguinte:

“Lola de Oliveira, 57 anos, solteira, causa mortis trombose cerebral, insuficiência cardíaca congestiva e hipertiroidismo. Óbito nº 14186, livro C-270, 11ª Circunscrição Cascadura”.

Nos arquivos da Santa Casa de Misericórdia fui informada de que seus restos mortais foram retirados e transportados para São Paulo em 22 de abril de 1970, por sua tia, Durvalina Perches Dias. Talão de Saída nº 4635.

Lola sublimou o amor e a vida na doçura dos seus versos, alimentou esperanças nos romances que escreveu, exaltou o Brasil e Portugal como pátrias irmãs, e nas duas cultivou amigos, mas sobretudo nos deixou uma lição de coragem ante as adversidades.

Seu perfil foi de uma mulher que jamais se deixou abater pela incompreensão humana, pelo desafeto ou pela solidão. Ser forte era seu lema.

Dos 47 livros escritos, onze ficaram inéditos e em lugar não sabido, e sua obra encontra-se hoje espalhada por todo o país. Vários de seus livros mereceram mais de uma edição. *Ametistas* atingiu seis edições.

Lola, tal como fez sua mãe Andradina, desafiou os costumes da sua época e saiu, forte e decidida, em busca de seu próprio caminho. Aos 27 anos, só, sem pai, mãe ou irmão, moça solteira, enfrenta as vicissitudes que a vida lhe oferece e sem perder de vista os princípios nos quais foi educada e que a sociedade da época lhe impunha, soube abrir seu espaço no mundo das letras, conquistando a admiração e o respeito dos intelectuais do Rio de Janeiro e da imprensa carioca onde se fazia presente com artigos sobre literatura portuguesa e belos poemas.

Nina Maria Harres Tubino

Helena Crespo Duarte
Cadeira 22



Helena Crespo Duarte nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1922 e faleceu em 1983, no Rio de Janeiro. Professora, funcionária pública e poetisa. Filha de Edmundo Borges e Cenira Centeno Crespo. Foi casada com José Leocádio Duarte.

Cursou Instituto Belas Artes de Porto Alegre, onde lecionou Pedagogia em 1967 e Direito em 1981, ambos na Unisinos.

Foi atriz de teatro e funcionária da Justiça Federal em Porto Alegre. Membro do Grêmio Literário Castro Alves, da Estância da Poesia Crioula, Rio Grande do Sul e a Academia Literária Feminina do Rio Grande

do Sul.

Publicou uma obra de poesia chamada Retalhos d'almas, 1964, em Porto Alegre.

Nina Tubino

Cadeira 22



Nina Tubino (Nina Maria Harres Tubino Rangel de Freitas), professora, historiadora, jornalista e poetisa. Bacharel em História e Geografia, com especialização em História Política e Econômica do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Participação em seminários, cursos e palestras no exterior e em outros estados brasileiros. Como professora, lecionou História em Escolas de Segundo Grau e Estudo de Problemas Brasileiros na Universidade. Trabalhou para os Diários Associados, no Correio Brasiliense e na Fundação Assis Chateaubriand, em Brasília onde trabalhou na organização das obras *O Pensamento de Assis Chateaubriand* e *Atuação Parlamentar; de Assis Chateaubriand*. Organizou as antologias: *São Francisco de Assis, Elos Brasília e S.O.S. Natureza*. Colaborou com diversos jornais, entre eles o *Correio do Povo, O Taquaryense, RSLetras, Jornal de Guimarães-Portugal*. É membro de diversas Entidades Culturais, detentora de medalhas de honra ao mérito, entre elas: a medalha Juscelino Kubitschek da Academia Internacional de Cultura, medalha Modesto de Abreu da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e a 1ª medalha ecológica José Lutzemberg da Casa do Poeta Riograndense, todas por mérito cultural. Recebeu do Grande Oriente do Brasil (Brasília), o diploma de Mérito Cívico “Lumem Probitatis Et Virtutis”, da Memória Nacional do Mérito Cívico Apejetista e, da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, o Diploma de Mérito em reconhecimento à dedicação e ao trabalho cívico-cultural que realizava.

Faz parte do Elos Internacional da Comunidade Lusíada. Em Convenções Internacionais, apresentou teses a favor da preservação da língua *mater* (Portugal, Macau, São Paulo). Na Universidade de Havana (Cuba), proferiu palestra sobre a história da literatura brasiliense. Na Universidade do Porto (Portugal) apresentou, a convite do Governo português, projeto desenvolvido com alunos de escolas de Porto Alegre sobre a lusitanidade.

É membro fundadora e presidenta da Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul, onde coordenou a organização da Enciclopédia dos Municípios do Rio Grande do Sul. É diretora e redatora do Jornal da ALMURS, órgão de imprensa da Academia.

Possui cadeira acadêmica na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro (representando o Estado do RS), Academia de Letras do Distrito Federal (sócia fundadora), Academia dos Trovadores do Distrito Federal (sócia fundadora). Sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (membro do Conselho Consultivo) e da Casa do Poeta de Brasília.

Em 1999, recebeu da Academia Internacional de Cultura, em Brasília, o troféu “Mulher do Ano na Cultura”. Verbete na Enciclopédia de Escritores Brasileiros de Afrânio Coutinho (RJ), Dicionário de Poetas Contemporâneos de Francisco Igreja (RJ), Dicionário Bibliográfico de Escritores Brasileiros de Adriano Neto (PI), Dicionário de Escritores de Brasília de Napoleão Valadares (DF), Dicionário Bibliográfico Gaúcho de Pedro Vilas-Boas (RS), Catálogo de Escritores Brasileiros da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, Dicionário de Mulheres de Hilda Flores (RS) e Dicionário de Mulheres de Neli Novaes (RJ).

Tem editados, de sua autoria, os livros: Em poesia – Tu e Alguém, Poemas na Imprensa, Novo Canto; em prosa – A Amazônia-uma constatação e uma denúncia, A Saga de Um Imigrante Alemão e os opúsculos biográficos de Emílio Kemp, Ramiz Galvão e Lola de Oliveira- A Germanidade no Brasil, editado em 2007.

Teve poemas traduzidos para o espanhol, inglês e francês e em 2003, recebeu o prêmio de melhor poema estrangeiro da Academia Internacional Francesa de Paris para o seu trabalho poético – Sou Mulher, publicado em língua francesa. Tem participação em mais de 50 antologias nacionais e em cinco antologias fora do Brasil, publicados em Portugal, Itália, França, USA e Cuba, assim como artigos publicados em revistas e jornais nacionais, voltados para a cultura. As mais recentes dessas publicações são: *Poesia Brasileira para El Nuevo Milênio*/Cuba; *Poesie de Brézil*, França; *Elistas Escrevem*/Londrina; *Antologia Poetas e Escritores do Brasil*, da Revista Brasília; *CD Confraria de Poetas/Ed.Alcance*; *Antologia Elos-Brasília*; *Presença Literária da Academia Literária Feminina do RS e CD Poetas brasileiros* de Lindomar Carneiro.

E-mail- ninatubino @terra.com.br

Ada Maccagi Bruno Lobo

Cadeira Nº 23

Patrona



Nascida na Ponta do Caju, Paranaguá, Estado do Paraná, a 29 de maio de 1906, Ada Maccagi era filha de Narciso Maccagi e dona Maria Paiva Maccagi, ambos descendentes de famílias tradicionais desse Estado. Era irmã de Nenê Maccagi, também escritora. Desde a mais tenra idade Ada demonstrou vocação para a música. Foi aluna da professora Ludovina Bório, em Paranaguá e executou ao piano, com perfeição, a valsa “Sobre as Ondas”, quando tinha apenas cinco anos de idade. Coursou a Escola Norma de Curitiba, diplomando-se professora em 1924. exerceu o

magistério em Paranaguá, Antonina e Jacarezinho.

Em uma Tertúlia promovida pelo Club Curitibano organizou-se um concurso para classificar os melhores versos sobre o tema “Vento”. O julgamento foi feito em sigilo e Ada concorreu usando o pseudônimo “Jack” e obteve o 2º lugar.

Ada Maccagi, anos mais tarde, acompanhou a família que transferiu residência para Florianópolis e lá continuou a brilhar como poetisa e escritora. Realizou vários recitais de piano e declamação, na capital e interior catarinense, sempre alcançando grande êxito. Em 1930, no Teatro Guaíra, realizou recital de violão, canto e declamação, tudo em composições suas. Em 1931, foi residir no Rio de Janeiro. Casou-se com o médico clínico e professor João Bruno Lobo, de cujo enlace nasceu a filha, Anamaria.

A poetisa orgulhava-se do seu Estado Natal. A 11 de novembro de 1947, quando assistia a um recital de canto da Sra. Edmê Brandi, na Escola Nacional de Música, foi acometida de mal súbito, vindo a falecer.

Primorosa na rima, Ada cantou as belezas paranaenses, suas madrugadas em flor, seus dias dourados de sol, suas tarde de enternecedoras quietudes e suas noites enluaradas de sonho.

Colaborou em diversos jornais:

A Gazeta do Povo - Diário da Tarde - O Itiberê - A Sempre Viva - A Máscara - A Farofas - Ilustração Paranaense - Diário do Comércio - O Malho - O Dia - A República - Revista da Semana - Prata da Casa - Correio do

Paraná - O Estado - Sonetos Regionais - Jornal dos Poetas e O Brasil Feminino.

Em 1920, aos catorze anos de idade, já tinha pronto um livro de poesias, o qual foi publicado em 1926 sob o título: *Vozes Efêmeras*.

Seu segundo livro intitulou-se *Taça*, publicado em 1933, que a fertilidade de sua imaginação transformou num belíssimo livro de contos, tendo recebido “Menção Honrosa” da Academia de Letras.

Retornando à poesia, a brilhante paranaense publicou *Ímpeto*, o qual deu título ao seu terceiro livro, 1941.

Ada Maccagi Bruno Lobo, dona de um estro seducente, manejava tanto o decassílabo como o alexandrino com a perícia e a perfeição de verdadeira eleita de Parnaso. *A estrela e a flor*, de sua autoria, é uma régia iluminura em cujas estrofes se entrelaçam raios de luz e aromas suaves de corolas.

“À hora silenciosa, à hora doce e encantada,
quando à paz do jardim desce o beijo do luar,
uma em perfume, outra em ouro a brilhar,
amo a flor perfumosa e amo a estrela dourada.

Sinto-as ambas irmãs, num vago cochilar
dentro da noite azul, das sombras adornada.
É à suave emoção a cisma acorrentada,
se aos lábios levo a flor, julgo a estrela beijar.

A alma rósea flor e a alma loira da estrela
no perfume e na luz de carícia envolvente,
confundo-as pela noite enluarada e bela...

E em meu lindo sonhar, que a confusão asila,
não posso distinguir, na fantasia ardente,
se a estrela é quem perfuma...ou se é a flor que
cintila!...”

Colaboração de Acadêmicas

Ana Luíza Teixeira

Cadeira 23



Ana Luíza Teixeira nasceu em Porto Alegre no ano de 1916. Poetisa, contista e compositora. Filha de Felisberto Pinheiro da Costa e Zulmira Menna Barreto Costa. Viúva de Cyro Teive Teixeira.

Cursou Escola Complementar em Porto Alegre em 1933 e Música em 1955. Tem músicas gravadas pela Odeon.

Lecionou Educação Artística. Membro de Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da Academia Sul Brasileira de Letras de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Colaborou na revista Atenéia da Academia Literária Feminina.

Obras Publicadas em Porto Alegre

- Estrada do sonho, 1963 (poesia)
- Prossegue, 1978; e,
- Eduque sua voz, 1978.

Cristina Macedo
Cadeira N° 23



Venho de Santa Maria da Boca do Monte, apesar de morar em Porto Alegre há séculos. Graduada em Letras pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), sou Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Minha dissertação teve como tema "A Mulher em O Tempo e o Vento", de Erico Verissimo. Traduza "Ariel", de Sylvia Plath, juntamente com o poeta Rodrigo Garcia Lopes, publicado pela Editora Verus, em 2007.

Tenho contos na antologia "Ponto de Partilha I", organizada pelos escritores Valesca de Assis e Rubem Penz. Editora Kalligraphos, 2008. Também em 2008, tive contos publicados na coletânea de poesia, ensaios e contos "Arca de Impurezas", Território das Artes Editora.

Em meu dia-a-dia dou aulas de Inglês, traduzo poesia, escrevo contos e poemas.

Apresento o SARAU LITERÁRIO ZONA SUL, que criei em 2008, em bares e restaurantes da zona sul da cidade. O livro "Arca Profana" foi lançado no dia 03/11/2010. Tenho diversos contos lá.

Tomei posse na Academia Literária Feminina do RS em 25 de agosto de 2012, cadeira n° 23.

Email: titinamacedo@gmail.com

Maria Eduarda Alencastro Massot

Cadeira 24

Patrona



Nascida em São Sepé a 25 de março de 1884. Cronista e dissertadora, suas idéias e imagens se sucediam, dando sempre um novo colorido às suas criações, esparsas nas publicações de sua terra natal.

Sem que lhe houvessem facultado conhecer outras terras para um maior aperfeiçoamento intelectual, seu espírito irrequieto não se limitava ao horizonte localista, bebendo noutras fontes o conhecimento de que carecia.

O seu legítimo orgulho de haver nascido na terra “onde o coração se expande e a vista se dilata”...não lhe tolhia o anseio de conhecer o continente europeu, propiciando à sua filha Eleonora (herdeira de seus primores intelectivos) o ensejo de visitar a França, o maior sonho de sua vida, o que jamais logrou.

Mas Sinhazinha, como era chamada pelos familiares e amigos, serenamente aceitou a imposição do destino, embora continuasse em suas peregrinações através de leituras, buscando a perfeição do espírito, direito esse que não poderia ser-lhe usurpado por nenhuma força humana.

Dotada de poderosa eloquência, ouvi-la era um deleite, segundo testemunhas da época. Sônia (como era mais conhecida intelectualmente) monopolizava atenções, nunca lhe faltando recursos imaginativos para as polêmicas de que era apaixonada.

Inteligência viva, poderia ter realizado algo de útil ao bem-estar da coletividade, não fora as adversidades sofridas e por isso emergiu na obscuridade em pleno viço de sua virilidade intelectual.

Mas, em verdade, o que mais a alanceava eram as impossibilidades encontradas à realização dos sonhos dessa brava Eleonora, que na ânsia de immortalizar o nome de sua Mãe, acaba de lançar o livro *De Sônia a Eleonora*, que Antonio Carlos Machado prefaciou, reunindo em páginas de pomposo estilo os aprimorados dotes da escritora gaúcha.

E assim, Sônia ressurgiu, não para realizações construtoras, como seria de esperar de sua vida vigorosa inteligência e bondade extrema, mas como patrona de uma cadeira na Academia onde refulgem talentos rio-grandenses, em cuja galeria de patronas ilustres não poderia faltar a nobre escritora sulina.

Eleonora editou o magnífico livro de crônicas com ingentes sacrifícios destinando-o à prática de atos filantrópicos, instituindo recentemente o “Prêmio de Literatura Sinhazinha Massot” aos três melhores alunos da Escola Cel. Massot em homenagem à briosa Brigada Militar do Estado de que é patrono o Cel. Afonso Emílio Massot, seu glorioso pai.

Sinhazinha Massot, patrona da cadeira nº 24, da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, faleceu no dia 4 de agosto de 1959, no Rio de Janeiro. Era viúva do Cel. Afonso Emílio L. Massot.

Além de crônicas, escreveu três romances e duas peças de teatro.

Trecho de textos do livro *De Sônia a Eleonora*:

“A minha filha Eleonora, no dia de sua primeira Comunhão

Nem sabes, querida filha, o prazer que me ia na alma e o sonho lindo e cheio de mística doçura que me povoava o espírito naquele momento em que recebias a tua primeira comunhão.

O cântico sacro, cuja melodia se espelhava no interior do singelo templo, era harmonia divina! Os anjos que te conduziram ao altar, na minha imaginação, bem os vi celestiais...

Tudo que me rodeava naquele momento era belo!”

“Página à minha terra:

Oh! quanta saudade eu tenho dos campos verdes da terra onde nasci!

A madrugada nos campos do Rio Grande amanhece gritando pela boca dos quero-queros!

Neles nascem frutas amarelas - gotas de ouro enfeitando a amplidão verde, onde o umbu solitário está sempre de braços abertos!

Oh! quanta saudade eu tenho...

Saudade do rangido da carreta vagarosa, pioneira dos caminhos. Vargas Neto disse: 'O carreteiro é a paciência caminhando...'

O gaúcho é o complemento vivo da paisagem e nela, um dia, será estátua eqüestre..."

Antonio Carlos Machado, crítico literário que prefaciou *De Sônia a Eleonora* escreve: "Nas páginas *De Sônia a Eleonora* há um denominador comum: a sensibilidade, a verdadeira sensibilidade feminina, que ao pensador de Dantziag (Shopenhauer), decerto, passou despercebida."

Arquimedes Fortini em sua coluna do *Correio do Povo* - o veterano róseo pampeano - expõe em magníficas penadas o perfil de Maria Eduarda. Consubstanciam o trabalho do atilado investigador biográfico, trechos de uma carta da saudosa Sônia (pseudônimo de Maria Eduarda) dirigida a Vivita Cartier, outra cultivadora das letras e patrona, também, de uma cadeira na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

E,"também", porque recentemente foi criada na douta instituição uma cadeira patronada por Maria Eduarda - a de nº 24.

A veneranda gaúcha bem merecia a homenagem. O senso de justiça que deflui do recesso íntimo das criaturas de coração bem formado, era apanágio da escritora de que ora nos ocupamos.

Espírito cintilante, inteligência privilegiada, sua pena abria clareira interpretativas do belo, aflorando valores emergentes da perfeição.

Colaboração de Acadêmicas

Hecilda Clark

Cadeira Nº 24



Filha do “jornalista denodado, advogado e escritor famoso, poeta e republicano, que se bateu pela causa trabalhista,” Rafael Clark e de Morena R. Clark, Hecilda Clark (Ferreira) consta com datas diferentes de nascimento. Pedro Leite Villas-Bôas a tem como nascida em 1903. Necessidade de diminuir a idade, dentro das, digamos, convenções sociais de antigamente, quando a mulher devia de ser necessariamente mais jovem que o marido, para que este a pudesse moldar a seu gosto, dentro do novo lar que se constituía?

Em Porto Alegre, Hecilda estudou no tradicional Colégio Bom Conselho, das irmãs franciscanas, onde desde adolescente escreveu versos e textos dialogados para as festividades do educandário. Foi exímia oradora, sempre pronta para torneios de improviso.

Tornou-se publicista, socióloga, professora, oradora e teatróloga, tendo herdado do pai dotes de jornalista. Usou os pseudônimos de *René Lucien*, *Orquídea* e *Louise Guissé*, fugindo à sanção social reservada à mulher intelectual: lugar de mulher era no lar, cuidando dos afazeres domésticos. Contra esses princípios arraigados, Hecilda defendeu o direito a mais liberdade e mais direitos para a mulher e o menor.

Em 1937 pôs em prática os dotes poéticos herdados do pai, ao publicar *Foi um sonho*, “um rosário de poemas impregnado das mais doces evocações”, no dizer de Alzira Freitas Tacques. O livro é assinado por Hecilda Clark Gussi. Pouco ou nada consta acerca do casamento que teria lhe auferido tal sobrenome. Sabe-se que foi viúva do engenheiro-militar Sabino Magalhães, tendo casado novamente com o capitão e jornalista João Ferreira.

Foi um sonho tem formato de livro de bolso e suas páginas não são numeradas. Um segundo título, “Fragmentos d’alma”, ocupa a segunda página de rosto, fato que confunde e às vezes é encarado como sendo um segundo livro. As poesias ocupam a metade inferior das páginas. A primeira leva o nome do livro e faz um jogo amoroso de atração e afastamento encontrado em outras poesias do mesmo livro:

FOI UM SONHO

*Foi ilusão talvez, não! Foi um sonho...
No ocaso o sol bem lento agonizava
Dando à terra reflexos febreros;
Tu passaste, ias tão indiferente...
Alheio ao meu olhar que te seguia!*

*Bem mais tarde, por uma tarde fria...
Nos falamos, meu Deus, tão bruscamente,
E tão breves nos foram tais momentos...
Que nem de leve, juro-te, eu pensava
Que entre nós dois, havia mesmo um sonho.*

*E depois, foi um sonho... é um doce sonho...
Te confesso: não posso definir;
Tento fugir-te, logo após te anseio...
Sinto querer-te e glorifico em ti
O meu pecado... ó belo enigmatista!*

*Ó sonho de meu sonho! Ideal artista,
Nada mais vejo... os olhos meus perdi
Dos teus, na treva; chamo-te e receio...
Não te quero... não posso te fugir...
Mas te exorto: eterniza o nosso sonho.*

Hecilda tem pelo menos duas peças teatrais adaptadas para rádio-teatro. A peça-poema “Olhando o espelho” acabou vertida para o francês por Ritinha Cezimbra, para o inglês por Pedro van Emelen e para o espanhol por Carlos Scaffú. Lydia Mombelli da Fonseca a verteu para o italiano e a publicou em seu livro *Mundo à parte*, 1972 (*Atenéia*, 1972, p. 14-15).

Hecilda residiu no Rio de Janeiro desde a década de 1940 e fez vida cultural, como membro da Sociedade de Homens e Letras do Brasil, da Associação Brasileira de Escritores, da Academia Nacional de Letras e Artes. Vice-presidente da Academia de Letras do Distrito Federal, por volta de 1955 ocupou a cadeira patrocinada por seu pai, no Cenáculo Fluminense de História e Letras. Foi membro da União de Classes Femininas do Brasil e do Instituto Brasileiro de Poesia. Em Petrópolis integrou a Sala de Letras e Artes Gabriela Mistral. Obteve diplomas e medalhas de reconhecimento da Argentina, Chile, Cuba e México. No Uruguai, intensificou intercâmbio cultural com a intelectual Eunice Tavares, adida do Consulado Brasileiro naquele país. (*Atenéia*, 1º trimestre/1950, p. 96-97).

Hecilda cultivou as raízes com sua terra, ao ingressar, em 1968, na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, da qual se tornou representante oficial no Rio de Janeiro, onde residiu. Escolheu por Patrona a escritora Maria Eduarda Alencastro Massot, sua amiga falecida anos antes.

Colaborou com o *Jornal Fluminense e Folha Democrática*. Fundou a revista *Ilustração Carioca* (1952-58) e o Curso de Belas Artes Chiquinha Gonzaga, com acesso gratuito para filhos de mulher trabalhadora e incentivando o teatro independente. Escreveu para a revista *Mundo Novo* de Cuiabá; dirigiu a revista *Ilustração Paulista*, fundada em S. Paulo pelo esposo, o jornalista João Ferreira. Fundou e dirigiu a *Tribuna Livre*. Em Porto Alegre, onde passava temporadas, colaborou na *Ilustração Rio-Grandense* e na revista *Atenéia*.

Cidadã Carioca, em 1972 teve reconhecidos seus 48 anos de atividade jornalística, com a Medalha da Ordem dos Velhos Jornalistas do Rio. Presente estava para aplaudi-la a feminista Bertha Lutz, fundadora e presidente nacional da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Hecilda é nome de uma travessa em Sorocaba, S. Paulo (Tacques, 1956, p. 193).

Ciente de ser formadora de opinião, via jornalismo, em 1969 deixou esta *Mensagem* natalina a seus leitores:

... *Os estudiosos apontam os erros de uma época de decepções arrasadoras: os poetas, predestinados à missão*

superior, adestram as penas transmitindo a mensagem de ternura.

Vivendo num mundo mecanizado, o homem contemporâneo perde o atrativo das atitudes simples e serenas que caracterizam os homens do passado, esquece tradições, movido por ambições desmedidas, alheio à voz da razão, olvidado dos sábios ensinamentos da escola antiga.

Mas, a grande atração da Noite de Natal produz o milagre, solidarizando os homens de boa vontade animados do anseio de ser úteis e de contribuir para o bem-estar geral... (In Atenéia, 1969, p. 15).

Sua obra é expressiva: *Foi um sonho* (Porto Alegre, 1937); *Poemas de Ângelo*, 1938; *Orquídeas*, 1939; *Problemas sociais* (Rio, 1939); *Inéditos*, *Penumbra* e *Toi* (todos antes de 1950), *Amargura* (Rio, 1950, teatro); *Atormentadas* (teatro); *Sociorama*, 1963 (inédito?); *A noite*, 1963; as plaquetes *Visão de uma vida*, 1969 e *A casa branca da Serra*, 1987; *Anatomia da paixão* (ensaio), e as poesias *Poema íntimo*, *Crepúsculo* e *Ametistas*.

Marta Pargendler Faermann Cadeira 24



Marta Pargendler Faermann nasceu Erebango, município da microrregião de Erechim, em 20 de julho de 1922, Rio Grande do Sul.

Casou-se cedo com Maurício Gaermann, com quem viveu por 65 anos, até a sua morte em 2007. Com ele, construiu uma grande família: cinco filhos, 11 netos e 13 bisnetos.

Deteminada a ir além do balcão do armazém do pai, da loja dirigida pelo marido, das lides domésticas, queria ser escritora (publicou dois livros sobre a imigração judaica no Rio Grande do Sul). Fiel a si mesma, batalhadora incansável, sempre procurou bancar seus sonhos, no prazer de organizar eventos, nos serviços comunitários, nos estudos de inglês e nas viagens.

Fundou e presidiu várias instituições, entre elas, o Movimento Gaúcho pelo Menor. Foi membro da Associação de Jornalistas escritores do Brasil e membro fundadora da Embaixada Cultural Feminina de Intercâmbio Cultural na América. Recebeu o título de Cidadã Honorária de Porto Alegre.

Foi co-fundadora do Movimento Gaúcho pelo Menor de Porto Alegre, em 1964-67, do Movimento de Difusão de estados e Tradições Brasil-Israel, 1969-1984, membro da AJEB/RS.

Participou em Presença Literária, 1995.

Obras Publicadas

- Vivências: diário de leituras, 1987, em Porto Alegre;
- A promessa cumprida, 1990, em Porto Alegre.

Esther Squeff Da Silva

Cadeira nº 25

Patrona



Esther Squeff da Silva é a patrona da cadeira nº 25. Nasceu em Jaguarão. Rio Grande do Sul, no dia 20 de novembro de 1910, filha de Salvador Squeff e de Nacima Squeff, irmã do jornalista e poeta Egídio Squeff.

Desde muito jovem, gostava de escrever. Aos dezessete anos, já publicava suas poesias nos jornais e revistas do interior, conquistando a admiração das pessoas sensíveis ao belo.

Esther Squeff, de origem síria, era dotada de extraordinária beleza. Personalidade alegre, comunicativa, cativante e simples. Muito querida por todas as pessoas: parentes e amigos que tinham o privilégio de com ela conviver.

Em 1929, quando os concursos de beleza movimentaram a sociedade do nosso Estado, em plena graça dos seus dezenove anos, foi eleita Miss Jaguarão.

Em 1931, após um breve período de noivado, consorciou-se com o poeta Riograndino Silva Filho, passando a assinar-se da Silva.

Pela biografia de Esther constatamos ter sido ela uma destas raras criaturas a quem a vida proporcionou tudo para ser feliz: inteligente, bela e amada.

Mas, sua obra se revela contrastante. Uma mescla de tristeza profunda ou de sabedoria, própria das pessoas que viveram uma existência longa e sofrida.

São suas as palavras desta oração:

“Não deixes nunca, por um gesto de orgulho, fugir tua felicidade. Lembra-te que se um tesouro te caísse das mãos, fosse qual fosse a origem da queda, terias de te curvar para apanhá-lo”.

A mensagem ensina uma lição de vida.

Filosofia

“Não penses que vem da vida
o bem ou o mal que terás
Eles vêm de ti, somente

Só tu poderás guardá-los
somente tu os dissiparás.
És o bem e o mal
És a tristeza e a alegria
És o prazer e a aflição
Nada disso tem a vida,
pois a vida é teu estado
de alma ou de coração.”

Conselho

“Não te aprofundes nunca na esperança
de que a existência te fará algum bem.
Em esperar da vida não se cansa
Quem exata noção da vida tem
Que dor terá tua alma ingênua e mansa
ao saber que a ventura jamais vem!
Ver a ventura morta na lembrança
e sentir essa dor prazer de alguém!
Foge pois na ilusão alma sincera,
que em verdade cruel sempre quimera
reduzirá teus sonhos de prazer.
Tu verás que o mundo nada vale
e que da vida, entre todos os males
o mais triste e profundo é o de viver.”

A poesia *Conselho* desde o primeiro verso até os últimos comunica pessimismo, desilusão. Arrasa. Contrasta com *Filosofia*. Na primeira, nos surpreende a maturidade de uma jovem, na segunda, nos surpreende tanto pessimismo.

Perguntamos: o que aconteceu com a moça Esther?

Comparando os versos das duas poesias, constatamos idéias oposta de conceber a vida. Não parecem ser escritos pela mesma pessoa, nem por uma mulher, em plena mocidade.

2 de novembro

“Vim de longe, não sei de onde, um vento triste
humilde e manso,

bem o vento dos dias finados...
Um som lugubrememente
ainda no ar, num compasso demorado.

Como o compasso e o som dos funerais
E enquanto as folhas dançam molemente
eu me fico a pensar nos que não voltam mais...
Como deve ser bom dormir eternamente!

Nunca mais acordar,
Nunca mais escutar o estribilho já gasto
Desta eterna ilusão
que os infelizes vão levando a resto
Dormir o grande sonho!
Não sentir sequer
que lá fora ainda há sol,
ainda há luz, ainda há mundo
e a mágoa em que tudo existe.”

Este foi seu último poema *2 de novembro*. O temas é a morte. Fala dela como um bem. Como alguém que a deseja.

“Como deve ser bom dormir eternamente!
Nunca mais acordar.”

Novamente a complexidade. O desencanto de viver expressado numa fase da vida, que anseia viver, amar, sonhar e cantar.

Esther Squeff da Silva faleceu no dia 23 de setembro de 1934, com vinte e quatro anos incompletos, em pleno mês de primavera.

Será que a poetisa, de natureza sensível teria intuído a brevidade de sua vida e manifestado sua mágoa através dos seus poemas?

A acadêmica Diva M. Kaastrup ao tomar posse na cadeira n° 25, ao fazer o panegírico à sua patrona, assim a descreveu:

“Porém a jovem poetisa era uma criatura de alma triste e nem mesmo o amor conseguiu o milagre da transformação de sua alma dividida. O curioso é que esta melancolia e tristeza eram apenas interiores e só se manifestam nos versos que escrevia, pois era uma moça encantadora, simpática, meiga, risonha e cativava a quantos a conheciam, tamanha a sua simplicidade.”

Síntese

“Queres, enfim, que te conte a minha história?”

Olha esse em vão, essa inutilidade,
dispersos pelo mundo
depois de tanta luta e de tanta ansiedade...
Não acharás, por certo, nada tão profundo.
Nem tão improvável...
Pois bem, a minha vida...
Oh! Toma-me das mãos e beija-me nos olhos!
Não procures saber!
Como a história do mundo é a minha história!
Quem poderá contar o inexplicável?!
E o inexplicável, quem pode entender?!
Sofres muito? A vida é triste?
És feliz? A vida é boa? Engano! Só em ti existe
O que pensas que é a vida...
torna-a, pois, linda e fecunda,
fazendo-a sempre a teu modo.
Terá assim conseguido
O segredo de viver.
Sorris da Filosofia?
Não importa, Eu sei que um dia,
há de achá-la verdadeira.
É a filosofia pura,
o humano do que aprendeu
que viveu intensamente
e intensamente sofreu.”

Filosofia leva o leitor à reflexão, auto-análise e a uma descoberta, talvez não muito agradável, de que ele é o responsável pela sua maneira de viver.

Cada verso destaca à pessoa que o lê, muitas faces dos conflitos humanos que são atribuídos às influências externas. O poeta afirma que é o contrário. Torná-la fecunda e bela é uma decisão interna de cada ser.

É uma afirmação incômoda, pois é mais fácil culpar os outros para justificar insucessos e infelicidades pessoais. A Autora, em seu poema, adverte para uma realidade problemática e ao mesmo tempo, incentiva e responsabiliza o homem a encontrar em si o modo de viver bem, dando-lhe oportunidade e esperança de ser feliz e que nem tudo está perdido.

Afirma ao concluir, que esta filosofia é pura e verdadeira para quem viveu intensamente e intensamente sofreu. Maneira de sentir e pensar de uma pessoa madura e não de uma jovem.

Em 1928, Dr. Olindo da Silva, no jornal *A Razão*, de Rio Grande, na sessão “Notas Literárias”, escreveu o seguinte comentário sobre Esther Squeff:

“Ainda perdura em nosso espírito a impressão deixada pela leitura das duas magníficas composições literárias publicadas pela senhorinha Esther, na revista *Ilustração Pelotense*.

Não exageremos, nem falsiemos ao nosso sentimento, afirmando que, depois de Aymoré Carriconde - mito admirável de cronista e poeta, jamais tínhamos visto uma estrela como esta, tão abrupta e onde evidenciam com tanto brilho, tão acentuadas aptidões literárias.”

Esta poesia sintetiza a personalidade de Esther S. da Silva: inexplicável. Portanto, quem pode entender?

Diva Machado Kaastrup, primeira acadêmica a ocupar a cadeira nº 25, foi quem sugeriu o nome de Esther Squeff da Silva para integrar o quadro das patronas do novo sodalício. Diva M. Kaastrup reuniu as poesias da eminente poetisa, num livro que intitulou *Maktub* que quer dizer “está escrito”, contribuindo para o enriquecimento da cultura gaúcha e brasileira e perpetuando a obra de uma artista da escrita que, depois de cinquenta anos no desconhecimento, recebeu a justa glória da imortalidade.

Ellem Walkíria Eifle

Diva Machado Pereira Kaastrup
Cadeira Nº 25



Diva Machado Pereira Kaastrup nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul em 1915 e faleceu em Porto Alegre no ano de 1983.

Poetisa, cronista, romancista e jornalista. Filha de Manoel João Pereira e Madalena Machado Pereira. Foi casada com o rádio-amador Darcy Kaastrup. Foi redatora de A luta, jornal do pai, em Rio Grande.

Colaborou no Eco do Sul e Clarim de Rio Grande; Jornal do Comércio de Porto Alegre; a revista O Malho do Rio de Janeiro; Ilustração Paulista de São Paulo; Vida Capichaba de Vitória, Atenéia, Diário de Notícias e Correio do Povo de Porto Alegre; El País de Assunção.

Participou em Perfis de musas; Poetas e prosadores brasileiros, em 1956.

Obras Publicadas

- Sol de outono, 1963, em Porto Alegre (inclui poesias de Esther Squeff da Silva);
- A mulher na Medicina, 1983, em Porto Alegre (ensaio).

Ellen Walkiria Eifler

Cadeira Nº 25

Presidente



Ellen Walkiria Eifler, nasceu em Bom Retiro do Sul. Filha de Alfredo Eifler e Leonida Fenstersifer Eifler.

Ainda menina foi residir em Taquari para onde se transferiu sua família. Mais tarde em General Câmara e atualmente, em Porto Alegre, desde 1951.

Têm cursos de Formação de Professores Primários pelo Instituto de Educação General Flores da Cunha; Geografia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pós-Graduação em Estudos dos Problemas Brasileiros pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Oficinas Literárias com o

escritor Luiz Antonio Assis Brasil na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Obras Publicadas

- Experiências didáticas para quem gosta de ensinar Geografia, 1986 pela Editora Sagra
- Bom Retiro do Sul sua história ... sua vida, 1992, Feplam
- Contos e Crônicas, 2004, Shan Editores;

Obras coletivas

- Presença Literária publicação anual da Academia Literária Feminina do RS;
- Ajebianas de Sul a Norte pela Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, Oficina 4, 1988;

Concursos

- 2º lugar no concurso promovido pela Academia Literária Feminina RS, 1987, A mulher Brasileira no Século XIX e sua participação no Contexto Social, Econômico, Cultural e Político;
- 1º lugar no concurso sobre Literatura Abolicionista, 1988.

Ilda Maria Costa Brasil

Cadeira N° 25



Ilda Maria Costa Brasil nasceu em 4 de março de 1949, em Restinga Seca/RS, filha de Adelino Alves da Costa e Maria-Jesus Barrios da Costa. Há muitos anos reside em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Formada em Letras: Português-Inglês (Licenciatura Curta), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, agregada à Universidade Federal de Santa Maria/RS; Letras: Português e Literatura Brasileira (Licenciatura Plena), na Universidade do Vale dos Sinos de São Leopoldo/RS; Pós-Graduada em Recursos Humanos para Administração e Supervisão de Escolas, na

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É Professora de Redação, Literatura e Língua Portuguesa no Colégio Conhecer.

Ao longo de sua caminhada literária, conquistou vários prêmios.

Colaboradora dos Jornais de sua cidade natal: "Integração Regional" e "Tribuna de Restinga Seca", "Julinho" - Colégio Estadual Júlio de Castilhos e "Correio da Palavra" - Informativo Literário da ALPAS XXI, Cruz Alta/RS

Nas Revistas: Escola Conhecer, Porto Alegre/RS; na 5ª Revista Nacional da POEBRAS - SALVADOR; Sociedade Partenon Literário, Porto Alegre/RS; Acadêmica da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, do Rio de Janeiro/RJ; "Brasília", Rio de Janeiro/RJ; "Clube dos Escritores", de Piracicaba/SP e "Il Convívio", de Castiglione di Sicilia (CT) – Itália.

– Medalha Honra ao Mérito pela Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, do Rio de Janeiro/RJ.

Realiza Oficinas Literárias e de Redações Escolares para adolescentes e adultos, assim como Palestras sobre "A importância da Leitura e da Produção Textual".

Implantou e coordenou o 1º Grupo de Parceiros Voluntários no Colégio Júlio de Castilhos.

Em 1999, organizou os livros: "Meu animalzinho de estimação" - 4ª séries; "Minhas Histórias" - 5ª séries; "Poemas" - 7ª séries, "Prosas Escolares" - 8ª séries; "Contos e Crônicas", 1ª e 3ª séries do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Piratini, de Porto Alegre/RS e,

Em 2000, organizou os Livros de Poesias: "Escrevendo Poemas", dos alunos da 7ª série; "Poesias", dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e "Nossas Produções", dos alunos da 1ª série do Ensino Médio, do Colégio Conhecer, Porto Alegre/RS.

Participou de três FECIARTE do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em 2000, 2001, 2002 e 2003.

Prefaciou, em 2003, o 2º livro, obra bilíngüe de alunos da 5ª e 6ª séries, do "Projeto Poetas Mirins", da Escola Municipal de Educação Francisco Giuliani, de Restinga Seca/RS.

Coordenou o Projeto da Nestlé "Viagem pela Literatura" no Colégio Júlio de Castilhos em 2001, 2002 e 2003, assim como o Projeto "Viajando nas Páginas de Ziraldo", da Editora Melhoramentos, em 2002 e 2003, tal qual coordenou e coordena o Projeto da Nestlé "Viagem pela Literatura" no Colégio Conhecer desde 2002.

Participou do PROJETO AUTOR PRESENTE, em Bento Gonçalves/RS, no XII Congresso Brasileiro de Poesia, Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas, e IX Mostra Internacional de Poesia Visual, na Escola Estadual Mestre Santa Bárbara e na Escola Municipal de Ensino Médio Alfredo Aveline.

Integra o Projeto "DESCUBRA UM ESCRITOR".

Participou de uma CONVERSA ON LINE sobre a Trajetória do Livro, trabalho apresentado para a disciplina de Tecnologias Audiovisuais, publicada na Revista da PUC-RS, de junho de 2006.

Iniciou na Rede Pública em 1980.

Trabalhou nos Colégios Estaduais de 1º Grau Três de Outubro e José Carlos Ferreira; Colégio Estadual de 1º e 2º Graus Piratini e Julinho – Ensino Médio.

Coordenou a Cadeira de Língua Portuguesa, Literatura e Redação nos Colégios: PIRATINI, IPA e CONHECER.

Compôs, por mais de cinco anos, o Grupo de Corretores de Redações da PUC-RS e do Supletivo de Ensino Fundamental e Médio da SEC/RS e do IPA - Universidade Metodista, de Porto Alegre/RS.

Foi Professora Homenageada e Parainfa de inúmeras turmas nos Colégios em que atuou tanto na rede pública quanto na particular: Vera Cruz, IPA, Leonardo da Vinci, Conhecer, José Carlos Ferreira, Piratini e

Julinho.

Foi Vice-diretora no Colégio Estadual de 1º e 2º Graus Piratini por quatro anos, de 1º de janeiro de 1995 a 31 de dezembro de 1998. É autora dos Projetos "Construção a Escrita" e "Produção Textual" para os Ensinos Fundamental e Médio, assim como do Projeto "Vôo Literário", em parceria com as professoras Lílian Boor, Nilza de July Costa e Silva e Patrícia Rodrigues Barbosa.

Em 2001, foi Expositora e Representante do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Porto Alegre/RS, no Fórum Mundial de Educação, com o trabalho intitulado "Reflexão Coletiva: Experiência de Mudança no Processo Educacional do Ensino Médio";

Em 2002, Representante da Rede Pública de Ensino, por indicação da Secretaria de Educação do Estado, como Integrante da Equipe Executora e Debatedora da Atividade de Extensão Universitária "Seminário de Redação de Vestibular", promovida pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

Em 2003, foi Patrona da Feira do Livro de sua cidade natal, Restinga Seca/RS;

Em 2004, foi indicada pela Presidente da Câmara de Vereadores de Porto Alegre/RS, Sra. Margarete Costa Moraes, ao Prêmio Educação RS – 7ª edição;

Em 2005, foi agraciada pela Presidente da Associação Artística e Literária "A Palavra do Século XXI", de Cruz Alta/RS, Sra. Rozelia Scheifler Rasia, com o Título de Promotora Cultural e,

Em 2006, participou do Projeto "Ler e Saber", da 24ª Coordenadoria Regional de Educação, de Cachoeira do Sul/RS, como palestrante sobre o tema Oficina Literária, e atuou como Mediadora do "Talk-show" com Poetas Restingenses, promovido pela Escola Estadual de Ensino Médio Erico Verissimo, de Restinga Seca, por ocasião de sua 1ª Feira do Livro.

Foi a Revisora Responsável do livro "A Ilha do Escapulário", de Cristiane Von Saltié, publicado pela Ed. Alcance, de Porto Alegre/RS e das Coletâneas "Gente da Casa – 40 e 41 anos da Casa do Poeta Rio-Grandense" e BRASIL POETA, assim como da Antologia Poetas do Mercosul – MERCOSUL POETA, também publicados pela Ed. Alcance, de Porto Alegre/RS; do livro infantil "A Menina e o Elefante de Pedra", de Cristiane Von Saltié,

organizado por Tito Von Saltiél (Publicação Póstuma), em parceria com a Profª Belkis Freitas de Oliveira.

É organizadora dos livros:

- "Três Gotas de Poesia" - Haicais, das suas turmas do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Porto Alegre/RS;
- "A Palavra como Arte e Expressão", do Colégio Conhecer, de Porto Alegre/RS, em parceria com a Professora Patrícia Rodrigues Barbosa;
- Prefaciou os livros "Sentimentos e Emoções de uma Adolescente", de Vanessa Menezes Burgueño e "Poesia e Arte", de Victória Falavigna.
- Compôs a Comissão Julgadora da Prosa - Conto, Crônica, Ensaio e Monografia, do I Concurso Literário-Poético e Artístico "Centenário do Grêmio Football Porto-Alegrense", promovido pela Casa do Poeta Rio-grandense - CAPORI, Movimento da Poesia Nacional - MPN/RS, Fundação de Educação e Academia Literária Gaúcha – ALGA e
- integra a Equipe de Jurados da ALPAS XXI.

Participa de várias Instituições Culturais:

- ALPAS XXI - Associação Artística e Literária A Palavra do Século XXI/Cruz Alta/RS;
- AACRS - Associação Artístico Cultural de Restinga Seca/RS;
- SPL - Sociedade Partenon Literário/Porto Alegre/RS;
- CAPORI - Casa do Poeta Rio-Grandense/Porto Alegre/RS;
- AGEI - Associação Gaúcha dos Escritores Independentes/Porto Alegre/RS;
- ALGA - Academia Literária Gaúcha, Porto Alegre/RS;
- AACELCA - Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Porto Alegre/RS, Cadeira 23, cujo Patrono é Ercília Avellar de Magalhães;
- ABEPL - Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias/Rio de Janeiro/RJ, Titular da Cadeira 27, cujo Patrono é José Gomes de Abreu;
- Accademia Internazionale Il Convivio/Castiglione di Sicilia/Italia, conforme registro de número 653;
- Membro Correspondente da Academia de Letras Rio - Cidade Maravilhosa/Rio de Janeiro/RJ e Academia Cachoeirense de Letras, de Cachoeiro de Itapemirim/Espírito Santo; – Colegiado Acadêmico do Clube dos Escritores Piracicaba/SP, Titular da Cadeira 84, cujo Patrono é Plínio Correa Lara, da Área de Letras
- Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores, Balneário Camboriú/SC;
- Celeiro de Escritores, Santos/SP e
- Projecto Cultural ABRALI, Curitiba/PR.
- Presidente da Associação Artística e Literária "A Palavra Restingense", de Restinga Seca/RS;

- Vice-Diretora Lítero Cultural da CAPORI;
- Secretária do SPL e é Membro do Conselho Deliberativo da CAPORI.

Em dezembro de 2006, o poema "Vozes e Ruídos" foi escolhido como um dos melhores do ano, sendo incluído no livro "Panorama Literário Brasileiro - Edição 2006/2007", um documento histórico que registra os 100 melhores trabalhos inscritos para as seletivas da CBJE durante os anos de 2005/2006, segundo avaliação do Conselho Editorial da CBJE/RJ.

Em janeiro 2007, foi a responsável pela Leitura Crítica do livro "Big Bang: La Luce del Tempo", do escritor Angelo Manitta. Passou a exercer as funções de secretária da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Porto Alegre/RS; Vice-Presidente Regional da Associação Artística e Literária A Palavra do Século XXI/Cruz Alta/RS.

Em 2007, conquistou o 1º Lugar no XIX CONCURSO CHADAYL de Cuento corto y Poesía "ANTONIO APA LUCAS" (Categoria Adultos – Poesia), em Montevideo/Uruguay;

– 3º Lugar no II Concurso Internacional de Poesia da Biblioteca Adir Gigliotti, do CENAPEC, Projeto Chá 7 Poesia, de Campinas/SP;

– MEDALHA DO MÉRITO ACADÊMICO e respectivo Diploma pela Câmara do Livro da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias/Rio de Janeiro/RJ, a qual selecionou o livro "Lembranças e Vivências" como um dos Livros do Ano e, em dezembro, o seu poema "Olhos rápidos e saltitantes..." foi escolhido como um dos melhores do ano, sendo incluído no livro "Panorama Literário Brasileiro - Edição 2007", um documento histórico que registra os melhores trabalhos inscritos para as seletivas da CBJE durante o presente ano, segundo avaliação do Conselho Editorial da CBJE/RJ.

Em 2008, integrou a Comissão Julgadora V Concurso Literário virArte, promovido por Edinara Leão, Coordenadora do Movimento virARTE, de Santa Maria/RS e a Comissão Julgadora da Poesia na 30ª EXPOESIA, promovida pela Casa do Poeta Rio-Grandense – CAPORI e FECI (Fundação Educacional e Cultural do Sport Club Internacional), Porto Alegre/RS;

Passou a exercer a função de Vice-Presidente da Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores. Prefaciou o livro "Um toque de romantismo", de Nilda Dias Tavares, Rio de Janeiro/RJ e "Efervescência – Coletânea Literária Comemorativa ao V ano da virARTE", Santa Maria/RS.

Tem oito livros publicados, sendo que, os dois últimos como organizadora:

- “Uma História Especial: Pragas ou Anjos” – Conto;
- “A Magia do Encontro” - Contos e Crônicas;
- “Emoções e Arte” – Poesia;
- “Lembranças e Vivências” - Poesia;
- “Chave e Fechadura? Uma História de Descobertas!” – Conto;
- “Peças de Um Mesmo Tabuleiro: Uma História Ímpar!” – Conto;
- “Três Gotas de Poesias – Haicais”;
- “Olhares... – Crônicas Escolares”,

todos pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, do Rio de Janeiro/RJ.

Há mais de 15 anos faz voluntariado com Oficina Literária.

Participa de mais de 100 Antologias e Coletâneas Literárias Nacionais e Internacionais.

É Delegada do Portal CEN - Cá Estamos Nós, para o Estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: Portal CEN

Lila Ripoll Guedes

Cadeira nº 26

Patrona



Lila Ripoll permanece viva, encantada pela qualidade lírica de sua obra, desde os poemas iniciais em *De Mãos Postas*, publicado em 1938 pela Editora Globo. Já em 1941, com *Céu Vazio*, também da Globo, recebe consagração nacional, premiado o livro em primeiro lugar pela Academia Brasileira de Letras. Segue o fluxo eminentemente lírico até *Por Que?*, de 1947 (José Olympio Editora) e, em 1951, lança *Novos Poemas*, com o qual é distinguida com o “Prêmio Pablo Neruda da Paz”, dando início ao novo ciclo de poesia social, que se complementa com *1º de Maio* (estes editados para *Cadernos da Horizonte*, da Livraria Farrroupilha). Em 57, retorna a um passado idealizado, através de *Poemas e Canções*, também da Horizonte e, quatro anos depois, é lançado festivamente na Associação Rio-Grandense de Imprensa. O *Coração Descoberto*, tido como sua obra magna (Editorial Vitória, Rio de Janeiro), na qual encontra por assim dizer as raízes de si mesma, que em última instância, procura demonstrar a universalização da consciência, a realização do entendimento do ser humano inserido no todo. Sua dialética está prestes a uma solução pelo predomínio da verdadeira relação eu-mundo, onde supera a existência para atingir a essência.

Em 1967, poucos dias antes de seu desaparecimento, a Editora Leitura (em convênio com o Instituto Nacional do Livro - MEC) lança Lila Ripoll - *Antologia Poética*, seleção de obras anteriores e de alguns poemas do inédito *Águas Móveis* (1965), que Lila não chegou a ver publicado em vida. Waldir Ayala, porém, em janeiro de 1968, consegue a edição, num exemplar dos *Cadernos do Extremo Sul*, de 16 poemas dos quais destaco este belíssimo:

Noite

“Difusa e lenta

a noite chega em passo de fantasma.

Em suas mãos o silêncio é uma flor
perturbadora.
Flor de impossível
fragrância. Misteriosa e metafísica.
Tudo parece irreal na noite
enferma e despojada.
Vago em silêncio e névoa
dentro dela. Mas vai comigo
um pensamento claro
Um veio de vertente
Sei que existo na noite metafísica
Sou um poeta real. Um fruto estranho
na corrente nebulosa. Fruto palpável.
Fruto humano. Com olhos
de olhar estrelas.
Há um fluxo nervoso
em meus sentidos,
um vai e vem de onda.
um morrer e renascer
de água na praia.
Divido-me entre o sonho
e realidade.
Penso e sofro.
Caminho e amadureço”.

Ouçõ a voz dos críticos e dos amigos sobre sua obra. O eminente escritor e médico Cyro Martins, quaraiense, como foi também a Autora, assim se expressa: “O grande motivo de Lila Ripoll, e isto basta para singularizar um poeta, é a solidão, uma solidão - a solidão ancestral - que não foi procurada, que não sofreu o cultivo de nenhuma morbidez, mas que se foi ampliando fatalmente em torno dela. Estamos em face de um dos pontos culminantes da poesia brasileira de todos os tempos.”

Comentou certa vez Moysés Vellinho: “Se dar a uma mulher o nome de poetisa importa a mais leve restrição a esse título, então eu violarei todas as leis da concordância, para afirmar que Lila Ripoll não é uma poetisa, mas uma poeta no mais alto sentido do vocábulo”.

E Manoelito de Ornellas: “Não tenho o menor receio de colocar, nesta hora, o nome de Lila Ripoll entre as mais puras vozes líricas do Brasil e da América”.

De Portugal, manifestou-se o crítico Augusto dos Santos Abranches,

na *Notícia*, de Lisboa: A profundidade de seu lirismo espanta, pela clareza e pelo equilíbrio de seu formalismo poético. De uma integridade pessoal, feminina na mais pequena variação e profundamente social em toda sua forma de interferência na vida, seu canto eleva-se num impulso de fraternidade.”

Encontro no arquivo de Walter Spalding alguns dados biográficos que a colocam no tempo e no espaço terreno: Lila Ripoll nasceu em Quaraí, Rio Grande do Sul, a 12 de agosto de 1916, filha legítima de Florentino Ripoll e de D. Leonor Pinto. Aí estudou as primeiras letras, aí cresceu, naquela

“Quaraí da praça da cadeia velha,
da igreja das corujas,
das longas avenidas de bambus
...Quaraí de minha casa,
com papai e mamãe no avarandado
sombreado de parreira...”

Depois, Porto Alegre. Continuação dos estudos. Professora, enfim, cujas últimas aulas seriam do Grupo Escolar Venezuela. Um dia Lila casou. Casou com o engenheiro Alfredo Guedes. Mas pouco tempo depois o marido falecia, e Lila voltava à solidão.

Pergunto-me que foi Lila Ripoll, para além dos dados oficiais, para além dos depoimentos de críticos e amigos e confesso encontrá-la, pouco a pouco, relendo devagar a sua poesia. Vejo-a criança, naquela Quaraí onde, filha única, passou os primeiros anos *No Casarão*. Escuto-lhe a voz macia:

Nasci num casarão velho
de esquina,
escondido entre salsos pensativos,
E foi lá que a minha alma, ainda menina,
Olhando dia e noite os poentes vivos.
Aprendi a viajar no pensamento.
Eu fui uma criança sem infância.
Senti, desde pequena, esse tormento
que o sonho traz depois de cada ânsia.
E que é o maior dos males que conheço.
Às vezes, noite alta, eu levantava,

vestia minha roupa pelo avesso
E saía sozinha (a lua espiava)
para olhar as estrelas e os céus altos...
O quintal era um mundo diferente”.

Sim, o quintal banhado de luar, onde sentia o frêmito de uma liberdade imaginária, jamais experimentada. No mesmo poema, adiante, fala “da casa fechada com mil trancas”. Seriam estas trancas os tabus, os preconceitos, as repressões e injustiças do mundo real em que vivia? E que intuícia existirem milenarmente? Por certo, pois em outro poema admite que ainda permanece presa ao mundo das convenções, onde quer que esteja, que se perdeu “em dores e dissabores”:

“Não encontro os caminhos desta vida e já desesperei de os procurar”.

Quero saber daquela menina que se definia “sem infância” e que a encontrou junto ao primo-irmão, Waldemar, quando este foi adotado pelos seus pais, ao falecerem, ainda pequeno, seus verdadeiros progenitores. E após, a dupla perda, por ter ele sido jovem assassinado (em abril de 1934), devido a motivos políticos.

“O menino da pandorga parou de brincar
e ficou olhando admirado.
Os olhos eram dois espantos negros
no seu rosto.
Deixei que me olhasse
deixei que visse as lágrimas:
A pandorga subia,
enfeitada com laços de papel,
verdes, brancos, amarelos
Oh! aquela pandorga, Waldemar,
Viajei com ela para a infância.
O meu quintal surgiu ensolarado.
E com ele o menino dos cavalinhos de pau
dos laços de cipó,
das pandorgas coloridas,
dos barcos de papel
que fugiam na água das sarjetas...
- Não posso ver uma pandorga
sem chorar”.

Há quem diga que data da morte de Waldemar a sua consciência social. Teria sido? Não sei. Releio poema por poema e sinto-lhe a criatura

nascida artista, condensando em poemas os anseios e as aspirações, as trevas e a luz do ser de todos os tempos. Ouço-lhe o canto pelos que não puderam cantar, a palavra pelos que não souberam falar. A poeta confia em solidária solidariedade:

“Suspiro, verso de saudade,
tudo música afinal.
Eu canto porque suspiro, suspiro para não chorar,
Sei que é meu ofício,
que é ofício de cantar,
posso semear esperanças,
posso o futuro plantar!”

E após:

“Poeta, irmão, sonhemos juntos
um mundo sem amarguras.
Sonhemos juntos, plantemos
A terra está como um fruto
em pleno amadurecer”.

Lila Ripoll poeta, irmã, dona de um cosmovisão que se revela nas múltiplas facetas de um rosto que deseja despir-se dos véus inautênticos. Saiu de Quaraí e, já em Porto Alegre, após concluir os estudos secundários, apaixonada pelo piano, freqüentou o Conservatório de Música (hoje Instituto de Artes da UFRGS), onde se diplomou, pensando tornar-se concertista. Os caminhos levaram-na à poesia: acabou tendo de sacrificar seu maravilhoso piano para poder financiar a edição de um livro. Ironia do destino ou vocação irreprimível? Quem entende a trajetória de um artista, daquele que deixa seu rastro luminoso de alguma forma sobre a face do tempo, tornando-o atemporal, testemunho do eterno na fugacidade da condição humana?

Lila, miúda, frágil, um dínamo em constante ritmo de existir: sua coragem e seu desejo de difundir a arte por todos os meios fizeram com que diversificasse as atividades: poeta sempre, a qualquer hora do dia ou da noite, durante anos dedicou-se ao comando do orfeãozinho do Venezuela; organizou (e regeu) o Coral do Metalúrgico - Agremiação anexa ao Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos - fundou também o Grupo de Arte para

promoções teatrais; escreveu a peça de teatro, *Um Colar de Vidro* (encenada no Theatro São Pedro e amplamente aplaudida). Aliás, sobre a peça, Rita Canter escreveu em *Depoimentos Literários*: “*Um Colar de Vidro*, em três atos curtos, sem pretensões maiores, é obra de crítica social. Advinda daquela mesma luta em que se empenha no inconformismo e mágoa às injustiças humanas, surge, num enfoque irônico e mordaz, como consciência crítica de uma sociedade burguesa moderna, no que ela tem de banal e efêmero. Mas a artista é antes de tudo poeta. Não há como fugir. Em meio ao movimento, inquietação e vida no desdobrar das cenas resulta a beleza de um teatro poético, ainda que não estruturalmente”.

Escreveu uma peça: montou outra, de Vinícius de Moraes, *Orfeu da Conceição*, com Delmar Mancuso encabeçando um grupo de atores gaúchos. Foi Presidente da Associação Brasileira de Escritores do Rio Grande do Sul, promovendo encontros com intelectuais de todo o País, nesta cidade; dirigiu a revista de vanguarda cultural *Cadernos da Horizonte*, em que colaboravam os mais importantes nomes das letras nacionais e, no início dos anos 50, visitando a Europa e indo até Moscou, como integrante de uma Delegação Cultural Brasileira, realizava um antigo sonho.

Mas quem foi Lila Ripoll? Já possuo o seu retrato real? É na obra, mais uma vez na obra, que lhe descubro, à medida que se despoja das máscaras, à medida que crescem e amadurecem seus poemas. Sobre sua fisionomia poética, diz Walmir Ayala:

“Uma fisionomia (...) integral, baseada num certo desencanto (...), um coração participante e esperançoso, um pudor de sua solidão (...). Sua cisma se estende em verso livre, como gemido (...). Há qualquer coisa perdida entre ela e ela (...). Lila canta baixo como fala baixo (...).”

Sim, canta e fala baixo, mas a voz se eleva através de um de seus poemas proféticos, pungentes:

“Não. Não irei sem grito.
Minha voz nesse dia subirá.
E eu me erguerei também.
Solitária.
Definida.
As portas adormecidas abrirão
passagem para o mundo.
Meus sonhos, meus fantasmas,

meus exércitos derrotados,
sacudirão o silêncio da convenção
e as máscaras de piedade compungida.
Dispensarei as rosas, as violetas,
os absurdos véus sobre o meu rosto.
Serei eu mesma,
Estarei inteira sobre a mesa.
As mãos vazias e crispadas.
Os olhos acordados,
a boca vincada
de amargor.
Não, não irei sem grito.
Abram as portas adormecidas,
levantem as cortinas,
abaixem as vozes
e as máscaras
que eu vou sair inteira.
Eu mesma. Solitária,
Definida.”

Juntam-se os fragmentos, unem-se afinal em mosaico bizantino, pleno de cores e ritmos dramáticos na forma e no conteúdo humano.

Lila, em seu leito de morte, luta para ver publicados seus versos inéditos, cujos originais ainda agora esperam uma edição condigna. E diz:

“Enferma,
circunscrita aos limites do meu leito,
faço um curso de silêncio e solidão.
Curso de olhar e ver.
De calar e compreender.
No meu quarto, é tempo de pensar,
Tempo de alongar o olhar para além das paredes.
De entender as mensagens secretas. De ler
nos muros apagados.
Nunca imaginei tão grande
o peso das palavras. Dos pensamentos
escondidos. Das confissões não anunciadas.

Agora é tempo de avaliar.
Torno-me lúcida. Domino a ciência
de entender. Retornam as lições
desaprendidas. As coisas olvidadas.
Sobem de todos os porões retalhos
de conservas. Despojos de vida.
Amores de papel. Julgamentos injustos.
Muita poeira. Muita areia. Mas também
canções perdidas e reservas de estrelas.
É tempo de pensamento e solidão.
Tempo de procurar em mim.
Tempo de me ver inteira num espelho.”

Lila, enfim, inteira, autêntica, mergulhada na solidão ancestral. Mas apreendido o sentido da evolução, do cumprimento dos ciclos, onde, por certo, haverá reservas de estrelas. Mesmo porque elas também morrem e sua luz pode permanecer por milênios, eternizada pelo insondável mistério da criação.

Patrícia Bins

Araci Dantas Gusmão Perillo
Cadeira Nº 26



Nasceu em Porto Alegre no dia 26 de novembro de 1897 e morreu na cidade do Rio de Janeiro em 09 de outubro de 1980

O batismo de Araci está lavrado na Paróquia Mãe de Deus de Porto Alegre, filha de Dr. Antônio Soares Amaya Gusmão e de Stela Dantas Gusmão, eminente professora e autora didática que a alfabetizou.

Aracy poetou desde os 13 anos, publicando o primeiro trabalho na *Revista da Semana*, escondida sob pseudônimo. Coursou a Escola Normal de Porto Alegre, atual Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha. Lecionou, foi poetisa, declamadora. Estava em andamento a I Guerra Mundial quando, em 1917, a Liga de Defesa Nacional lhe solicitou uma conferência para despertar nos jovens o desejo de alistamento voluntário no Exército Nacional. A conferência logrou seus objetivos e a conferência recebeu publicação.

Atingindo maioridade, em 1919 Araci frequentou no Rio de Janeiro o curso de declamação de Ângela Vargas, artista colocada, então, à altura de Margarida Lopes de Almeida. No Salão de Ângela, Araci leu com sucesso os originais de seu livro *Êxtase*, publicado dois anos mais tarde. Na ainda provinciana Porto Alegre, sua arte declamatória não teve a mesma receptividade. Araci reagiu. Para formar público, abriu o curso de Declamação para Moças, ministrando aulas no Clube Caixeiral, no centro da cidade. Houve recitais no tradicional Teatro São Pedro; ela própria apresentou-se em teatros de vários Estados, culminando no Instituto Nacional de Música, em colaboração com a escritora Diva Dantas.

Araci privou com Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Ronald de Carvalho Machado, Coelho Neto e outros, o que favoreceu seu reconhecimento pela imprensa. João Pinto da Silva classificou-a como poetisa à altura de um Alceu Wamosy e Zeferino Brasil.

Em seus recitais usava os poemas “sensíveis e humanos” de seu único livro, *Êxtase*, publicado em 1921. Na dedicatória do exemplar doado à Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, declara que são os versos de sua mocidade. Um dos primeiros sonetos atesta este particular:

ONTEM E HOJE

*E cantava a paixão sem ter sentido
Na alma ou nos olhos o deslumbramento
Que hoje me invade o coração vencido
Num profundo e celeste encantamento.*

*Eu cantava, num êxtase incontido,
Todo o sonho febril do pensamento...
A tristeza sem nunca ter sofrido...
E o amor sem ter amado um só momento...*

*Eu cantava a delícia da ventura
E a presença ideal, formosa e pura,
Que a mocidade docemente embala...*

*Mas a sorte, afinal, pôs-te a meu lado...
E eu, que cantava o amor sem ter amado,
Hoje canto a paixão que me avassala!...
(Gusmão, 1921, p. 9).*

Êxtase se esgotou. Entrementes, em 1925, Aracy mudou-se com os pais para o Rio de Janeiro, bairro Botafogo. Em 1927, casou com o goiano Elvert Plínio Brasil Perillo. Quando Stélio nasceu, parou de produzir. Ou melhor, escrevia poesias atendendo a chamamento intelectual, mas engavetava-as porque o filho e o lar lhe estavam em primeiro lugar – atitude comum à mulher da época, destinada aos afazeres femininos: *Tendo um filho nos braços, a vida me redimiou dos possíveis espinhos que encontrei em meu caminho* – disse em seu Discurso de Posse na Academia Literária Feminina, e o repetiu ao amigo Nilo Tapecoara, que por muitos anos produziu a saudosa coluna Bric-a-Brac da Vida, do jornal *Correio do Povo* de Porto Alegre.

Colaborou no jornal *A Noite* do Rio de Janeiro, e na revista *Vitrine*, dirigidos por seu amigo André Carrazoni, na *Revista Semana* e em *Atenéia*, revista da Academia Literária Feminina.

Aracy manteve liames com o mundo literário de sua Porto Alegre natal. Quando em abril de 1969, já septuagenária e residindo há 20 anos no Rio, inaugurou a Cadeira 29 da Academia Literária Feminina, escolheu para

patrona a grande poetisa Lila Ripoll, falecida quatro anos antes. Noite de festa no Salão Nobre de Associação Riograndense de Imprensa, gentilmente cedido para o evento. Seu discurso de posse é um depoimento de vida, com linha de ação comum à maioria de suas contemporâneas:

Vivo a simples vida tranqüila de esposa, mãe e avó, embora continuasse sempre a escrever e a guardar na gaveta meus sonhos. Que mais poderei dizer destes anos todos? Que envelheço tranqüila, sem remorsos e sem aflições? Que levanto meus olhos para o alto, para a beleza do céu e a glória do sol, procurando esquecer os espinhos e as pedras do chão? Que vivo para realizar a felicidade de um homem, criar e educar meu filho, sentir que hoje meu inverno se faz primavera quando volto à infância, brincando com meus netos?

Mas esta é a vida e a história de todas as mulheres de nossa terra que resumem no dever e no amor a vida inteira!

MEU NETO E EU...

Araci faleceu em 1980, aos 83 anos de idade. Hoje é nome de rua em Porto Alegre. Deixou um único livro de poesia, *Êxtase*. *Alma sertaneja* é teatro encenado. Inéditos ficaram livros de poesia, de teatro e literatura infantil.

A Pasta da Cadeira 26, da Academia Literária Feminina RS, guarda umas tantas poesias soltas, expressando sentimentos secretos, talvez inconfessos, como os que seguem:

A ALGUÉM

*Tantos anos depois tu me apareces
num momento de súbito esplendor
sem dizer que o passado não esqueces
e a saudade conserva um velho amor.*

*Separados embora pela vida
nada pôde afastar dois corações
que na mesma ternura comovida
ainda guardam antigas ilusões.*

*Somos ambos fantasmas de um passado
que não pode afinal ressuscitar.
E o sonho, no silêncio mergulhado,*

tem apenas o bem de recordar.

*Percorremos caminhos diferentes
não sabias de mim nem eu de ti.
E a verdade ressurge de repente:
- Nem me esqueceste nem eu de ti.*

*Mas temos que trilhar nossos caminhos
que não podem unidos prosseguir.
E embora corra o sangue nos espinhos
precisamos partir...*

Patrícia Doreen Bins

Cadeira 26



Patrícia Doreen Bins nasceu no Rio de Janeiro em 1928 e reside em Porto Alegre.

Romancista, contista, artista plástica, jornalista, professora, tradutora. Filha de húngaro Andrew Stroh e da inglesa Íris Hollyday Stroh. Viúva do arquiteto Roberto Bins. Coursou Belas Artes na UFRGS e Inglês na Michigan University. Lecionou inglês.

Membro da ALF e da Academia de Letras do Brasil, sócia de instituições nacionais e estrangeiras. Destaque literário 1987 pela TV Bandeirantes de Porto Alegre, Patronesse da Feira do Livro de Porto Alegre em 1998. colunista da Folha da Tarde, 1976-1980 e Correio do Povo de Porto Alegre 1968-1987.

Traduziu Carlos Nejar e outros. Tem obras traduzidas para o inglês e espanhol.

Participou em Evangelho na Taba, 1979, em São Paulo; Rodízio de contos, 1985, Porto Alegre; New Directions, 1983, New York; Memórias de Hollywood, 1988, São Paulo; Landscapes of a New Land, 1989, New York; Anthology of Latin American Writers, 1989; Presença Literária, 1989, 1990, 1993, 1995 e 1998, Porto Alegre; Coletânea de Ensaios, 1991, Rio de Janeiro; Marco Sul-Sur, 1992, Porto Alegre; Contos-cuentos, 1992, Buenos Aires; Coletânea de Entrevistas, 1994, Roma; Brasil: receitas de criar e cozinhar, 1998, Rio de Janeiro (org.).

Publicações: O assassinato dos pombos, 1982, Porto Alegre, Contos: a Trilogia da Solidão, editada no Rio de Janeiro; Jogo de fiar, 1983 (prêmio Grande Medalha da Inconfidência, grau Ouro, 1984; Antes que o amor acabe, 1984 e Janela do sonho, 1986 (prêmio Afonso Arinos, da ABL-1987 e Menção Especial da UBE-1987; os romances da Trilogia da Paixão: Pela nua do espelho, 1989 (prêmio coelho Neto, da ABL, tradução para o inglês por

Tina Schumacher, v., e para o espanhol), Theodora, 1991 (Prêmio Alejandro José Cabassa, da UBE, 1994) e Sarah e os anjos, 1993 (Prêmio José de Alencar, da ABL, 1994), todos no Rio de Janeiro; Caçador de memórias, 1995, Rio de Janeiro (romance, prêmio Hours Concours, da UBE); O dia da árvore, 1996, Porto Alegre (Prêmio Especial do Júri, 1998, da UBE); Pedro e Pietrina, uma história verdadeira, 1997, Rio de Janeiro (Prêmio UBE/1998, Rio de Janeiro); P resgate da fábula, 1998, Porto Alegre.

Helenita Rosa Franco
Cadeira N° 26



Helenita Rosa Franco possui graduação em Pedagogia Supervisão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1977), mestrado em Modern and Classical Languages Department - University of New Mexico (1991) e doutorado em Latin American Studies - University of New Mexico (1999). Atualmente é professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Crítica Genética, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, crítica genética, crítica literária, literatura comparada e acervo.

Lúcia Miguel Pereira
Cadeira Nº 27
Patrona



Lúcia Miguel Pereira nasceu em Barcelona a 12 de dezembro de 1901 e faleceu em 1959 em desastre de avião na baía de Guanabara juntamente com seu marido, o escritor Otávio Tarquínio de Souza. Seu pai foi o eminente médico Dr. Miguel Pereira. A escritora Lúcia Miguel Pereira recebeu esmerada educação, tendo freqüentado os melhores colégios da época no Rio de Janeiro.

Colaborou nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) e na revista *Brasil*. A Escritora dominou com brilho diversos gêneros literários.

Em 1933 publicou seu primeiro romance com o nome de *Maria Luiza* e logo depois *Em Surdina*. Tais obras anteciparam os traços fundamentais de seu estilo. Entretanto, somente dois anos depois é que chamaria a atenção da crítica para o seu nome com a publicação do ensaio crítico-biográfico de Machado de Assis (1936). Sucederam a esta primeira edição mais quatro.

A Autora é considerada a maior biógrafa da obra do genial autor brasileiro. No prefácio de 5ª edição escreve:

“Desde 1946, quando saiu, ainda na Coleção Brasileira, que inicialmente o acolhera, a terceira edição desse livro, perdera eu qualquer contato com ele. Propositadamente, nem o reli para a quarta edição, feita dois anos mais tarde pela Casa Jackson. É que empenhada naquele momento numa nova apreciação de Machado de Assis, que me obrigava a reexaminar-lhe a obra - a que figura no volume XII da *História da Literatura Brasileira*, projetada por José Olympio - não me queria deixar impressionar e cercear pelo que já tivesse dito. Era-me indispensável então a mais ampla liberdade de espírito, que, embora sobre o mesmo tema, deveriam divergir de ângulo de visão os dois estudos, tendo este incidido de preferência sobre aspectos biográficos, destinando o outro a ser estritamente crítico; encarada aqui sobretudo a função do homem, para tentar descobrir-lhe o feito íntimo através das confissões involuntárias do escritor, a obra concentraria ali todo o

interesse, seria considerada em si mesma.

Inteiramente novo, e diverso - ainda que nunca essencialmente discordante - do primeiro, é pois aquele trabalho, análise mais em profundidade, que me revelou recantos ignorados, ou, melhor, apenas vislumbrados do mundo machadiano. Por isso, ao receber do editor José Olympio o convite para, na quinta edição, incluir este livro, escrito Há dezessete anos, na *Coleção Documentos Brasileiros* temi reaproximar-me dele, após a exploração que julgava mais minuciosa.

Tarefa em regra penosa, não raro degenerado em lição de humildade, a rever textos antigos. Não digo que me poupasse este, confesso porém que, relendo-o agora, não com olhos maternos de autora, senão com severos olhos de crítica - que não lhe esconderam as deficiências, e me forçaram a introduzir várias alterações, corrigindo aqui expressões pouco precisas, esbatendo ali certas afirmações, acentuando acolá traços indecisos - agradou-me surpreender-lhe um acento de fervor, de entusiasmo não só pelo grande homem que o inspirou como pela literatura. E não me alegrou menos verificar que, sem este contato com o homem não me teriam sido possíveis as posteriores e mais penetrantes sondagens da obra. Por muito que, perfeita e acabada, a criação se desligue do criador e adquira vida própria, sempre lhe guarda a marca, sempre de algum modo com ele se identifica.”

(Petrópolis, março de 1953)

Das linhas acima se infere o espírito arguto, escrupuloso da escritora que mesmo tendo seu livro editado sucessivas vezes não se poupou do trabalho de revê-lo, auscultá-lo na trabalhosa aproximação com o seu biografado. A lisura intelectual é o traço marcante dos grandes escritores.

Todavia em sua carreira literária o romance, ao lado do ensaio e da biografia, foi o gênero que mais a seduziu como reflexo natural de sua vocação de ficcionista. Depois dos romances anteriores, escreve o admirável *Cabra-Cega*, narrativa que supera as anteriores por todas suas qualidades literárias virtualmente inatacáveis.

Um tema que lhe foi bastante caro ao espírito e à sensibilidade - o tema do eterno feminismo - em suas manifestações e nuances, como a adolescência quando dos primeiros encontros com a realidade de um mundo hostil e temeroso, que a escritora capta com rara perspicácia e agudeza psicológica movimentando-se com admirável segurança num estilo sempre

ajustado ao desenvolvimento da narrativa e à própria caracterização dos personagens quer pelo equilíbrio e a realidade que vivem na teia de seus romances. Seus personagens adolescentes aparecem diante do leitor com suas primeiras reações em face de um mundo recém descoberto ou mal encoberto de paixões e instintos. É a própria simbolização da adolescência em choque com a realidade da vida em esplêndida atitude de verossimilhança literária. A romancista não descreve situações pungentes de seus personagens em manobras artificiais de sua criatividade literária. Na urdidura de seus romances a vida desfila com seu cortejo de lamentos humanos, ódios, desesperos, alucinada solidão, prazeres sadios, felicidades enrustidas no dia-a-dia em que se movimentam suas figuras na arte consumada da grande escritora.

Ainda na crítica com o mesmo brilho *A Vida de Gonçalves Dias* editado em 1943 e cuja edição foi rapidamente esgotada.

Ao salientar ainda a obra de vulto *História da Literatura Brasileira* sob a direção de Álvaro Lins, vol. XII - *Prosa de Ficção 1870-1920*). Esta obra faz parte da *Coleção Documentos Brasileiros*, dirigida por Otávio Tarquínio de Souza.

Mas a versatilidade de Lúcia Miguel Pereira vai além. Ei-la com as obras da literatura infantil: *A fada Menina*, *A Floresta Mágica*, *Maria e Seus Bonecos* e *A Filha do Rio Verde*, edições também esgotadas.

Lúcia Miguel Pereira, autêntica representante da cultura e capacidade intelectual da mulher brasileira, deixou traduzidas *Meditações de Marco Aurélio*, *A Vida Trágica de Van Gogh* de Irving Stone e *Maria Madalena* de R.L. Bruckberger.

Falecida tragicamente aos 58 anos, deixa a ilustre patricia seu nome inscrito na vasta galeria de homens e mulheres que erigiram a nossa civilização brasileira.

Eis, pois, em rápidas pinceladas, o retrato da vida e obra de Lúcia Miguel Pereira, e que a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul homenageia concedendo-lhe o título de: Patrona da cadeira (vitalícia) n° 27 e que tenho a honra de ocupar.

Maria Isaura E. Gameiro

Maria Isaura Medeiros Gameiro

Cadeira Nº 27

Presidente



Maria Isaura Medeiros Gameiro nasceu na cidade de Porto Alegre em 1914. É filósofa, sempre voltada ao civismo e à vida comunitária. Pertence a várias instituições culturais e assistenciais.

Presidiu a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, de 1970 a 1979. Foi Vice-Presidente no início da década de 80, vindo a assumir a presidência, em substituição à acadêmica Mila Cauduro, então Secretária de Estado da Cultura.

Sempre muito dedicada, acompanhou por muitas décadas as atividades acadêmicas. Foi minha paraninfa e ao preparar-me para assumir a cadeira anteriormente ocupada por Lydia Moschetti – idealizadora e fundadora da ALFRS, disse-me que há oito anos guardava esta cadeira a “sete chaves”.

De pronto assumi os estudos para a posse. Á medida que lia os livros de Lívia Gianini – da Itália, passando, no Brasil a identificar-se como Lydia e, após o casamento, como Lydia Mochetti, lembrava-me de um sonho, de dez anos anteriores, quando a fundadora ainda vivia. Venho dizer que vislumbrei a antecessora da Cadeira nº 1, sentada em minha sala do escritório, em uma cadeira, à minha frente, próxima à porta.

Hoje, pouco tempo depois de Maria Isaura completar 90 anos venho prestar minha homenagem acadêmica.

Revisitando sua obra literária, publicada em sucessivos números de Atenéia, revista da Academia, constatei, na edição de novembro 1958, por ocasião das comemorações dos nove anos desse veículo publicitário da Academia, fundado pela acadêmica Aurora Nunes Wagner, à página 3, no Editorial intitulado: “A Paz”, de nossa homenageada:

A paz é a resultante da força do direito e da justiça e jamais deverá ser o domínio da força em detrimento da justiça. O organismo político universal conta hoje com a Organização das Nações Unidas, entidade criada após a última guerra para dirimir questões, disputas e desagrvos entre os povos e preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por sua vez no espaço de nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade.
A paz não deve repousar no temor às nações fortes e no terror dos povos fracos. A paz deve ser a suprema conquista da razão e do amor.

Este trecho, a meu ver, escrito há mais de quarenta anos, parece estar muito atual quanto aos continuados problemas de ataques por terroristas e por invasores “em defesa”, como no Oriente da atualidade.

Na mesma revista, à p.5, encontramos uma exaltação aos jangadeiros, por Maria Isaura e trazemos a lume sua percepção de nordestinos:

Como equipamento trazem eles a varonil audácia, o destemor escudados em seus corpos enrijecidos pela luta cotidiana contra o bravio contendor em cujo seio buscam o sustento para a vida, arrastando a própria morte.

Em outro número da revista Atenéia, de 1969, à p. 42, escreveu o artigo “Dia Pan-Americano”, que enfatiza a amizade entre os povos americanos para o fortalecimento da paz, assim como hoje continuamos a desejar:

Americamos do sul, norte ou centro, rejubilemo-nos com o transcurso do dia 14 de abril, “Dia Pan-Americano”. E cooperemos para que nosso continente seja o domicílio permanente da paz!

Em mais outra Atenéia, à p. 90, Maria Isaura Gameiro, assim conhecida quando publicava sua produção literária em prosa, também foi suplente da Delegada do Brasil, em Mesas Redondas Panamericanas. Após ter sido Delegada em exercício e apresentado mensagem às Delegadas do Brasil nas Mesas Redondas Panamericanas, por ocasião da Semana da Pátria brasileira, assim expressou-se:

A nação cumpria o determinismo peculiar a todos os organismos vivos. O desmantelamento de sua origem. Surgiu uma nação entre outras nações. Não foi um ato de insubordinação à Mãe Pátria. Não. Foi uma seqüência natural e lógica de seu desenvolvimento impulsionado pela opulência da terra e pela vitalidade quase embrionária do seu povo. Dessa origem guardamos o sentimento de unidade e a língua.

Não queremos a nossa Pátria forte para oprimir as mais fracas. Não a queremos rica para humilhar as menos afortunadas. Mas a desejamos livre, digna e progressista sem detrimento de outras nações ou outros povos. Desejamos, sim, a expansão máxima de seus recursos naturais para o bem-estar de seus filhos. Desejamos, sim, que continue grande para abrigar os que aqui vierem com propósitos pacíficos cooperar na construção do progresso e em busca da evolução social.

Dessa forma, percebemos que há mais décadas os mesmos temas que preocupavam a acadêmica continuam sendo, na atualidade, temas de debate não só entre os povos das Américas, mas de todo o mundo, pois Porto Alegre, de 26 de janeiro a 31 de janeiro do ano de 2005, sediou o V Fórum Social Mundial. Os representantes dos cinco continentes concentraram-se em reflexões e proposições, pois acreditam que um novo mundo é possível, evidentemente com respeito às identidades dos povos, nações e Estados, legitimamente constituídos, como povo, território e governo, que saibam as verdadeiras dimensões de nossa soberania que se expressa nos espaços aéreos, terrestres e marítimos de nossas milhas, internacionalmente reconhecidas.

Em outra oportunidade, em artigo publicado à página 16, foi transcrita de sua lavra *Oração à Pátria*, proferida em sessão da ALFRS, em homenagem à Semana da Pátria:

Aqui reunidos louvamos o teu passado e cultuamos o teu futuro. Oremos, pois, pelo teu futuro. Invocamos, ó Pátria, para que continues patrimônio soberbo e comum do seus filhos! Para que não venhas pelos desmandos deles constituir nota dissonante no concerto das demais nações! Oremos para que possas equiparar-te

*às nações mais ilustres e mais poderosas, não com propósitos mesquinhos de prepotência política e racial.
Oremos para que o teu nome ou a tua imagem não constitua símbolo de opressão ou tirania. Que a ação conjunta, harmônica e patriótica de teus filhos atinja a sua plenitude e relegue ao plano dos atos transitórios e negativos as disputas inúteis, estéreis que os cegam e desunem!*

Assim, também é tempo de lembrar que os países detentores de melhores tecnologias e conhecimentos científicos coloquem à disposição do mundo os sistemas de alerta internacional para que avisem com antecedência possíveis catástrofes naturais.

Em outro número de Atenéia, à página 74, encontramos o artigo da professora Maria Isaura, intitulado “O poder do Pensamento”, no qual enfatiza que, desde as mais audaciosas realizações do engenho humano às mais sutis ou transcendentales conquistas, têm o seu germe embrionário no Pensamento!

Possui grande capacidade no exame de temas múltiplos, justificada por sua formação, licenciada em Filosofia, História e Psicologia, pelo MEC, após bacharelar-se em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1960.

Frequentemente aborda temas humanísticos e sociais, inclusive em seus poemas, os quais assinava Marisaura, publicados em jornais esparsos, revistas e boletins. Chamamos atenção para alguns trechos de seu poema:

Dos rios e do mar...

Onde nasce o mar?

Os rios são doces e busca o mar!...

Os rios civilizam-se, subjagam-se!

Quem subjuga o mar?

Quando o rio salta, rebela-se em fuga desesperada.

Não é mais rio.

Desfigurou-se. É corredeira... é cascata.

Há rios que alimentam povos e culturas. O Nilo

Há rios sagrados: O ganges, o Jordão!

Há rios irônicos – o Pó.

O mar?... é apenas o Mar!

As cidades podem poluir os rios.

Não podem ofender ao Mar..

Atualmente o mundo está atento aos sistemas de alertas internacionais que avisam com antecedência possíveis catástrofes naturais como a de Tsunami, no Oriente, que atingiu quase vinte países.

E a humanidade precisa voltar a refletir mais e ser mais amiga do pensamento, da reflexão, mãe da sabedoria. É preciso aprofundar valores fundamentais, virtudes e atitudes entre os mais cultos e repassar à toda a sociedade, à aldeia mundial.

Nossa sociedade evoluiu na sofisticação de equipamentos que substituem a força de trabalho braçal, no entanto, oportunizou uma tal celebridade no seu funcionamento que parece agora competir com o próprio raciocínio humano, que embora mais rápido em alguns cérebros, está a atropelar as melhores etapas das realizações humanas.

É necessário pensar e para tanto carecemos de serenidade para conviver. Hodiernamente é uma exigência prioritária, bem assim como a coesão social.

Cooperação e solidariedade que não dêem espaço à oposição, à divisão, à separação, à retalhação que fazem perder os mais preciosos momentos existenciais, ou seja, a educação dos sentimentos.

Ana Regina Berwanger

Cadeira Nº 27



Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal de Santa Maria (1981) e Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Maria (1976). Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **(Texto informado pelo autor)**

Formação acadêmica/titulação

2010 - Mestrado em andamento em LETRAS.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Título: Organização e análise da correspondência do Arquivo Guilhermino Cesar, Orientador: Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva.

1982 - Especialização em Organización y Administración de Archivos.

Centro de Estudios Bibliográficos y Documentários. Título: Organización.

1993 - Aperfeiçoamento em Archives Course. National Archives os Canada.

Título: Arquivos. Ano de finalização: 1993.

1978 - 1981 - Graduação em Arquivologia. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil.

1974 - 1976 - Graduação em História. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Brasil.

Homenagem

1993 - Homenagem Especial dos Arquivistas, Universidade Federal de Santa Maria.

1992 - Patronesse dos Arquivistas, Universidade Federal de Santa Maria.

1985 - Homenagem Especial dos Arquivistas, Universidade Federal de Santa Maria.

1982 - Patronesse dos Arquivistas, Universidade Federal de Santa Maria.

1978 - Menção Honrosa (Conselho de Representantes do Diretório Acadêmico), Curso de Arquivologia da universidade Federal de Santa Maria.

Produção bibliográfica

Livros publicados/organizados ou edições

1. BERWANGER, A. R.. Noções de Paleografia e de Diplomática. 3. ed. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2008. 124p .

2. BERWANGER, A. R.. Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos referentes à Capitania do RS, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, 2001. 240p
Capítulos de livros publicados
 1. BERWANGER, A. R.. A Paleografia e o Projeto Barão do Rio Branco. Paleografia e Diplomática no Curso de Arquivologia da UFSM. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2007, v. , p. 201-215.

Cecília Meireles

Cadeira 28

Patrona



Cecília Meireles Benevides de Carvalho é uma das intelectuais de maior importância na vasta galeria de escritoras e poetisas de Literatura Brasileira Contemporânea. Assim a classifica a epígrafe do Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* de 20 de abril de 1985, num alentado estudo sobre o Renascimento do Lirismo Trovadoresco no Brasil:

“Meus olhos eram mesmo água
- te juro
mexendo em brilho vidrado:
verde claro verde escuro
Dama de aljofre guarnida,
a história que me contais
é a minha própria história”

Quase dois séculos nos separam da tida como a primeira cantiga trovadoresca do cancionero galaico português. Este e outros cantares vêm sendo reescritos por várias autoras brasileiras deste século, mais ou menos “cortadas” que favorecidas pelas circunstâncias de ordem cultural tiveram acesso a esta lírica, e a partir de tais “motivos”, reinventaram sua própria linguagem poética.

Cecília Meireles é uma delas. Revela sua extensa obra num parentesco forte com a lírica medieval que surge a caracterizar uma de suas faces mais significativas: a ligação intensa com a experiência de vida portuguesa.

Apesar de seu “parentesco” afetivo com o lirismo trovadoresco, Cecília Meireles é um dos temperamentos mais vibrantes da intelectualidade brasileira de nossos dias. Poeta de raça, nascida no Rio de Janeiro, onde se diplomou pela antiga Escola Normal, ainda muito jovem deu a lume dois livros de versos: *Balada para El-Rei, Nunca Mais...* e *Poema dos Poemas*.

Ocupou em 1935 a Cadeira de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal e mais a de Técnica e Crítica Literária.

Realizou várias conferências e cursos sobre a Pedagogia, Arte e Literatura, tanto em Portugal, que visitou a convite do Secretariado de Propaganda, como nos Estados Unidos, onde esteve em 1940.

Seu livro *Viagem* recebeu prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1948, com um brilhante parecer de Cassiano Ricardo.

Vaga Música, aparecido em 1942, e *Mar Absoluto*, a mais recente de suas obras poéticas, lhe granjearam, por parte da crítica nacional e estrangeira, as mais justas e congratulatórias láureas.

Caracteriza-se o lirismo trovadoresco e a “identidade” da voz lírica. De fato, a primeira fase do primeiro livro de poemas de C.M. de 1929, evidencia tais relações. Trata-se do livro *Viagem (Idas e vindas a Portugal é o título de um dos poemas deste livro)*. As viagens freqüentes e por lugares diversos, também favorecidas por circunstâncias pessoais - o casamento com um português - amigos portugueses que se sucedem, espalhados nos seus poemas.

Este caráter “anfíbio”, luso-brasileiro, representa-se na construção de uma linguagem poética marcada por um apego a motivo trovadorescos e à sua interpretação, mas - e daí a particularidade de Cecília Meireles - mostrando uma variedade em grau de fidelidade à linguagem arcaica e às formas autênticas do trovador antigo.

O percurso do temário amoroso, recheado de reminiscência do “Trovar” antigo tem um ponto singular, um poema escrito em janeiro de 1964, poema, pois, - de fim de obra e de vida, dedicado ao segundo marido, Heitor Gillo.

Com Cecília Meireles a vertente intimista afina-se ao extremo e toca os limites da música abstrata. Parte de um certo distanciamento do real imediato e norteia os processos imagéticos par a sombra, o indefinido, quando não, para o sentimento da ausência e do nada.

Apesar desses caracteres, não cremos que se deva da ênfase às ligações de Cecília Meireles com o grupo FESTA e com o simbolismo, que o referido grupo pregava como fórmula para conjurar o “perigo” modernista. Cecília esteve próxima do círculo de Tasso da Silveira e Andrade Murici, compartilhando com eles o culto a Cruz e Souza e a Alphonsus Guimarães, então na penumbra; e por certo, há ressonâncias de ambos em seus primeiros versos, *Nunca Mais, Poema dos Poemas e Balada Para El-Rei*. É verdade que Cecília renegou essa fase ao excluí-la de sua *Obra Poética*. Em suas próprias palavras “a poesia é um grito, mas transfigurado”. A

transfiguração faz-se no plano da expressividade... E Cecília foi escritora atenta à riqueza do léxico e dos ritmos portugueses, tendo sido talvez o poeta moderno que modulou com mais felicidade os metros breves, como se vê nas *Canções* e no trabalhadíssimo *Romanceiro da Inconfidência*.

Anos depois, Cecília Meireles preferiu trilhar caminhos pessoais mais modernos. Viajou longamente pelos países de sua predileção: México e sobretudo Portugal, onde viu reconhecido o seu mérito, antes mesmo de consagrar-se no Brasil como uma das maiores vozes poéticas da língua portuguesa contemporânea. É inegável a influência exercida sobre Cecília Meireles por sua avó materna, açoriana, com quem conviveu na infância, em sua obra e seus pronunciamentos. Cecília Meireles em sua juventude dedicou-se por longos anos ao magistério e essa atividade inspirou o bellissimo livro para curso primário *Criança, Meu Amor*.

Ao desaparecer em 1964 deixou rastro luminoso que ainda enleva aos que têm capacidade de entendê-la e senti-la. Sua influência ainda palpita na “Sala Cecília Meireles” no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e onde se realizam espetáculos artísticos e culturais de alto nível.

O Governo Brasileiro reverencia sua memória ao estampar suas feições e suas palavras no gênero poético (lírico) que tanto a distinguiu, em cédulas de moeda corrente, de cem cruzeiros.

A obra de Cecília Meireles foi motivo de estudos de diversos autores de prestígio no Brasil e no estrangeiro. Entre estes, Mário de Andrade, Alvaro Lins, Roberto Alvim Correia, Carlos Drummond de Andrade, Natércio Freire (Em *Poetisas do Brasil*, in *Atlântica*, Lisboa, 3ª série de vários outros estudos a seu respeito).

Além das obras citadas no texto, produziu: *Espectros*, 1919; *Ruy*, do mesmo ano; *Retrato Natural*, 1949; *Amor em Leonoreta*, 1952; *Pequeno Oratório de Santa Clara*, 1955; *Doze Noturno de Holanda* e *O Aeronauta*, ambos de 1952; *Pistóia*, 1955; *Metal Rosicler*, 1960; *Poemas Escritos na Índia*, em 1961, possivelmente em Goa; *Antologia Poética*, 1963; *Ou Isto ou Aquilo*, 1965; *Crônica Trovada da Cidade de San Sebastian*, 1965; *Panorama Folclórico dos Açores*, especialmente da Ilha de São Miguel, 1958.

De seu contato com a infância deixou o estudo: *Problemas da Literatura Infantil*, 1951 e *Giroflé e Giroflá*, 1956.

Há edições completas de suas poesias como: *Obra Poética, Aguilar*, publicada em 1958.

O “sábio ecletismo” que Mário de Andrade notava em Cecília Meireles ao comentar *Viagem*, fê-la preferir algumas vezes o verso livre, manejando-o, porém, em consonância com o tom fundamental de fuga e de sonho que acompanha toda a sua lírica.

O projeto de uma lírica essencial é comum a quase toda a poesia pós-modernista. Dele participaram, cada um a seu modo, poetas que têm escrito desde a década de 30, ou desde o fim da década anterior e devem figurar como Drummond, Jorge de Lima e Cecília Meireles, como vozes originais da literatura brasileira contemporânea.

Colaboração de Acadêmicas

Lia Corrêa de Mello

Cadeira N° 28



Lia Corrêa (Cecília Corrêa de Mello) nasceu em Bom Jesus, a “Noiva do Sol”, mas parecia que na realidade era ela a eterna noiva. Viveu em encantamento espiritual sua poeticidade, sua inspiração, seus sonhos jovens e lúcidos.

Ao conversar com Lia, tive sempre a sensação de estar diante de uma menina que ficara adulta contra sua vontade. Às vezes assumia um anjo profeta, premonitório, outras vezes dominador, mostrando caminhos e a antecedendo consequências. Era de uma fragilidade comovente, mas enfrentou a vida e seus muitos reveses em solidão corajosa e constante.

Estive junto dela em sua cidade natal, quando foi inaugurada na praça uma placa de bronze com seu poema. Minha amiga viveu momentos de rainha-menina “rodando cirandas em

noites estreladas”, como sonhou passar toda a vida. Tinha o poder de perpetuar emoções, de forma a reviver os papéis agradáveis ou inspiradores.

Foi pelas mãos de Lia Corrêa e Nina de Almeida que ingressei no mundo das entidades culturais de Porto Alegre, na Casa do Poeta e na AJEB. Lembro das muitas vezes em que fomos e voltamos sós, caminhando calmamente pelas calçadas da Borges de Medeiros até o restaurante Dona Maria, pedestalizadas por um salto de 11 cm, com segurança nas ruas e nos sapatos. Lia era sempre brilhante – nas bijuterias, nas roupas, nas ideias e nas confidências. Foi um bom tempo!

Estivemos sempre próximas nestes últimos 15 anos – vizinhas. Era sempre igual e numa das últimas vezes em que nos vimos passava na minha calçada com o mesmo salto alto, a mesma maquiagem, o mesmo cabelo arrumado, a mesma faceirice. Parou para dizer-me que andava ali fazendo sua caminhada de meia hora, a conselho médico. Não dispensaria sua graciosa vaidade feminina, nem que fosse aconselhada a fazer cooper.

Quando falava de suas angústias existenciais, mostrava-se como senhora de uma poderosa fé, compreendendo e aceitando os rumos do espírito. Se o assunto fosse sobre amigos, era agradecida mais exigente sem

nunca ser injusta. Com muito poucas pessoas passou o limite da relação de simples conhecimento e talvez ninguém tenha sido íntima. A solidão dez com que Lia aprendesse a ser íntima apenas de si própria, de seu anjo da guarda e de sua poesia, a quem entregava os sonhos e os desencantos. Não a visitei depois que deixou o apartamento. Sabia notícias suas por Fachinelli, pai de adoção. Sua alma tão menina, chegou a adotar um pai que poderia se seu filho. Não visitei Lia por respeito a ela própria, pois se me reconhecesse, num momento de lucidez, sofreria de auto-piedade e me faria sofrer mais ainda por impotência.

Estou aqui para lembrar a poesia de Lia Corrêa, mas foi inevitável dizer alguma pequena palavra sobre ela, eis que sua personalidade é exemplo de mulher frágil, romântica, sonhadora, ao mesmo tempo corajosa e persistente.

Lia aditou sete livros de poemas. A temática centrava-se no *Amor, nas flores, na vida e no espírito* com seus mistérios. Mesmo em outro assunto, todos os poemas restavam submersos nessas linhas centralizadoras do pensamento. Disse-me certa vez que Mário Quintana havia sido seu único orientador em formas poéticas. Aquela sua maneira de escrever metafórica, sem uso de figuras de versificação, econômica nos artigos, nas conjunções e principalmente nos pronomes, fugia ao comum e ensinava a vantagem da concisão. Extraía o sumo da expressão sem dar importância a normas nem rimas. Foi essencialmente moderna.

Colocava flores e rosas em todos os lugares, quase sempre de forma abstrata:

*Os solitários / colhem flores para a ausência.
Entendo a pressa das flores / esbanjando pólen.
A cicatriz de nossas mãos saberá flores ao se tocarem.
Rosas de mil bocas / se fizeram como a face branca da morte
Junto à tristeza / uma rosa / deixarei no tempo.
Lírios chorarão na brancura da nudez.
Mãos a machucar rosas de esperança
entre a paisagem que morre / e a flor que renasce
vestígio de sonhos em abandono.
Frágil avenca – habitarei o abismo onde as rosas não germinam.
Tão silêncio como o bailar das avencas.
Vem do suicídio das rosas, o aroma.
As rosas – companheiras prediletas – choraram minha saudade.*

São apenas alguns versos pinçados de vários poemas de Lia Corrêa, onde encontramos flores. Mas não só nos versos, também nos títulos dos poemas: *Cumplicidade das rosas*, *Uma flor em minha vida*, *O refflorir das macelas* e também nos títulos dos livros: *Uma rosa no tempo* e *Trigo e rosa*.

Lia colocou flores em tudo e em toda a sua vida. Conhecia o plano espiritual sabendo da libertação que significa a morte da matéria, mas temia a morte. Mesmo assim, tratou de colocar flores em seu antecedido *Epitáfio*, já no início de *Paredes do meu mundo*, não desejando por certo encerrar o livro com uma expressão tão drástica e definitiva, mesmo sendo lírica: ... *apenas uma rosa / descansada em mim*.

Como em alguma ocasião falei com ela a respeito dessa página, sabia o que pretendia e foi com a mais comovida ternura que assisti o momento em que Nelson Fachinelli depositou uma rosa vermelha sobre seu peito, antes que se fechasse seu ataúde e depois ainda uma rosa sobre ele, antes que se lacrasse a sepultura. Naquele momento todas as flores de Lia armaram uma coroa para enfeitar o coração do amigo que se despedia e lhe fazia o último carinho.

As coisas e mistérios do espírito também ocuparam muitos de seus poemas. Vejamos alguns:

*ao me transferir habitarei o tempo.
O que foi será reintegrado em mim.
Sonhos – naus ligerais –
redescobrimo roteiros preferidos.*

*As flores
que brotaram da marca do sofrimento
hão de perfumar caminhos
para que todas as coisas
comunguem na Ressurreição (No Tempo previsto).*

Em Canção de Abril: *Na caminhada / procuro cumprir o resgate / indispensável. A tarefa / não executada / voltará, / para o necessário refazimento. Eu prossigo carregando a vida.*

Em Busa de Reencontro: *Há séculos / venho habitando o plano terreno. Na longa caminhada / derramo o infinito das palavras / na esperança do reencontro.*

Em Permanência: *Entre as paredes de meu mundo / escuto passos dos fantasmas / que viveram em mim ...*

Em Outra Face: *Cansada do irreal / habito outras esferas / ... celebro o encontro da outra face.*

Em Renovação: *Fui luz, fui sombra e fuui canção. Guardo apenas saudades de outros planos distantes do mundo onde habito. O tempo exige renovação. Sou novamente. Existo.*

Ao lado desses poemas, Círculo Evolutivo pode ser considerado uma verdadeira página doutrinária:

*No envoltório material
 prossigo – semeadura e colheita –
 Trago experiências
 Vividas em ourtas esferas,
 tumultos
 ainda perturbam a jornada.
 Nada importa.
 Arraigada à Fé
 recolho lágrimas que ficaram saudade.
 Do sofrimento
 procuro extrair a seiva
 para retorno à Vida Maior.*

Não é esta a oportunidade para citar todos os momentos poéticos de Lia nos quais ela caminhou levada pela valorização do plano espiritual, pelo conhecimento das leis que regem nossas vidas sucessivas e pela fé na sobrevivência ascendente. Esses conceitos são liricamente vestidos em toda a sua obra. Raros são os poemas nos quais não transparece a alta espiritualidade da poetisa.

Da mesma forma toda a sua obra é impregnada de *Amor*. Amor que se apresenta exultante, ingênuo, sonhador, sofrido, desesperançado, traído, mas sempre Amor. A poetisa sofre de amor, alimenta-se de amor, sonha com amor.

*Exultante, em Da Busca: ... Desejo ascendeu meu corpo / volúpia envolveu minha alma. / Clamei pela euforia da posse.
 Ingênuo, em Frutos e Incensos: ... Minhas mãos confrangiam-se / em busca de outras mãos.
 E em Frutos Dispersos: Pesava-me a carência de afeto, de gestos acolhendo meus gestos, mãos acariciando-me.
 Desesperançado, como em Uma Rosa no Tempo: ... Quando a*

máscara da renúncia / vestiu de sombras meu semblante / consultei estrelas.

Traído, como em Disfarce: Esperarei que cessem todos os rumores para que a mente construa ilusões partidas.

Sonhador, como em Esta Música: ... Esta música – ponte que se alonga – entre o grito e a distância / alimentando / os anseios da chegada / para a glória do amor – espera.

Não caberia deter-me ainda sobre as conotações líricas da poesia de Lia Corrêa. Mas, em síntese, quem a conheceu e conhece seus escritos, pode dizer que foi uma pessoa triste e sonhadora, vaidosa de sua graça e feminilidade, extraordinariamente persistente em sua forma de resistir à vida e paradoxalmente desejosa da morte e da passagem espiritual a outros planos. Inconformada com o estágio inferior da humanidade e apegada aos sentimentos de saudade e espera, Lia era toda um mistério, uma mulher interessante por ser diferente e diferente por ser muito interessante. Sua poesia é seu retrato fiel. Falará dela através dos tempos.

A AJEB sente orgulho de ter contado com Lia Corrêa como sua associada. Embora ausente nos últimos anos, seu nome era dos mais representativos e tenho a alegria de lembrar hoje, como Presidente Nacional, que foi minha madrinha de ingresso em nossa Associação.

Estou falando com os senhores e sinto-a tão presente a ponto de fazê-la uma interlocutora e antecipar a saudade que sobreviverá quando eu terminar e deixar de falar também com ela.

Lia escreveu:

*O poema está no ritmo da Vida e no cântico da Morte.
Que tamanho tem a distância / para quem vai morrer?*

E lhe respondo com suas próprias palavras:

Se a tempestade varrer minhas estrelas, aguardarei o sol a iluminar meus passos.

E seguirei / derramando otimismo, / valorizando a Vida. Levarei o tempo / agasalhado em minhas mãos.

E com certeza não haverá distância

Giseli Bueno Pinto

Berenice Sica Lamas

Cadeira N° 28



Berenice Sica Lamas – nasce em Pelotas, transferindo residência para Porto Alegre em 1969. Tem dois filhos: Matteo (psicólogo e músico, atualmente na Itália) e Cassio (professor de Educação Física e sanitarista, vive no Brasil)

* Ocupa a Cadeira n° 28 da Academia Literária Feminina cuja patrona é Cecília Meireles.

* Psicóloga. Especializada em Administração e Supervisão de Escolas e em Sociologia Industrial. Mestre em Psicologia Social. Doutora em Letras. Poeta. Escritora. Ensaísta. Consultora literária.

Consultora autônoma de empresas na área da Psicologia do Trabalho – gestão de pessoas.

* Fundadora e orientadora do Scrivere – espaço de criação literária.

Orientadora de produção de textos – literários e técnico-científicos e de oficinas de criação literária, com enfoque em desbloqueio e criatividade em vários gêneros literários. Ministra oficinas em vários outros espaços quando convidada.

Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS durante 30 anos. Consultora do SEBRAE/RS. Professora da Castelli - Escola Superior de Hotelaria (Canela/RS). Professora do CEFI – Centro de Estudos da família e do indivíduo referente ao tema da comunicação. Professora-oficineira no CLAM – Clínica de Atendimento ao Adulto Maduro referente a atividades de criação literária e produção de textos científicos.

Participou em 1997 de Intercampus na Universidade de Sevilha (ESP) tendo ministrado oficina para doutorandos em Jornalismo e participado de cursos de Semiótica.

Possui 2 prêmios no concurso “Histórias do Trabalho” – Prefeitura Municipal – na categoria poesia, participando nas antologias respectivas.

Coordenou Laboratório de Expressão Humana (com 2 colegas) no Fórum Social Mundial no Núcleo de Saúde do Acampamento da Juventude. Orientou oficina de texto científico na Feira do Livro pela Sociedade de

Psicologia. Participou da Comissão Editorial da Revista da Sociedade de Psicologia na gestão 05/07. Palestrante e participante de mesas-redondas.

* Alguns (as) autores (as) para ler e reler: Julio Cortazar, Ferreira Gullar, Sylvia Plath, Ana Cristina César, Guimarães Rosa, Virginia Woolf, Hilda Hiltz, Manoel de Barros, Rubem Fonseca, Gabriel G. Márquez, Adélia Prado, Cesare Pavese, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Jorge Luis Borges, Ítalo Calvino, Gaston Bachelard, Caio Fernando Abreu, William Blake

Em 1960, ainda menina, aos 11 anos publicou no “Correio Infantil” do Correio do Povo de Porto Alegre, o conto “O rei ciumento”.

*** Publicações**

Boca colagem (co-autoria) (Sem segredos, 1995)

Oficina: criação literária - um olhar de viés, co-autoria, EDIPUC RS, 2002.

As artistas: recortes do feminino no mundo das artes (Artes & Ofícios), 1997

Morder a polpa (Movimento, 1999)

Ângulos & dobras (“ , 2000)

Falsas ficções (“ , 2001)

Inventario de ausências (“ , 2004)

O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em Literatura e Psicologia (EDIPUCRS, 2004)

Ampulheta – haicais (Casa Verde, 2007)

*** Antologias, coletivos e coletaneas**

Premio Revelação Literária Habitasul - destaque em crônica (1982)

Antologia dos contos de oficina 10 (EDIPUCRS, 1993)

E uma mulher (Vozes, 1994)

Revista Porto e Virgula – ensaio “A árvore da vida” (1997)

Dança cinqüenta – org. (Ediame, 1999)- comemorando 50 anos...

Construções e perspectivas em gênero (Unisinos, 2000)

Discurso, memória, identidade (Sagra-Luzzatto, 2000)

Mediação familiar – uma intervenção em busca da paz (Criação Humana, 2001) – particip. em um capítulo

Lapidações – coord. (Evangraf, 2002)- participantes do Scrivere

Revista dos 50 anos da Faculdade de Psicologia da PUCRS - poema

Paz: um vôo possível (AGE, 2004)

Saboreando palavras – conto (SESC/MG, 2006)

Antologia Presença Literária – da ALF – em vários volumes

Antologia Palavras – da AJEB – em varios volumes

Revista Psico da Faculdade de Psicologia da PUCRS – diversos artigos técnico-científicos

Contos de Bolsa (Casa Verde, 2006)

Contos do novo milênio (IEL/Corag, 2006)

Contos de Algibeira (Casa Verde, 2007)

* Atualmente vive na Itália, onde trabalha na área da Assistência e no campo das Traduções, participa de Circulos Poeticos e eventos culturais. Continua com trabalhos de orientação textual e oficinas virtuais para o Brasil. Artigos e poemas em italiano publicados em algumas revistas e sites. Participou de Laboratório Intercultural de Escrita Criativa do departamento de Italianistica da Universidade de Bologna, tendo o conto produzido publicado no site do referido curso. Participou do lançamento da antologia de mini-contos que reúne autores brasileiros e portugueses “Contos d’ algibeira” em Lisboa (Port.) em dezembro de 2007.

e-mail: berenicelamas@uol.com.br

Emília Rosa De Marsilac Fontes

Cadeira Nº 29

Patrona



Emília Rosa de Marsilac Fontes, descendente de tradicional família sergipana, nasceu em Laranjeiras, em 14 de junho de 1907. Casada com o eminente juriconsulto também extinto, Dr. Joaquim Martins Fontes, notável escritor e menestrel primoroso, que tanto se dedicou ao culto das rosas, com justiça chamado o “maior roseirista do Brasil”.

Emília Rosa consagrou-se a música de par com a poesia, sendo que esta última de maneira evidente sintonizava com sua alma nimamente vibrátil da pureza e transparência dos cristais.

Seus filhos, Epitéto Fontes, - engenheiro, escritor e aficionado das musas, o laureado romancista de *A Cidade Sem Casas*, de enredo original, profundo e extraordinário em seus lances que patéticos, quer revestidos de verdade nua ou

de ironia causticante; Nerbal, - médico e literato; Lizete, Dahyl Waldice, - todas professoras; e ainda Maria Emília, poetisa e declamadora.

Deixou Emília Rosa de Marsilac Fontes inúmeros contos, crônicas, versos esparsos em revistas e jornais do país. Publicou belíssimo livro *Joaquim Fontes, - O Jardineiro e as Rosas do Brasil*, constante de duas partes: a primeira tratando apenas do Enamorado das Rosas e a segunda focalizando o poeta lapidar que foi Joaquim Martins Fontes. E ainda o romance que lhe deu fama: *Luz na Tormenta*.

Emília Rosa soube tanger a lira com sentimento e elevação. Suas estrofes possuem algo de orações murmuradas em surdina na penumbra de um recinto conventual...e través rimas tão santas e suaves, como se ouve o leve oscilar das correntes de ouro de um turíbulo que tudo ao derredor envolve em volutas de incenso, a contagiar de devoção mesmo aos mais incrédulos e indiferentes corações. Eis uma linda, posto que melancólica amostra do seu estro hoje paralisado pela Morte:

“Em teu lindo rosal que amavas loucamente,

meu pobre coração nunca mais encontrou
o teu vulto adorado em meio aos perfumes
das almas vegetais que o teu amor criou.

Almas feitas de cor e pétalas macias,
que não podem chorar a ausência do cultor,
mas que fazem subir, na essência vaporosa,
toda a sua saudade ao trono do senhor.

No céu, na luz, na flor, em tudo que é sublime,
eu procuro rever, na ânsia de encontrar,
o meu querido e companheiro amado
do tempo que passou...- amparo do meu lar!

E vai-se a vida assim, em busca de um consolo
para a desgraça tal, que julgo um sonho ser,
enquanto já sem dor, tranqüilamente dormes
na grande paz de quem cumpriu com seu dever.

Eu creio que tua alma, aos pés da Virgem Santa,
terá consolações que o mundo te negou...
E lá na Eterna Glória oh! nunca, nunca esqueças
de quem transforma em pranto o amor que te votou!..."

Quando do trespasse de sua genitora, traçou o Dr. Epitéto Fontes em sua homenagem a belíssima balada transcrita em linhas abaixo, transportando para a mesma, a saudade daquela que soube ser sempre amiga, conselheira pacienciosa e compreensiva.

A Jardineira

“Mamãe plantou na cantoneira
que adorna em flor minha janela,
uma lindíssima roseira
de rosas de ouro em aquarela.

Pôs a família das violetas

por entre o flox, o lírio e o trevo.
E tudo viça! As borboletas
entram-me o quarto, quando escrevo.

Fogem as asas feiticeiras,
fica-me n'alma um quente brilho,
porque elas são mensageiras
do amor de mãe ao pobre filho.

Como trabalho, e sofro e penso
sempre a estudar, a vida inteira,
vem até mim, como um incenso,
toda a frescura da floresta.

Se a doida insônia me consome,
e a noite avança, e o frio corta,
meu coração reza o seu nome
para dormir na noite morta.

No céu, lá fora, astros se adensam...
Os olhos cerro; a luz se espalma:
- Por sobre mim, como bênção,
vela o perfume de sua alma.”

Hecilda Haensel

Lydia Jersak Martins

Cadeira 29



Lydia Jersak Martins nasceu, em Porto Alegre, no ano de 1913 e faleceu em 1973. Poetisa. Filha de Paulo e Sofia Jersak. Foi casada com o ministro metodista Pedro Ferreira Martins.

Iniciou a Faculdade de Teologia. Lecionou em Porto Alegre, Cachoeira do Sul, Santa Maria e Uruguaiana.

Colaborou com a imprensa do Rio Grande do Sul com artigos. Foi membro de Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Publicou o livro de poesias *Cânticos de minh'alma*, 1972, em Porto Alegre.

Ecilda Gomes Haensel

Cadeira 29

Presidente



Ecilda Gomes Haensel, natural de Itaqui, Rio Grande do Sul.

Residiu em São Borja, Alegrete, Santa Maria, Cachoeira do Sul e Porto Alegre, em razão de transferência do genitor. Waldemar Gomes.

Advogada, licenciada em Filosofia, Pós-Graduada em Educação. Professora universitária e Defensora Pública aposentada.

Foi a primeira Diretora de Promoções Culturais do IARGS; fundou a Associação das Diplomadas Universitárias do Rio Grande do Sul; governou a Associação Soroptimista Internacional na Região da América do Sul de 1984 a 1988, quando visitou todos os países do

Canadá aos Sulamericanos.

É comendadora da Seccional da OABRS, por serviços prestados à Ordem e à classe dos Advogados; presidiu a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, gestão 2001-2002; o Rotary Club Beira-Rio e o Conselho da Fundação Patronato Lima Drummond.

Coordenou o Congresso Internacional de Direito Agrário em Porto Alegre, em 1971, e em 1975, na Universidade Nacional de Assunção, Paraguai. Coordenou o curso de Alta Cultura “A Nova Ordem Econômica e Social”.

Tem quatro filhos, quinze netos e é bisavó de outros cinco, suas preciosas jóias.

Jacira Fagundes

Cadeira 29



Natural de Porto Alegre, percorreu o caminho pessoal e profissional, dividindo o tempo entre família e magistério. Somente em 1990, ao cursar a Oficina de Criação Literária da PUC acalentou o sonho de se fazer uma artesã da palavra. Antes, escrevera algumas poesias e contos sem uma vontade definida. Passou a frequentar novas oficinas de literatura e grupos de leitura, entregou-se compulsivamente à criação de textos e participou de antologias.

A trajetória literária, encarada como ofício, teve começo em 2002, com a premiação do conto “Noite fria de vigília”, quando do lançamento do Prêmio Revelação Literária Nova Prova – 20 anos. Logo partiu para a criação de sua primeira obra: o infantojuvenil *Um desafio para Manoel*. Aguardou 3 anos pela publicação até que encontrasse alguém disposto a ilustrar. O livro saiu publicado em 2005. Gramado foi o município onde a obra teve ótima acolhida - foi desenvolvido trabalho junto a escolas públicas na Biblioteca Municipal Cyro Martins. Daí para frente, o ofício de artesã da palavra passou a ser encarado como profissionalismo, resultando em várias obras publicadas, em convites para palestras, formação de mesas, seminários e oficinas em escolas e demais instituições públicas e privadas.

Outros prêmios foram conquistados, como:

Entre os textos premiados, destacam-se:

1º Concurso do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no RS – 2005 - Crônica Premiada com o Primeiro Lugar

Lembrança da Noruega

Poemas no Ônibus – Poema selecionado: **Canto do Acantoar** – 1998 – Porto Alegre

Concurso Prosa na Estrada - IEL - 2014 - Conto **Por uma pausa na solidão**

Antologias:

Restaurante Chinês e outras histórias - Nova Prova - 2002

Matéria de Invenção 2 - SINTRAJUFE - 2005

Ponto de Partilha I – reunião de textos dos alunos da Oficina de Valesca de Assis – Editora Kalligraphos - 2008

A mão que move as peças – antologia de narrativas da Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção – 2007 – Editora Alcance – organização e participação

Contos de Oficina 09 – Oficina de Criação Literária da PUC – organizador: Escritor Luis Antonio de Assis Brasil - 1992

Textos de Oficina 2006 – Antologia de textos de alunos da Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção – Coordenação e Organizadora

Textos de Oficina 2004 - Antologia de textos de alunos da Oficina de Literatura do Clube de Mães Vila Assunção - Editora Nova Prova – Organizadora

Mensagens de Natal e Ano Novo - Coletânea de textos literários - Editora Caravela

Voo Independente - Coletâneas da Associação Gaucha de Escritores Independentes - AGEI

O Rei que comia Letras e outras histórias - digital - 2011

Traços e Compassos - Pimenta Malagueta - - 2012

Publicações em Jornais, Revistas e Sites

Jornal RSletras – crônicas – periodicidade: mensais – de 2006 a 2010

Site Artistas Gaúchos - colunista desde 2014

Boletim da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil

Boletim nº 1- Janeiro/julho 2017 - Associação dos Ex-Alunos do Instituto de Educação gen. Flores da Cunha - Entrevista

Coordenação de Oficina de Criação Literária

Grupo de Leitura e Criação Literária/ Jacira Fagundes - Espaço Metamorfose - 2016/2017

Oficina Literária do Clube de Mães Vila Assunção – 2002 a 2007

Livros publicados - Literatura para o leitor adulto

No limite dos sentidos – contos – Editora Movimento - 2009

Dois no Espelho – Novela – 2007 – Editora Movimento - 2ª edição 2015

Pequenos Notáveis – crônicas e minicontos – www.wwlivros.com.br - livro digital – 2011

Livros publicados - Literatura infantojuvenil

Um Garoto Bom pra Cachorro - infantil - 2014

O Rei que Comia Letras e outras histórias - livro digital - coletânea de imagens e contos do repertório infantil - vários autores - 2011

Mania de Gavetas – Editora nova Prova - 2010

Bruxalisa e Lagartixa pintando histórias – infantil – Editora Nova Prova - 2010

O Menino do Livro – Editora Nova Prova – 2008

Um Desafio para Manoel - 2005 - Edição Independente - esgotado

Livros publicados - Literatura juvenil

O Quadro na Parede - Editora das Hortências - Gramado - 2012

O Legado - as fantásticas histórias de J. Corellon - Editora Metamorfose - 2016

Literatura inclusiva - livros em braille

Cavalinho de Balanço - Fundação Dorina Nowill - 2012

Branca de Neve (adaptação) - Fundação Dorina Nowill - 2014

Participações em Programas de Literatura

Palestras e outros

Mediação do Painel “Novos escritores gaúchos – trocando ideias sobre literatura infantil e juvenil” – 63ª Feira do Livro de porto Alegre- 2017

Leitura de textos em homenagem ao escritor Paulo Bentancur, no Sarau oferecido ao autor falecido no Café do MARGS – atividade do IEL - 2017

Leitura de poesia no Sarau Música e Literatura – parceria IEL e OSPA - 2017

Jurada do Desafio Literário – projeto de escrita literária, oferecido pelo IEL, durante 05 dias consecutivos na Feira do Livro - 2017

Jurada do Projeto do IEL – Seu destino está escrito - 2017

36ª Feira de Camaquã - conversa e bate-papo junto a alunos de Ensino Fundamental de escolas da região. Evento realizado no dia 27 de outubro de 2017 durante a Feira do Livro.

16ª Jornada de Literatura em Passo Fundo com mediação e participação no Seminário Literatura Gaúcha: Cena Contemporânea - Literatura Infantil e Juvenil, no dia 05 de outubro de 2017, proferindo palestra sob o título: A Literatura Infantil e Juvenil dentro e fora da escola.

Palestra "Analfabetos funcionais. O quanto somos! Seminário Semana Estadual do Livro e Incentivo à Leitura - Rede Estadual de Ensino - 2017
Apresentação, análise e discussão da obra Dois no Espelho - 2ª edição - Projeto Rodas de Leitura - 2017
Palestra sobre Literatura Infanto-juvenil na Jornada Pedagógica – Colégio Estadual Sete de Setembro – Camaquã – 2008
Palestra proferida na Escola Marista Assunção - Município de Uruguaiana - Mesa Redonda: Encontro Literatura Infanto-juvenil e a Psicanálise com o tema “A literatura deve ocupar-se com a formação do sujeito?” – Promovida pelo Instituto Psicanalítico Fernando Pessoa - 2008
Palestra “O sofrimento – físico, psíquico e moral – na abordagem literária que faz a novela Dois no Espelho” – Associação Gaúcha de Escritores Independentes – 2008
Bate-papo com alunos de escolas municipais – Obra A mão que move as peças – Gramado - 2008
Bate-papo com a comunidade no Strip Center Zona Sul de Porto Alegre – novembro de 2007 – O processo criativo na obra A mão que move as peças.
Palestra na Associação de ex-alunas do Instituto de Educação Flores da Cunha de Porto Alegre : Leitura e escrita na 3ª idade
Mediação e apresentação na 16ª Jornada Literária de Passo Fundo – Literatura infantil e juvenil – Cena Contemporânea

Participação em Programas do Livro e Leitura

Programa Autor Presente - IEL - alunos da rede municipal de Gramado, Três de Maio, Bom Retiro do Sul - 2009
Encontro de Literatura e Arte - LITERARTE – escolas municipais de Gramado reunidas – Oficinas desenvolvidas com alunos de 2ª a 7ª séries – A mão que move as peças, O Menino do Livro e seleção de contos – 2008 e 2009
Programa Literação - São Leopoldo - 2014
Plano Municipal do Livro e Leitura - PMLL- Porto Alegre
Confraria Reinações -
Confraria Mentes Literárias - criada em 2015
Leitor de Rua

Lançamento de concursos

I Concurso Menino do Livro - para crianças de 07 a 14 anos - ilustrações de capítulo de livro O Menino do Livro

Jurada em Concursos Literários

Jurada do VIII Concurso de Contos e Crônicas de Gramado / RS - 2007
Jurada do Concurso SINTRAJUFE

Jurada do Concurso Assombros Juvenis

Jurada do Desafio Literário - promoção IEL 2016 e 2017

Outras participações

Projeto Histórias que Pintam – Oficina de ilustração e Lançamento do I Concurso Menino do Livro para crianças de 7 a 14 anos - Livraria Saraiva – Shopping Praia de Belas, Shopping Iguatemi, Shopping Moinhos, Iguatemi de Caxias do Sul

Fonte: <http://www.artistasgauchos.com.br/jacira/?pg=401>

Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça

Cadeira 30

Patrona



Nascida em São João del Rey a 19 de abril de 1886, Maria Eugênia Celso era neta do Visconde de Ouro Preto e Filha do Conde Afonso Celso.

Formada no Colégio Nossa Senhora do Sion, Rio de Janeiro, dominava o francês tão bem quanto a língua materna.

Grande patriota, foi batalhadora incansável do desenvolvimento do seu povo. No terreno assistencial, trabalhou ativamente na Cruz Vermelha Brasileira, na Pró-Matre, Na Cruzada Nacional Contra a Tuberculose, na Beneficência dos Lázarus e na Liga dos Cegos do Brasil.

Representou o Brasil no 2º Congresso Internacional Feminista, chefiou a Delegação Brasileira à Conferência de Paris e participou de Delegações junto à UNESCO e à Comissão de Intercâmbio com o Uruguai.

Teve reconhecido seu valor pela França, que a condecorou com a Legião de Honra.

Iniciou-se na literatura no Jornal *Gazeta* de sua terra natal. Publicou poesias, crônicas, contos e novelas.

Obras publicadas: *Em Pleno Sonho*, poesia, 1920; *Vicentinho*, 1924; *Fantasia e Matutadas*, poesia humorística, 1925; *Desdobramento*, contos, 1937; *Ruflos de Asas*, teatro em versos, 1931; *Alma Vária*, poesia, 1937; *Jeunesse*, poesias em francês, 1938; *Diário de Ana Lúcia*, romance, 1939; *O Solar Perdido*, poesia, 1944; *Síntese Biográfica da Princesa Isabel*, 1946; *Poesias Completas*, 1955; *De Relance*, crônicas.

Seu extraordinário livro *Alma Vária* situa-se entre as melhores líras, bem como *Vicentinho*, em que faz reviver, através da saudade, o vulto inesquecível do garoto que se foi, deixando um horto velado de crepes na sua alma sensibíllissima de mãe.

O poema transcrito de sua lavra, em que, de par com a inspiração elevada ao ápice, se nota a sinceridade, a retidão de caráter, o espírito adamantino de alguém voltado apenas para o lado puro e elevadíssimo da vida:

“Tu és o meu pecado...
aquele que eu cometo em segredo
comigo,
nesse grande segredo inebriado
que não sei bem dizer
si é de abandono, de êxtase, de medo...
Não medo do castigo.
mas antes sobressalto alvoroçado
de perder
um segundo, sequer, do seu prazer!
Tu és, na retidão do meu caminho,
a tentação do atalho proibido
por qual tudo esqueci...
E onde, ébrio de uma íntima loucura,
o coração desfalecido
se aventura
num desvario de carinho,
olvidado de si!...
Tu és o meu pecado...
a culpa voluntária, a culpa consciente,
a que se olha de frente
no orgulho de sabê-la consentida.
E embriagadoramente,
assim tão escondida,
é o lado
mais sincero, talvez, da minha vida.
Sei que, entre os erros que não são perdoados,
há o erro do próprio erro enamorado,
que do arrependimento e de remorso ri...
Tu és para minh'alma esse erro amado,
o mais belo de todos os pecados:
- o pecado que nunca cometi!”

Do *Véu de Noiva*, outra esplêndida produção de Maria Celso, são transcritos estes três versos:

“Esse véu tão leve
de um brancor de espuma,
que não sei se é neve,
que não sei se é bruma.
Névoa imponderável,
que se fez tecido.
De um momento instável
virginal vestido
Véu de noiva, manto
de impalpável gaze,
que velando, entanto
nada esconde, quase.”

Colaboração de Acadêmicas

Ana Luiza Bueno Simas

Cadeira Nº 30



Ana Luiza Bueno Simas nasceu em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, em 1926 e faleceu em Porto Alegre, em 1998. Professora, poetisa e declamadora.

Cursou Filosofia no Instituto Legal, São Paulo e estudou Dicção.

Lecionou, dirigiu escola secundária, foi Delegada de Ensino em Quaraí e Uruguaiana, Rio Grande do Sul. Lecionou, também, em Escola Normal de Porto Alegre.

Foi membro da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, Rio de Janeiro; da Academia Literária Feminina; da Casa do Poeta de Porto Alegre.

Colaborou no Correio do Povo.

Obras publicadas em Porto Alegre

- Apenas pára!, 1965 (poesias, Prêmio da ABL)
- Eduque sua voz e sua fala, 1967 (Manual de dicção);
- Prossegue, 1978 (Poesias);
- Alfabetização vinculada à educação da voz e da fala, 1985 (Prêmio da ABL).

Fulvia M.L. Moretto
Cadeira 30



Fulvia M.L. Moretto é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É licenciada em Línguas Neolatinas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, PUCRS. Curso do Centre Supérieur d'Études Françaises, Rio, Maison de France, 1957-1958. Estágios de pesquisas – Paris, como bolsista do Governo Francês – 1959 – e como bolsista da CAPES, 1972. Curso de especialização em Literatura Francesa – FFLCH da Universidade de São Paulo, 1964 – 1966. Doutoramente em Letras

Modernas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 1970.

Trabalho docente

Professora Assistente da “Cadeira” de Língua e Literatura Italiana na Faculdade de Filosofia Ciência e |Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.. 1952 – 1956; Professora de Língua e Literatura Francesa na PUC –Rio Grande do Sul 1960-1963; Professora da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista –UNESP –Campus de Araraquara – Estado de São Paulo – Disciplina: Língua e Literatura Francesa – a partir de 1963

Prêmios

Medalha “Gabriel Marcel” oferecida pela Aliança Francesa de Paris 1974
Prêmio Nacional de Tradução do Instituto Nacional do Livro (MINC) pela tradução de *Os devaneios do caminhante solitário* de J-J Rousseau - Brasília, 1987

Prêmio Jabuti – pela tradução de *A nova Heloisa* de J-J Rousseau - 1995

Associações a que pertence

Presidente da Aliança Francesa de Araraquara SP.- 1964 - 1975

Vice-Presidente da Assoc. Nacional dos Professores Universitários de Francês – São Paulo, 1973/1975

União Brasileira de Escritores S.Paulo e Rio Grande do Sul

Presidente da Associação dos Amigos da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul '1998 – 2001

Círculo de Pesquisas Literárias RS
Associação Brasileira das Diplomadas Universitárias - RS
Academia Literária Feminina RS.

Publicações

La nature dans les *Poèmes*, de Vigny, edição da autora 1971
La natura nei *Canti* del Leopardi, Araraquara, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – 1972
Formes de l’imagination nervalienne dans *Sylvie* (de G. de Nerval). 1971
Org. em colaboração do livro - Alguns aspectos do teatro ocidental, Araraquara 1982, republicado pela UNESP 2007.
Caminhos do decadentismo francês – S.Paulo, Perspectiva – EDUSP, 1989.
Os devaneios do caminhante solitário de J.J.Rousseau, Série grandes humanistas, Brasília, Ed. UNB 1991
Letras francesas – estudos de Literatura – São Paulo, Editora UNESP, 1994
Amanhã – poemas – S.Paulo, Edit. Mandacaru – 1990
As portas do tempo – pormas – Edit. Mandacaru – 1993
Estradas do tempo - poemas – Edit. AGE – Porto Alegre 2006

Traduções

UNESCO – A educação no mundo – o ensino superior . São Paulo, Editora Saraiva 1983
Dino Buzzati – Naquele exato momento – Rio, Nova fronteira – 1986
Dino Buzzati - As noites difíceis –Rio, Nova Fronteira, 1986
J.-J, Rousseau – Os devaneios do caminhante solitário – S.Paulo, Edit. Hucitec – Brasília, Editora UNB
Enciclopédia ou Dicionário raciocinado das Ciências das Artes e dos Ofícios: Discurso Preliminar e outros textos – edição bilíngüe – São Paulo, Editora UNESP – 1989
Jacques Verger – As universidades na Idade Média, São Paulo, Edit. UNESP, 1990
Lucien Febvre e Henry-Jean Martin – O aparecimento do Livro, Edit. UNESP, Edit. Hucitec, 1992 (tradução em colaboração).
Gustave Flaubert – Madame Bovary – São Paulo, Edit. Nova Alexandria 1993 – reedição 2007.
Jean Starobinski – A invenção da liberdade, São Paulo, Editora UNESP, 1994

Luigi Pirandello - *Kaos e outros contos sicilianos* – São Paulo, Edit. Nova Alexandria, 1994

J.-J. Rousseau - *A nova Heloisa* – São Paulo, Hucitec, - Unicamp, 1994

Françoise Desbordes–Concepções sobre a escrita na Roma antiga. São Paulo, Atica, 1995 (em colaboração)

Nina Catach – *Para uma teoria da língua escrita* – São Paulo, Atica 1996 (em colaboração)

Paul Baptiste d’Ornano – *Um barão da província* – Apêndice do relatório geral (1863) . Porto Alegre, Edipucrs – IEL, 1996

Marcel Raymond – *De Baudelaire au Surréalisme* – São Paulo, Edusp, 1997 (em colaboração).

J.-J. Rousseau – *Ensaio sobre a origem das línguas* – Campinas, Edit. Unicamp, 1998

Guglielmo Cavallo e Roger Chartier – *História da leitura no mundo ocidental* , 2 volumes , São Paulo, Atica, 1998,(em colaboração.)

Marc Jimenez – *O que é estética?* – São Leopoldo, Unisinos, 1999.

Alain Boyer et alii – *Ensaio de Filosofia política*, São Leopoldo – Unisinos, 2001

Roger Chartier – *Os desafios da escrita* – São Paulo, Editora UNESP, 2002

Vauvenargues – *Reflexões e máximas* – São Paulo, Edit. UNESP, 2007.(em colaboração).

Artigos

Colaboração no Caderno de Sábado do jornal O Estado de São Paulo, de 1977 a 1989: artigos que compõem o livro *Letras Francesas – Estudos de Literatura* (já citado)

La valeur des “Lettres persanes” in *Organon* 5 – UFRGS – 1962

“Chartres e sua catedral” in *Jornal do Dia* – 24 set. 10 de out. de 1960

Rouen a sua catedral” mesmo jornal, 15 de julho de 1961

“Visages de la femme chez Vigny” in *Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara* – SP. N 2, -1965

“Um museu dinâmico: O Centro Nacional de Arte e Cultura de Paris” in *O Imparcial de Araraquara* – SP. 7 – 8 – 1966

“Le problème de la littérature” in *Boletim* -1980 da Area de Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.

“O desabrochar do cinema francês” in *O Imparcial*, Araraquara 13-3-1982

“Caminhos da Tradução” in *O Escritor*, jornal da União Brasileira de Escritores – São Paulo

“Um importante centenário – Descartes” in *Jornal da Unisinos* – abril de 1995

“Os irmãos que se tornaram um galardão (Os irmãos Goncourt) - suplemento *Cultura de O Estado de São Paulo*, 28 – 12 – 1996

“Hitchcoch e o romance de Boileau-Narcejac” – mesmo suplemento *Cultura* – 4- 11 1997

“Vargas Llosa e a crítica plural” in *Continente SUL/SUR* n 4 Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1997

“A França e sua Cultura no Caderno de Sábado, do *Correio do Povo* “ – no volume *RS – Século XX em retrospectiva* do *Círculo de Pesquisas Literárias* - Porto Alegre – 2001 e 2002.

“RS – Modernidade e Literatura” – no volume *RS Modernidade 1890 – 1930* idem 2003

“Ainda e sempre Mário Quintana “ no volume *A era Vargas* – idem 2004

“Quintana e suas canções” – no volume *O Universo de Quintana e a obra de Vianna Moog* - idem, 2006

“A presença de Garibaldi no romance *Il gattopardo* – de Giuseppe Tomasi di Lampedusa – no volume *Garibaldi – realidade e mito* – idem 2007.

“Entre Rimbaud: Simbolismo e outros ismos” in *Presença Literária*, publicação da *Academia Literária Feminina* – 2005

“O que é o Romantismo?” mesma publicação 2006.

“Jean Racine, dramaturgo e poeta” in *Mosaicos*, publicação da *União Brasileira de Escritores do Rio Grande do Sul* -2002

“A relação homem-natureza” publicação da mesma *União Brasileira de Escritores*, 2006.

“Opalas de Fontoura Xavier” – in *Vinte anos de UBE-RS*, publicação da mesma Entidade – 2003.

“Victor Hugo e o romantismo” in *Lettres Françaises* – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP. 2003

“Itinerários de Borges e Quintana” in *Integração – História, Cultura e Ciência*, Porto Alegre, PUCRS – Coleção *Cone Sul* n 5, 2006,

Ana Patricia Cesar Vieira Rodrigues
Cadeira Nº 31
Patrona



Nasceu em 1864, no município de São João de Camaquã, Rio Grande do Sul, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1942. Foi uma figura gigantesca de mulher, contemplada através do prisma pelo qual pautou a sua existência. Prisma de virtudes. De obras de benemerência. De rasgos esplêndidos, de intelectualidade. Feminista por convicção, ela reivindicou para seu sexo o direito de voto.

Fundou e presidiu por quase um lustro a Legião da Mulher Brasileira, na Cidade Maravilhosa, de finalidades cívicas e educacionais, tendo, ainda, exercido o cargo de Vice-Presidente da Escola Dramática Brasileira.

Organizou o jornal *A Pátria*, o plebiscito sobre: *Qual a 1ª mulher que deveria ingressar na Constituinte?* Ana Cesar logrou vencê-lo com o 1º lugar, conquistando o prêmio instituído por aquele jornal.

Publicou: *Fragmentos*, *Rosas Desfolhadas* e *Farroupilhas*, sendo seu estilo rico em exuberância. *Flor da Pátria*, de sua autoria, demonstra o alto valor da sua inspiração potente e primorosa.

Pertenceu às seguintes entidades: Academia Amazonense de Letras; Instituto Brasileiro de Cultura; Sociedade de Homens de Letras do Brasil, onde foi tesoureira até sua morte; Sociedade dos Amigos de Alberto Torres; Associação Brasileira de Educação; Instituto Genealógico de São Paulo.

Colaborou nos jornais: *Correio da Manhã*, *A Pátria*, *A Noite* e em muitos outros jornais cariocas e em diversas revistas ilustradas.

Faz ainda parte da sua bagagem literária: *Fragmentos* (1931); *A Educação da Mulher* (conferências); *Farroupilhas*, escrito em comemoração ao Centenário Farroupilha.

Inéditos: *Folhas Soltas*, versos e *Cromos*, crônicas.

No opúsculo de Teophilo Nolasco D'Almeida, Dr. Oficial da Armada, reformado, lente catedrático da Escola Naval e Engenheiro Civil e Geógrafo, *A Mulher na Guerra*, há referências a Ana Cesar.

Ana Cesar recebeu sempre as mais justas homenagens ao seu talento e, em 9 de agosto de 1943, a Sociedade de Homens de Letras do Brasil promoveu solenidade pública em que a homenagearam em sua sede. Ao abrir a sessão, o General Damasceno Vieira assim se pronunciou:

“Da individualidade literária de Ana Cesar dirão as ilustres consócias, poetisas: Hecilda Clark, Zilá Monteiro, e a escritora Raquel Prado. Estudaram várias facetas do talento da intelectual gaúcha, talento sempre aberto às mais alevantadas causas nacionais e a quem a Sociedade dos Homens de Letras do Brasil deve inestimáveis serviços por sua esclarecida operosidade e extrema solicitude relativa a todos os movimentos tendentes ao progresso da nossa instituição.”

A Companhia

Como Penélope a tecer seu manto, Ana Cesar tece seus versos, suas crônicas, seus poemas, enquanto viaja ou aguarda pelo esposo - o ilustre General Ernesto Carlos Cesar.

O voto feminino

Em: Por que não votam as mulheres? de Fragmentos (pág.93), lê-se:

“A mulher tomou sempre parte ativa na política de todos os países, em todos os tempos, mesmo sem votar, e muitos homens devem a sua atilada inteligência às posições que galgam. São as mulheres que educam os sábios e os heróis, são elas que, nas guerras promovidas pelo orgulho e ambições dos homens, vão para os hospitais de sangue pensar os feridos, consolar os mártires mutilados.

São as mães carinhosas, as heroínas do amor e da fé, arquitetas do futuro, modeladoras do caráter, forjadoras da fibra nacional.

O cristianismo iniciou sua ascensão, arrancando-a dos serranhos, aviltamento polígamo de monstros, integrou-a no lar, onde goza de relativas regalias, continuando, apesar de mais respeitada, a ser escrava do “senhor seu marido”, que na maioria dos casos e até bem pouco tempo, era escolhido pelos pais, parentes, ou tutores, sem que se lhe consultassem o coração. A civilização, pelo mesmo influxo divino, completa aquela obra, elevando-a pelo saber, permitindo-lhe a ação livre e consciente, refletindo o adiantamento dos meios em que colabora.”

A beleza da mulher

(Trecho do discurso proferido por Ana Cesar durante festa oferecida

pela sociedade sul-riograndense, em 23 de setembro de 1930, à Miss Universo)

Yolanda, Gaúcha Formosa

“Flor do Brasil, deslumbrante de vida e de beleza, afirmas o vigor de uma raça e o valor de uma nacionalidade, por ti condignamente representada na plástica, que a Grécia imortal glorificou no mármore, no bronze, na tela e na poesia, por seus grandes gênios.

Vens do extremo sul, do Estado gaúcho, berço fecundo de tradições libérrimas, de coxilhas onduladas, de majestosas serras, rios cristalinos, lagoas-mares e campinas vastas, ‘onde a vista dilata e o pensamento se expande’, na frase de Cezimbra Jacques, o guasca refinado. Vens de lá, onde escaramuça o poldro bravo, altivo e destemido, como aqueles bravos farroupilhas de 34, que em coragem e civismo ninguém ultrapassou; daqueles que, num glorioso passado, assinalaram páginas tamanhas que servirão sempre do exemplo e de orgulho dos porvindouros.

Tens no porte gracil, no rosto encantador, tudo quanto de mais belo, naquele nosso ‘pago’, a natureza criou na sua espontânea e vigorosa floração. Saudar-te, dizer de ti, da tua formosura, da tua simplicidade e modéstia, a formarem um dos maiores apanágios dos teus encantos, seria repetir o que todos vêem e vive na consciência dos que te conhecem e te sagram ‘Miss Universo’, considerando-te beleza mundial. És figura simbólica para o Brasil; refletes tudo quanto nele se contém de grandioso e lindo, na sua desmesurada extensão territorial, nas suas riquezas cobiçadas, no seu perfil de gigante, senhor de um povo e de uma terra que serão fatalmente excepcionais, modelares, entre as cultas nações do mundo. ‘A Noite’, promovendo um Concurso Internacional de Beleza, não mais fez do que proclamar bem alto o nome do Brasil.”

Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1928.”

Terezinha Maria Dieckmann Turcato

Teresinha Dieckmann Turcato

Cadeira 31



Teresinha Dieckmann Turcato nasceu em Rio Grande, Rio Grande do Sul, em 1930 e faleceu em Porto Alegre, no ano de 1998. Jornalista, professora, cronista, romancista e radialista. Filha de Edilio Vitor de Abreu Dieckmann e Teresa Vieira Dieckmann. Foi casada com Névio Turcato.

Cursou Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1968. Membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Conquistou sete prêmios literários.

Produziu programa radiofônico da Rádio Educadora, Porto Alegre. Trabalhou na redação do Jornal do Dia, Diário de Notícias e Folha da Tarde de Porto Alegre.

Foi co-fundadora de Conquista, jornal comunitário de Porto Alegre. Editora da revista Rio Grande Cultura.

Colaborou no Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde. Participou em Vozes Femininas, 1983; Presença Literária, 1987-1998.

Publicações em Porto Alegre

- Homem, mulher e estátua, 1965;
- O quarto mandamento, 1965 (drama estreado em Porto Alegre);
- Navegadores do universo, 1976 (romance);
- Amo-te, Hélade, 1981 (crônica);
- Nem ouro nem prata, 1981 (crônica);
- O jardim das Mandrágonas, 1991 (ficção).

Teniza Iara de Freitas Spinelli

Cadeira N° 31



Teniza Iara De Freitas Spinelli nasceu em Osório e reside em Porto Alegre. É casada com Amado Spinelli. Tem dois filhos: Leandro e Thais.

Atua na área de Jornalismo, Museologia e Literatura. É licenciada em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo Gráfico e Audiovisual) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui Registro de Professora Licenciada pelo MEC/Diretoria do Ensino Secundário N° F 27.363; Registro de Jornalista Profissional Diplomada: DRT/RS N° 5429; e Registro de Museóloga: COREM/RS N° 0045.

Na administração pública no período de 1975 a 2006, desempenhou as atividades de coordenação e diretoria de Museus, além de representar o Estado do Rio Grande do Sul no Sistema Nacional de Museus do Ministério da Cultura. Foi Diretora do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e Arquivo Histórico do RS/SEDAC.

Participa de Organizações Profissionais tendo exercido o cargo de Vice-Presidente do Conselho Regional de Museologia, em 1989 e Presidente do Conselho Federal de Museologia, em 1990.

Integra o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Com o ICOM/BR participou de Conferências Gerais em Haia, Holanda/89, Quebec, Canadá/92 e Stavanger, Noruega/96.

Foi assessora e consultora de museus. Integrou comissões de planejamento de cursos, implantação de museus e organização de fóruns e seminários. Ministrou oficinas e palestras sobre Museologia no Estado e no País.

Como jornalista cultural atua no Jornal *Usina do Porto*; Foi colunista do Jornal *Fala Brasil*; Assessora de Imprensa do *Espaço Dança e Memória*, onde organizou o Dicionário da Dança no RS; Colaborou durante 10 anos no *Correio do Povo*, nas páginas de arte, com editoria de P.F.Gastal e

Lygia Nunes. Produziu o Programa *Artistas, Museus e Galerias*, no Rádio da Universidade Federal do RS e o *Espaço MARGS* (Museu de Arte do RS), na *Televisão Educativa Canal 7*. Roteirista e produtora de audiovisuais e vídeos, redatora de textos para catálogos e exposições.

Foi responsável por várias publicações como *Boletim do MARGS* (Museu de Arte do RS/1974 a 1985); *Jornal Argumento* do IEL (Instituto Estadual do Livro/1979); *Jornal Informa*, do CDE (Centro de Desenvolvimento da Expressão/1986 a 1988); *Jornal Trinta Dias de Cultura*, da SEDAC/1988 a 1990; *Boletim Informativo* da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa/1980; Editora dos *Cadernos do MARS* (Museu Antropológico do RS/1987 a 1988/) e *Grandes Nomes da Comunicação* (Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa/1997).

Participou da edição do *I catálogo Geral das Obras do Acervo do MARGS* 1974. Publicou na Revista *MUSEUM*, da UNESCO. Paris: n° 1, 1992.

Participou da organização e coordenação de livros: *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* - História, Publicações e Legislação. POA: Est Edições, 2005; *Anais do Arquivo Histórico do RS*, volumes 13,14,15 POA: Corag/Est Edições, 2004,2005,2006; *Memória e História da Revolução Farroupilha*. POA: Ed TJRS/AHRS, 2006; *Coleção Sempre Viva*. POA: Ed. ALFRS e Evangraf, 2004 e 2007.

Escreveu em *Presença Literária*. POA: ALFRS, 2001 a 2007; *Palavras*. POA: Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, Ediplat/Evangraf, 2003/2007; *Afro-Brasileiros: História e Realidade*. POA: Est Edições/GTNegros/ANPUH/RS, 2005; *Lapidações*. POA: Scrivere/Evangraf, 2002; *Três Séculos de Processo Gráfico no Sul*. Núcleo de Gravura do RS/Museu Nacional de Belas Artes/RJ, 1998; *Continente Sul Sur*. POA: Instituto Estadual do Livro (7 e 9/1998); *Raízes* de Sto. Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Tramandaí, Lagoa Vermelha e Gramado. POA: Est Edições, 1992, 1993 e 1995; *Programas Institucionais e Vertentes da Museologia*. Instituto de Artes Visuais da SEDAC, 1994; *Anais do II Fórum Estadual de Museus*. Museu de Santa Maria/RS, 1992.

Obras publicadas:

Genius loci. Poesia. POA: ALFRS/Evangraf, 2004.

Circo do Sol. POA: Editora Movimento, 2001. Indicação ao Prêmio Açorianos

de Literatura.

Magia-Poesia. Proposta visual e poética. POA: MARGS, 1983.

Prêmios e distinções recebidas:

2007- Troféu “Madrinha do Curso de Museologia da UFRGS”, outorgado pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação.

2006- Diploma/Homenagem do Sistema Estadual de Museus da Secretaria de Estado da Cultura, no 10º Fórum de Museus Estaduais, em Bento Gonçalves, RS.

2004- Placa/Destaque Cultura Gaúcha-50 anos, outorgado pela Secretaria de Estado da Cultura do RS/Arquivo Histórico do RS.

2004-Diploma/Destaque da Dança/Jornalismo. Outorgado por F&F Produções, organizadora do evento Cultura em Noite de Gala, no Teatro do SESI.

2004- Troféu Destaque Literário, outorgado pela Associação das Jornalistas do Brasil.

2004- Diploma/Destaque de colaboração à Pesquisa. Homenagem do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul. 20º ano.

2003- Menção Honrosa em Conto no XII Concurso Literário prosa e verso da SMC da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e Pró-reitoria de Extensão da UCS.

1999- Homenagem especial do jornal Tal&Qual- 5 anos

1988- Prêmio Melhor produção no I Fest Video educativo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa/CODEC

1997- Prêmio ARI de Jornalismo 97. Contribuição Especial á Comunicação Social Antônio González/Direção no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

1997- Menção Honrosa em poesia no Concurso Lila Ripoll, da ALFRS

1972- Menção Honrosa na Mostra do Jovem Artista da RBS, seção Objeto.

1965-Menção Honrosa em Conto pela União estadual de estudantes (UEE) e faculdade de Filosofia da UFRGS.

1963-Primeiro Prêmio em Conto, pelo Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt da Faculdade de Filosofia da UFRGS

E-mail: teniza@portoweb.com.br.

Rita Barém De Melo
Cadeira Nº 32
Patrona

Nasceu a 30 de abril de 1840, em Porto Alegre e faleceu a 27 de fevereiro de 1868 em Rio Grande.

Seu pai, funcionário público, pobre, carregado de filho, não lhe pôde dar mais que a educação primária.

Sendo extraordinariamente precoce, publicou, aos quinze anos, 1855, os primeiros versos.

Casou aos 17 anos, 1857, tendo desse matrimônio dois filhos que faleceram crianças.

Sua vida foi marcada pela dor.

Quando jovem, Rita Barém de Melo contou cantando os arroubos da adolescência e, na idade madura, a dor que lhe brotava n'alma.

Para conhecê-la, é preciso examinar o texto que está na *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, de Guilhermino Cesar. Porto Alegre, 1956, págs: 158-160:

“Rita Barém de Melo é uma voz suave e pura, ninguém a excedeu, até ao aparecimento de Lobo da Costa, em doçura, musicalidade e emoção. Poucas vezes, seguindo a corrente de uma literatura, se encontram águas tão claras e cantantes. A pequena obra poética dessa apagada e infeliz provinciana nos encharca de melancolia, dada a força com que exprime fraquezas: o desamparo, o abandono, a solidão. Mas, fora daí, é também graciosa e alada a sugestão que nos dá, como ao descrever as paisagens fluviais de sua terra. Temperamento doentio, marcado sem dúvida pelo morbo romântico, infundiu à paisagem um colorido cinéreo, fazendo um lirismo de primeira ordem, que basta para documentar a fusão da natureza com o sentimento, no envolver do processo romântico entre nós”.

Rita, que viveu sofrendo, contou em versos essa amargura.

Pelas páginas de *O Guaíba*, primeira revista literária de destaque, Porto Alegre, conduzida por João Vespúcio de Abreu e Silva, sob o pseudônimo se *“Jurity”*, Rita Barém de Melo publicou, 1856, *Lyra dos 15 Anos*. Esta obra, coleção de suas primeiras produções (1855), é raríssima, não se encontrando nem mesmo na Biblioteca Nacional.

Sorrisos e Prantos (Jurity) contém poesias de Rita Barém de Melo (1868) e foi oferecido à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande e editado por José Correa de Melo. A obra encontra-se na Biblioteca Pública de Rio Grande e contém poesias desde 1855 (Guilhermino Cesar).

Antes mesmo de Casemiro de Abreu ter dado ao público *Primaveras*, Rita foi “Casimiriana”, herdeira do lirismo português afeiçoado à terra, cantando os sobressaltos da adolescência, a ternura pelas coisas simples, o encanto pela paisagem.

Quando ela fala em *Sonhos de Virgem* a sua voz destila suave e pura:

“Aos quinze anos quando a alma acorda
Para as primeiras emoções do amor,
É como um lírio descerrando o seio
É toda a crença, virgindade, alvor

Qual harpa eólea que a noturna aragem
Vibra harmonias d’um olhar a chama,
Estremecendo d’um suspiro quebro
D’etéreos gozos um poema - ama.”

Rita Barém de Melo foi doce, musical e emotiva. Seu lirismo é diáfano e inebria a atmosfera do sonho. Os versos de *Vem* com rimas internas e externas é um chamamento poético:

“Vem! Que t’importa que maldiga o mundo
O amor profundo que nos liga? vem;
Vem, que no vale de cheirosas flores,
Nossos amores viçarão também.”

Rita Barém de Melo deixou Porto Alegre em 4 de abril de 1861, falando dos arredores de Porto Alegre, da nostalgia do Guaíba, do pôr do sol, dos primeiros frios de março, da solidão da Ilha da Pólvora, das serras, da sua terra natal.

Rita sentiu a morte de seus parentes. Quando partiram os filhos, chorou desesperadamente. Em *Lágrimas de mãe* escreveu ao filho morto:

“Uma a uma te contei as dores
Nas agonias soluçei contigo;

Mas Deus do triste, desgraçado amigo,
Não quis as preces m'escutar clemente.”

Já em Rio Grande, no Teatro, com sentimento patriótico, declama o poema *Quadras*, quando da Questão Inglesa, demonstrando uma poesia amadurecida.

Para a data de 7 de setembro escreveu poemas e compôs a letra do Hino que foi entoado em honra a D. Pedro II, quando de sua visita a Rio Grande. Declamou *Saudações a Sua Majestade, o Imperador*, em 7 de julho de 1865, fato de grande significação histórica.

Da vida simples Rita cantou o aborígene e manteve-se coerente e natural. Não usou temas fora do seu conhecimento. Sua poética é de composição voltada ao seu meio. Foi sincera. Não quis impressionar por palavras rebuscadas. Deixou o coração falar.

Caldre e Fião disse: “A crítica não deu o devido lugar aos escritos de Rita Barém de Melo, ainda ninguém sabe em que ordem ela deve ficar na galeria dos prosadores e poetas rio-grandenses”.

Houve até uma certa negação à obra dessa mulher que, segundo João Pinto da Silva em *História Literária do Rio Grande do Sul*, nem sequer lhe mencionou o nome.

Barão de Santo Angelo, já velho, assim escreveu sobre a poetisa conterrânea: “A falecida Barém, cujos versos li cheio de admiração, foi uma das organizações mais perfeitas e mais elevadas que é possível para a poesia. Há nas suas obras o cunho do verdadeiro engenho”.

E Guilhermino Cesar, em *História da Literatura do Rio Grande do Sul* define: “Uma poesia assim, límpida, como água na fonte, classifica-se por si mesma. Seria quase uma impertinência incluir a autora entre os ultraromânticos. Basta-lhe ter explicado, de maneira tão completa, a permanência de nossa sensibilidade, do quebranto, do langor e da saudade portuguesa.”

Maria Eunice Muller Kautzmann

Maria Eunice Muller Kautzmann
Cadeira Nº 32



Maria Eunice Muller Kautzmann nasceu Taquara, Rio Grande do Sul, no dia 07 de setembro de 1924.

É professora, poetisa, cronista, teatróloga, ensaísta, historiadora, genealogista e escritora de literatura infantil.

Formada em letras, exerceu o Magistério. Na Prefeitura de Montenegro, Rio Grande do Sul, fundou o Arquivo Histórico e Geográfico Municipal, do qual é Patrona por concessão da Câmara Municipal, 2006. É também co-fundadora do Museu Histórico de Montenegro. Ainda em Montenegro fundou a Apae. Lecionou Português. Participa do Círculo de Pesquisas

Literárias e presidiu a AJEB.

Títulos e Prêmios

- Medalha de Bronze da Academia Internacional de Letras, 1979, Rio de Janeiro;
- Título de Cidadã Montenegrina, 1981;
- Educadora do Ano, 1989;
-

Integra uma centena de obras coletivas e publicou sete livros, o último dos quais História de Taquara: Jose Tristão Monteiro, editado pela Prefeitura Municipal em 2004.

Publicações

- Colaboradora em jornais e revistas do Brasil, Uruguai e Estados Unidos;
- Participação no O Livro da Ajebiana, 1979; Ajebianas do Paraná e do Brasil, 1980; I, II e III Tarde Poetas Montenegrinos, 1981, 1984 e 1985;
- Vozes Femininas, 1983
- Modernidade Poética, 1984;

- Cadernos Literários, 1985;
- Cantares Navideños, Uruguai, 1986;
- Presença Literária, 1987-1988 da ALFRS;
- Os versos que eu te dou, 1988;
- Ajebianas de sul a norte, 1989;
- No mundo encantado da poesia, 1989;
- Universo III, 1989;
- Oficina 18, 19 e 20, 1992 e 1993;
- O homem e o meio ambiente, 1292;
- 50 Anos de Literatura no Rio Grande do Sul, 1993;
- Vidas e costumes, 1994;
- Correio do Povo 100 anos, 1995;
- Antologia, 1996;
- Regionalismo sul-rio-grandense, 1996;
- Palavras, 1997 e 1999;
- Publicações Espirais, 1969;
- Cavaquinho, 1973;
- Água, 1978;
- Universo de amor (todas poesias)
- Montenegro de ontem e de hoje, 1979-1987 (pesquisa, 2 volumes)
- Raíses, Mulher-Hyer-Hampe-Fischer, 1997;
- POA genealogia.

Izabel Eri Diehl de Camargo
Cadeira N° 32



Pedagoga, Professora Universitária, escritora, poeta. Natural de Soledade/RS e reside em Porto Alegre. É filha de Lothar Diehl Murat e de Leontina Batista de Camargo Murat. Graduada em Técnicas Comerciais-Licenciatura, Pedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-graduada em Supervisão Educacional pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras do Rio Grande do Sul.

Concluiu: o Curso de Espanhol (nível superior), na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/RS; Extensão Universitária em Supervisão de Estágio na mesma Universidade – PUCRS; cursou – A Consciência em Expansão – O Homem Psi e a Educação para o Terceiro Milênio, pela Universidade da Paz/Brasília/UFRGS.

Participou de várias Oficinas de criação literária, poesias, haikais e contos. Recebeu Certificados: II Encontro Internacional- A Educação e o Mercosul: Desafio Político e Pedagógico/UFRGS/1993; Lições da História da Filosofia: Autores e Problemas Clássicos – Seminário pela UFRGS e Filosofia da Criatividade pela SMC/Porto Alegre, Colóquio Internacional de Literatura e Outras Linguagens, Extensão Universitária/UFRGS/2007; XI Simpósio Internacional de Geriatria e Gerontologia, pela PUC/RS2003, 24ª Semana Científica HCPA, IX Curso de Introdução à Bioética/2004; Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras – Revisitando os Clássicos, 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo/2005, Participou da 13ª Jornada de Literatura de Passo Fundo/RS/2009.

Aposentada como Especialista de Educação e Professora Universitária. É Embaixadora Universal da Paz, Genebra/Suíça – Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix; pertence: á Associação Internacional de Poetas- Secretária/RS; Vie-Presidente do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais – InBrasCI . Membro da Liga do Portal CEN, de Portugal, Membro Efetiva da Academia Brasileira de

Estudos e Pesquisas Literárias do Rio de Janeiro, Cadeira nº 27, Patrono Cruz e Souza; Acadêmica Efetiva da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Cadeira nº 08, Patrono Antônio Carlos Gomes, Membro Correspondente da Academia de Letras do Brasil – Mariana/MG, Membro Efetivo da Academia Internacional de Artes Letras e Ciência – A Palavra do Século 21, Cadeira nº 52, Patrono Caio Fernando Abreu; pertence à Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris/France – Membre d'Honneur; Membro efetivo da Academia Literária Feminina/RS, cadeira nº32, Patrona Rita Barém de Mello. Pertence à Casa do Poeta Rio-Grandense – CAPORI e Latino-Americano – CAPOLAT; Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB/RS; União Brasileira de Escritores – UBE/RS/ Secretária e UBE/SP; Sociedade Brasileira de Poetas Aldrevianistas/MG.

Verbete da Enciclopédia da Literatura Brasileira Contemporânea – Vol. XV 2010, Rio de Janeiro/RS e do Dicionário de Mulheres de Hilda Agnes Hübner Flores, 2ª Edição/2011. Prefaciadora de livros como “Dignidade na Morte: direito do ser social idoso”, de Ivanilde Moraes de Gusmão, Recife/PE; “Alçando Voo”, de Nair Gama/2010; Moiras de Jeanete Ecker Kohler/Porto Alegre/RS, 2013. Parecerista do Romance “Um Enigma”, de Ilda Maria Costa Brasil & Alunos do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio Conhecer, Porto Alegre/RS, 2011. Palestrante: na 56ª Feira do Livro de Porto Alegre/RS, 1º Encontro Latino-Americano de Casas de Poetas em 07/11/2010; no Sarau Poético da Casa de Cultura Mário Quintana, em 22/09/2010, na Associação Gaúcha de Escritores Independentes em 30/05/2011, na UBE/RS em 10/05/2016. Integrou grupos de pesquisa na SEC/RS e na ASSERS. Lecionou na PUCRS, as disciplinas: Prática de Ensino e Supervisão de Estágio, Avaliação à Distância; na Faculdade de Formação de Professores São Judas Tadeu, Didática, Prática de Ensino e Supervisão de Estágio, bem como, exerceu a coordenação da Prática de Ensino; na UNISINOS, lecionou Metodologia do Ensino Superior; na Faculdade Porto-Alegrense de Educação Artes Ciências e Letras, Avaliação, no Curso de Pós-Graduação para Administração, Supervisão e Orientação Educacionais.

O início da sua carreira profissional ocorreu no ensino Fundamental, quando foi alfabetizadora; continuou ministrando aulas no ensino Fundamental, Médio e no Ensino Superior – 3º grau, assim: (trabalhou em macro e micro sistema de ensino). Foi assessora técnica na 1ª Delegacia de

Educação, e na Unidade de Pesquisa Supervisão e Orientação da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul- UPO. Atualmente aposentada. Publicou as seguintes obras: Poesias Viajantes, 1993; Doença de Alzheimer: um testemunho pela preservação vida. (ensaio de humanidades), 2003; Poética do Coração, 2005; Fronteiras do Amanhecer: Contos, 2007; Pequenos frascos: haikais, 2009; A Vogal e o Haikai, 2009, O Rosto do Ovo: contos, 2010, Caminhos do Mapa Literário- Crônicas e poesia, 2012; Paisagens Brasileiras em Poesia, 2013, lançado na Bienal Internacional do Livro em São Paulo/2014, Aldravepeia em gotas cristalinas, 2015.

A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul editou, em Braille, cinco de seus livros. É colaboradora de Jornais e revistas – Imprensa Literária do RJ, 1999 com (o poema “Namorado”); Publicação nos jornais do Estado do Acre e do Rio de Janeiro – a crônica “O CÁLICE E O VINHO”. Revista Acadêmica de 1999 a 2015, RJ. Revista Brasília, vários números, até abril de 2015 (poesia, artigo, contos e crônicas); Revista Textual do SINPRO (Sindicato Nacional de Professores) artigo – afetividade e aprendizagem/2005; Revista Caosótica: contos, crônicas, artigos e poesias/2007 a 2012 e 2015, 2016, do Instituto Cultural Português/POA/RS.

Participou de inúmeras coletâneas e antologias nacionais e internacionais entre as quais, Brésil en Scène. Diva Pavesi et ses invités. Divine edition. Paris, 2014. Detém vários prêmios literários, dentre eles: Láurea Cultural Stella Brasiliense da revista Brasília; Troféu Homenagem – da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil/RS; Troféu Homenagem da Casa de Cultura de Espumoso/RS, “Medalha do Mérito Acadêmico” da Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias- Brasília; Medalha 30 Anos da Revista Brasília – Cultura e Informação e da revista Acadêmica 20 anos, 1993-2013. Desta-que com Medalhas pelos livros: Fronteiras do Amanhecer: contos “Livro Ouro 2008”, “O Rosto do Ovo: contos “LIVRO OURO 2010”, Caminhos do Mapa Literário- LIVRO OURO 2012 e Paisagens Brasileiras em Poesia LIVRO OURO 2013, pela Câmara do Livro da ABEPL do RJ e “Livro do Ano/2009” para A Vogal e o Haikai – infantil. Medalha de Mérito Literário Lumens. Certificado e Medalha de “Honra ao Mérito” do Instituto Brasileiro das Culturas Internacionais em Minas Gerais – InBrasCi. Destaque especial em concursos de Poesias, Contos e Crônicas, nacional, regional e internacional. Premiada com o primeiro lugar em Montevideo/Uruguay 2011- Con-curso de Cuento. Y Poesia Bilingue de CHADAYL “Professor Antonio Apa Lucas,” com o conto- Ginete. Foi lida com o troféu Carlos Drummond de Andrade e com o de Cecília Meireles/MG, Laureada com o Prêmio Excelência Cultural – 2013, da Associação Brasileira de Desenho e Artes Visuais/RJ; Prêmio Victoria –

Destaque/2015 en el Arte y Queacer Social, Montevideo/Uruguai, entre outros.

www.caminhosdavida.prosaeverso.net

eri.camargo@yahoo.com.br

Antologia Fenix Logos 2013

www.carmovasconcelos-fenix.org/LOGOS/L15/LOGOS15-JUL2015.htm

<http://www.carmovasconcelos-fenix.org/LOGOS/LOGOS-10SET-2014.htm>

http://www.poetasdelmundo.com/verinfo_america.asp?ID=3539

http://www.jornalaldrava.com.br/pag_sbpa_Izabel.htm

http://www.caestamosnos.org/Autores/Izabel_Camargo.html

<http://www.youtube.com/watch?v=7rMRtn2AgMU>

WWW.izabelericamargo.blogspot.com

ANEXO PARTICIPAÇÕES:

Participação em várias coletâneas e antologias nacionais e internacionais, como: Pulsações reunidas/1995, POA; Mercopoema II /1995, POA; Poema dos Companheiros – Confraria dos Poetas/1998, POA; Antologia de Poetas e Escritores do Brasil/1997 e 1998, Brasília, DF; Coletânea Vínculos/2000, Cruz Alta, RS; 3º Prêmio Missões/2000, Roque Gonzales, 1997 /RS; 4a Antologia Poética Vargas Neto/2000, São Borja, RS; Timor Esperança/2000, POA; Palavras 2001/ 2002/ 2003/ 2004/ 2005/ 2006/ 2008/ 2009, 2011, 2012/2014/2015, da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil) POA; E por falar em amor. Litteris Editora, 2002, RJ; Timor – Poemas de Esperança. Ordem da Confraria dos Poetas- Brasil, Schan Editores. Porto Alegre, 2002, 41 Anos da Casa do Poeta Rio-Grandense/2005 idem 42 Anos. 2006. Autores Gaúchos/2007. Antologia – Poetas Del Mundo/2008. Voo Independente, AGEI/2008. Presença AGEI/2010; Joaquim Moncks. & Amigos/2011. Voo Independente 10. AGEI /2011, Lumens: em prosa e verso/ Mariana, MG/2011. Presença Literária da Academia Literária Feminina/Porto Alegre/2011 e 2012, Coletânea Delasnieve Daspert & Amigos. UBE. Porto Alegre, Alternativa, 2012. O Livro das Aldravias – (Nova Forma/Nova Poesia), Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2012, 1ª Edição. O Livro das Aldravipeias, 2013. Eventos. XVIII Antologia. UBE/RS. Porto Alegre, 2013. Nossa Terra, XIX Antologia UBE/RS/2014; Natureza. XX Antologia UBE/RS/2015. Coletânea- Associação Internacional de Poetas – Governadoria do Estado do Rio Grande Rio Grande do Sul- 2014. Antologia

Universal Lusófona– Rio dos Bons Sinais- 2014. Livro I da ALACIB-
Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil. Mariana, Minas Gerais, 2014.
Brésil en Scène. Diva Pavesi et ses invités. Divine edition. Paris, 2014.
Novos Haicais Brasileiros. Litteris Editora, Rio de Janeiro, 2015. Coletânea
Horizontes. Academia de Artes Letras e Ciências – Alternatva, 2015. O Livro
III das Aldravias: Edição Bilíngue. Aldrava Letras e Artes, Mariana/MG.
2015, Presença Literária. Academia Literária Feminina do Rio Grande do
Sul. Edições Caravela. 2016. Faz de conto/Helvetia/2016. O Livro IV das
Aldravias. Aldrava/MG.(Lançamento em 22/10/2016.
Revistas: Acadêmica e Brasília/RJ; Causótica/ Porto Alegre; Rio Cidade
Maravilhosa/RJ.

Veja outras obras de : Heresias do marxismo brasileiro: a agonia de Caio
Prado Júnior; Shanghai Lilly; António Paixão; Alberto Slomp e Yara Regina
Franco.

Colleta da Silva Müller

Cadeira Nº 33

Patrona

Colleta da Silva Miller, natural da cidade de Rio Grande, RS, era filha do intelectual João Maria de Carvalho e Silva e de D. Glodozindes Teixeira de Carvalho e Silva. De seu pai herdou o pendor pelas letras, ou melhor, pela poesia e sensibilidade musical.

Poetisa inspirada e espontânea, liga-se Colleta pelo matrimônio ao brilhante cultor das Musas, Luiz Carlos Miller, irmão de outro conhecido poeta, Alcides Miller.

Prematuramente falecida, deixou Colleta um livro inédito, sob o título de *Sons Dispersos*. Este livro foi prefaciado por dois expoentes da intelectualidade rio-grandense, o poeta Zeferino Brasil, Patrono da cadeira nº 24 da Academia Rio-grandense de Letras, e a poeta Revocata Heloisa de Mello também jornalista, fundadora do jornal *Corymbo*, da cidade de onde ambas eram naturais.

Colleta colaborou para muitos jornais como *Eco do Sul*, *Tempo*, *Artista*, *Corymbo* e *Momento*, este de Caxias do Sul, onde residiu com seu esposo.

Bem dotada intelectualmente, Colleta se integrava com facilidade ao meio social onde vivia, não regateando a ele o brilho e repercussão de seu estro poético ou sensibilidade artística. Assim compôs o *Hino do Grêmio Luzitano* de Rio Grande, tendo ainda cooperado com sua pena para as composições dramáticas, musicadas pelo maestro Antenor de Oliveira Monteiro, velho professor de música e dramaturgo em Rio Grande.

Diante do presságio de seu fim próximo, Colleta encontra na fé consolo para sua alma acabrunhada e de forma poética as traduz:

“Rosas? - interrogaste. - Sim rosas
para o divino altar da Mãe-Sagrada,
da Virgem, cujas bênçãos poderosas
enchem de amor minh'alma desolada.

Elas irão esplêndidas, formosas,

aromar-lhe a capela alvi-rosada
Irão beijar-lhe as níveas mãos sedosas
e a túnica de estrelas marchetada.

Elas irão por sobre o altar depostas
como pálidas monjas de mãos postas,
erguer-lhe os hinos do meu culto ardente.

E hão de florir, hão de florir eu creio
por que da Virgem sobre o casto seio
a flor da crença vive eternamente.”

Idólatra da beleza - como define Alzira F. Tacques - Colleta traça esta silhueta de mulher fascinadora, com elegância magistral:

Quando o teu vulto principesco assoma
na branca florescência das estradas,
do arvoredos a virente coma
cantam aves as notas concertadas.

Há cânticos no espaço... A natureza,
ante o esplendor da fúlgida beleza
do teu perfil de graça soberana

freme, estremece, lúbrica se agita...
e toda terra em eclosões palpita
à excelsa Graça da Beleza-Humana.”

Mas se a poeta soube exaltar a beleza humana, soube também deplorar a desventura daquelas que rolaram pela rampa da desgraça e ao fim de sua vida tiveram para alumiar-lhe a campa e círio de prata do plenilúnio e das lágrimas do orvalho nas madrugadas álgidas de inverno:

“Nasceu mísera flor de desventura
da mais funesta e negra podridão,
para viver numa existência impura,
sem encontrar, sequer, uma afeição.

Crestou a bela flor da formosura
de tasca em tasca, em triste condição,

para afogar, enfim, na cova escura,
os martírios fatais da perdição.

Morreu... e neste mundo de miséria
não teve, no seu leito de agonia,
quem lhe velasse o corpo, - vil matéria.

Dorme esquecida à sombra do cipreste...
só a lua lhe estende, à campa fria,
a mortalha de luz azul-celeste.”

Colleta da Silva Miller não deixou descendentes e seu esposo, pouco depois, também faleceu. Dos dados consultados não nos foi possível apurar a data do seu nascimento e morte.

referindo-se à Colleta, Zeferino Brasil escreveu: “A poetisa que criou tão suaves poemas, foi, em verdade, uma alma musical, fadada para o encantamento e enlevo da poesia.”

As palavras do poeta vêm ao encontro da opinião do filósofo, professor Gerd Bornheim. Entre a música e a literatura se verifica um comércio bastante assíduo. Realmente, há todo um tipo de poesia que busca conscientemente aproximar-se da música: e o verso, o ritmo poético, não passa no fundo de um fenômeno musical.

Colaboração de Acadêmicas

Therezinha Odete Pinto

Cadeira 33



Therezinha Odete Pinto nasceu Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, em 1929. Poetisa. Filha de João Pinto Sampaio e Olívia Pereira Pinto.

Cursou Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Funcionária Pública Federal aposentada.

Membro da Academia Literária Feminina. Presidiu por sete anos a Associação Cristã Feminina. Integrou o Conselho Municipal de defesa dos Direitos da Mulher, em Porto Alegre.

Colaborou no Correio do Povo, Jornal da Semana e revista Imagem News. Participou em Vozes Femininas, em 1983, Porto Alegre.

Obras publicadas, todos de poesia:

- Piquete de sonhos, em Canoas, RS, 1960;
- Pássaro de fogo, em Porto Alegre, RS, 1963;
- Do agora eterno, em Porto Alegre, RS, 1968;
- Bilha de barro, em Porto Alegre, RS, 1979.

IVETA RIBEIRO

Cadeira 34

Patrona



Iveta Ribeiro, de ascendência lusa, foi poeta e pintora.

Alzira Freitas Tacques em sua obra *Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros*, escrevendo sobre Iveta, a considera uma legítima glória da Literatura Nacional, a quem muito deve em matéria de realizações a difusão da Arte sob todos os prismas e facetas pelos quais se manifestou.

Possui vários livros publicados. Seu perfil se delinea aureolado em brilho diamantino sobre fundo-ouro sem mácula. Há em sua pena cintilações estelares e tudo o que dela flui traz a

marca genuína da emoção.

Não só na poesia, entanto, se revela Iveta Ribeiro, a abalizada e primorosa esteta. Existe invejável duplicidade nesse nimbo de luz que lhe garante a frente, pois maneja o pincel tão bem como maneja o plectro, e sabe vestir de alma suas maravilhosas idealizações e criações.

Conheci a simpática Musa em cujas veias circula o sangue luso, por ocasião de uma rápida visita que fez a Porto Alegre para expor à admiração dos entendidos uma coleção magnífica de miniaturas saída de sua mãos de autodidata que à perfeição souberam policromisar e emprestar-lhe os clarões do gênio.

Nessa ocasião a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul prestou-lhe esplêndida recepção na elegante residência de Dona Lydia Moschetti

Tivemos ocasião de, por algumas horas, conviver com Iveta, que breve retornaria ao Rio de Janeiro. Deliciamo-nos com sua agradável palestra filigranando o espírito ao encantamento e calor de sua afeição. Naquela oportunidade ofereceu nossa biografada um auto-retrato a óleo e uma primorosa miniatura à Academia.

Sua ação ultrapassou o âmbito nacional. Organizou ela em Portugal a Exposição do Livro Brasileiro que alcançou grande sucesso e compilou uma pequena *Antologia de Poesias Portuguesas*.

Domiciliada no Rio de Janeiro, lá irradiava para todos os recantos do Brasil imenso, como além, para o Exterior, quer em periódicos ou em páginas de revistas, as centelhas do seu talento, o fulgor de seu talento lapidar.

No lindo soneto *Mãos* deixa transparecer a nostalgia profunda do passado, nesse doce crepúsculo romântico que lentamente nos envolve em seus braços de veludo e ametista. E que vontade se apodera de nós de beijar essas palmas tão suaves e queridas, néveas e leves como as asas de frágil paloma adormecida.

Patriótica convicta da grandeza deste Brasil amado, não se cansa de num hino ardoroso enaltecer a terra de seu berço que é, no seu dizer:

“Terra formosa a levantar-se altiva
enfrente ao mundo,
pela mão de Deus.”

Iveta Ribeiro foi também exímia prosadora. Uma verdadeira mestra na difícil arte do Conto. Suas narrativas prendem, seduzem, absorvem da primeira à última linha. Há em sua pena uma tão intensa espontaneidade que a gente tem a impressão de estar privando com seus personagens, de tomar parte em suas palestras, e um sentimento amargo de piedade nos domina quando a morte colhe alguma delas em suas garras de aço.

Iveta foi colaboradora assídua da Revista *Atenéia*, órgão oficial da Academia Literária Feminina. Entre suas colaborações pinçamos os contos *A solda*, *O Crime de Nídia* (policial) e *Bicho do mato*, e várias produções poéticas. Não somente o lirismo ou o intimismo a atraía e inspirava. Cenas da vida cotidiana do viver rude e desafiante dos pescadores. Neste painel em que um acentuado realismo se casa a uma doce nota de melancolia, algo misto de enternecimento e de piedade pelos simples e pelos bons:

“Fazem-se ao mar os veleiros...
Asas Brancas palpitando,
Bojos escuros singrando
As ondas mansas de então,
que, logo, se a tempestade
Surgir, cruel e maldosa,
Vagas tremendas serão!

Lá vai Tibúrcio, o moreno
Namorado da Luzia,
Filho do velho Lobão...
E, com ele, a alma dela,
Segue calma e confiante
Num futuro venturoso,
Bonito como um clarão!

Lá vai Mané Francisco
Pescador dos mais antigos
Pele curtida de sol,
Cabeça branca de neve,
Cantando para os amigos,
As cantigas que recordam
Muitos amores que teve
Dos quais não ficou nenhum
Por que amou depois o mar,
E quis mais bem ao seu barco,
Do que um rancho pequenino,
Erguido à beira da praia
Onde nasceu para pescar!
Já vão longe os vultos finos
Dos barcos feitos ao mar...
Na praia brincam meninos,
Nas choupanas, as mulheres
Cosem redes, fazem lume,
Embalam berços cantando,
Com vontade de chorar..."

Eis, em rápidos traços, o perfil desta talentosa e incansável Mulher que foi Iveta Ribeiro em cuja alma a sensibilidade e o amor se transformavam em vibrações harmônicas e poéticas.

Colaboração de Acadêmicas

Branca Barbosa Maia
Cadeira 34

Romance

Naquele canto, a sombra de um salgueiro,
Circundado por roseirais em flor,
A ti jurei o meu amor primeiro.

Em tudo havia a luz, a vida e a cor
E o multicolorido do canteiro
Lembrava a palheta de um pintor.

Então, beijos, por nos, foram trocados
Naquela hora sublime de emoção.

As rosas nos saudaram com punhados
De pétalas vermelhas pelo chão!

Branca Barbosa Maia canta e encanta pela delicadeza de seus versos dos quais emana o delicado sentimento de amor. Foram muitos versos escritos ao longo de sua vida. E é na poesia que ela revela o seu lado romântico. Mas, através de seu trabalho artístico, surgem talentos outros como o desenho e a pintura que são expressões de arte vindas de uma alma privilegiada como a sua. É a artista que se expressa de diversas maneiras.

Pesquisando mais sobre a sua vida, chama a atenção que foi também professora de Matemática Moderna. Então encontramos em Branca uma mente diversificada. Arte cênica convivem em seu viver diário. E também foi professora de Estudos Sociais, ambas as disciplinas lecionadas no primário, no ginásio e na escola normal. Mais diversificação porque soube lidar com alunos de diversas faixas etárias. Então conhecia e aplicava a Psicologia Educacional.

Branca Barbosa Maia nasceu no início do século passado, isto é, em 1904, no dia 10 de fevereiro aqui em Porto Alegre. Então, foi uma pioneira no meio artístico e educacional. E mais, foi uma vitoriosa como mulher.

Corajosa, determinada, ciente de sua capacidade e de seu dever, lançou-se à luta no desempenho de suas tarefas quando a mulher ainda sentia muita dificuldade de entender o seu enorme papel na sociedade.

Branca deve ter sentido obstáculos culturais no seu caminho. Mas, se sentiu, conseguiu, com galhardia, vencer os mesmos.

Ela foi diplomada pela Escola Normal de Montenegro, onde lecionou. Posteriormente foi professora nos Colégios Inácio Montanha e Cruzeiro do Sul em Porto Alegre.

E mais adiante a poetisa falou:

Aconteceu

Mãos enlaçadas, corações frementes,
Juntos partimos, jovens e felizes
Além, buscando auroras esplendentes.

Porém, sombreando os rútilos matizes,
Brumas desceram, logo, à minha frente
Em sinuosas rotas infelizes.

Depois de tanto amor, eu não consigo
Saber porque segui e tu seguiste

Rumos opostos, cada qual mais triste...
...E nunca mais eu me encontrei contigo.

Branca conta a história de um amor que não findou, mas que se perdeu no desencontro.

Entretanto, ela não fica por aí. Os contos surgem na sua obra. Mas há neles um desenrolar de fatos sombrios, angustiantes, opressivos, diferente do encantamento dos seus versos. Talvez a realidade da vida, o enfrentamento do dia a dia na cultura opressora tenha levado Branca a escrever os contos com um realismo até chocante.

Mas, voltando aos seus versos que tanto nos enlevam, temos

Interrogações

O que foi feito das tardes outonais
Com folhas secas rolando pelo chão?
O que foi feito da capela sem vitrais

Onde, juntos, fazíamos oração?

O que foi feito do banco do jardim
E daquele luminoso chafariz?

O que foi feito do ocaso carmesim
Iluminando o nosso amor?

O que foi feito da passarada errante
Brincando de ciranda sobre nós?

O que foi feito da fonte murmurante
Da qual, até hoje, escuto a voz?

O que foi feito daquele amor perfeito
Sublime relicário que perdi?

Finalmente, de mim o que foi feito?
E, também, o que foi feito de ti?

Branca Barbosa Maia ocupou a cadeira nº 34, cuja patrona foi Iveta Ribeiro. Faleceu em Santa Maria, RS, no dia 18 de abril de 2003, Sexta-feira Santa com 99 anos. Ela falava à família que se morresse num feriado ou num domingo não evisasse os amigos para não incomodá-los. Quem sabe já soubesse que assim iria acontecer...

Esta mulher extraordinária, não só pela suas obras mas, especialmente, pela época em que viveu e pelos seus longos anos produtivos é um exemplo para nós todas.
E vejamos

A Espera Infinita

Afinal, não vieste e eu te esperei tanto!
Tantos anos passaram e tanta mágoa persiste
Nesta grande espera que traz o desencanto
E tanta sombra põe sobre minha alma triste!
Não maldigo, no entanto, esta tão longa espera
Sou igual a Jacó, aquele pastor da História
Que, amando Raquel, ao pai Labão propusera
Mais sete anos servir de escravidão inglória.

Esperei por ti, uma existência inteira
E, tal o pastor, a espera ainda bendigo.
Mais sete vidas, iguais a esta primeira,

Eu esperarei, para encontrar contigo.

Branca Barbosa Maia filha de Antonio Barbosa da Silva Filho e Mathilde Barbosa. Viuva de Ary Centeno Maia, é mãe de Lenine, Cel. Da Brigada Militar e advogado, de Paulo Gorki (falecido) e de Danton, professor estadual. Em 1977 publicou o livro de poesias “Sublimação”, lançado, então, na Feira do Livro. Colaborou nos jornais Correio do Povo, Porto Alegre, O Cartaz Literário, RJ, O progresso, Montenegro, RS e na Revista Atenéia desta Academia. Possui várias medalhas “Votos de Louvor” por serviços prestados. Teve expostos seus quadros como “A Bailarina”, “Casal de Beduínos” e diversas telas com paisagens.

E para lembrá-la mais temos:

Relíquias

Guardo, há anos, com zelo inusitado,
Velhas flores, também cartas antigas,
Estão dentro de um cofre nacarado
Entre outras lembranças muito antigas.

Releio as cartas de um tom amarelado
Onde entoas suavíssimas cantigas.
Há, também, um cartão todo doirado
Causador de tantas mágoas antigas.

E, entre tudo isso, agora vejo
A rosa que me deste, sim, aquela,
Ao trocarmos o derradeiro beijo...

Está desfeita, a causa, eu não sei...
Se foi o pranto vertido sobre ela
Ou os beijos saudoso que lhe dei.

A Academia Literária Feminina do RS realizou a homenagem póstuma à Acadêmica Branca Barbosa Maia no dia 14 de maio de 2003.

Eloá Muniz
Cadeira Nº 34
Presidente



Eloá Muniz da Silva nasceu em Porto Alegre, RS. Tem formação em comunicação social, habilitação em publicidade e propaganda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos e psicanálise pela Sociedade Sul-Brasileira de Psicanálise – Psychesul. Curso de Pós-Graduação, Especialização em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo - ESPM. Curso de Extensão em Estratégia de Marketing pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E mestrado em Ciências da Comunicação, área de concentração semiótica pela Unisinos.

É autora dos Livros *Comunicação publicitária em Tempos de Globalização* lançado pela Editora Ulbra (2005); *Linguagem Resignifica-da: equidade e inclusão* lançado pela Editora Feminal (2015); e, *Linguagem e Psicanálise: desvelando o inconsciente* lançado pela Editora Feminal (2016). Tem várias publicações coletivas e artigos publicados sobre comunicação, marketing e mídia — análise do discurso das telenovelas, cinema, publicidade e propaganda.

Site: www.eloamuniz.com.br

E-mail: eloamuniz@terra.com.br

Currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4778727T4>

Desenvolve atividades de Consultoria Comunicação, Gestão de Imagem, Marketing Político e Produção Cultural. Atua ainda em Planejamento Estratégico e Marketing Empresarial. Profere palestras direcionadas ao Comportamento e Cultura Organizacional, Motivação Estratégica, Gestão de Imagem, Marketing Político e o Universo Feminino e Mídia.

Recebeu importantes homenagens como Prêmio Carmen da Silva outorgado pela Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, RS (15.08.2006); Homenagem da Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais de Porto Alegre, BPW Bussines Professional Women, Porto Alegre, RS (2005); e Medalha de Honra ao Mérito pela dedicada atuação e significativa contribuição para o crescimento da UNISINOS conferida pelo Magnífico Reitor.

Francisca Julia da Silva

Cadeira 35

Patrona



Francisca Julia, nascida em Xixirica, São Paulo, a 31 de agosto de 1874 e falecida em 1920, foi um dos mais altos expoentes da Poesia Parnasiana Feminina no Brasil, e a única mulher a cultivar esse gênero no Setor das Belas Letras, em sua época. Lembra ela uma escultora que, empunhando o camartelo, imitasse Miguel Ângelo no rasgar a golpes de luz as entranhas dos mármore gelados, deles arrancando, - desses blocos informes, - figuras esplendidamente humanas em que, sob ademanes clássicos palpita a vida insuflada ao sopro genial do artista que do sono do Nada os despertou...- figuras humanas mas (bem entendido!) despidas de alma e de calor...

Entanto, sob a couraça glacial que lhe envolvia aparentemente o coração, quanto vulcão, presume-se! prestes a entrar em erupção, para tormento dos seus dias, para a crucificação do seu “eu” a oscilar como um pêndulo entre o *spleen* que mata aos poucos e a preocupação contínua de controle sobre os nervos não raro agitados, como o mar vergastado das borrascas.

Francisca Julia, a consagrada autora dos gloriosos livros *Mármore e Esfinges* com a perfeição peculiar aos privilegiados dos Deuses, a si própria se traça o perfil neste soneto que a serenidade possui das efígies sagradas e imortais. *Musa impassível* se intitula:

“Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero
luto, jamais e afeie o cândido semblante!
Diante de um Job conserva o mesmo orgulho... e adiante
de um morto, o mesmo olhar e sobracenho austero.

Em teus olhos não quero a lágrima, não quero
em tua boca o suave o idílico descante.
Celebra ora um fantasma angüiforme de Dante,
ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero,

Dá-se o hemistíquio de ouro, a imagem atrativa,
a rima cujo som de uma harmonia creba
cante aos ouvidos dalma: a estrofe limpa e viva.

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
ora o áspero rumo de um calhau que se quebra...
ora o surdo rumor de mármore partido.”

E aqui temos *Vênus*, um alexandrino castiço em que as rimas lapidares como que emprestam um frêmito à escultura majestosa impassibilizada na sua inércia de séculos.

Branca e hercúlea, de pé num bloco de Carrara
que lhe serve de trono, a formosa escultura,
Vênus, túmido o solo, em severa postura
com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.
Um sopro, um quê de vida o gênio se insuflara.
E impassível de pé, mostra em toda brancura,
desde as linhas da face ao talhe da cintura,
a majestade real de uma beleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
de Minerva glacial que pelo gládio arranca,
julgo vê-la descer lentamente do trono...

E na mesma atitude em que a insolência a obriga,
postar-se à minha frente, impassível e branca,
na régia perfeição da formosura antiga.”

Olavo Bilac disse de Francisca Júlia: “Francisca Júlia canta a antiga beleza desnudada ao sol, fulgurando livre de véus hipócritas”.

E Agripino Grieco: “Há em Francisca Júlia pompa de formas e atitudes”.

Araripe Junior, Henrique Perdigão, Manoel Bandeira, Machado de Assis, Osório Duque Estrada, Ernesto Feder e João Ribeiro, - que prefaciou *Esfinges*, não regateiam aplausos, através das críticas plenas de eloquência admirativa, à genial poetisa paulista, sendo que Andrade Mauricí assim sobre uma de suas produções se manifesta: “O que admiro na *Dança dos Centauros* é a alegria interior que a anima, o dionisismo que ressumbra de

sob a plástica soberba e clássica. Adivinha-se, por detrás da insigne evolução, o júbilo da força criadora. Sente-se que, por debaixo da propositada impessoalidade, há o prazer divino da artista ao objetivar, pelo milagre da expressão poética, a visão prestigiosa.”

A Dança da Centauras

“Patas dianteiras no ar, bocas livres dos freios,
nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
ei-las, garbosas vêm, na evolução das danças
rudes, pompeando à luz e a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças,
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
de ar, o cabelo solto ao léu das auras mansas.

Empalidece o luar... a noite cai, madrugada...
A dança hípica pára... e logo atroa o espaço
o galope infernal das centauras em fuga.
É que longe, ao clarão do luar que empalidece,
enorme, aceso o olhar, bravo, do heróico braço
pendente e clara argiva, Hércules aparece...”

Colaboração de Acadêmicas

Honorina Bittencourt Figueirôa

Cadeira Nº 35



Filha do jornalista e livreiro Alfredo Bittencourt e de Elisa Moreira Bittencourt, Honorina estudou em colégios de Alegrete e Uruguaiana, RS. Esteve interna no Colégio Bom Conselho, conceituado educandário de Porto Alegre. Na antiga Escola Complementar de Porto Alegre, hoje Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha, concluiu o Normal em 1913, aos 18 anos. Nasceu em Santana do Livramento, RS, no dia 26 de janeiro 1895 e faleceu no Rio de Janeiro em 1986.

Seu veio poético brotou aos quatro anos de idade: *Todo mundo se espantou / porque a cobra se matou*. Iniciou atividade jornalística no jornal *A Tarde*, de sua terra natal. Além de jornalista, foi conferencista e ativista cultural.

Pelo casamento uniu-se ao poeta rio-grandino Waldemar Figueirôa, de família de intelectuais: neto de Manoel dos Passos Figueirôa, notório jornalista do período farroupilha, e filho do engenheiro civil e conferente da Alfândega do Rio de Janeiro, Dr. Manoel Figueirôa; Waldemar foi primo de Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro, proprietárias do jornal feminino de mais longa duração no Brasil: o *Corimbo* (1883-1944), que em sua edição de 30 de novembro de 1922, estampa o soneto de Honorina, datado em Porto Alegre, a 22 de maio daquele ano:

A MEU NOIVO

*Beija-me assim – de leve – amado, as mãos, vazias
Da carícia sutil do teu beijo... Fremente,
Ressuscita em meu sonho as velhas sinfonias!
Beija-me as mãos assim!... longa... extasiadamente!...*

*Sinto-te junto a mim! Vibro! Deliro! Exulto!
Choro! Canta em meu ser uma alegria louca!...
Na carícia do olhar envolvendo-te o vulto,*

Frases de amor me vêm, palpitando na boca!

*Mas em meio à noite erma, à tua voz desperto,
Paixa em torno o negror!... e o silêncio me assombra!
Tu, tão longe!... Eu, tão só!... Tão longo o meu deserto!...
- Lerdo, o tempo, a arrastar, urde a teia de sombra!...*

*Vem, peneirando cinza, a alvorada de maio
E à enervante algidez desse hibernal outono,
Da certeza brutal da solidão recaio
Na bendita ilusão, milagrosa no sono!...*

Honorina deve ter residido no Rio de Janeiro quando o *Corimbo* de 21 de outubro de 1942 informou a morte prematura e repentina do marido. Deixava Waldemar, além da viúva, “mentalidade de fina cultura e poetisa de inconcebível mérito”, quatro filhos, entre eles Neith e Isis. Neith, primogênita de 13 anos, possuía “admirável inteligência e tange a lira com facilidade e notada inspiração.” Isis Lourdes Figueirôa (veio a assinar Costa pelo casamento), moça com *admirável inteligência e tange a lira com facilidade e notada inspiração*, foi jornalista, autora de cinco livros de poesia, além de vários técnicos, na área de Serviço Social, sua profissão.

Mantendo vínculos com o Sul, Honorina é eleita para a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em 1944. Protelou por anos a posse na cadeira, justificando que residia no Rio, e que relutou “entre os apelos do envaidecimento e a timidez ante a responsabilidade que o título acadêmico lhe acarretava. No auto-exame que faz para o discurso de posse, diz-se

Avesa a todo o convencionalismo, não sigo escolas nem me amoldo a greis. Faço versos porque assim exige meu temperamento, exacerbadamente lírico, por instinto talvez; como o pássaro.

Raramente os publico.

E não cotejo a glória fugidia.

Do fio de seda do meu sonho vou fazendo o casulo em que me envolvo.

Como num vôo de libélula, a minha imaginação revolteia em torno de mim mesma, sem largos surtos, no horto vedado do meu ego romântico.

Honorina, absorvida como mestra e mãe, viveu em época em que ainda se proclamava a fórmula dos “4K” que o rei Guilherme II atribuíra à

mulher: Kinder-Kirche-Kleider-Küche (crianças-igreja-roupa-cozinha).
Lembra que foi só a partir da I Guerra Mundial que

a mulher brasileira, salvo raras exceções, começou a se libertar dos elos do preconceito que fazia exclamar à vitoriosa Gilka Machado:

*“Antes ser pedra, inseto ou verme ou planta ser
Que vir ao mundo e trazer a forma de mulher”.*

Honorina provavelmente residiu no Rio de Janeiro desde o casamento, pois o marido trabalhava na Alfândega local. Em 1955 era membro do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes e da Sociedade de Homens de Letras do Brasil. Instituições culturais lhe propiciaram convivência com valores como Manoel Bandeira, Olegário Mariano e Raul Machado. Admirava também Vitor Hugo, Musset, Amado Nervo, a poetisa Gilka Machado, Alceu Wamosy (seu colega de primeiras letras), Guilherme de Almeida.

Por décadas, declamou seus poemas em clubes e salões literários, sabendo-os de cor até idade avançada. Em 1969, aos 73 anos, conquistou 1º lugar na I Promoção de Poesia da Guanabara, vencendo 700 mulheres concorrentes. Dizendo-se apaixonada pela forma, pela harmonia, pelo fulgor da rima, pela espontaneidade de expressão e pelo conteúdo emocional, Honorina colaborou nas revistas *Kodak* e *Atenéia* de Porto Alegre, nos jornais *Corimbo* de Rio Grande; *A Tarde* e *A Federação* de Porto Alegre; *O Republicano* de Livramento, RS; *Ilustração* de Pelotas, RS; *Vida Capixaba* do Espírito Santo; *Phenix* do Rio.

Poesias espalhadas pelas gavetas, Honorina as teve recolhidas pela filha Isis, que as datilografou e selecionou com a autora, para o livro *Poemas de toda a vida*, que Honorina editou aos 84 anos de idade!

Sua obra, apesar de tardia, foi significativa: *Nas labaredas do ouro*. Rio de Janeiro, 1931 e Acaraju, 1932 (31 pág. de poemas); *Flores* (conferência); *A hora do chá* (poesia); *Poesias* (poesia); *No átrio azul*, 1956 (poesia); *Poemas de toda a vida*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

Beatriz de Castro
Cadeira 35



Beatriz de Castro nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul.

Formou-se em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

É Especialista em Educação e Escritora. É pós-graduada em Orientação Educacional pela PUCRS, em 1962.

Desempenhou várias atividades em entidades culturais como Secretária Geral da Estância da Poesia Crioula, Conselheira do Conselho Consultivo da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil e Membro Venerável da Casa Brasileira e Cultura de Pelotas. Atualmente é Presidente da Estância da Poesia Crioula.

Profere palestras com temas Sócio-Culturais enfocando a poesia e a cultura do Rio Grande do Sul.

Possui uma extensa obra publicada que varia de poesias a pesquisa de autores e personalidades representativas da cultura gaúcha.

Obras Coletivas

Antologia Poética da PUCRS, 1951

Antologia da Estância da Poesia Crioula, 1ª (1970) e 2ª edições (1987), 1990, 1998

Cultura em Ação, FEPLAM, 1987

Plaqueta da Estância da Poesia Crioula, Martins Livreiro, 1989

Tentos e Loncas, Instituto Estadual do Livro, 1993

Presença Literária da Academia Literária Feminina RS, 1994, 1997, 1998, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007

Palavras, AJEB, Nova Dimensão, 1997

Rio Grande Trovador, UBT/RS, Editora EPC, Pelotas, 1997

Plaqueta XIV Jogos Florais, UBT/Porto Alegre, 1997

Em 2007 publicou a obra individual *Canção do Longe*, livro de poesias, pela Editora Renascença.

Distinções recebidas

1º Concurso de Trovas de Linguagem Gauchesca, 1988 – Menção Honrosa

1º Concurso de Trovas de Linguagem Gauchesca, 1988 – Menção Especial
X Jogos Florais, UBT/ Porto Alegre, 1989 – Vencedora
AJEB/RS – Concurso de Poesia “Maria Dinorah”, 1994 – Categoria Soneto –
3º Lugar
Concurso de Sonetos – Academia Sul-Brasileira e Letras – Pelotas, 1996 –
Menção Honrosa
V Concurso Literário Prosa e Verso, Prefeitura de Caxias do Sul, 1996 –
Menção Honrosa
XIV Jogos Florais, UBT/Porto Alegre, 1997, Menção Honrosa
XIV Jogos Florais, UBT/Porto Alegre, 1997, Menção Especial
Academia Literária Feminina RS, 1998, Diploma de Honra ao Mérito
Concurso Interno UBT/Porto Alegre, 1998, Vencedora, Troféu “Nelson
Fachielli”
Assembléia Legislativa do RS, 2005 – Diploma por “Relevante Obra Poética
no Cenário da Literatura Gaúcha”.

Amália Cagnoto

Cadeira 36

Patrona



Nascida em São Paulo a 22 de junho de 1895, filha de Paulo Cagnoto e de Dona Maria Cagnoto, descendente de italianos.

Amália fez seus estudos em São Paulo, vindo depois, com sua família, residir em Porto Alegre.

Nomeada pelo Ministério da Viação, exerceu atividade no Departamento dos Correios desta Capital durante vários anos até que, aprovada em concurso prestado para Cargo no Ministério da Fazenda, passou a trabalhar na Delegacia Fiscal de Porto Alegre, onde galgou todos os postos, chegando a Chefe da Contadoria Seccional. Dotada de delicada sensibilidade, dedicava-se à literatura, havendo publicado o livro *Miosótis*, de poemas em prosa, e deixando inédito o romance *Turbilhão*. Nunca se casou.

Fez parte da Academia Literária Feminina desde o ano de 1945, não chegando a tomar posse de uma cadeira.

Tragicamente falecida em Porto Alegre a 10 de setembro de 1951.

A lágrima, poema que faz parte do seu precioso escrínio de poemas em prosa *Miosótis*:

“Lenta transpôs da pálpebra o portal...
e ei-la da queda na atração fatal.

Silenciosa em receio, o sulco traça
da trajetória sobre a face baça...

Esta gota de orvalho destilada
foi, pelo amor de uma alma torturada.

Trêmula vagarosa... muito a medo
desce em mutismo e só... como um segredo.

Síntese atroz de um BEM ambicionado
cujo cima jamais foi alcançado.

Fugitiva esta pérola perdida
teme rolar desfeita em pó... sumida...

Lágrima... - será de dor... ciúme... prazer
ou de ansiedade... - Quem irá saber?

Do coração à pálpebra levada,
ressumbra dalma a angústia extravasada.

Vasila... treme... sente, arrependida,
que fria há se esfazer... langue sem vida.

Sobre o peito rolou e, agonizante
sentiu do sangue o ritmo palpitante.

Caiu...tombou... enfim, resignada
bem junto ao coração ei-la finada.”

Nos seus romances inéditos, *Taça de Espuma*, e o sugestivo romance *Turbilhão*, preponderaram pinceladas trágicas e fortes na descrição de cenários tremendamente reais nos seus contrastes de ternura e desespero. Focaliza ela os usos e costumes ligados à exigência dos pequenos agricultores moradores nos sítios de São Paulo, onde nasceu e passou a Autora a sua infância.

De *Turbilhão* é o texto que se segue:

“Tarde de verão. O sol escaldante fazia brilhar em alguns trechos a areia da estrada por onde Ernesto transitava, e em trechos outros o pó fino da terra roxa levantava-se em nuvens ao menor sopro da brisa. Consultou ele o relógio. - Quase quatro horas, - disse de si para consigo, - e ainda tenho uma duas e meia a três horas à minha frente para chegar ao fim desta viagem.

Vou descansar aqui.

Junto à estrada havia um grupo de árvores. Desceu, prendeu o cavalo a uma delas, deixando-o pastar a erva tenra que crescia ao derredor,

para após dar-lhe a ração. Em seguida tirou de uma sacola de couro uma pequena máquina portátil de folha de Flandres, para fazer o café, e um embrulho com os últimos saborosos biscoitos feitos pela preta Nhãna, e em seguida terminada a frugal refeição, deitou-se na relva macia, encostado a um velho tronco, para descansar. Sem muita demora o som de várias vozes fez-se ouvir pela estrada poeirenta, e um grupo de pessoas acercou-se das árvores para abrigar-se dos raios solares. Era um sitiante com sua mulher e quatro crianças. Cumprimentaram e sentaram-se a pouca distância do local onde se achava Ernesto.

Conforme o hábito, ele examinou atentamente os improvisados vizinhos.

- Parece, pensou, que estão de mudança.

Levavam objetos que, segundo demonstravam, constituíam todos os seus haveres: painéis, trouxas de roupas, um cachorrinho.

Ernesto entabulou conversação:

- Então Patrício está de mudança?

O homenzinho magro e macilento, embora ainda jovem, respondeu:

- Nhôr sim! Nós bamo morá na cidade.

- Mas o senhor não tem sítios para estes lados?

- Tinha mas vendi ele.

- Era pouco, talvez, o terreno, e não dava para viver com a família? - continuou a indagar.

- Home, prá dá dava. E explicou: - No princípio eram três alqueires.

Depois foi vendendo ao estranja seu vizinho, primeiro um, depois outro, ficando por último só um alqueire. Dava muito trabalho e poucos proveitos, continuou principalmente por causa do seco que de vez em quando prejudicava as plantações, acrescida das pragas das saúvas e lagartas que tudo destruíam, não possuindo meios de exterminá-las..."

Amália Cagnoto dorme hoje o sono eterno, esquecida de todos e de tudo... Era este seu desejo... repousar sem despertar jamais.

Colaboração de Acadêmicas

BERTA LOFORTE GONÇALVES

Cadeira Nº 36



Berta foi poetisa, cronista, contista, prosadora, conferencista, dramaturga, com peças em verso para adultos e para crianças. Livro, publicou um único. Para sua produção intelectual usou o pseudônimo de *Pauma Beran*, atitude comum até o início do século XX, quando a mulher estava destinada às atividades domésticas, devendo se omitir intelectualmente ou resguardar no anonimato seu veio poético, ainda que voltado para a religião e temática moralista, temas que Berta apreciava. Nasceu em Lisboa, no dia 13 de maio de 1885 e faleceu em Porto Alegre, no dia 9 de março de 1973.

Filha de Francisco Loforte e Elisa Rogado Loforte, nasceu em Portugal, onde casou com Antônio Gonçalves, união bem vista pelos pais do noivo, que Berta reverencia assim:

OS MEUS SOGROS

*Os meus sogros, dois velhinhos
Que recordo com saudade,
Eram por mim, pobrezinhos,
Extremosos de amizade!
Um dia, quem há de crer,
Disse-me ela a sorrir:
- Agora posso morrer
Sem o meu filho o sentir.
Atendeu os meus conselhos
Tendo consigo casado,
Quando morrerem os velhos,
Não fica desamparado.
Sentirá... porque me amava,
Mas falta já não lhe faço.*

*Os carinhos que lhe dava
Há de lhe dar, bem o sei. (...)*

Antônio Gonçalves, economista e professor de contabilidade, foi convidado para trabalhar numa charqueada no Rio Grande do Sul. O casal veio de muda, com o filho Manoel, futuro catedrático de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, tendo sido agraciado com bolsa de estudo no Instituto Gulbenkian de Lisboa.

Manoel casou com Izar Gonçalves e deu a Berta duas netas: Suzana Maria Gonçalves e Alice Loforte Gonçalves. Esta, literata que nem a avó, editou, em 1956 o livro de poesias *Estrelas mortas* e colaborou na revista *Atenéia*. Casou com Dr. Hélio Nunes Wagner, filho da acadêmica Aurora Nunes Wagner, amiga de Berta Loforte Gonçalves e sua colega na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Os Gonçalves residiram na “casa de pedra”, elegante mansão na Vila Assunção, em Porto Alegre, onde Berta conviveu com o cotidiano dos netos, a quem dedicou estes versos:

MÚSICA DOS NETOS

*Dó, ré, mi, fá, sol, lá si,
Sete notas musicais,
Sete netos! e eu senti
Serem notas bem iguais!
As notas, quando tangidas,
Pelas mãos de hábeis artistas,
Ardentes, enternecidas,
São hinos de concertistas,
Enérgicas, melodiosas,
tremidas ou isoladas...
Foram óperas famosas
Pela vida eternizadas!
Netos, escala bendita,
Quer riam ou chorem só
São a orquestra mais bonita
Do coração da Vovó! (In *Atenéia*, 1966, p. 37).*

Já septuagenária e já viúva, Berta ingressou na Academia Literária Feminina. Escolheu para patrona a poetisa e romancista Amália Cagnoto. Colaborou em *Atenéia*, revista da instituição. No número de estréia, em 1949, disserta sobre “Saudade”, “precioso mimo da língua portuguesa, que não tem similar nem tradução em nenhum outro idioma”. Recuerdo em espanhol não é sinônimo de saudade; souvenir é recordação em francês e

ricordo é lembrança para os italianos. “Saudade não se traduz, sente-se dentro de nossa alma.” Exalta o vocábulo em extensa poesia que começa assim:

*Oh! Saudade! O que é saudade?!
Ninguém ao certo ainda o disse
Mas já ouvi, que maldade
Dizer que é uma tolice!*

Em 1967 publica, em Porto Alegre, seu único livro *Emoções de minha alma*, contém poesias intimistas, extraídos de momentos marcantes de sua longa existência, como “Suprema dor”, na qual filosofa acerca das várias formas de sofrimento. Presente, a dor pela perda prematura de um casal de filhos. Lembra Paulo

*Paulo, meu Paulo, que saudade infinda,
Dentro em minh´alma, desde que partiste...
Vinte e dois anos, mas a dor não finda,
Inexorável, não calma... Persiste...*

Em 1969, já idosa, Berta reverencia o sentimento eterno e universal no coração poético da humanidade:

*AMOR
O amor é uma centelha
Do fogo do coração
E que muito se assemelha
Às lavas de um vulcão.
Irrompe, queima, incendeia,
E sem nada respeitar,
Profana, freme sem peia
Té em cinzas se tornar.
Muita vez a lava ardente
Petrifica e empedernida
Forma um marco impenitente
Que perdura toda a vida.
E corre o tempo indiferente,
Passa a vida e a mocidade
E aquele marco inclemente
Impera numa saudade!*

Maria Dinorah Luz Do Prado

Cadeira Nº 36



Maria Dinorah nasceu em Porto Alegre no ano de 1925. professora, jornalista, poetisa, escritora de literatura infantil. Filha de Antônio Luz e Adylles Dinorah Brito Luz. Viúva do médico Luís Bastos do Prado.

Cursou Letras na FAPA e Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira mulher Patrona da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1989.

Criou o projeto O livro em sala da aula, desenvolvido em I Grau no Brasil, Buenos Aires, Montevideu, Portugal e Itália.

Colaborou, desde 1970, no Correio do Povo, Folha da Tarde e Zero Hora de Porto Alegre;

SLMG, Jornal do Brasil; revista Escrita e Leia Livros de São Paulo.

Participou em uma dezena de antologias no Brasil, Argentina, Portugal e Japão.

Publicou cerca de 108 livros.

Prêmios recebidos:

- Prêmio Jorge de Lima da ABL, 1972, com Geometria de sonhos;
- Prêmio João-de-Barro, Minas Gerais, com Dom Gato;
- Prêmio Guararapes, 1987, com Matatira-tirarei;
- Prêmio da APCA, 1975, com O macaco pregoçoso;
- Prêmio Destaque, 1988, com Iara Aruana;
- Prêmio INL, 1988, com Menino na avenida;
- Prêmio Destaque, 1988, com Giroflê girofla;
- Prêmio João-de-Barro, Minas Gerais, com Pitangas e vagalumes;
- Prêmio Nestlé de Literatura, 1986, com Barco de sucata;
- Prêmio Álbum de Famyli, Itália, 1975, com Ver de ver
- Prêmio FNLIJ, Rio de Janeiro, Um pai para Vinícius; e, O ontem do amanhã;
- Prêmio Guararapes, 1984, Solidão e mel.

Laís Chaffe

Cadeira N° 36



Nascida em Porto Alegre (RS), Laís Chaffe dirigiu, roteirizou e produziu o documentário sobre violência sexual contra meninas *Canto de cicatriz* (2005), pelo qual ganhou o Prêmio Direitos Humanos no Rio Grande do Sul (Unesco e Assembleia Legislativa), prêmios de melhor vídeo independente brasileiro e melhor vídeo social no Gramado Cine Vídeo 2006, prêmio Destaque Feminino no II Tudo Sobre Mulheres (Chapada dos Guimarães), menção honrosa na 33ª Jornada Internacional de Cinema da Bahia e menção especial do júri da Federação Internacional dos Cineclubistas no II Festival Internacional de Atibaia (2007).

O documentário foi exibido no Canal Brasil e Multishow, entre outras emissoras. Diretora (com Gustavo Brandau) e roteirista do curta-metragem *Identidade* (15min, 2002); e roteirista e produtora executiva do curta *Colapso* (15min, 2004). Roteirista e diretora do curta *Um minuto de silêncio*, apoiado pela Anistia Internacional, Conselho Municipal dos Direitos da Cidadania, RBS TV e TVE, entre outras instituições. O vídeo foi ao ar pela TVE de Porto Alegre de 19 a 30 de dezembro de 1994 e, através do Programa de Educação para a Cidadania da Anistia Internacional, teve apresentações em Londres.

- Jornalista e produtora cultural, publicou os livros *Carne e trigo* (poemas, Castelinho Edições, 2012), *Medusa* (poemas infantis, Casa Verde, 2011), *Minicontos e muito menos* (Casa Verde, Série Lilliput, 2009) e *Não é difícil compreender os ETs* (contos, AGE, 2002, 112p). Idealizou e está à frente do projeto [Cidade Poema](#), que vem levando poesia às ruas e a espaços públicos de Porto Alegre desde 2009; e da editora [Casa Verde](#).

- Participou das antologias *Coletânea de poesia gaúcha contemporânea* (2013, organização de Dilan Camargo), *Contos do novo milênio* (2006, organização Charles Kiefer), *Poemas no Ônibus 2002 e 2004, entre colchetes fica mais confortável* (contos) e *Histórias de Trabalho 1999 e 2004*. Premiada no 15º Concurso de Contos Paulo Leminski (PR), no 1º Concurso de Poesia da Biblioteca Leverdógil de Freitas (RS), no II Concurso Nacional de Literatura Revelação do III Milênio (GO), entre outros. Trabalhou em diversos veículos de comunicação de Porto Alegre, entre eles Correio do Povo, Jornal do Comércio e Rádio Bandeirantes. Foi assessora de imprensa editora do site da Cinemateca Paulo Amorim, de Porto Alegre. Atualmente, é diretora do Instituto Estadual do Livro (IEL), órgão da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.

CRONOLOGIA

- 1966

Nasce no dia 23 de março, em Porto Alegre (RS), Brasil. É a terceira dos quatro filhos de [Laureano Ibrahim Chaffe](#) e Cecília Lisbôa Chaffe, irmã de Laureano Lisbôa Chaffe, Liane Chaffe de Abreu Pinheiro e Lisiane Chaffe Machado Leal.

- 1983

Conclui o II Grau (Ensino Médio), no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Porto Alegre.

- 1984

Ingressa no curso de Comunicação Social da Ufrgs.

- 1987

Forma-se em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo Gráfico e Audiovisual na Ufrgs.

- 1989

Trabalha como redatora na Rádio Bandeirantes FM de Porto Alegre.

- 1989/1990

Repórter do Jornal do Comércio de Porto Alegre.

- 1990/1991

Redatora e repórter do Correio do Povo, de Porto Alegre.

- 1992

Ingressa, por meio de concurso, no funcionalismo público do Estado do Rio Grande do Sul, onde passa a exercer a função de assessora de imprensa, lotada na Secretaria de Estado da Cultura.

- 1994

Roteiriza, produz e dirige o vídeo sobre direitos humanos *Um minuto de si-*

lêncio, apoiado pela Anistia Internacional, Conselho Municipal dos Direitos da Cidadania e TVE, entre outras instituições. O vídeo foi ao ar pela TVE de 19 a 30 de dezembro de 1994 e, através do Programa de Educação para a Cidadania da Anistia Internacional, teve apresentações em Londres.

- 1996

Retorna ao Correio do Povo, onde permanece até o ano 2000, exercendo as funções de repórter, redatora de várias editorias, redatora de capa; sub-editora de Economia; e editora de Internacional, Geral, Polícia, Carros e Motos, Informática.

- 1997

Casa-se com o jornalista Carlos José Grassi Scomazzon (1962), atualmente assessor de imprensa da Câmara Municipal de Porto Alegre, integrante do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ) e editor da [EcoAgência Solidária de Notícias Ambientais](#).

- 1999

Vence o Concurso Literário Feminino Lila Ripoll da Casa de Cultura Mario Quintana.

Premiada no concurso Poemas no Ônibus da Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Juventude de Santo Ângelo.

Premiada no concurso Histórias de Trabalho da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

- 2000

Lançada a coletânea *Histórias de trabalho 1999*, da qual participa com o conto *Por que parei*.

2000/2001

Trabalha como repórter e redatora do Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- 2002

Publica o livro de contos *Não é difícil compreender os ETs* (AGE, 112p).

É premiada no 2º Concurso Histórias Curtas da RBS TV, de Porto Alegre, pelo roteiro de *Identidade* (TGD, 15min), que dirige, com Gustavo Brandau, para a série homônima.

Premiada no concurso Poemas no Ônibus da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre

- 2003

Lançada a coletânea *Poemas no ônibus 2002*, da qual participa com o poema

• 2004

Premiada no 4º concurso Histórias Curtas da RBS TV pelo roteiro de *Colapso* (Atena Produções, 14min), dirigido por Lena Maciel e Juliano Lopes Fortes. No mesmo ano, faz a produção executiva do curta para a série homônima.

Cria o selo Casa Verde, com o objetivo de discutir e publicar textos literários ao lado de outros autores gaúchos.

• 2005

Em março, edita a antologia *Fatais*, primeiro livro do selo Casa Verde, reunindo contos seus e de Caco Belmonte, Christina Dias, Filipe Bortolini, Flávio Ilha, Luciana Veiga, Luiz Paulo Faccioli e Marcelo Spalding.

• Lançada a coletânea *Histórias de trabalho 2004*, da qual participa com o conto *Telesserviços*.

• Lançada a coletânea *Poemas no ônibus 2004*, da qual participa com o poema *Seguem regando cactus*.

Em junho, organiza e edita a antologia *Contos de bolso*, reunindo mini-contos dos autores da Casa Verde e de outros 35 escritores convidados: Alexandre Guardiola, Amílcar Bettega, Ana Baggio, Caio Riter, Cardoso, Carlos Urbim, Celso Gutfreind, Cíntia Moscovich, Claudia Tajés, Daniel Galera, Daniel Pellizzari, Daniel Rocha, Eduardo Nasi, Fernando Neubarth, Gustavo Finkler, Jaime Cimenti, Jane Tutikian, José Eduardo Degrazia, Leonardo Brasiliense, Lourenço Cazarré, Luís Augusto Fischer, Luís Dill, Luis Fernando Verissimo, Marcelo Carneiro da Cunha, Mario Pirata, Marô Barbieri, Paula Taitelbaum, Paulo Bentancur, Paulo Scott, Ricardo Silvestrin, Sérgio Capparelli, Sergio Napp, Tailor Diniz, Valesca de Assis e Walter Galvani.

• Agosto: lança o documentário *Canto de cicatriz*, sobre violência sexual contra meninas, assinando roteiro, direção, montagem e produção executiva.

• Outubro: adota, com Carlos Scomazzon, os meninos João Victor (6/9/2001) e João Vinícius (18/3/2004).

• Novembro: participa do terceiro livro da Casa Verde, a antologia de contos *Era uma vez em Porto Alegre*, editada por Flávio Ilha e Luciana Veiga.

• Dezembro: recebe o Prêmio Direitos Humanos no RS - Categoria Divulgação pelo documentário *Canto de cicatriz*.

- 2006

Em agosto, *Canto de cicatriz* recebe no Gramado Cine Vídeo os prêmios Galgo Alado de melhor vídeo social e melhor vídeo independente brasileiro.

- Setembro: prêmio Destaque Feminino no II Festival Tudo Sobre Mulheres, de Chapada dos Guimarães (MT), e menção honrosa na XXXIII Jornada Internacional de Cinema da Bahia, ambos por *Canto de cicatriz*.

- Outubro: organiza a antologia *Contos de bolsa*, segundo livro da série Lilliput, reunindo minicontos dos autores da Casa Verde e de 40 escritores convidados: Alexandre Guardiola, Altair Martins, Ana Baggio, Berenice Sica Lamas, Caio Riter, Carlos Gerbase, Carol Bensimon, Celia Maria Maciel, Celso Gutfreind, Cíntia Moscovich, Claudia Tajés, Cleci Silveira, Daniel Rocha, Eduardo Nasi, Fabrício Carpinejar, Fernando Neubarth, Fernando Rozano, Ivette Brandalise, Jaime Cimenti, Jane Tutikian, José Eduardo Degrazia, Leonardo Brasiliense, Lourenço Cazarré, Luis Dill, Marcelo Carneiro da Cunha, Maria Clara Tajés, Maria Helena Weber, Mario Pirata, Marô Barbieri, Milena Fischer, Monique Revillion, Paula Taitelbaum, Paulo Bentancur, Paulo Scott, Ricardo Silvestrin, Sérgio Capparelli, Sergio Napp, Susana Vernieri, Valesca de Assis e Walter Galvani.

Adelaide (Ide) Schoenbach Blumenschein

Cadeira 37

Patrona



Adelaide (Ide) Schoenbach Blumenschein, Colombina, a Poetisa do Amor, nasceu na Capital paulista, a 26 de maio de 1882. De descendência alemã, veio a casar-se com o Sr. Hanery Blumenschein. Dessa união nasceram os filhos Otto Blumenschein que se casou com Alzira Zanota Blumenschein, e Elisa Blumenschein Canone, cuja morte antecedeu a de Colombina, e que era, também, notável poetisa.

Colombina foi professora de línguas dominando perfeitamente sua língua pátria, o alemão, e o francês.

É notável sua bagagem literária. Seus livros eram tão procurados que as várias edições esgotavam-se logo após o seu lançamento, sendo difícilima a obtenção de qualquer exemplar, mesmo em casas especializadas em livros raros.

São eles: *Vislumbres*, *Versos em Lá Menor*, *Lampião de Gás* (três edições), *Sândalo* (duas edições), *Uma Cigarra Cantou Para Você* (duas edições), *Distância* (duas edições), *Gratidão* (duas edições), *Para Você, Meu Amor* (trovas), *Manto de Arlequim* (prosa), *Cantares de Bem-Querer*, *Inverno em Flor*, *Cantigas ao Luar* (trovas) e *Rapsódia Rubra*. Deixou, ao falecer, poemas inéditos, manuscritos em cadernos que legou ao poeta Walter Waeny, seu grande amigo e um dos companheiros na fundação da Casa do Poeta “Lampião de Gás” de São Paulo.

A poetisa do amor jamais procurou fama. Não se preocupou em figurar em quadros acadêmicos e nunca buscou, através da divulgação de suas obras pela imprensa, obter a glória e o reconhecimento que, incontestavelmente, merecia. Entretanto, raro é o intelectual brasileiro que não conheça os seus poemas e os não exalte. Senhora de extrema sensibilidade, de rara perícia no manejo da língua pátria, seus versos possuem aquela musicalidade, aquela exatidão formal, aquela originalidade e profundidade só constatadas nas obras dos grandes poetas.

Sua fluidez é uma constante, suas imagens cheias de espiritualidade, sua rimas ricas e naturalmente inseridas no poema como se somente elas coubessem ali. Em seus manuscritos pode-se notar que tais virtudes eram tão espontâneas que as corrigendas ou aperfeiçoamentos eram raros, após a criação de cada obra. Apesar de ser o amor seu tema predileto, e tendo deixado tão grande produção, não se nota em Colombina repetição de idéias, de frases, de expressões sentimentais. Seu perfeccionismo no trato do verso - tanto no rigorismo da forma, quanto na riqueza, profundidade e originalidade temática, colocam-na, sem dúvida nenhuma, à mesma altura de grandeza de uma Francisca Júlia.

É indubitável sua preferência pelo soneto, embora tenha escrito, também, inúmeros poemas de várias outras modalidades.

Era intenção da grande poetisa, desde 1932, “fundar uma agremiação que reunisse em seu seio, intelectuais e artistas em geral” e cujas finalidades seriam “procurar que se eleve o nível da poesia em particular e da literatura em geral; publicar um jornal ou revista, para a divulgação das produções dos componentes da Casa do Poeta e tornar conhecidos os autores novos; mandar imprimir os livros dos poetas que não o possam fazer por conta própria, depois de julgados; custear edições de livros de poetas paulistas já falecidos, não mais encontrados em livrarias; organizar recitais, concertos e exposições de pintura, organizar reuniões a fim de provocar debates e apreciações sobre a arte”.

Não obstante, apenas em 1948 conseguiu concretizar essa velha aspiração. Em 6 de novembro desse ano, em sua casa, foi fundada a Casa do Poeta “Lampião de Gás”, denominação votada pelos demais poetas em razão do último livro de Colombina, *Lampião de Gás*.

A expressão Casa do Poeta foi inventada pela poetisa do amor. E obteve tanta receptividade no País que hoje existem várias associações culturais assim denominadas, espalhadas por todo o Brasil e que adotaram a extensão do nome para Casa do Poeta Brasileiro e, a seguir, o nome da cidade em que atuam.

A energia de Colombina dominava o ambiente poético, mesmo quando a idade já lhe ia avançada. Não falhava nas apresentações semanais. Sempre portando nos dedos ou nos lábios o indefectível cigarro, comandava os poetas com classe, energia e dignidade. É tradicional a história de sua franqueza. Não se furtava de dizer: “Você não é poeta!” - àqueles cujas obras carecessem de valor literário. Eram seus admiradores

grandes personalidades do mundo intelectual da época, muitos ainda vivos e dela guardando grata recordação.

Perseguindo os ideais que a levaram a fundar a Entidade, em setembro de 1954 fundou o jornal mensal poético *Fanal*. Atualmente o *Fanal* é distribuído por todo o país a sócios correspondentes, Academias de Letras de todas as capitais brasileiras e algumas interioranas; Bibliotecas Municipais de toda a Cidade de São Paulo; jornais, rádios, estações de televisão e alguns órgãos de imprensa de outras cidades de São Paulo e de outros estados, que mantém reciprocidade e entidades culturais congêneres de todo o país.

Sob coordenação de Colombina foram publicadas as antologias contendo obras de filiados à Casa do Poeta.

Colombina morreu exercendo a Presidência da Sociedade, a 14 de março de 1963, aos 81 anos de idade.

Maria Poças

Maria Da Rocha Poças

Cadeira 37



Maria da Rocha Poças nasceu em Porto Alegre em 3 de maio de 1919, de tradicional família lusa e fez estudos no também tradicional Colégio Bom Conselho.

Funcionária pública aposentada, escritora, poetisa e contista, integra várias antologias.

Obras publicas

Literatura infantil

- A batatinha sorridente;
 - Aconteceu assim;
 - O chapéu e a bruxa (teatro);
- O espantalho pedinchão; e,
 - Bom dia, criança.

Poesias

- A fonte e o poeta; e,
- O azul e a saudade

Maria faleceu aos 80 anos, em Porto Alegre, a 29 de setembro de 1999, dia de São Miguel, de quem era devota.

Maria Berenice Dias

Cadeira N° 37



Maria Berenice Dias foi a primeira mulher a ingressar na magistratura do Rio Grande do Sul e a primeira Desembargadora nesse Estado. Ocupa a cadeira n° 37 de Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Formou-se em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tornou-se mestre em Processo Civil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Preside a 7ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do RS, a qual detém a competência em Direito de Família, Sucessões, Estatuto da Criança e do Adolescente e Registro Civil.

- É Vice-Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família - IBDFAM, do qual é uma das fundadoras.

Tem sido incentivadora e atuante na luta pelos Direitos Humanos, assim:

- Participou da **IV Conferência Mundial da ONU** sobre a Mulher, realizada em 1995 na China; do Congresso Internacional das Magistradas, que ocorreu no Canadá em 1996, bem como dos Congressos da Federação Internacional das Mulheres de Carreira Jurídica que se realizaram na Espanha e na Itália nos anos de 1997 e 1998.
- Participou das **Conferências Mundiais de Direito de Família** que se realizaram no ano de 2000, na Austrália, em 2002 na Noruega, Dinamarca e em Cuba, em 2004 na Espanha e em 2005 na Argentina em duas oportunidades, e, em 2006, em Porto Rico.
- Em 2006 foi embaixatriz do Brasil na **I Conferência Internacional dos Direitos Humanos LGBT** do I Word Outgames, que se realizou em Montreal, Canadá.
- Em 2007 participou do **Fórum Social Mundial**, 7ª edição, em Nairóbi – Quênia.
- Integra a **Câmara Técnica Comunitária do Observatório do Programa Brasil sem Homofobia**, desenvolvido pelo Governo Federal.
- Colaborou na elaboração da lei de criminalização do **assédio sexual**, junto a Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia Legislativa.

- Como integrante do **Comitê Estadual de Combate à Violência**, criou o serviço Disque-Violência.
- Presidiu a **Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica** - ABMCJ/RS e foi Vice-Presidente Nacional - Região Sul.
- Criou o **JusMulher** - serviço voluntário de atendimento jurídico e psicológico às mulheres carentes.
- Lançou o **Jornal Mulher**, veículo exclusivamente voltado às questões de gênero.
- Lançou a FAF - **Federação das Associações Femininas**, o Projeto Repensar e o Projeto LAR - Lugar de Afeto e Respeito.
- Integra o **Comitê Interinstitucional de Prevenção da Violência**, desenvolvido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.
- Participa da **Fundação Pró-HPS**

Recebeu 76 títulos e condecorações, entre os quais:

- Diploma Mulher-Cidadã Berta Lutz, outorgado pelo Senado Federal.
- Prêmio Direitos Humanos no Rio Grande do Sul, outorgado pela UNESCO.
- Cidadã Honorária de Porto Alegre.
- Comendadora do Estado do Espírito Santo através da Ordem do Mérito Domingos Martins, outorgada pela Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo.
- Cidadã Paraibana, título outorgado pelo Governo do Estado da Paraíba.
- Foi a única gaúcha que integrou o Projeto 1.000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz-2005.

Participa de 18 entidades voltadas às questões femininas e sociais.

Obras Publicadas:

A Lei Maria da Penha na Justiça

Manual do Direito das Famílias, 4ª edição;

União Homossexual - O Preconceito e a Justiça - primeira obra brasileira que aborda os aspectos jurídicos desse tema, 3ª edição;

Homoafetividade: o que diz a Justiça!;

Coletânea “**Conversando sobre...**”, em 6 volumes:

A mulher e seus direitos

Direito das famílias

Homoafetividade

A Justiça e os crimes contra a mulher

Família, sucessões e o novo Código Civil

Alimentos

O Terceiro no Processo.

Participa de 35 obras coletivas.

Tem mais de duzentos artigos publicados em jornais e em revistas especializadas, nas áreas de Processo Civil, Direito de Família, Direitos Femininos e Homossexualidade.

Profere palestras em todo o território nacional e no exterior.

Site: www.mariaberenice.com.br

Raquel Prado
Cadeira 38
Patrona



Nascida em Curitiba no ano de 1891, filha de Joaquim Antonio da Silva, um dos fundadores da Imprensa paranaense, Virgília Stella da Silva, (seu verdadeiro nome) teve como genitora Dona Eufrásia da Silva.

Fez os estudos em Curitiba onde também se iniciou na carreira de escritora e jornalista aos catorze anos, escrevendo para diversos jornais, entre eles *A República*, fundado por seu pai.

Aos 17 anos colaborava no Suplemento do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, sendo seus artigos elogiados por escritores de renome como Luiz Edmundo, Théó Filho, Coelho Neto, Goulart de Andrade e outros. Firmou seu nome literário cultivando o gênero do conto infantil e durante estes anos escreveu para a Revista *O Tico-Tico*. Foi redatora das páginas infantis do *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e *Gazeta de Notícias*, e escreveu livros infantis como *Contos Fantásticos*, *Meu Tesouro* e *Contos Primavera*, que lhe valeram críticas elogiosas de Raul Azevedo, Ronald de Carvalho e Agripino Grieco. Seus Trabalhos foram publicados em destaque em diversos jornais de países vizinhos e até mesmo nos Estados Unidos e na Itália.

Fundou o primeiro curso de jornalismo no país, fazendo-o funcionar em sua própria residência.

Poetisa, pouco cultivou esse gênero, dedicando-se mais ao jornalismo e conferências.

Foi a primeira mulher editora no Brasil, sendo fundadora da Editora Rovaro em 1931.

Como líder feminista, lutou pelos direitos civis da mulher. Por sua atuação junto à Miss Minierva Bernardino, então Presidente da Comissão

Interamericana de Mulheres, foi oficializado o ensino de português nas escolas da República Dominicana.

Fundou em São Paulo, na Sociedade de Cegas, uma organização denominada “aral”, com o lema “emprestai vossos olhos aos cegos”, com a finalidade de convocar pessoas de boa vontade para instruí-las.

Obras publicadas: *Lemúria a Atlântida*, *Menino Grande*, *A Educação à Luz da Teosofia*, *Livro de Caras*, *A vida de Jesus*, *Roteiro da Saudade*, *No Mundo da Inocência*, *Trovas e Trovadores*, *Helena Blawasky*, *Krisnamurti* e *Voragem*, autobiografia inédita.

Raquel Prado faleceu em 1943.

Colaboração de Acadêmicas

Virgínia Michielin

Cadeira 38



Virgínia Michielin nasceu em Vacaria, Rio Grande do Sul, em 1812 e faleceu em Porto Alegre no ano de 1988. Cronista, poetisa.

Filha de Otávio Meireles Martins e Almedorina Fernandes Martins.

Foi casada com o jornalista Henrique Michielin e Coursou Normal.

Foi membro da Academia Literária Feminina do rio Grande do Sul, da Estância da Poesia Crioula, da EFICA.

Publicou Hojas sueltas, em 1958, Buenos Aires (Crônicas); O roteiro do tempo, em 1959, Canoas, Rio Grande do Sul (crônica); O homem do IV mundo, em 1983, Porto Alegre (Crônicas).

Florisbela Carneiro Zimmermann

Cadeira N° 38



Florisbela Carneiro Zimmermann nasceu em Soledade, Rio Grande do Sul. É poeta, historiadora e folclorista.

Formou-se em magistério com especialização em Aperfeiçoamento Pedagógico do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional, Curso de Recreacionista e Curso de Especialização em Educação Preliminar. Em 1998 concluiu o Curso de Teologia Pastoral.

Atividades

- Co-fundadora do Centro de Tradições Gaúchas “Marciano Brum” em Soledade, em 1953, do qual foi a representante feminina (Primeira Prenda) nos primeiros seis anos.
- Fundou e dirigiu o Centro de Tradições Gaúchas Mirim “Quero-Quero”, integrado pelos do 3º ano primário da Escola João Wesley, em Porto Alegre.
- Fundou e dirigiu o Centro Mirim de Tradições Gaúchas “Piazitos do Lar” integrado por crianças do Lar Metodista de Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- Autora de peças teatrais infantis, de fundo folclórico.
- Autora de letras de hinos de diversos educandários.
- Coordenadora do Projeto Raízes Açorianas e Diretora do Departamento de Folclore do Instituto Cultural Português, em 1989/90.
- Criadora do 1º Festival de Danças Açorianas, em 1990, no Instituto Cultural Português. Em 1987 foi convidada pelo governo dos Açores para o curso de Animadores Folclóricos em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira.
- Programas radiofônicos sobre tradição e folclore.
- Pesquisas folclóricas a partir do município de Soledade, orientadas na comprovação da influência portuguesa e, especialmente, açoriana nos usos e costumes rio-grandenses (danças, ritos religiosos, linguagem, recreações infantis).
- Pesquisa do Ciclo Tropicismo no Rio Grande do Sul, com conferências sobre o tema em Encontros Regionais (notadamente Encontro

Internacional de Tropeiros), em Pelotas, 1987; Semana de Tradição e Folclore, em Soledade, 1985; Semana o Tropeiro, em Sorocaba, 1987, recebendo ali medada e troféu. “Destaque no Reionalismo”, 1987.

- Em 1993 sugere o tombamento dos túmulos antigos de Soledade, proposição que origina projeto de lei aprovado por unanimidade pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo Prefeito.
- Integra o grupo de historiadores escolhido pelo Instituto Teológico João Wesley, que pesquisa e publica a História do Metodismo no Rio Grande do Sul, através da revista Contando nossa história, 1999.

Publicações

- Livro de Poesias “Candeia de Sonhos”, edição Martins Livreiro, 1983. com poesias regionalistas e outras. Iniciou a divulgação de suas poesias regionalista em 1952, sendo das primeiras poetisas regionalistas a cultivar este gênero.
- Em 1950, estudante em Caxias do Sul, colabora na Revista *Odisséia*. Publica artigos e poesias (temas históricos e folclóricos) em jornais.
- *Antologia de Poesia Crioula*, edições de 1987 e 1990, publicações da Estância da Poesia Crioula, participação.
- *Ajebianas de Sul a Norte* (1988) e *Ajebianas no Vóo da Palavra* (1993), antologias da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, participação.
- *Coletânea Mil Poetas Brasileiros*, 1988, tendo a poesia *Apocalipse* em destaque.
- *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, volume IV, 1994, inclusão.
- *Canção de Outono*, poesias.
- *Sina Gaudéria*, poesias regionalistas.
- *Biribas*, edição da Fundação Ubaldino do Amaral, de Sorocaba, obra sobre a contribuição do tropeiro na formação histórico-cultural do Planalto Médio sul-riograndense, 1991. Recebeu o Prêmio Especial, ano de 1992, de melhor estudo sobre a contribuição sorocabana ao processo de formação nacional.
- *Monografia do Município de Soledade*, RS, 1990.

- Em junho de 1994 participou do Concurso de Poesia Reginalista Taveira Junior, e âmbito estadual, classificando-se com a poesia *Réquiem Campeiro*.
- *Monografia do Município de Ibirapuitã*, 1992.
- Os Açorianos na formação de Soledade, primeiro volume da série Raízes Soledenses.
- O Ciclo do Tropeiro no Rio Grande do Sul, proposição da Fundação Ubaldino do Amaral, de Sorocaba.

Premiações

- 1995 – no Concurso Nacional de Poesia da Associação de Jornalistas e escritoras do Brasil, premiada com as poesias *Antes que o amor acabe (2º lugar)* e *Janela de Sonhos (1º lugar)*.
- 1996 – 1º lugar no Concurso de Trova Gauchesca José de Barros Vasconcelos, em Porto Alegre, com a trova *A Cuía*.
- 1998 – 1º lugar no Concurso de Poesia comemorativo dos 50 anos de CTG Fogão Gaúcho, de Taquara.
- 1998 – Premiada no 1º Concurso Literário e Cruz Alta, com a poesia *Procura-se*.
- 1998 – Premiada no Concurso Literário Missões, de Roque Gonzáles, com o conto *Cristo Nhandejara*.
- 1998 – Premiada com o 1º lugar no Concurso de Contos Alcides Maia, com o conto *O Faroleiro*.
- 1998 – Premiada no Concurso de Poesia Taveira Junior, com a poesia *Domínio* e com a poesia moderna *Tutu Marambá*.

Em 1999, em um resgate histórico e folclórico, escreve o livro *Marcas da terra*. Por essa obra recebe da Prefeitura Municipal de Soledade o diploma de Personalidade do Ano.

Em 2002, em homenagem aos 70 anos da Revolução Constitucionalista, prefacia e patrocina o livro *Memorial de 32*.

Em 2005 atua como consultora em *Saga*, especial produzido para a TV Unisinos, sobre a presença açoriana no Brasil Meridional.

Ana Mello
Cadeira Nº 38



Nasci em São Leopoldo, sou licenciada em Ciências e Matemática pela Unisinos. Atuo profissionalmente como téc. Química.

Fiz especialização em Informática na Educação e em Educação a Distância com ênfase na Docência e na Tutoria em EAD pela PU-CRS.

Ministro atualmente uma oficinas de crônicas e poesias on-line pela WWCURSOS.

Coordeno um grupo de criação literária na Metamorfose. Iniciei minhas publicações em 2002 quando fui uma das classificadas no concurso da Carris, Relatos da História e outras Memórias, tendo conto publicado em livro com esse título. Participei de várias Antologias da Editora Litteris e CBJE. Publico em diversos sites na internet.

Escrevo poesias, contos e crônicas. Sou coordenadora do Movimento Poetrix no Rio Grande do Sul e curadora do Sarau Palavra Falada no Café do MARGS.

Publiquei meu primeiro livro em papel em 2009, MINICONTANDO, pela editora Casa Verde. Meus e-books, Verbetrix, Aleivosias e Céu & Inferno podem ser acessados gratuitamente. Também o primeiro livro on-line da coleção Tira Bacana. Meus livros podem ser adquiridos aqui no site (Verbetrix, Ana - Babá de Bichos, Minicontanto, Perseu e Para onde vão os objetos perdidos).

Ministro oficinas de minicontos, crônica e poetrix para público jovem e adulto.

Leonor Castellano

Cadeira N° 39

Patrona



Leonor Castellano nasceu em Curitiba, Estado do Paraná e era filha de Francisco Castellano e Francisca Castellano. Funcionária do Tribunal de apelação do Paraná, serviu concomitantemente, na Secretária da Fazenda, onde veio a aposentar-se.

Foi membro de diversas associações e centros culturais cívicos. Presidente do Centro de Letras do Paraná, da Academia José de Alencar, do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa.

Publicou os seguintes livros: *Marisa*, romance, 1936; *Santo Agostinho*, conferência, 1939, *Mensagem a Santa Clara de Assis*, 1953; *Figuras de Ontem e de Hoje*, crônicas, 1953 e *Alcina o Anjo Bom*, 1962. Deixou inéditos *Lenda da Orquídea* e outros contos, *Pelos Caminhos da Fé; Tertúlias Centristas, Correio Infantil* e *Do meu Bazar*. Leonor Castellano, a esforçada Presidente do Centro de Letras do Paraná, sucessivamente reeleita por seus pares que lhe reconheciam a capacidade, a eficiência, os altos méritos, o brilho de seu talento e exuberância de cultura para levar a bom termo a náu dos destinos dessa valorosa Associação fundada em 1912 por Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, foi uma escritora pujante que, com suas magníficas colaborações engalanava as páginas da Revista do Centro de Letras que teve por dirigente, na rota que se traçou de luminosidade sem jaça, com todos trabalhando em harmonia, no afã de incentivar e aliciar valores novos para a glória maior da Literatura Brasileira e se multiplicou com energia titânica, em dinamismo intenso e produtivo.

O texto que segue é um trecho da palestra por ela proferida por ocasião do encerramento solene da 2ª Semana de Carlos Gomes em Curitiba, na noite de 15 de Julho de 1951 e que se intitula *Pela Glória de Carlos Gomes*:

“Carlos Gomes estava quase olvidado. Suas partituras

dispersas, inacabadas. Gravações raríssimas. Desinteresse completo pela obra do maior compositor da América.

Um dia porém...

Como na tribo indígena alguém, do lado contrário, com a alma crente e iluminada pela graça da bondade e da compreensão, resolveu enfrentar aqueles que dominavam no reino da indiferença.

Ele seria capaz de executar o que pensara.

Tal qual a gralha branca da nossa lenda (história de uma lenda que antecede o trecho transcrito), o professor Floriano Peixoto de Azevedo Marques foi recompondo a brasa, quase extinta, da música de Carlos Gomes. Transformado em legislador carregou sobre os ombros, semelhante a um ramo de sapé, a lei municipal de Campinas que visa propagar por todos os meios, vida e obra de Carlos Gomes”.

Leonor Castellano faleceu em Curitiba, repentinamente, a 14 de janeiro de 1969.

Colaboração de Acadêmicas

Heloísa Maria Dias de Melo

Cadeira 39



Heloísa Maria Dias de Melo nasceu em Jaguarão, Rio Grande do Sul, em 1902 e faleceu em Porto Alegre, no ano de 1999. Professora, poetisa, contista, pintora e apiculadora. Filha de Teodoro Teixeira de Melo e Olímpia Dias de Melo.

Cursou Normal em Pelotas, onde lecionou, bem como no Instituto de Educação em Porto Alegre. Foi membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, da AJEB, da Academia de Letras Municipais do Brasil.

Colaborou no Correio do Povo, 1969.

Participou em Vozes Femininas, 1983; Presença Literária, 1986, 1994 e 1995, Ajebianas do sul e norte, 1988.

Obras publicadas

- Tu podes melhorar o mundo, 1955, em Canoas (tradução de Pe. James Keller);
- Desperta e luta se queres um mundo melhor, 1957, em Porto Alegre;
- O problema da paz, 1958;
- Abelhas, mel e saúde, 1967, Porto Alegre (Apicultura);
- Conheça o segredo das águas minerais, 1982, Porto Alegre.

Jane Tutikian Cadeira Nº 39



Jane Tutikian nasceu em Porto Alegre, onde reside. É casada com o advogado Edemar Tutikian, com quem tem dois filhos: o advogado Cristiano Tutikian (casado com a advogada Priscila Sansone Tutikian) e a engenheira Fernanda Tutikian.

Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Literatura Comparada (UFRGS), com Pós-Doutoramento (PUCRS) em literaturas lusófonas, atua, na UFRGS, como professora de literatura na graduação e na pós-graduação.

Tem ministrado cursos em várias Universidades, entre elas, a Universidade Clássica de Lisboa.

Tem sido uma fomentadora cultural em Porto Alegre, no estado e no país. Atualmente ocupa a Cadeira de número 39, na Academia Literária Feminina e é vice-presidente de cultura da Associação Gaúcha de Escritores.

Ganhou importantes prêmios literários como: (1978) Destaque Revelação Literária Prêmio APESUL – RS; (1982) Prêmio Alfredo Machado Quintella - Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil – RJ; (1984) Prêmio Jabuti - categoria infanto-juvenil -Câmara Brasileira do Livro – SP; (1986) Finalista da Bienal Nestlé de Literatura – categoria conto- SP; (1987) Prêmio Érico Veríssimo - Câmara Municipal de Porto Alegre – RS; (1990) Prêmio Gralha Azul de Literatura Brasileira – categoria conto - Estado do Paraná; (1994) Prêmio Tibicuera de Literatura infanto-juvenil – Secretaria Municipal de Cultura – Porto Alegre, RS; (1994) Prêmio Tibicuera - Livro do ano - Secretaria Municipal de Cultura – Porto Alegre, RS; (2001) Prêmio Açorianos – categoria infanto-juvenil – Secretaria Municipal de Cultura – Porto Alegre- RS; (2002) Prêmio Alejandro Jose Cabassa - categoria novela - União Brasileira de Escritores; (2003) Prêmio Livro do Ano – categoria conto

– Associação Gaúcha de Escritores; (2003) Prêmio Livro do Ano – categoria infanto-juvenil – Associação Gaúcha de Escritores; (2004) Prêmio Livro do Ano – categoria infanto-juvenil – Associação Gaúcha de Escritores; (2004) Prêmio O Sul – Nacional e o Livro; (2007) Prêmio O Sul- Nacional e o Livro.

Participou de várias antologias, entre elas *Rodízio de contos* (1985), *O autor presente- Literatura gaúcha* (1997), *Antologia crítica do conto gaúcho* (1998), *Contos sem fronteiras* (2000), *Os 35 melhores contos do Rio Grande do Sul* (2003), *Paz um vôo possível* (2004), *Contos de bolso* (2005), *Contos de Bolsa* (2006); *Este seu olhar* (2006); *Contos de Algibeira* (2007).

Obras Publicadas:

- Batalha Naval (contos). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. Porto Alegre: Movimento, 2003. 2ª ed.
- A Cor do Azul (novela infanto-juvenil) São Paulo: Atual, 1984. 23ª ed.
- Pessoas (contos). Porto Alegre: Movimento, 1987. 2ª ed.
- Geração Traída (novela). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- Um Time Muito Especial (novela infanto-juvenil) São Paulo: Atual, 1993. 13ª ed.
- Inquietos Olhares (ensaio) São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- O Sentido das Estações (contos). Porto Alegre: Movimento, 1999.
- Alê, Marcelo, Ju & eu. (novela infanto-juvenil). Porto Alegre: WS, 2000. 4ª ed.
- A rua dos segretos amores (contos). Porto Alegre: WS, 2002. 2ª ed.
- Aconteceu também comigo (novela infanto-juvenil). São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- J.F. e a conquista de Niu Ei (novela infanto-juvenil). Porto Alegre: WS, 2003. 2ª ed.
- Entre Mulheres (contos de amor aprendiz) Porto Alegre: WS, 2005
- Olhos azuis coração vermelho (novela infanto-juvenil) Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2005.
- Velhas identidades novas (ensaios). Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2006.
- Fica Ficando (novela infanto-juvenil). Erechim: Edelbra, 2007.

jtutikian@via-rs.net
www.janetutikian.com

Ana Aurora Do Amaral Lisbôa

Cadeira Nº 40

Patrona



Ana Aurora nascida em 1860, a maior, a mais esforçada e dedicada educadora de sua época, cujo amor a carreira que abraçara em nada arrefeceu o seu combativo ardor político, a chama do entusiasmo cultuado no altar de acendrado idealismo cívico, concluiu seus estudos em Porto Alegre em 1881, na antiga Escola Normal, sendo que já em 1880 terçara armas dentro do verso, contra o escravagismo então reinante.

Figura excelsa de mulher, pioneira da liberdade de idéias, exemplo de amor, de coragem, de altivez em terras do Rio Pardo, - seu berço glorioso, - da Poesia o espelho de cristal em que, quer nas horas douradas de sua existência a mais das vezes atribulada, quer nas horas escuras tumultuosas, se debruçava para as confabulações

rimadas com seu próprio Eu.

Deixou publicadas as seguintes obras:

Minha Defesa, 1985; *Peritos à Liberdade*, 1900; *A Culpa dos Pais*, (teatro) 1902; *Não Saber Ler*, (cena dramática infantil) 1916; *Festinhas Escolares*, (comédia, diálogos e monólogos) 1925; e *Teatro de Dona Ana Aurora do Amaral Lisbôa*. 1931.

Ana Aurora do Amaral Lisbôa teve a dita de apresentar a sua glorificação, pelos seus ex-alunos, de um busto de bronze, seu e de sua também esforçada e desvelada irmã Ivanira, em soberba festividade a que ocorreu vasta assistência de todos os Estados e Municípios do Brasil e do Rio Grande do Sul, numa das principais praças de Rio Pardo, seu bem amado torrão.

De sua autoria são os quartetos que se seguem o que perfazem o retrato perfeito de sua alma emoldurada das mais belas e acrisoladas virtudes:

“Para a vil ambição de ter dinheiro
o peito vive sempre bem fechado.
Mas... por não possuí-lo é que não gozo
o que tenho, no mundo desejado.

Do saber a vontade em mim reside,
mas não quero do luxo a ostentação.
Se penso em ilustrar meu pobre nome,
da vaidade está longe o coração.

Se anelo as glórias que o estudo alcança,
não invejo dos grandes a riqueza.
E se ambiciono os louros do saber,
detesto as opulências da grandeza.

Se ainda tenho a esperança de estudar,
de ganhar pra o meu nome a ilustração,
não penso um só instante em conquistar
por meio da riqueza ...posição.”

Walter Spalding, no pórtico do seu “A Grande Mestre”, inseriu esta dedicatória magnífica que vale por uma glorificação ao valoroso povo riopardense na pessoa da inconfundível pioneira na senda das Letras, da Política e do Magistério, que honrou e dignificou em toda a sua longa e trabalhosa existência, aquela que se chamou Ana Aurora do Amaral Lisbôa. Ei-la, pois, a citada:

Dedicatória

“Nesta época materialista, dominada pela política menos pura e menos sã, recordar a vida daqueles que se dedicaram de corpo e alma ao ideal de formar caracteres, educar e criar almas para a grandeza da Pátria, é dever que assiste a quantos ainda comungam do mesmo ideal, pela imprensa diária, pela tribuna, pelo livro e, principalmente, na cátedra educacional.

Professor de História Pátria e Geografia do Brasil, além de Português, sentimo-nos na obrigação de trazer ao conhecimento público a vida humilde e heróica de Dona Ana Aurora do Amaral Lisbôa, que por mais de meio século se consagrou inteiramente à

educação, ao ensino da mocidade sul-riograndense e, principalmente, à infância e mocidade de sua terra-natal, - Rio Pardo, a cidade-tradição do Rio Grande do Sul.

Por isso, e por ver ainda incompreendida e envolvida em velhas tricas políticas a Grande Mestra, dedicamos e consagramos este livro, modesto mas sincero, a Rio Pardo e seu Povo, sobretudo àqueles rio-pardenses de boa vontade e que ainda fazem da Justiça um ideal que os norteia na vida.

Porto Alegre, 22 de março de 1953, segundo aniversário da morte da Grande Mestra”

Ana Aurora deixou após si, tanta luz que ofusca pela eternidade e que jamais será extinta.

O espírito alou-se à grande mansão da Eternidade, mas seus ensinamentos crescem e continuam crescendo no coração de seu povo, mesmo depois que sua voz emudeceu para sempre.

Ana Aurora soube sofrer, porque muito soube amar.

Colaboração de Acadêmicas

CAMILA FURTADO ALVES

Cadeira Nº 40

Presidente



Os pais, Francisco de Oliveira Furtado e Amélia Nunes Furtado, a batizaram na Paróquia do Rosário de Porto Alegre. Alfabetizou-se com a irmã Ana Amália, enquanto o pai a levava a ouvir “o grande tribuno Gaspar Martins”, que lhe despertou a arte da oratória. Na sua juventude pintava. Mas, concluída a Escola Normal de Porto Alegre (atual Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha), em 1905, dedicou-se ao magistério. Foi dramaturga, contista, conferencista, batalhadora social. Nasceu em Porto Alegre, no dia 30 de junho de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro em 1962

Camila Furtado casou com Joaquim José Alves. Lecionou em São Leopoldo e Taquara, municípios do rio-grandenses. Retornando a Porto Alegre, foi diretora do Grupo Escolar Voluntários da Pátria entre 1928-38. Como Delegada de Ensino, teve jurisdição sobre seis municípios. No Rio, em 1936, representou o Estado no III Congresso Nacional da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, FBPF, atuante movimento criado em 1922 pela feminista Berta Lutz e outras defensoras dos direitos da mulher.

Camila via a educação como instrumento de elevação do homem. Em campanha de alfabetização nas ilhas adjacentes a Porto Alegre, ministrava aulas em barcos cedidos pelo Governo. Aposentada, continuou atuando através da Sociedade Rio-Grandense de Educação.

Filiada à Associação dos Funcionários Públicos e à Cruz Vermelha Brasileira em Porto Alegre, trabalhou também na Liga Anti-Alcoólica, na Associação Cristã de Moços e na Casa de Correção de Porto Alegre. Como conferencista, atuou em escolas, quartéis e fábricas.

Em 1943, a convite da 1ª Dama do país, D. Darci Sarmanho Vargas, foi Superintendente de Casos Individuais da Legião Brasileira de Assistência e na “Casa do Pequeno Trabalhador”. Por oito anos foi redatora do Serviço Nacional do Câncer. Criou a Campanha “Educação para Vencer”, fazendo conferências nas Rádios cariocas Nacional, Tupi e Tamoio, sendo

que no Rádio Clube do Brasil encenou as novelas educacionais *Os morcegos do campanário*, *As duas bandeiras* e *A divorciada...*

Admiradora das obras de Euclides da Cunha, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis e outros, por longo tempo “Eurico” de Alexandre Herculano foi seu livro de cabeceira. Cultuou os clássicos da poesia: Castro Alves, Casemiro de Abreu e Olavo Bilac.

Quando ingressou na Academia Sul-Riograndense de Letras (1ª fase), o escritor Álvaro Porto Alegre a saudou, realçando seu dom de conferencista:

Oradora fluente, clara na sua dicção perfeita, de ademanes moderados, elegantes, sem o inconveniente do exagero, conquista aplausos merecidos, sempre que se faz ouvir. Novelista, o seu livro inédito – Páginas literárias – dá o valor de sua autora (Tacques, 1956, p. 59).

Em 1951 ingressou na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, escolhendo para patrona a intelectual, educadora e contestadora Ana Aurora do Amaral Lisboa. Apesar de pesarem seus 71 anos de idade, deu colaboração eficiente à instituição. Nas reuniões, falava sempre de improviso, sendo que

a sua voz firme e possante, o seu verbo fluente e inflamado, o entusiasmo com que se dirige à assistência, fazem de sua pessoa como que o centro magnético a polarizar as atenções e a conquistar (...) toda uma legião de admiradores atentos e convictos (Tacques, 1956, p. 57).

Camila colaborou no *Correio do Povo* e outros jornais sul-riograndeses. Segundo Alzira Freitas Tacques, seus artigos no anti-alcoólico *O Tempo* tiveram repercussão no Brasil, América, Europa e até no Japão, que pediu intercâmbio cultural (Tacques, 1955, p. 37).

Seis anos antes de falecer, foram listados seus inéditos: “O segredo da múmia”, “Bugrinha”, “O retrato”, “O minuano”, “O enjeitado”, “A madrasta”, “As andorinhas da aldeia”, “A adúltera”, “O expedicionário”, “Noite trágica”, “Ao cair da tarde” e “Sob o arvoredor” (Tacques, 1956, 57).

Camila reporta à concepção de velhice de seu tempo, antevendo, contudo, a possibilidade de viver com vitalidade esta faixa etária, como o faz

ESTUDO

Há felicidade na velhice?

Vejamos:

Antigamente, em verdade, o número de velhos sendo muito menor, tornavam-se eles relíquias da família. Agora a média de vida que era de 40 anos, passou a 70 e mais...

A medicina moderna prolonga o padrão de vida. Costa Rego em seu bellissimo artigo “O drama dos velhos” entre outras coisas diz:

O número de velhos avolumou-se, razão pela qual diminui de valor. Enchem eles, nas casas, as poltronas e sobram, verdadeiramente sobram, no tumulto das incertezas da vida! Ainda mais: o trabalho não acompanha ninguém na velhice, foge como do inimigo. E o velho que não tem posses, é um peso morto para os que trabalham.

Lia o artigo com uma onda de amargura a me envolver a alma, e pensava, a sós, comigo mesma:

- É verdade. Para que a medicina prolongou a vida, se não prolongou a vitalidade?

Nisto tilintou a campainha telefônica. É Natércia que me avisa da recepção a D. Rosa Maria Ribeiro, artista teatral. Acedo.

À noite, na sede da Academia, recebíamos D. Maria Rosa. Senhora de mais de 60 anos! Cheia de entusiasmo, que ingressara no teatro depois de mestra por 50 anos! Voz fresca, sorriso moço, de pele bonita e palavra fácil, que disserta:

- Velho é quem quer ser. Por que lhes pesam as pernas? Por que cansam facilmente, por que a tristeza lhes invade a alma? Simplesmente porque se deixaram ficar inativos.

A impertinência dos velhos é fruto da inatividade. O cérebro que não se enche das belezas que a vida nos apresenta, enche-se de pensamentos tristes, voltados só para o passado e criando desagradável ambiente.

Paulo Mantegazza diz em seu livro “A arte de envelhecer” que, se os velhos tivessem preparado na mocidade seu futuro de velho, saberiam tirar da velhice novos encantos.

D. Maria Rosa congrega os moços ao redor de si, porque lhes atira braçadas de rosas que é o ideal perfeito e explica:

Os jornais de Hollywood nos dão a notícia que ingressara, a convite, no cinematógrafo uma artista, Colette, com 70 anos, e sabem a razão

deste convite? Porque os diretores de filmes chegaram à conclusão de que os moços, por melhores artistas que sejam, não interpretavam convenientemente papéis de velhos. Exageram ao imitar a voz, o caminhar e ademanes deles.

Só mesmo os velhos poderão dar a verdadeira vida a tais papéis, porque vivem neles sua própria vida. E assim, aos poucos, retomam os velhos seu lugar ao sol. Deixam de ser velhos amimados de outrora, de capote e mantilha, saindo apenas quando o tempo o permitia, para irem à Missa, para sacudirem a poeira dos anos.

Hoje os velhos rejuvenescem na própria indumentária e passeiam, viajam e divertem-se.

D. Maria Rosa sente e faz sentir a alegria de viver, parecendo que os anos passam, deixando-a rejuvenescida.

Maria Isabel Costa
Cadeira 40
Presidente

Em pesquisa

Giseli Bueno Pinto

Cadeira 40

Presidente



Giseli Bueno Pinto nasceu em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul, em 1936.

Advogada, professora, poetisa, musicista. Filha de Cláudio Alcebiades da Costa Pinto e Ayda Bueno Pinto.

Cursou Direito em Bagé, Rio Grande do Sul e Pós-Graduação em Direito Civil na UNISINOS. Formada em Violino e História da Música, foi 1º violino da Orquestra de Câmara de Porto Alegre. Integra a Diretoria da UBT, presidiu a AJEB, 1994-1997 e preside a ALFRS – 1999-2000.

Peditense ilustre, possui Medalha Pontes de Miranda da Faculdade de Direito de Bagé e prêmio da Consultoria Geral do Estado

para Direito Administrativo.

Participou em Álbum de poesias ilustradas, 1978-1979 e 1981, Ajebianas de Sul e Norte, 1988, Porto Alegre; Ajebianas no vôo da palavra, 1993, Belém; Antologia, 1996, Porto Alegre (org.), Palavras, 1997, Porto Alegre (org.), Rio Grande Trovadores, 1997 (org.), Presença Literária, 1998, ALFRS.

Publicações: Barco de Papel, 1990, Porto Alegre (poesia) e Dom Pedrito, um povo, sua história, seu rio, 1990, Porto Alegre (monografia).

Maria Odila Mennezes de Souza
Cadeira N° 40

Em pesquisa